



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ANDRE KOUTCHIN DE ALMEIDA

**LÊNIN E A UNIDADE DIALÉTICA
NA TEORIA DO PARTIDO E DA REVOLUÇÃO**

**CAMPINAS
2018**

ANDRE KOUTCHIN DE ALMEIDA

**LÊNIN E A UNIDADE DIALÉTICA
NA TEORIA DO PARTIDO E DA REVOLUÇÃO**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

***Orientador:* ALCIDES HECTOR RODRIGUEZ BENOIT**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO ANDRE KOUTCHIN DE ALMEIDA, E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. ALCIDES HECTOR RODRIGUEZ BENOIT.

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Almeida, Andre Koutchin de, 1980-
AL64L Lênin e a unidade dialética na teoria do partido e da revolução / Andre
Koutchin de Almeida. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Alcides Hector Rodriguez Benoit.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Marx, Karl, 1818-1883 - O Capital. 2. Lenin, Vladimir Ilitch, 1870-1924.
3. Dialética. 4. Russia - Revolução - 1917. I. Benoit, Alcides Hector Rodriguez,
1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Lenin and the dialectical unity in the party and revolution theory

Palavras-chave em inglês:

Dialectic

Russia - Revolution - 1917

Área de concentração: Filosofia

Titulação: Doutor em Filosofia

Banca examinadora:

Alcides Hector Rodriguez Benoit [Orientador]

Fernando Frota Dillenburg

Luciano Cavini Martorano

Plinio Soares de Arruda Sampaio Junior

Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes

Data de defesa: 24-01-2018

Programa de Pós-Graduação: Filosofia



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 24 de janeiro de 2018, considerou o candidato Andre Koutchin de Almeida como aprovado.

Prof. Dr. Alcides Hector Rodriguez Benoit

Prof. Dr. Fernando Frota Dillenburg

Prof. Dr. Luciano Cavini Martorano

Prof. Dr. Plinio Soares de Arruda Sampaio Junior

Prof^a. Dr^a. Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

**Dedico esta tese especialmente ao Hector,
pela orientação generosa e inspiradora; e à
Ju, pelo companheirismo incondicional e os
doces sorrisos de sempre.**

Vocês não descem o suficiente até a intimidade da forma, vocês não perseguem essa forma com suficiente amor e perseverança em suas fugas e desvios. A beleza é uma coisa severa e difícil, que não se deixa alcançar assim: há que se esperar seus momentos, espreitá-la, estreitá-la e enlaçá-la firmemente para obrigá-la a se render. A forma é um Proteu bem mais inapreensível e fértil em sinuosidades do que o Proteu da fábula; só depois de longos combates é que podemos forçá-la a mostrar-se em seu verdadeiro aspecto; e vocês contentam-se com a primeira aparência que ela oferece ou, quando muito, com a segunda ou terceira; não é assim que agem os lutadores vitoriosos! Tais pintores, invencíveis, não se deixam ludibriar por esses subterfúgios todos; perseveram até que a natureza se veja forçada a mostrar-se desnuda e em seu verdadeiro espírito.

Mestre Frenhofer, do conto *A Obra-Prima Ignorada*, de Honoré de Balzac.

RESUMO

Em seus estudos sobre Hegel nos chamados *Cadernos Filosóficos*, manuscritos predominantemente entre os anos de 1914 e 1916, Lênin teria sido um dos primeiros marxistas a revelar uma compreensão sobre a dialética de *O Capital* de Marx enquanto próprio método (que também é conteúdo) da teoria programática socialista. Para alguns comentadores, tais como Michael Löwy, essa obra teria representado para Lênin uma ruptura com o marxismo de sua época e, em certo sentido, com sua própria consciência filosófica de outrora, expressa de forma categórica no livro *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, de 1905. Aqui, de imediato, nos deparamos com a seguinte problemática de pesquisa: e a concepção (dialética) do partido, já contida potencialmente em seus primeiros textos sobre o assunto, como *O Que fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*, escritos entre 1902 e 1904? Como comparar os próprios *Cadernos*, uma obra *sui generis*, produto de reflexões do autor para a sua utilização pessoal, que contém algumas imprecisões e temas não aprofundados, e que sequer fora preparada para a publicação? Apesar de suas preciosas anotações, poderíamos sustentar que os *Cadernos Filosóficos* constituiriam a palavra final de Lênin sobre a dialética? O objetivo geral de nossa tese é o de investigar a hipótese preliminar de que, ao invés de uma ruptura definitiva, explícita e radical, ou de um primeiro leninismo “pré-dialético” (antes de 1914) e de um segundo leninismo “dialético” (após 1914), existe unidade permanente (lógico-histórica) na teoria de partido e na estratégia do programa revolucionário em Lênin. Para tanto, nossa orientação metodológica leva em consideração não somente o conteúdo filosófico de algumas obras específicas, como também o estudo de suas circunstâncias histórico-biográficas e o de suas consequências políticas. Assim, concluímos que ao não ignorar a obra-prima de Marx e avançar a sua compreensão sobre Hegel (e a dialética) em um momento histórico crítico, Lênin fortaleceu sua teoria do partido e da revolução nos deixando a lógica de uma obra-prima coletiva: a lógica da Revolução Russa de 1917.

Palavras-chave: dialética; Hegel; *O Capital* de Marx; Lênin; *Cadernos Filosóficos*; Revolução Russa.

ABSTRACT

In his studies of Hegel in the so-called *Philosophical Notebooks*, written predominantly between 1914 and 1916, Lenin would have been one the first Marxists to reveal an understanding of the dialectic of Marx's *Capital* as the method (which is also content) of the program theory socialist. For some researches, such as Michael Löwy, this work would have represented to Lenin a rupture with the Marxism of his time and, in a specific way, with his own philosophical knowledge, categorically expressed in the book *Two tactics of social-democracy in the democratic revolution*, from 1905. Here, immediately, we are confronted with the following research problem: and the (dialectical) conception of the party already contained potentially in the firsts texts on this subject, as *What is to be done?* and *One step forward, two steps back*, written between 1902 and 1904? How can we compare the *Philosophical Notebooks* themselves, a *sui generis* work, a product of the author's reflections on his personal use, which contains some inaccuracies and undefined themes, and which had not even been prepared for publication? Despite his precious notes, could we maintain that the *Philosophical Notebooks* would constitute Lenin's final word on the dialectic? The general purpose of our thesis is to investigate the preliminary hypothesis that, instead a definitive, explicit and radical rupture, or a "pre-dialectical" first Leninism (before 1914) and of a second "dialectical" Leninism (after 1914), there is a permanent (logical-historical) unity in the party theory and the strategy of revolutionary program in Lenin. For this, our methodological orientation does not consider only the philosophical content of some specific works, as well as the study of its historical-biographical circumstances and of its political consequences. Therefore, we conclude that by not ignoring Marx's masterpiece and advancing his understanding of Hegel (and dialectic) at a critical historical moment, Lenin improved his theory of party and revolution, leaving us the logic of collective masterwork: the logic of the Russian Revolution of 1917.

Keywords: dialectic; Hegel; Marx's *Capital*; Lenin; *Philosophical Notebooks*; Russian Revolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Marx e <i>A obra-prima ignorada</i>	11
a. Delimitação do problema.....	15
b. Hipótese preliminar	18
c. Observações metodológicas.....	24
1. A TELA	30
1.1. A luta contra a servidão das almas	30
1.2. A <i>intelligentsia</i> radical por fora das classes	33
1.3. Química da destruição e alquimia política	35
1.4. A proibição dos ruídos.....	38
1.5. A última convulsão trágica dos heróis.....	39
1.6. Um primeiro esboço contraditório.....	41
2. A FORÇA CRIATIVA.....	45
2.1. Cisão sob o manto da reação	45
2.2. As ilusórias esperanças de uma reconciliação	47
2.3. Um respeitado colega de ofício	50
2.4. A força explosiva das ideias	54
2.5. A coloração de uma luta de classes	59
3. O JOVEM “ARTISTA”	64
3.1. Os contornos familiares	64
3.2. Duas mortes e um novo começo.....	67
3.3. Os “ossos mortos” da lógica formal	69
3.4. O encontro com o grande mestre	72
3.5. A busca pela obra-prima.....	79
4. OS PRIMEIROS TRAÇOS	84
4.1. Rascunhos iniciais	84
4.2. Uma nova assinatura.....	88
4.3. A delimitação rigorosa dos matizes.....	90
4.4. A fisionomia política do partido	97
4.5. Para além do trabalho artesanal	101
4.6. As regras da arte	108
5. AS FORMAS.....	112
5.1. Preparativos	112
5.2. O “rosto vivo” do congresso.....	116
5.3. Uma fenda na gravura.....	121
5.4. O quadro geral de uma luta interna	124
5.5. A expulsão do “estúdio”	128

6. AS CORES	134
6.1. O recomeço.....	134
6.2. Uma nova moldura	139
6.3. Um desenho revolucionário.....	141
6.4. As ideias como consequências explosivas das ações	147
6.5. O primeiro (e sangrento) retrato	157
7. A EXPOSIÇÃO	164
7.1. O retorno a um antigo mestre	164
7.2. Os “cadernos azuis”	168
7.3. O quadro do mundo	173
7.4. Um método encantador.....	178
7.5. As “formas baldias” de uma arte objetiva	183
7.6. Os traços aperfeiçoados	189
7.7. Um retrato revolucionário para a humanidade	193
CONCLUSÃO.....	206
Lênin e a obra-prima não ignorada.....	206
REFERÊNCIAS	216
Obras de Lênin	216
Obras de consulta geral.....	217

INTRODUÇÃO

Marx e *A obra-prima ignorada*

Em sua pequena biografia sobre Karl Marx¹, Francis Wheen observou com perspicácia que o revolucionário alemão, pouco antes de entregar aos editores o primeiro volume de *O Capital*, insistiu para que o colaborador de longa data, Friedrich Engels, lesse *A obra-prima ignorada*, de Honoré de Balzac.

A obra-prima ignorada conta a história de um grande pintor que passa dez anos trabalhando e aperfeiçoando um retrato que iria revolucionar a arte ao exibir “a mais completa representação da realidade”. Quando finalmente permite que dois respeitados colegas de ofício contemplem a tela acabada, ambos ficam horrorizados ao ver uma confusão de formas e cores sem nexos, que não conseguem compreender. Após expulsar os dois homens de seu estúdio, o pintor queima todas as suas telas e se mata. Produzida no século XVII, a peça era na verdade um exemplar de arte abstrata do século XX.

Ao prosseguir, Wheen nos indaga:

Por que Marx se lembrou da narrativa de Balzac no exato momento em que se preparava para desvelar ao julgamento público sua obra mais grandiosa? Por acaso temia que também tivesse trabalhado em vão, que sua “completa representação da realidade” se mostrasse ininteligível? (WHEEN, 2007, p. 9 - 10).

É certo que Marx via a sua obra-prima, *O Capital*, como a composição definitiva de um “todo artístico”². Mas é certo também que, ao se tratar deste autor, essa comparação literária não visava relegar seus escritos ao campo mais neutro da arte e de seus estudos. Ao invés de um retrato levando em consideração todos os detalhes da vida real, proporcionando a sensação de poder tocá-los através da tela, *O Capital* de Marx buscava expressar similarmente

¹ WHEEN, F. “*O Capital*” de Marx: uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

² Expressão utilizada pelo próprio Marx em uma carta enviada a Engels, em 31 de julho de 1865: “*Whatever shortcomings may they have, das ist der Vorzug meiner Schriften, daß sie ein artistisches Ganzes sind* (Sejam quais forem os defeitos, meus escritos tem a vantagem de compor um todo artístico)”. Cf. MARX, K. Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels: November 1864 - Dezember 1867. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1965. v. 31. p. 132, tradução nossa.

o modo e as relações de produção e circulação capitalistas. Marx, a exemplo do fictício pintor balzaquiano, pretendia igualmente dar vida à “sua” matéria; espelhar, de forma ideal, a vida da realidade pesquisada³.

Se Marx temia que tivesse trabalhado em vão, que a sua mais grandiosa obra fosse ininteligível, como insinuou Wheen, é provável que esse temor tenha se esvaído poucos anos após a publicação de *O Capital*. Como o próprio Marx assinalou, no famoso posfácio da 2ª edição:

A compreensão que “O Capital” rapidamente encontrou em amplos círculos da classe trabalhadora alemã é a melhor recompensa para o meu trabalho [...], que desapareceu por completo das chamadas classes cultas da Alemanha, revivendo, por outro lado, em sua classe trabalhadora. (MARX, 1962, p. 19, tradução nossa).

O Capital não havia sido escrito para “eruditos”. A sua ampla assimilação pela classe trabalhadora, por sua vez, parecia ligar-se à utilização de um método adequado para expor os resultados e conclusões de uma vida inteira de experiências, estudos e pesquisas. A esse respeito, também no posfácio da 2ª edição, Marx destacou, em nota de rodapé, um elogioso parecer redigido no Jornal de São Petersburgo, em 1872:

A exposição, exceto as partes mais especializadas, caracteriza-se pela compreensibilidade, clareza e, apesar da altitude científica da matéria, pela vivacidade acima do comum. A esse respeito, o autor não se compara - nem mesmo de longe - à maioria dos estudiosos alemães, que escrevem seus livros numa linguagem tão indigesta e tão árida, que faz estourar a cabeça dos seres humanos normais. (MARX, 1962, p. 22, tradução nossa).

Referindo-se particularmente ao modo de exposição, em *Sobre o desenvolvimento (dialético) do Programa*⁴, Hector Benoit aponta que *O Capital* de Marx se desenvolveu a partir de uma estreita vinculação com a luta histórica da classe trabalhadora. Observa Benoit que, ao mesmo tempo em que escrevia *O Capital*, Marx organizava a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores e escrevia, para esta organização, textos diretamente “ideológicos/políticos” embasados em sua obra “científica/econômica”⁵. Nesse sentido,

o desenvolvimento dialético do primeiro livro de *O Capital* expressaria de maneira teórica, para a consciência da classe trabalhadora, o movimento efetivamente desenvolvido pela própria classe trabalhadora, um movimento que é, ao mesmo tempo e de maneira inseparável, crítica (teórica) da Economia Política (ciência ideológica) e crítica (revolucionária) da

³ MARX, K. Das Kapital. In: MARX, K; F. ENGELS. **Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1962. v. 23. p. 27.

⁴ BENOIT, H. Sobre o desenvolvimento (dialético) do Programa. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 4, p. 9 - 44, 1997.

⁵ Ibid., p. 9.

economia política burguesa (sociedade de exploração da força de trabalho). (BENOIT, 1997, p. 9).

Ou seja, Marx estaria atribuindo à classe trabalhadora o papel ativo de uma dupla crítica (à sociedade e à ciência que a legitima) e dando formulação teórica a uma oposição posta historicamente (entre a burguesia e os trabalhadores). Por isso, em *O Capital*, Marx teria, antes de tudo, desenvolvido uma teoria que emergiu da prática histórica de uma classe e que seria destinada, portanto, a uma ação histórica dessa classe: a efetiva superação da “economia política burguesa” pela “economia política da classe trabalhadora”⁶. A obra-prima de Marx seria, assim, uma teoria inseparável da ação revolucionária; a estratégia mais geral de uma revolução, a revolução socialista.

Benoit considera que esta questão, a teoria exposta em *O Capital* enquanto teoria revolucionária, explicaria talvez a grande preocupação de Marx pela forma definitiva de sua exposição⁷. A tentativa de Marx “espelhar de forma ideal a vida da matéria” seria, na verdade, a busca do momento sintético do analítico, isto é, do momento propriamente dialético.

Em outras palavras, Marx procurava a rigorosa unidade dialética de uma teoria que fosse efetivamente crítica e, ao mesmo tempo, também revolucionária, isto é, uma teoria que se ultrapasse dialeticamente a si mesma enquanto mera teoria analítica, uma teoria que pelo seu momento analítico-sintético se metamorfoseie em programa de ação de uma classe e, finalmente, em efetiva ação de fazer história, práxis. (BENOIT, 1997, p. 10).

Desta maneira, *O Capital* enquanto obra crítica e revolucionária, isto é, dialética, trataria de descrever para a classe trabalhadora o desenvolvimento de sua própria crítica, consciência e luta. Por esse motivo, para Marx, era fundamental reproduzir no modo de exposição esse “longo e penoso” desenvolvimento de forma mais aproximada possível ao próprio movimento real, ao próprio “movimento vivo da matéria”.

Trata-se de partir do modo de produção capitalista como ele aparece para a consciência atual mais imediata e alienada, consciência ainda adormecida pela ideologia burguesa, consciência sem nenhum desenvolvimento. Esta consciência será conduzida através das diversas formas aparentes do modo de produção capitalista e, pouco a pouco, vão sendo desveladas as contradições *lógicas* do capitalismo e postos os seus pressupostos *históricos*. (BENOIT, 1997, p. 13, grifo do autor).

⁶ Ibid., p. 10.

⁷ Entre o plano estrutural inicial e o plano estrutural final de *O Capital*, houve um período de aproximadamente nove anos. Durante todo esse tempo, Marx teria se dedicado a experimentar e buscar permanentemente a “forma expositiva adequada”. Cf. ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de O Capital de Marx**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p. 27.

Marx, portanto, nada mais fez do que reproduzir o percurso e o discurso dos trabalhadores através da realidade capitalista. *O Capital* constituir-se-ia, assim, em um caminhar pelo antagonismo de classes, em uma “odisseia dramática” da classe trabalhadora através das objetivas contradições econômicas capitalistas. Ao final desse processo, o programa político mostraria-se como inseparável do econômico e surgindo imanentemente dele. É assim que o livro primeiro começa com as categorias aparentes da Economia Política burguesa e termina apontando para a práxis revolucionária, para a negação não apenas das categorias como de todo o modo de produção capitalista⁸.

Como sabemos, o livro I de *O Capital* foi o único que Marx publicou em vida⁹. Esse fato é simbólico, pois sabemos também que o modo de exposição de sua obra-prima continua ainda, efetivamente, “inacabado”. Após mais de um século, portanto, *O Capital* não haveria sido compreendido enquanto a teoria geral de um programa revolucionário? O marxismo enquanto dialética, especificamente, não haveria sido apreendido como um modo de exposição da realidade que reconstrói essa própria realidade?

Com Benoit, pensamos que para a possível interpretação de *O Capital* enquanto uma teoria geral da revolução socialista foram necessárias as experiências da Revolução Russa de 1917. Que estas experiências foram a primeira superação dialética e assim realização da teoria de *O Capital*, enquanto teoria analítica se transformando em prática histórica vitoriosa de uma classe, a classe trabalhadora. Poderíamos assim dizer que foi com a Revolução Russa que o modo de exposição de *O Capital* atingiu, pela primeira vez e plenamente, a “vida da matéria”¹⁰.

Nessa direção, poucos seriam os comentadores que excluiriam deste debate o principal teórico e dirigente da Revolução de Outubro, Vladimir Ulianov (ou simplesmente Lênin). Para nós, na “lógica” de *O Capital*, ou seja, na lógica das contradições do modo de produção capitalista, Lênin encontrou a “lógica da própria luta de classes”, a “lógica da revolução”¹¹. Mas em quais condições e em que sentido preciso Lênin teria expressado essa compreensão dialética de *O Capital* de Marx?

⁸ BENOIT, H. Da Lógica com um grande “L” à lógica de O Capital. In: NAVARRO, C. et al. **Marxismo e Ciências Humanas**. São Paulo: Xamã, 2003. p. 7

⁹ *O Capital* compreende três livros em seis volumes: o primeiro foi publicado por Marx (1867); o segundo e o terceiro foram compilados e editados por Engels (1885 e 1894, respectivamente). O que geralmente se denomina como o quarto livro, que compreende três volumes, foi publicado por Karl Kautsky (entre 1905 e 1910) e editado no Brasil sob o título de *Teorias da mais-valia*.

¹⁰ BENOIT, 1997, p. 16.

¹¹ Ibid., p. 16.

a. Delimitação do problema

Ao longo de todo o século XIX, a Rússia foi um palco de profundas ambiguidades. Tão imensas quanto as suas dimensões geográficas, eram as suas contradições econômicas, políticas, sociais e culturais. Povoada em sua maioria por camponeses empobrecidos, era também o campo de expansão gradual de um capitalismo moderno, que passava a empregar um contingente de trabalhadores cada vez mais concentrado nas grandes fábricas. Naquele espaço quase que exclusivamente rural, as grandes propriedades da nobreza e as comunidades camponesas passavam a coexistir com monopólios industriais e financeiros. Um país predominantemente de analfabetos, mas cuja *intelligentsia* era aberta a todas as correntes de pensamento (incluídas as mais radicais). Tudo isso assegurado pelo último reduto da autocracia, o Império czarista¹².

Essas circunstâncias haviam produzido uma série de tensões sociais, inicialmente confusas e relativamente desorganizadas, que pressionavam o czarismo. Ia se tornando óbvio que a Rússia se aproximava de uma revolução. Mas um conjunto de questões fundamentais ainda se colocava naquele momento: que caráter teria essa revolução? Que classe deveria desempenhar nela o papel dirigente? O desenvolvimento do capitalismo seria também o destino inevitável para a Rússia? Ou ela poderia, em consequência de suas particularidades, “saltar esse estágio” e passar diretamente de um comunismo primitivo para um comunismo desenvolvido?

Por muito tempo, sucessivas gerações de revolucionários russos tentaram responder a essas questões¹³. Para o filósofo húngaro Georg Lukács¹⁴, a característica distintiva entre Lênin e seus predecessores residia justamente na capacidade de transformar a teoria de Marx em “fio condutor” para o correto tratamento dos problemas mais essenciais da época, reconhecendo a revolução da classe trabalhadora como um pressuposto histórico e considerando-a em seu aspecto teoricamente central e, por isso, decisivo na prática: o aspecto da organização.

¹² BROUÉ, P. **O partido bolchevique**. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 19 - 20.

¹³ Questões que de fato seriam respondidas pelo próprio Marx, em carta endereçada à revolucionária russa Vera Zasulich, em março de 1881, e, também, por Marx e Engels, em janeiro de 1882, no “profético” prefácio à segunda edição russa do *Manifesto Comunista*: “se a revolução russa dá o sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas uma à outra se completem (*so dass beide einander ergänzen*), assim pode a atual propriedade coletiva na Rússia servir de ponto de partida (*Ausgangspunkt*) para um desenvolvimento comunista” (MARX; ENGELS apud BENOIT, 1998, p. 66). Cf. BENOIT, H. A luta de classes como fundamento da história. In: TOLEDO, C. N. (Org.). **Ensaio sobre o Manifesto Comunista**. São Paulo: Xamã, 1998. p. 45 - 69.

¹⁴ LUKÁCS, G. **Lenin**: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 33.

Tal como Marx, Lênin compreendia que a luta de classes se desenvolveria objetivamente (isto é, no plano econômico) através da posição dos trabalhadores no processo de produção capitalista. Mas seria para ele um erro imaginar, entretanto, que a consciência de classe que capacitaria a classe trabalhadora a assumir o poder (isto é, subjetivamente, no plano político) pudesse surgir de forma espontânea, através de uma progressão teórica e ideológica gradual e pacífica no interior das fábricas. Em outras palavras, não seria possível pensar simplesmente em uma transição “natural” do capitalismo para o socialismo. Como organização centralizada dos elementos mais conscientes da classe trabalhadora, o partido era concebido por Lênin como o instrumento fundamental para a luta de classes em uma época revolucionária. Não se separando mecanicamente o plano econômico do plano político e, deste, o aspecto organizacional, a questão seria decidida pelo modo como os trabalhadores alcançariam, por intermédio do partido, sua própria consciência de classe, tornando-a plenamente sua.

É neste ponto, na teoria e prática partidária, que Lênin parece ter expressado com clareza a leitura dialética de *O Capital*, compreendendo-a e aplicando-a de modo específico na teoria dos níveis de organização e de atuação do partido. Benoit¹⁵ destaca que, para Lênin, era fundamental diferenciar nitidamente os níveis organizativos para exatamente estabelecer o entrecruzamento, a dialética entre eles; os níveis organizativos correspondiam a níveis de consciência diferentes, de acordo com as experiências históricas em cada nível, devendo ser desenvolvidos através da rigorosa unidade entre teoria e prática revolucionária (a práxis revolucionária).

O nível clandestino representa a instância composta de operários, intelectuais e revolucionários profissionais que detém conscientemente a teoria marxista e que na práxis da luta de classes romperam efetivamente com a legalidade burguesa; o nível semi-legal representa os trabalhadores e jovens cuja consciência socialista já existe, mas está enraizada somente nas experiências de algumas lutas travadas, sem grande continuidade, não permanecendo firme em períodos de refluxo; finalmente, o nível legal é constituído por trabalhadores e jovens que apenas começam a entrar em movimento através de um primeiro momento contraditório com as leis e ilusões do mundo capitalista das mercadorias. (BENOIT, 1998, p. 55).

Deste modo, como Marx em *O Capital*, trata-se de conduzir dialeticamente a classe trabalhadora da instância do mercado, da compra e venda da força de trabalho (nível legal) à instância contraditória dos “segredos” da produção (nível semi-legal) e finalmente ao

¹⁵ BENOIT, H. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. **Outubro**, São Paulo, n. 2, p. 47 - 61, 1998. p. 55.

momento em que se descobre a ilegalidade do próprio sistema capitalista (nível ilegal). Na teoria leninista do partido, similarmente, trata-se de se estabelecer uma dialética interna entre os diversos níveis organizativos, de forma que a vanguarda ilegal (detentora da consciência histórica da classe trabalhadora), desencadeadora do processo, dirige-se para os níveis semi-legais (grevistas e setores que já entraram em luta contra a classe burguesa) e legais (setores contraditórios, mas ainda passivos em relação à burguesia) elevando camadas cada vez maiores para o nível ilegal ou revolucionário.

Como se pode perceber, no início a vanguarda partidária está pressuposta, isto é, não está posta desde o começo (é ilegal, clandestina). Essa vanguarda, para os trabalhadores, somente é posta (revelada, descoberta) pelo rigoroso trabalho da práxis revolucionária, possibilitando então que a consciência da classe trabalhadora, dispersa na multiplicidade de suas lutas e alienada nos diversos momentos analíticos de suas experiências, se eleve e finalmente atinja a aglutinação de todas essas múltiplas determinações, despertando de maneira definitiva e alcançando plenamente seu projeto histórico, seu programa revolucionário que objetivamente e, também, subjetivamente se conclui pela revolução socialista. Ao final do processo, a vanguarda deverá ter conseguido se expor completamente como direção histórica da classe trabalhadora e, como tal, poderá conduzir e ser conduzida pela luta aberta das massas¹⁶.

Assim, de acordo com Benoit, a teoria leninista do partido torna-se a expressão essencial do próprio processo dialético, do movimento, da transformação, do devir que se desenvolve da vanguarda à maioria dos trabalhadores que retorna unificada à vanguarda pela práxis revolucionária. No marxismo de Lênin, portanto, as contradições econômicas capitalistas se transformam em resultado político pela e para a classe trabalhadora, com a mediação do partido e de sua vanguarda de profissionais. É assim também que se poderia destacar, nas palavras de Lukács, a “importância do papel ativo e histórico do partido como o

¹⁶ É exatamente essa a ordem expositiva empregada por Marx em *O Capital*, mais precisamente ao longo do livro primeiro (o único, de fato, concluído inteiramente pelo autor): o que está pressuposto é posto pelo próprio processo de exposição. Partindo das contradições da mercadoria (determinação mais abstrata), Marx amplia lógica e historicamente essas contradições até mostrá-las como fundamentadas na expropriação dos produtores diretos, na luta de classes (determinação mais concreta), e mostra como essas contradições apontam tendencialmente para a expropriação dos expropriadores (a revolução socialista). Desta forma, a consciência que percorreu todo o percurso (a do leitor ou a do trabalhador alienado) coincide ao final com a consciência do próprio autor (Marx) ou com a consciência daqueles que já conheciam todo o trajeto (neste caso, a vanguarda revolucionária). Cf. BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O Capital*. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 3, p. 14 - 44, 1996.

traço fundamental da teoria e, portanto, da política de Lênin”, cuja análise nos “leva sempre às questões fundamentais do método dialético”¹⁷.

A essa altura poderíamos então nos perguntar: seria possível pensar a dialética em Lênin apenas em relação à sua teoria dos níveis de organização e de atuação do partido? Mas o que seria, para o próprio Lênin, a dialética? A “essência” de seu pensamento poderia residir aí, justamente na sua compreensão a respeito do método? Seria, aliás, pertinente um “corte” analítico para se estudar questões filosóficas, políticas e de partido em Lênin? Enfim, o que encontraríamos ao investigar, como referência inicial, um de seus mais emblemáticos textos sobre essa problemática metodológica específica, escrito justamente às vésperas da insurreição de 1917?

b. Hipótese preliminar

Por muito tempo, diversos autores marxistas afirmaram que Lênin haveria exposto suas principais concepções filosóficas na obra *Materialismo e Empiriocrítica* (*Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reacionária*), de 1908¹⁸. Ali, segundo a maioria desses comentadores, Lênin teria assentado de forma definitiva os alicerces do marxismo-leninismo,

¹⁷ É curioso notar que o próprio Lukács termine seu ensaio sobre o pensamento de Lênin afirmando que “os comunistas devem procurar adotar em relação a Lênin a mesma atitude que Lênin adotou em relação a Marx” (LUKÁCS, 2012, p. 101). Curioso exatamente porque as escolhas e posicionamentos políticos de Lukács em determinado momento de sua vida são bastante duvidosos em relação à classe trabalhadora. Afinal, não é essa a questão mais fundamental a respeito do método dialético herdado de Marx e aplicado por Lênin, segundo o mesmo Lukács: reduzir a totalidade dos fenômenos aos reais interesses de classe? Cf. DILLENBURG, F. F. **Método dialético e política em Lukács**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

¹⁸ Por vezes, esses autores apresentavam *Materialismo e Empiriocrítica* como a obra em que Lênin expunha, definitivamente, as suas categorias filosóficas principais, sintetizando ali o seu pensamento. Essa tendência deformadora decretava o leninismo como a expressão acabada da filosofia marxista “oficial” ou “soviética”. Na realidade, Lênin não planejou e redigiu *Materialismo e Empiriocrítica* como um trabalho original sobre filosofia, mas com o propósito específico de combater uma série de escritores “marxistas” que haviam empreendido na Rússia uma aberta campanha de revisão contra a “filosofia do marxismo”, o chamado “materialismo dialético”. Tais escritores, baseados nas então recentes descobertas das ciências da natureza, procuravam demonstrar teoricamente a impossibilidade de se conhecer a realidade objetiva, justificando como finalidade exclusiva do entendimento humano apenas a descrição das sensações e dos fenômenos empíricos. Lutando contra essas correntes reacionárias (neo) positivistas, Lênin desenvolveu uma teoria da cognoscibilidade do mundo (ou gnosiologia), chamada por ele de “teoria do reflexo”, em que se defendia uma concepção materialista da consciência, segundo a qual o pensamento seria uma espécie de reflexo do mundo exterior. Apesar de sublinhar, em algumas passagens, o processo de conhecimento humano como dialético (“um complexo contraditório de desenvolvimento”, que se moveria do “incompleto e impreciso ao mais completo e mais preciso”) e mesmo defender a dialética como uma “teoria marxista do conhecimento”, todo o conteúdo do livro é dedicado à demonstração objetiva das leis da natureza e da sociedade (em resumo, uma defesa do materialismo contra as tendências idealistas e místicas da época). Cf. LÉNINE, V. I. **Materialismo e Empiriocrítica** (*Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reacionária*). Lisboa: Avante!, 1982.

sob a bandeira do “materialismo dialético”¹⁹. Entretanto, mais recentemente, essas leituras começaram a ser questionadas a partir de abordagens sobre uma de suas obras póstumas, o compêndio intitulado *Cadernos Filosóficos*. Diferentemente do livro de 1908, nos *Cadernos* a dialética em si, tal qual aparece e é desenvolvida na filosofia, ocuparia um lugar central nos estudos predominantes entre os anos de 1914 e 1916. Em seus apontamentos e esquemas, Lênin revelaria uma apreciação, ao mesmo tempo valorizadora e crítica, do pensamento de Georg W. F. Hegel, cuja lógica, “em sua essência o próprio método dialético”, seria constatada e resumida com admiração em diversas passagens:

No verdadeiro sentido, a dialética é o estudo da contradição na própria essência dos objetos [...] A dialética é a teoria de como [...] o entendimento humano não deve considerar os opostos como mortos, rígidos, mas como vivos, condicionados, móveis, transformando-se uns nos outros. *En lisant* [Lendo] Hegel... [É a] condição para o conhecimento de todos os processos do mundo em seu “automovimento”, em seu desenvolvimento espontâneo, em sua vida real, é o conhecimento dos mesmos como a unidade de opostos. E o desenvolvimento é a “luta” dos opostos. (LENIN, 1973, p. 227; p. 98; p. 317, grifo do autor, tradução nossa)²⁰.

De início, devemos observar que os manuscritos de Lênin foram redigidos em um contexto histórico bastante complexo, imediatamente após a eclosão da Primeira Grande Guerra e dos contragolpes que o movimento internacional dos trabalhadores havia sofrido. Em um exílio forçado, Lênin parecia acreditar que era necessário desenvolver a teoria para um novo momento histórico, que era necessário buscar pressupostos filosóficos pra fundamentar em um novo patamar teórico suas posições políticas. Ao se internar na biblioteca de Berna, na Suíça, e estudar Hegel, Lênin, de certo modo, repetia e iluminava os passos de Marx, que sentira também a necessidade de voltar ao filósofo alemão antes de redigir *O Capital*²¹.

¹⁹ Kevin Anderson observa que o termo “materialismo dialético” apareceu pela primeira vez em um ensaio sobre Hegel de autoria do marxista russo Georgi Plekhanov, em 1891. Anderson frisa que Marx nunca havia empregado esta definição que, por seu turno, seria uma “construção do próprio Plekhanov”, sob influência direta de seus estudos sobre Engels (ANDERSON, 1995, p. 15, tradução nossa).

²⁰ LENIN, V. I. *Filosofskiye Tetradi*. In: _____. **Polnoye Sobraniye**. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1973. v. 29. Ao cotejar esta edição em russo, notamos que Lênin trata dos polos na dialética como opostos. Nas diversas edições em português e em espanhol, tais passagens são traduzidas ora como contrários, ora como contraditórios. Não ignoramos esta diferença e suas implicações, entretanto, observamos que este trabalho de tradução e comparação com outras edições ainda está sendo realizado para que possa ser especificamente desenvolvido e completado em uma ocasião posterior.

²¹ Nos anos em que passou aperfeiçoando o “estilo”, Marx teria voltado a consultar, “por pura casualidade”, a *Ciência da Lógica* de Hegel. Esta obra acabaria por influenciar decisivamente o modo de exposição de *O Capital*. Cf. ROSDOSLKY, R. Op. cit., p. 15 - 17. Sobre a importância dessa influência, Lênin afirmaria nos *Cadernos*: “Não é possível compreender plenamente *O Capital* de Marx, e em especial seu primeiro capítulo, sem haver estudado a fundo e sem haver compreendido toda a *Lógica* de Hegel. Consequentemente, meio século depois nenhum marxista compreendeu Marx!!” (LENIN, 1973, p. 162, grifo do autor, tradução nossa).

Em *O Capital* Marx primeiro analisa a *relação* mais simples, mais ordinária e fundamental, mais comum e cotidiana da sociedade burguesa (a mercadoria), uma relação que se encontra milhares de milhões de vezes, a saber, nas trocas de mercadorias. A análise revela neste fenômeno muito simples (nesta “célula” da sociedade burguesa) *todas* as contradições (ou os germes de *todas* as contradições) da sociedade moderna. A exposição subsequente nos mostra o desenvolvimento (*tanto* o crescimento *como* o movimento) destas contradições e desta sociedade, na soma de suas partes individuais, de seu começo ao seu fim. Tal deve ser também o método de exposição (e o respectivo estudo) da dialética em geral (porque para Marx a dialética da sociedade burguesa é somente um caso particular da dialética). (LENIN, 1973, p. 318, grifo do autor, tradução nossa).

Essa volta às fontes hegelianas do pensamento marxista, pautada pela necessidade de compreender adequadamente um mundo que se transformava de forma drástica, nos faria pensar em uma primeira e uma segunda filosofia em Lênin, em um primeiro e em um segundo leninismo contrastantes entre si? Para Michael Löwy²², sim. Após a grande traição histórica de 1914²³, Lênin haveria rompido com boa parte do marxismo de sua época e, em certo sentido, com a sua própria consciência filosófica de outrora, expressa categoricamente em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, um dos principais textos políticos de Lênin, no ano de 1905. E a “pedra angular”, a fonte metodológica essencial dessa modificação, seria exatamente sua concepção a respeito da dialética. Löwy observou ainda que os estudos de Hegel por Lênin não teriam sido fruto de um “entusiasmo passageiro”; Lênin teria mantido essa “ruptura” teórico-política até o fim da vida e insistido em seus últimos textos sobre a necessidade de um “estudo sistemático da dialética hegeliana de um ponto de vista materialista”.

Sem agora levarmos adiante essa questão, a de uma suposta ruptura filosófica como a levantada por Löwy, o que nos parece importante destacar neste ponto é a ruptura, a interrupção, do próprio modo efetivo de exposição de *O Capital*. Após a morte de Lênin, em 1924, o marxismo dividiu-se, com raras exceções, entre duas correntes unilaterais de interpretação que o conduziu por dois caminhos distintos a um único destino: de um lado, um marxismo prático-vulgar, não dialético, generalizado como “soviético”, que levou os trabalhadores à série de derrotas ao longo de aproximadamente um século; e, de outro lado,

²² LOWY, M. Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado. In: _____. **Método dialético e teoria política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 131.

²³ Vários líderes dos partidos social-democratas (socialistas) europeus votaram a favor dos créditos militares pedidos por seus respectivos governos (capitalistas) para a Primeira Guerra Mundial. Esses posicionamentos, consequências lineares de posturas teóricas anteriormente defendidas ao longo da Segunda Associação Internacional dos Trabalhadores, teriam conduzido Lênin a uma profunda reflexão sobre os fundamentos filosóficos desta traição. Lênin haveria “intuído” que se tratava, sobretudo, de uma incompreensão da dialética por parte da maioria dos dirigentes marxistas de então (LOWY, 1978, p. 130 - 131).

um marxismo teoricista, chamado de “ocidental”, que sem desembocar em prática alguma, e, nesse sentido, também não dialético (apesar de muitas vezes “filosófico”), acabou por se esgotar da mesma forma que o primeiro, sem orientar nenhuma transformação efetiva do capitalismo em direção à sua superação socialista (BENOIT, 1997, p. 28 - 29)²⁴.

Pensamos que estes dois polos antitéticos de interpretação expressam fielmente os dilemas teóricos que em geral são encontrados em estudos sobre Lênin. E que o próprio Lênin nos fornece conteúdo para reexaminá-los de modo apropriado. Apesar de sua figura ser difundida como a de um homem de ação, a de um dirigente partidário “prático”, supomos que seria um equívoco analisá-lo apenas sob este ângulo. Como supomos que seria outro equívoco estudá-lo e demonstrá-lo tão somente como o seu contrário: um “teórico” do marxismo, um “filósofo” original²⁵. Neste caso, teríamos de realizar um isolamento “estático-positivista” entre as suas principais formulações filosóficas para poder compará-las. Algo no sentido de identificarmos, tal como Löwy, de que maneira teria ocorrido a “cisão epistemológica” entre o Lênin (pré-dialético) de *Duas táticas* e o Lênin (dialético) dos *Cadernos*.

Aqui, de imediato, nos depararíamos com alguns problemas: e a concepção (dialética) do partido, já contida potencialmente em seus primeiros textos, como *O Que fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*, escritos entre 1902 e 1904?²⁶ Como comparar os próprios *Cadernos*, uma obra *sui generis*, produto de reflexões do autor para a sua utilização pessoal, que contêm algumas imprecisões e temas não aprofundados, e que sequer fora preparada para a publicação? É evidente que as anotações contidas ali são preciosas, mas poderíamos sustentar que os *Cadernos Filosóficos* constituiriam a palavra final de Lênin sobre a dialética?

²⁴ Para muitos, Lênin teria sido o iniciador da primeira corrente, sistematizada como marxismo-leninismo. Para outros, porém, o trabalho teórico de Lênin posterior a 1914 o situaria mais próximo de marxistas ocidentais ou “hegelianos” do que de marxistas “soviéticos”. Nesse sentido, seria possível sustentar, inclusive, que Lênin teria sido o primeiro marxista de expressão a insistir no retorno à dialética e ao estudo crítico de Hegel. Cf. ANDERSON, K. **Lenin, Hegel and Western Marxism**. Chicago: Illinois University, 1995.

²⁵ Tese funcionalmente promovida pelo regime stalinista (que, aliás, procurou estabelecer uma filiação direta entre *Dialética da Natureza*, de Engels, *Materialismo e Empiriocriticismo*, de Lênin, e *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*, de Josef Stálin) e também difundida por autores como Henri Lefebvre (*O pensamento de Lênin*) e Louis Althusser (*Lênin e a filosofia*). É possível pensar que, embora de formas bastante distintas, há, no conteúdo, convergência entre essas posições: fazer do leninismo uma filosofia ou uma concepção particular da filosofia.

²⁶ QUARTIM DE MORAES, J. A grande virada de Lenin. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 34, p. 9 - 32, 2012. Apesar do que aparenta sugerir o título do artigo de Quartim de Moraes, a “virada” a que se refere é a que Lênin teria imprimido à teoria marxista (sobre o imperialismo), e não à sua própria, apontando forte continuidade em seus textos e combates (“não há nele [Lênin] ruptura teórica comparável à que separa o jovem Marx do Marx da maturidade”). A hipótese de que Lênin, pelo menos desde 1902, exprime uma compreensão dialética sobre a teoria revolucionária, que articula a consciência socialista, a organização que a concretiza e o programa que a sintetiza (“os interesses históricos de uma classe social a seus objetivos concretos numa situação específica”), é por nós também admitida, com a importante ressalva de que a desenvolvemos sobre matrizes teóricas distintas.

O autor francês Jean-Marie Brohm parece ter nos deixado algumas pistas teóricas em sua pequena brochura *O que é a dialética?*²⁷. De acordo com Brohm, seria metodologicamente impossível compreender o leninismo com base apenas na filosofia, pois a verdadeira filosofia de Lênin não se encontraria contida isoladamente em seus livros, mesmo nos que ele aborda formalmente problemas filosóficos. As teses de Lênin só poderiam ser realmente compreendidas e discutidas a partir de uma abordagem histórico-política. Lênin haveria introduzido o ponto de vista da classe trabalhadora em todas as suas apreciações, incluídas as filosóficas, fazendo da filosofia uma verdadeira “arma” na luta de classes²⁸.

A exemplo de Brohm, pensamos que justamente nos *Cadernos Filosóficos* Lênin teria unido de modo dialético duas de suas principais preocupações filosófico-políticas que o haviam agitado em dois momentos distintos: a defesa do materialismo (contra o idealismo “subjetivo”) e a defesa da dialética (contra o materialismo “vulgar”). Dois momentos que não deveriam se separar, ambos necessários à luta política contra os posicionamentos oportunistas que se nutriam filosoficamente das ciências naturais daquele tempo²⁹. É por esse motivo, inclusive, que Lênin teria insistido num “estudo sistemático da dialética hegeliana de um ponto de vista materialista”, quer dizer, do método que Marx aplicou praticamente em *O Capital*. Método que, ao contrário de axiomas ou dogmas, é permanentemente aberto para dar conta de uma história em contínua transformação; ponto de partida para “análises concretas de situações concretas”. O próprio Lênin observaria que todas as vezes que novas tarefas fossem colocadas à práxis revolucionária, que as conquistas teóricas alcançadas até aquele momento não bastariam mais e que, conseqüentemente, seriam necessários novos trabalhos de investigação e elaboração teórica para a ação política³⁰. Assim, não seria possível admitirmos como hipótese preliminar uma ruptura radical em sua obra; mas, sim, ruptura na sucessão, continuidade contraditória; pressupomos haver, portanto, aprofundamento, superação. Unidade dialética permeada por sua teoria do partido e da revolução.

²⁷ BROHM, J-M. *O que é a dialética?* Lisboa: Antídoto, 1979. p. 89 - 143.

²⁸ “No seu prefácio a *Materialismo e Empiriocriticismo*, Lênin explica: ‘no que me toca, não passo de um investigador em Filosofia’. Efetivamente, Lênin não procura fazer filosofia ou aprofundar uma filosofia. Não aspira a ser um filósofo: **o seu papel é lutar politicamente no terreno da filosofia e com as armas da filosofia**” (BROHM, 1979, p. 117, grifo do autor, tradução nossa).

²⁹ Não é à toa que além das obras de Hegel, Marx e Engels, e da história da filosofia em geral, os *Cadernos* apresentem também fichamentos de Lênin a respeito de algumas obras relacionadas ao desenvolvimento das ciências naturais (como notamos, tema que lhe ocupou particularmente em *Materialismo e Empiriocriticismo*).

³⁰ GRUPPI, L. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 298. Foi precisamente deste modo que Lênin procedeu a um avanço teórico em face de uma nova circunstância histórica: a guerra mundial, a situação objetivamente revolucionária que ela havia criado; a revolução de fevereiro, a derrota rápida do czarismo, a formação do governo provisório e o desenvolvimento maciço dos soviets. Na “essência”, o método de Lênin continuava o mesmo, conservado: dialeticamente, reduzir a totalidade dos fenômenos aos reais interesses da classe trabalhadora (“uma análise concreta de uma situação concreta”).

Deste ponto de vista, e diante de um novo cenário, é que Lênin teria redescoberto a importância de Hegel para o método expositivo de *O Capital*. Como Marx, Lênin haveria compreendido que a dialética é o “veículo da revolução”, a expressão da luta de classes para a classe trabalhadora. Pensamos que é exatamente assim que podemos nos encontrar com Lênin e a dialética entendida no contexto de uma tradição. Uma tradição inaugurada no pensamento antigo, redescoberta por Hegel e recolocada por Marx: uma tradição que permite pensar a unidade dos contraditórios; a unidade entre o lógico e o histórico, por excelência, contraditória; que permite demonstrar as contradições lógicas do capitalismo como possuindo em seu conteúdo as contradições históricas; contradições históricas que são conceitualmente redutíveis às contradições da luta de classes. Luta de classes pela qual se torna possível negar uma representação limitada e superficial do mundo, como o da classe burguesa, substituindo-a por uma representação mais abrangente e concreta desse mundo. A “mais completa representação da realidade” que somente a classe trabalhadora possui condições de expor efetivamente em nossa época. A nosso ver, Lênin jamais parece ter abandonado essa perspectiva combativa em nome dos trabalhadores. Uma perspectiva combativa direcionada a todas as outras perspectivas que pudessem desviar a classe trabalhadora de seu objetivo maior: “a vida da matéria”, a revolução socialista.

A volta de Marx a Hegel certamente ajudou-o a aprimorar a versão final de sua exposição. Ainda assim, Marx haveria temido que as “formas e cores” contidas em *O Capital* pudessem não encontrar plena compreensão por parte da classe trabalhadora, que pudessem não “ganhar vida” nas mãos desses trabalhadores. A ida de Lênin a Hegel também o ajudou a aprimorar a versão final de sua exposição, como atestam as célebres passagens contidas nos *Cadernos Filosóficos*. Mas não são os *Cadernos*, em si, a sua mais grandiosa obra. Ao não ignorar a obra-prima de Marx, ao não negligenciar as circunstâncias históricas e avançar ainda mais sua compreensão de *O Capital* através de Hegel, Lênin deu vida ao modo de exposição de Marx e assim à “sua” própria obra-prima: a Revolução Russa. Antes de sua morte, haveria tempo ainda para temer que, desafortunadamente, a maioria de seus “colegas de ofício” não a houvessem plenamente compreendido e que, ao final, nos deixassem uma verdadeira “obra-prima desfigurada”. No entanto, haveria tempo também para Lênin propor aos seus leitores e estudiosos a sua própria prática: ler, estudar e aplicar Marx nas origens de sua dialética revolucionária³¹.

³¹ KOUTCHIN, A. Marx, Lênin e a tradição dialética. In: MIRANDA, D. E. R.; SILVA, J. C. (Orgs.). **Trabalho, trabalhadores e capitalismo no século XXI**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 51 - 69.

c. Observações metodológicas

As observações a seguir não visam de nenhum modo conceder repostas prévias a problemas epistemológicos do leninismo e do bolchevismo em si ou de um suposto marxismo em geral, que invariavelmente podem aparecer ao longo de nossa tese. O que nos interessa destacar aqui é que a orientação metodológica que adotamos não é a de somente um estudo sobre o conteúdo filosófico de uma obra específica (e de seu autor em particular), como também o de suas circunstâncias histórico-biográficas e o de suas consequências políticas. Desde já, devemos preparar o leitor para conduzi-lo pelo caminho de um personagem real, através do movimento contraditório de seu devir. Permitiremos que Lênin e outros “atores” históricos importantes, aos poucos entrem em cena e em contato, entrecruzem-se, unam-se e separem-se, percorram o seu tempo vivido, transformem-se, e nos auxiliem em nosso caminho, tendo como referência central certo roteiro deixado por Hector Benoit em seu artigo *Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista*³².

Desse modo, o que pretendemos com nosso trabalho é fornecer uma contribuição - obviamente parcial e limitada - para uma leitura de Lênin até o que supomos ser a exposição final de “sua” obra maior, a Revolução Russa de 1917. De nossa parte, tentaremos relacionar e reconstituir certa ordem de significações presentes em alguns de seus textos, posicionamentos e ações. Parece-nos que tal tentativa, a construção de uma espécie de percurso filosófico-político de Lênin até a Insurreição de Outubro, implica em duas medidas fundamentais: a) inserir esse percurso na totalidade histórica, demonstrando o seu caráter socialmente condicionado - a sociedade camponesa russa do século XIX, a *intelligentsia* populista radical, os desdobramentos do movimento social-democrata no Ocidente, o surgimento do proletariado industrial e do marxismo na Rússia etc. - e isso não significa que o desenvolvimento de Lênin seja um simples “reflexo” dessas condições, mas que tal desenvolvimento não pode ser explicado e compreendido em seu conteúdo sem esta simultânea contextualização sócio-histórica; b) e não separar artificialmente a obra teórica de Lênin de sua vida e atividade prática, o “filósofo” do “político” - para ele, como sabemos, teoria e movimento revolucionário são dois momentos inseparáveis³³.

³² Op. cit. p. 47 - 61.

³³ “Без революционной теории не может быть и революционного движения (Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário)”. Cf. LENIN, V. I. Chto delat'? Naboлевshie voprosy nashego dvizheniya. In: _____. **Polnoye Sobraniye**. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1963. v. 6. p. 24, tradução nossa.

Assim, ao não separarmos teoria e prática em oposição abstrata, mas interligá-las e integrá-las ao processo histórico, pensamos estar em condições de descobrir detalhes importantes que poderiam nos passar despercebidos; de desvelar a significação concreta de categorias vagas, de termos ambíguos, de fórmulas polêmicas, estabelecendo as devidas conexões, situando cada elemento no conjunto e evitando os anacronismos vulgares. O bolchevismo, lógica e historicamente, não poderia nascer durante as rebeliões camponesas russas do século XVIII. Para explicar como a “possibilidade” da revolução soviética se fez “ato” é necessário levar em consideração diversas circunstâncias, tais como: o nível das forças produtivas, a condição geral das classes sociais, a situação de algumas categorias profissionais e de certas camadas médias (intelectuais, soldados etc.), do movimento operário e dos camponeses, das organizações revolucionárias, partidos, jornais (liberais e socialistas), atitudes e valores coletivos, concepções de mundo, teorias (econômicas, políticas, sociais, filosóficas etc.), e acontecimentos econômicos, sociais, políticos e militares (crises, revoluções, guerras etc.).

Desta forma, poderemos expor o que pensamos ser o caráter dialético da relação circunstâncias-ideias, a unidade lógico-histórica, envolvidas em torno de Lênin. Com ele, procuraremos indicar como o pensamento reage sobre certas condições sociais, e como estas reagem sobre aquele, em determinação recíproca. De certa maneira, todos os aparatos teóricos selecionam e interpretam os acontecimentos e ideias que condicionarão o seu desenvolvimento, isto é: a importância de um fato para a evolução de uma teoria não depende somente de sua relevância objetiva, mas de sua significação subjetiva em relação a essa teoria. Por exemplo, o aparecimento dos soviets como órgãos de representação operária, em 1905, foi completamente subestimado pela maioria dos marxistas russos (inclusive, pelo próprio Lênin), mas, em compensação, influenciou decisivamente a elaboração de sua estratégia revolucionária e, conseqüentemente, a atuação do partido bolchevique em 1917. Portanto, vemos que não é um acontecimento histórico ou uma teoria filosófica ou política em si que determina o desenvolvimento de um autor, mas o acontecimento e a teoria tais como são apreendidos e interpretados por esse próprio autor. Em Lênin, em suas diferentes etapas de desenvolvimento, esse metabolismo crítico entre explicação, ação e reação sobre o real desempenhará sempre um papel crucial. A sua evolução lógica e a sua obra histórica ligam-se reciprocamente, tornam-se interdependentes e tendem necessariamente para uma unidade fundamental, no interior da qual se identifica um movimento de incessante transformação, com constantes transições, em revolução permanente.

Como já observamos, certos autores marxistas, como Michael Löwy, propõem-se a estabelecer uma cisão metodológica que estaria demarcada com clareza em Lênin. Em nosso entender, trata-se de uma abordagem insuficiente, pois rejeita precisamente a pedra de toque da dialética marxista, da qual Lênin, por diversas vezes, declarou-se discípulo (e que nos parece ser a categoria fundamental encontrada ao longo de seu percurso): a práxis como esforço de superação da distinção unilateral entre pensamento e ação, teoria e prática, lógica e história. Antes de qualquer coisa, a atividade militante de Lênin não é uma anedota biográfica, mas fonte de seu surgimento enquanto tal, ponto de partida e complemento necessário à sua obra marxista, já que tanto uma quanto a outra possuem a mesma finalidade de não somente interpretar o mundo, mas interpretá-lo para transformá-lo ³⁴. Por outro lado, uma ruptura incisiva nas concepções de Lênin poderia ser arbitrária porque todo o seu trabalho teórico - e não somente seus estudos filosóficos - contém implicações práticas; e sua atividade política prática está também carregada de significação teórica.

A nosso ver, a síntese dialética dos momentos parciais da vida e atividade de Lênin, a *Aufhebung* entre a teoria e a prática revolucionária que existe tendencialmente em toda a sua obra, atinge finalmente sua figura concreta na práxis do partido, cuja expressão acabada é exposta sinteticamente nas palavras de ordem às vésperas da Revolução de Outubro - baseadas nas famosas insígnias de suas *Teses de Abril*. Neste ponto, pensamos que os *Cadernos Filosóficos* ocupem posição de destaque em nossa exposição. Conforme ressaltamos, entretanto, não os tomaremos como uma obra isolada em seu estudo “filosófico-categorial”, mas como desfecho necessário da evolução do pensamento de Lênin e das circunstâncias históricas por ele vividas e, sobretudo, não ignoradas (que culminaram com a elaboração de suas teses e da própria insurreição). Não queremos com isso, absolutamente, sugerir que Lênin “deduziu” suas concepções da *Ciência da Lógica* de Hegel, estudada e comentada amplamente nos *Cadernos*. Vários revolucionários antes de Lênin, russos ou não, leram Hegel em profundidade. Como destacamos há pouco: não é uma teoria em si que influencia o desenvolvimento de um autor, mas como esta teoria é interpretada e aplicada por esse autor em função de circunstâncias históricas determinadas (em nosso caso, o desmoronamento da velha Rússia semifeudal em plena crise capitalista mundial).

³⁴ Nesse sentido, Lênin teria sido aquele que mais a sério levou a célebre XI Tese de Marx sobre Ludwig Feuerbach: “*Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert, es kommt drauf an, sie zu verändern*” (Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes, trata-se deles o *transformarem*). Cf. MARX, K. Thesen über Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1978. v. 3. p. 7, grifo do autor, tradução nossa.

Nosso percurso, portanto, exigirá paciência para encarmos novamente algumas passagens que já nos poderiam parecer consagradas e evidentes. Neste sentido, os três primeiros capítulos, em seu conjunto, constituem uma espécie de prolegômenos aos estudos de Lênin ou, dito de outra forma, correspondem ao que poderíamos chamar de período “pré-Lênin”. Neles, com auxílio principal de Trótski ³⁵ (especialmente no capítulo terceiro), tentamos abordar preliminarmente as lutas de classes e as primeiras organizações revolucionárias na Rússia, expondo, também, certo desenvolvimento pessoal - biográfico e (psico) lógico - de Lênin (até então, “apenas” Vladimir Ulianov).

Especificamente, no capítulo 1 (A Tela), buscamos retratar a “paisagem” revolucionária russa pré-marxista: a emancipação formal dos servos do campo; a ideologia e o trabalho de propaganda e agitação populistas; o terrorismo individual da juventude radical; o aparecimento do terrorismo sistemático e das primeiras organizações secretas; a violenta reação dos czares engendrando silêncio e imobilismo, bem como suas concessões à nobreza e à nascente burguesia; e o atentado que entra como ponto final do conspirativismo terrorista e que se relaciona intimamente com Lênin. A seguir, no capítulo 2 (A Força Criativa), procuramos “colorir” nossa tela com a moderna luta de classes, isto é, com o surgimento dos operários industriais e do marxismo entre os russos; tentamos demonstrar como se operou a transição do populismo à social-democracia por um de seus mais destacados representantes; narramos sucintamente a sua trajetória militante, os seus embates até a constituição da primeira organização marxista russa no exílio ocidental, cuja influência será também decisiva em nosso percurso. O terceiro capítulo desta primeira parte (O Jovem “Artista”) destina-se a inserir Lênin neste breve “retrato” esboçado. Com ele, pretendemos traçar os seus contornos familiares, relacionando estas influências (e de todo o cenário de sua época) sobre a formação de sua personalidade, dedicando-nos a acompanhá-lo em sua juventude até o encontro clandestino com seu grande mestre, para, enfim, chegarmos à sua partida a então capital São Petersburgo, onde redigiria os seus primeiros trabalhos e iniciaria a sua atividade revolucionária profissional.

Nos quatro capítulos seguintes, apresentamos uma leitura mais imanentista sobre alguns textos selecionados de Lênin (com base nas obras citadas e comentadas por Benoit e Löwy), na tentativa de expormos a unidade lógico-histórica encontrada em seus escritos sobre o partido até às vésperas da Revolução de 1917, que defendemos ser a realização dialética na história internacional das organizações operárias, ou a “negação da negação leninista”.

³⁵ TROTSKY, L. **A vida de Lenin (Sua juventude)**. Rio de Janeiro: Global, 1981.

No capítulo 4 (Os Primeiros Traços), apresentamos o primeiro compêndio dito filosófico de Lênin, a respeito de uma obra de Marx e Engels, em que estes autores criticam as concepções jovem hegelianas de sua época por sua apreciação idealista sobre o papel passivo das massas populares no processo histórico (observando aqui que, àquela altura, o principal combate travado pelos marxistas na Rússia era, também, contra certo idealismo crítico que impregnava o espírito dos anarco-populistas e dos terroristas de então). É ainda neste capítulo que pretendemos constatar a concepção (dialética) de Lênin sobre os níveis de organização e atuação do partido em *O Que Fazer?*, obra em que Lênin procura superar o espontaneísmo “economista” que dominava a social-democracia russa naquele momento e, também, sintetizar as experiências organizativas clandestinas e conspirativas anteriores com as públicas e legais, iniciadas com a constituição do Partido Operário Social-Democrata Russo, em 1898. No capítulo 5 (As Formas), tentamos mostrar como se operou a cisão, ou nas palavras do próprio Lênin, “a negação da negação”, no seio da social-democracia russa, exposta minuciosamente por ele em seu livro *Um passo em frente, dois passos atrás*. Esta nova negação, o partido bolchevique, estaria destinada a ser a superação dialética na história organizativo-partidária operária. Entretanto, antes de nos conduzirmos até lá, no capítulo 6 (As Cores), buscamos demonstrar como Lênin procurou relacionar dialeticamente a situação objetiva e a iniciativa política para um momento histórico exponencialmente revolucionário na Rússia de 1905. É nesse contexto que ele escreve *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, texto que Michael Löwy encara como o mais emblemático de um suposto período leninista “pré-dialético”. Por nosso lado, tentamos comprovar como ali se manifesta, ao contrário, uma interpretação dialética dos processos reais, habilmente desenvolvida por Lênin sem qualquer vinculação com uma suposta exigência teórica da inevitabilidade de uma fase capitalista para a Rússia. O sétimo e último capítulo (A Exposição) representa justamente o nosso desfecho expositivo. Nele, com os estudos de Hegel empreendidos por Lênin em seus *Cadernos Filosóficos*, procuramos revelar como Lênin avança a sua compreensão sobre *O Capital* de Marx enquanto teoria programática imanentemente dialética (método que também é conteúdo) para um momento histórico crítico da humanidade. Além disso, tentamos apontar como certas passagens manuscritas por Lênin podem indicar, inclusive, a unidade (dialética) contida em sua teoria do partido e da revolução desde seus primeiros textos sobre o assunto, contrariando a tese de Löwy acerca de uma suposta etapa leninista “materialista-mecanicista” ou “pré-dialética” anterior à traição da social-democracia (russa e internacional) em 1914.

Esperamos, assim, ao menos nos aproximar de cumprir uma árdua tarefa³⁶, a de construir uma espécie de “romance filosófico” capaz de reconstituir parte do itinerário que levou o jovem Vladimir Ulianov de uma pequena província às margens do rio Volga até a *Ciência da Lógica* de Hegel, em Berna na Suíça, apenas um mês após o grande trauma de agosto de 1914. Bem entendido, por romance não queremos nos referir a uma específica corrente literária do século XIX, mas, sim, a um vasto movimento cultural de protesto contra a sociedade capitalista moderna. Este movimento, que começa em meados do século XVIII, e tem em Jean-Jacques Rousseau uma das figuras mais emblemáticas de sua origem, ainda hoje continua ativo, em revolta contra o desencantamento do mundo, a quantificação de todos os valores, a mecanização da vida e a destruição da comunidade (LÖWY, 2002, p. 19). O aspecto romântico, aliás, não está ausente da realidade russa e tampouco do pensamento de Lênin que, em um de seus trabalhos mais influentes, tomou de empréstimo o título da novela de um ilustre romancista (e revolucionário) de sua época. Ao utilizarmos, também, *A obra-prima ignorada* de Balzac como referência para orientar esteticamente nossa exposição, inspirando, inclusive, os títulos de nossos capítulos, não estamos querendo com isso pintar, através do emprego de tal analogia, a vida engajada e militante de um político e revolucionário realista com “cores benévolas”, mas, sim utilizar a arte em seu profundo significado poético e negativo. Esperamos, enfim, mesmo diante de todas as nossas limitações, que o *logos* de *O Capital* de Marx, que defendemos ter se realizado nesta revolução que acaba de completar 100 anos, seja por nós imperfeitamente desenhado com nossos modestos traços de aprendizes.

³⁶ Completá-la efetivamente seja, talvez, a tarefa de uma vida, dado o caráter do autor, dos diferentes tipos de textos por ele redigidos (rascunhos, cartas, artigos jornalísticos, livros, resenhas, notas taquigráficas etc., além de discursos) e da grande quantidade de temas abordados (questão agrária e desenvolvimento capitalista na Rússia; papel da classe operária, da vanguarda e do partido; debates sobre estratégia e táticas revolucionárias; teoria e prática da transição socialista; questões de método; e tantos outros tópicos relacionados à filosofia, à economia política e ao marxismo). Todos esses trabalhos de Lênin estão distribuídos ao longo de suas *Obras Completas*: em russo, 55 volumes e mais de 20 mil páginas (edições em castelhano, francês e inglês, por sua vez, estão compiladas em até 50, 47 e 45 tomos, respectivamente).

1. A TELA

1.1. A luta contra a servidão das almas³⁷

No mesmo ano em que a burguesia levava a cabo a sua revolução contra a monarquia, a nobreza feudal e a Igreja dominante na Inglaterra (1648), fundava-se sobre a margem direita do rio Volga, uma das mais atrasadas e desérticas capitais provinciais do Império Russo: Simbirsk. Junta às demais cidades da região do Volga, Simbirsk constituiu uma espécie de tradição rebelde dos camponeses locais (os mujiques) contra o regime de servidão imposto pelos czares e por seus nobres proprietários no sul da velha Rússia³⁸. Esta tradição, entretanto, não trouxe nenhum alívio à maioria de sua população (os rebeldes eram sucessivamente derrotados e executados pelo exército czarista). Ao contrário, nos bosques e estepes desta cidade do Volga médio, os antagonismos sociais possuíam um caráter ainda mais brutal.

Em Simbirsk, as melhores e mais férteis terras pertenciam aos latifundiários nobres, cuja parte era de 73%. De meio milhão de hectares de bosques, a metade era propriedade do Império, ou seja, pertencia à família Romanov; a porção dos camponeses, que constituíam aproximadamente 95% da população, não representava mais do que 2% da área dos bosques. Nas palavras de Trótski, “quem quisesse aprender a odiar a barbárie feudal devia nascer em Simbirsk” (TROTSKY, 1981, p. 8). O aspecto geral da cidade, contudo, acabava por revelar plasticamente a estrutura social primitiva de todo o país: a nobreza e suas grandes propriedades, o clero e sua parcela de funcionários na burocracia do Estado, uma camada semicolonial de comerciantes, intermediários entre as prósperas cidades do Ocidente e as aldeias russas, e a miséria, as epidemias e o analfabetismo dos camponeses.

³⁷ “Em toda a Rússia é quase impossível encontrar pessoas que não se distraiam durante as refeições conversando com os empregados, mas o nosso herói ia além da simples curiosidade. Perguntava quem era o governador da cidade, quem era o procurador, quem era o presidente da câmara, indagou sobre todos os funcionários públicos, enfim. Perguntou ainda sobre os proprietários rurais. Se tinham muitas terras, se eram donos de muitas almas, pois almas era como se chamavam os camponeses na Rússia antiga [...]” (GÓGOL, 2008, p. 5 - 6).

³⁸ Pelas vastas comarcas dos rios Volga, Don e Ural, legiões de voluntários do campo se agrupavam em batalhões regulares de cavalaria fazendo incursões pelas cidades para delas expulsar os voivodas (nobres governadores de província) e os boiardos (nobres típicos, antigos feudatários da Rússia). Cf. TROTSKY, L. Op. cit. p. 6 - 8.

As cidades da antiga Rússia não passavam, portanto, de simples conglomerados residenciais, administrativos e comerciais, e de destacamentos militares contra estrangeiros. As atividades artesanais não conseguiam desvincular-se do extrativismo e da agricultura rudimentar e determinavam o caráter das pequenas e dispersas indústrias locais. Como consequência, estas cidades eram, sobretudo, centros de consumo e não de produção, não guardando em si nenhuma ideologia progressista. Assim, na ausência de uma verdadeira classe industrial e urbana organizada, as guerras camponesas dos séculos XVII e XVIII, apesar de sua considerável extensão, apenas podiam consolidar o absolutismo opressor. Foi o que ocorreu com sua última expressão mais significativa, a Revolta de Pugachev (1773 - 1775)³⁹. Entretanto, no decurso do século seguinte, sob o impulso da burguesia que se desenvolvia na Europa, os ideais liberais tornariam-se cada vez mais necessários para uma parte da nobreza dirigente russa.

Os nobres proprietários das pequenas indústrias rurais espalhadas pelas diversas regiões do país foram os primeiros a se manifestar pela substituição do trabalho dos servos pelo trabalho livre assalariado. E, em 14 de dezembro de 1825, uma juventude militar instruída generalizou politicamente esta necessidade. Possuindo em suas fileiras alguns membros oriundos de famílias nobres de Simbirsk, estes jovens oficiais aderiram a uma sociedade secreta na então capital, São Petersburgo, pela luta contra a autocracia. Era, entretanto, interesse daqueles elementos mais avançados da nobreza combinar o regime liberal com as bases de sua dominação de classe e, por esse motivo, hesitaram em apoiar uma sublevação armada em favor dos camponeses. Isolados, os soldados foram aniquilados pelas forças do czar. Apesar disso, incorporaram-se à história da Rússia como a primeira geração de conspiradores revolucionários: os dezembristas (*dekabristi*). Nesta tradição seria educada a geração seguinte, a dos anos de 1840, cujo mais notório propagandista viria a ser Alexander Herzen.

³⁹ As demais rebeliões camponesas que se tornaram conhecidas na Rússia foram as chefiadas por Bolonitkov (1606 - 1607), Razin (1670 - 1671) e Bulavin (1707 - 1708). Tais dirigentes, que deram alguma organização militar a todos estes movimentos, eram, a exceção de Bolonitkov, cossacos. Cf. TRAGTENBERG, M. **A Revolução Russa**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007. p. 42 - 50. A palavra cossaco se refere a um dos primeiros povos que formaram a Rússia, vivendo em tribos nômades e fugindo dos serviços militares, dos impostos e dos contratos de servidão, por séculos. Com o passar do tempo, fixaram-se no sudoeste russo (entre o mar Negro e o mar Cáspio) e tiveram sua autonomia restringida pelo governo. Aos poucos os membros de suas comunidades aderiram aos regimentos de soldados do exército imperial, servindo a diversos czares na luta pela defesa e expansão da monarquia. BRITANNICA DIGITAL LEARNING. **Enciclopédia Britânica Online, 2016**. Web, 2016. Disponível em: <<http://www.escola.britannica.com.br/article/483197/cossaco>>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2016.

Saído da nobreza e despertado pelos ideais e atos dezembristas, Herzen ajudou a criar a imprensa russa distante do alcance da censura⁴⁰ e desempenhou papel importante no desenvolvimento do democratismo revolucionário na luta contra a monarquia pelo movimento de libertação dos camponeses⁴¹. Herzen foi um dos maiores inspiradores do clima político que conduziu à época que se chamou de “grandes reformas”, culminando com a emancipação formal dos servos russos, em 1861. Anos mais tarde, seria considerado por muitos o fundador do socialismo “russo”, do populismo (*narodnichestvo*), doutrina que, tendo como bases as ideias do “direito à terra” e da “libertação do povo camponês”, propunha uma ordem agrária baseada na propriedade comunal dos camponeses russos⁴². Por décadas, essa doutrina converteria-se no mais importante princípio orientador das sucessivas gerações de revolucionários na Rússia.

Com o suicídio do czar Nicolau I, pouco antes do esmagamento das pretensões expansionistas e do ilusório poderio militar do czarismo diante das potências burguesas na Guerra da Criméia (1853 - 1856), havia-se finalmente aberto na Rússia o caminho para a abolição do sistema de servidão. Com isto, a influente geração de 1840 convertia-se em partidária do ascendente capitalismo ocidental, para a qual a Rússia estaria, através de suas reformas, se aproximando lenta e gradualmente da civilização europeia. Para a nova geração de 1860, fruto das mudanças e de uma nova camada social desprovida de privilégios (filhos de sacerdotes, de oficiais subalternos, de pequenos funcionários, de comerciantes, de nobres arruinados, de pequenos burgueses e de camponeses - em sua maioria, estudantes, seminaristas e professores de escola), chamada de *raznotchintsi* (“os sem classe”), tratava-se

⁴⁰ Herzen foi um dos editores da revista política *Kolokol* (Sino) entre julho de 1857 e abril de 1865, em Londres, e de maio de 1865 a julho de 1867, em Genebra. A *Kolokol* era publicada mensalmente e distribuída por toda a Rússia. Herzen também fundou, em Londres, uma coletânea político-literária, a *Poliarnaia Zvezda* (Estrela Polar), editada entre 1855 e 1862. Rompendo com o “silêncio servil”, a *Poliarnaia Zvezda* contribuiu para a divulgação e o desenvolvimento da literatura e pensamento social russo. Cf. LENINE, V. I. À memória de Herzen. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 488.

⁴¹ Em artigo escrito em abril de 1912 para o jornal bolchevique *Sotsial-Demokrat*, Lênin enalteceu o exemplo dado por Herzen à propaganda revolucionária e à determinação do papel das diferentes classes na revolução russa e internacional. Lênin observou que, já na Rússia da servidão dos anos 40, Herzen havia assimilado a dialética de Hegel, compreendendo-a como a “álgebra da revolução”, mas que acabara parando diante do marxismo; esta parada teria provocado a sua “falência espiritual” após 1848, reflexo da falência das próprias ilusões burguesas, numa época em que o espírito revolucionário da burguesia já morria enquanto o espírito revolucionário do proletariado amadurecia na Europa (Ibid., p. 486 - 491).

⁴² *Obshchina* ou *mir* (comunidade aldeã típica na Rússia). Caracterizava-se pela existência de uma assembleia de camponeses que dividia as terras cultiváveis entre seus membros e determinava os direitos e obrigações de cada um, pela propriedade comum das florestas, rios e pastagens, e por técnicas agrícolas primitivas (BROUÉ, 2014, p. 22). Em seus trabalhos, Herzen apontava que a Rússia seria um país agrário que havia preservado por séculos o princípio socialista nas comunas rurais e cujo campesinato, em consequência, seria o portador de ideias socialistas. Herzen e seus adeptos também citavam como argumento a favor de sua tese a existência do *artel* na Rússia, uma forma de cooperativa de pequenos produtores agrícolas que, em sua opinião, apresentava características socialistas (MARX; ENGELS, 2013, p. 44).

agora de colocar em questão os seus destinos originais, de cumprir honrosamente a sua missão de guia do povo russo na luta direta contra os seus opressores.

1.2. A *intelligentsia* radical por fora das classes

Mal o reinado de Alexandre II, o “emancipador”, havia começado e o czar cujas reformas estimularam as esperanças da geração de 1840 já podia perceber o preço das frustrações que despertara: havia decepcionado as expectativas das principais classes da sociedade russa. Aos olhos dos senhores de terras, os havia privado de seu domínio feudal sobre os camponeses. Quanto a estes, libertara-os do jugo da servidão apenas para deixá-los esmagados pela pobreza e pelas dívidas (com a emancipação, os antigos servos foram obrigados a ceder à nobreza grande parte das terras que tinham cultivado e a pagar pesados empréstimos para manter as que haviam conservado). Não obstante, ainda consideravam o czar um benfeitor e amigo, acreditando ser contra as suas intenções que a nobreza lhes usurpava os benefícios da emancipação.

A esta altura, uma pequena parte da população russa apenas começava a se desligar do campo para formar um proletariado industrial nas cidades em ascensão. Havia, no entanto, um produto da desagregação das velhas castas intermediárias que não encontrava suficientes ofertas de emprego, nem oportunidades para exercer a sua influência política. Rompia com a nobreza, com o clero e a burocracia, com seus costumes atrasados e suas tradições escravocratas. Mas também não se aproximava da burguesia, ainda demasiado passiva e subdesenvolvida. Sentia-se socialmente independente e ao mesmo tempo aprisionada pela repressão czarista. Desta maneira, após a abolição da servidão, o vago terreno fértil para as ideias revolucionárias foi quase exclusivamente ocupado por esta camada, mais precisamente por sua jovem geração de estudantes (os niilistas)⁴³, que na sua maioria, por sua condição de vida, não se elevava acima do proletariado em formação e que, mais frequentemente, se encontrava abaixo dele.

⁴³ O termo niilista se popularizou na Rússia com a obra *Pais e Filhos*, de Ivan Turgueniev, publicada originalmente em 1862. O termo foi aplicado ao protagonista, o jovem intelectual Bazárov, para descrever uma espécie de rebeldia cientificista que “não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio sem exames”. No livro, Turgueniev coloca em evidência a divisão das tendências políticas entre os jovens niilistas da geração de 1860 (“os filhos”) e os conservadores da geração de 1840 (“os pais”). Cf. TURGUENIEV, I. **Pais e Filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1971. p. 19 - 20.

Alexandre II não havia, como seu pai e predecessor Nicolau I, castigado a sociedade com açoites e execuções, mas ainda continuava a espancá-la. Suas reformas na imprensa e educação foram insignificantes: a vida espiritual do país continuava sob a tutela da censura. O Império, no entanto, necessitava de intelectuais e, mesmo contra a sua vontade, formava-os nas cadeiras de suas escolas. Mal havia passado tempo para livrar-se das relações sociais e dos costumes da Idade Média, e uma *intelligentsia* era educada na Rússia passando a acreditar que encontrava sua força nas ideias. A partir dos anos 60, esta geração assimilava a teoria segundo a qual a marcha progressiva da humanidade seria o resultado do pensamento crítico dos indivíduos⁴⁴. Consequentemente, esta *intelligentsia*, que necessitava de uma mudança de regime, convertia-se em inimiga radical do Estado.

Ao mesmo tempo pouco numerosa e isolada, a *intelligentsia* recorreu ao direito de falar e atuar em nome do povo. Porém, na velha Rússia monárquica, povo era sinônimo de camponeses e, assim sendo, os membros desta nova intelectualidade urbana, que aderiram à causa do campesinato e de seu regime comunal de terras, vieram a ser identificados como populistas (*narodniki*). Já em seus primeiros grupos revolucionários, os populistas tomavam para si a tarefa de preparar uma insurreição camponesa. Em 1860, os levantes camponeses em diversos pontos do país provocaram o nascimento de uma pequena organização clandestina em São Petersburgo, a Jovem Rússia (*Molodaia Rossiia*), cujo objetivo era transformar completamente as bases da sociedade por meio da propaganda e agitação no campo. O governo respondeu com medidas repressivas. Por ter tentado dirigir um chamado aos camponeses, Nicolai Tchernichevski fora enviado ao presídio⁴⁵.

Tchernichevski era considerado um líder autêntico de sua geração; um dos principais pensadores do socialismo *narodnik*. Tendo sido parcialmente influenciado por Herzen⁴⁶, vislumbrava na comunidade camponesa russa um meio de passar da formação social

⁴⁴ Sob a influência das doutrinas de Piotr Lavrov e, principalmente, de Mikhail Bakunin, a *intelligentsia* definia o camponês russo como “socialista por instinto e revolucionário por natureza”; considerava que sua tarefa era chamar a uma destruição geral imediata, onde a Rússia iria desembocar em uma federação de comunas livres; pensava como evidente que era suficiente “espalhar as faíscas do pensamento crítico para que se erguessem as labaredas de um imenso incêndio nos bosques e estepes”, conduzindo a Rússia a uma revolução socialista camponesa (TROTSKY, op. cit., p. 40).

⁴⁵ Impedido de escrever ensaios no cárcere, Tchernichevski se dedicou ao romance *O Que Fazer?* Publicado entre o fim de 1862 e o início de 1863, este folheto disfarçado de ficção camuflava através de metáforas o seu caráter político-revolucionário para driblar os censores. Tido em parte como uma “resposta” ao livro *Pais e Filhos*, de Turgueniev, simbolizava o abandono do reformismo liberal da geração de 1840 em favor do caminho revolucionário desejado pela geração de 1860, marcando profundamente a juventude russa de sua época e inspirando a obra homônima de Lênin quarenta anos mais tarde. Cf. TCHERNICHEVSKI, N. **O Que Fazer?** Curitiba: Prismas, 2015.

⁴⁶ Herzen via a comunidade camponesa e a sua extensão para as cidades como um “fim” para todo o Estado; Tchernichevski, por sua vez, a compreendia como um “meio” para se “apropriar de todos os frutos do regime

então existente para um novo estágio de desenvolvimento, superior, por um lado, à própria comuna russa e, por outro, à sociedade capitalista europeia e seus já manifestados antagonismos de classe. Com sua prisão, o czar deveria acreditar que havia decapitado por muito tempo o movimento revolucionário da *intelligentsia*. Em abril de 1866, no entanto, um jovem ex-estudante surgido da pequena nobreza dispararia uma bala contra Alexandre II (não o atingindo, porém). Entre o primeiro panfleto da Jovem Rússia e a primeira agressão armada contra o czar não haviam transcorrido, assim, mais do que seis anos. Desta forma, os populistas encerravam brevemente o seu primeiro ciclo de pequenas dimensões: depois de uma tentativa de levante dos camponeses por meio da propaganda e agitação, chegavam ao terrorismo individual⁴⁷.

A década de 1870 abriria um segundo ciclo revolucionário, de capacidade e envergadura muito mais consideráveis. A partir de 1873, ao renascer após uma breve trégua, o movimento adquirirá o caráter de uma cruzada da *intelligentsia* em direção ao povo. Jovens levariam a propaganda *narodnik* a todos os recantos do país, particularmente à região do Volga, em busca de sua herança rebelde. Estes jovens haviam rompido com o regime de exploração russo, queriam uma revolução completa, sem reformas, restrições ou medidas intermediárias. No entanto, ainda em sua infância revolucionária, estes propagandistas não possuíam experiência com organização dirigente, não tinham um programa claro e não sabiam atuar como revolucionários profissionais. O impulso populista da *intelligentsia* haveria de se chocar com o próprio povo, com a classe camponesa, o que determinaria a trágica marcha do movimento revolucionário russo nos anos 70 e 80.

1.3. Química da destruição e alquimia política

capitalista”, sem experimentar a tortura infligida por este, desenvolvendo-a a partir de seus “próprios pressupostos históricos” na Rússia. Sobre a crítica de Marx às concepções “pan-eslavistas” de Herzen e a sua consideração pelo “grande erudito e crítico russo” Tchernichevski, cf. ENGELS, F. Posfácio [a “Questões Sociais na Rússia”], 1894. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 127 - 142.

⁴⁷ Três anos após o atentado de 1866, um modesto professor de província, Sergei Netchaiev, tentou criar uma associação de conspiradores chamada de Vingança do Povo (*Narodnaia Rasprava*). O trabalho revolucionário foi pormenorizadamente distribuído, porém, mais uma vez, o levante não se deu e Netchaiev terminou seus dias na fortaleza de Pedro e Paulo. No romance *Os Demônios*, de 1872, Fiódor Dostoiévski inspirou sua narrativa fictícia no episódio verídico do assassinato do estudante Ivanov, por ordem de Netchaiev, a quem aquele não havia reconhecido como autoridade revolucionária. Sua publicação pretendia, basicamente, condenar as consequências morais e sociais das ideias niilistas que, entre os anos de 1860 e 1870, haviam levado a juventude russa a práticas “desastrosas e autodestrutivas”. Na linguagem dos próprios grupos radicais de então, a palavra *netchaievchtina* (luta concebida à maneira de Netchaiev) mereceria um duro caráter de reprovação, como sinônimo de métodos de ação baseados no centralismo e na disciplina cega, sob a ditadura de um só indivíduo. Cf. FRANK, J. **Dostoiévski**: sob o manto do profeta, 1871 - 1881. São Paulo: Edusp, 2007. p. 102 - 103.

No transcurso dos anos de 1870, graças ao aumento do preço dos cereais (sobretudo, do trigo), produziu-se na Rússia uma melhora do bem-estar das camadas camponesas superiores, as mais empreendedoras e que determinavam as opiniões no campo. Quanto ao caráter espoliador da reforma emancipadora, continuavam ainda a atribuí-lo aos proprietários nobres, baseando no czar suas esperanças de um futuro melhor. Este modo de pensar não apenas tornava os camponeses inacessíveis à propaganda revolucionária, mas ainda os incitava a considerar os inimigos do czar como seus próprios (a esmagadora maioria dos propagandistas populistas era descoberta, denunciada e presa já no ano de 1874).

A feroz repressão infligida pelo governo sobre os propagandistas estimulou o ardente desejo de se passar das palavras aos fatos. Mas, de que maneira poderia manifestar-se a ação imediata destes pequenos círculos revolucionários, se as aldeias, longe de abrirem seus braços a eles, os repeliam hostilmente? Com maior frequência, golpes diretos passariam a ser desferidos contra os representantes mais odiados do regime czarista. Com isso, começavam na Rússia, de forma cada vez mais sistemática, as disposições para o terrorismo. Já em janeiro de 1878, uma jovem isolada efetua um disparo contra o governador-geral de São Petersburgo. O disparo de Vera Zasulitch não era mais que um espontâneo sentimento de indignação; este gesto, porém, constituía a forma embrionária de todo um sistema. Seis meses mais tarde, outro jovem militante mata o poderoso chefe da guarda de São Petersburgo. Mesmo neste caso, trata-se de uma vingança por companheiros de luta que morreram nas mãos do governo. Porém, este jovem já não é um indivíduo isolado, mas, sim, membro de uma organização revolucionária.

As experiências fracassadas dos anos anteriores haviam imposto a necessidade de uma direção revolucionária organizada, superando os preconceitos contra o centralismo e a disciplina que impregnavam o espírito dos *narodniki*. Grupos provinciais relacionariam-se rapidamente com um centro em formação. Deste modo, e com elementos previamente selecionados, constituiu-se a *Zemlia i Volia* (Terra e Liberdade), primeira organização efetiva do populismo revolucionário. Ao mesmo tempo, um ceticismo cada vez mais vivo caracterizava a atitude destes populistas frente ao povo camponês, tão indiferente aos sacrifícios revolucionários. Tendo rompido em 1879 com o grupo dos populistas da velha escola, que não estavam de acordo em “sair” das aldeias, Terra e Liberdade mudaria de pele e desde então se lançaria no campo político na qualidade de *Narodnaia Volia* (Vontade do Povo). Toda a organização seria reestruturada conforme as exigências da luta terrorista: suas energias e recursos seriam totalmente consumidos na preparação e execução de atentados.

Os novos populistas da Vontade do Povo, os *narodvoltsi*, reconheciam que a conquista das liberdades políticas deveria converter-se na premissa indispensável à revolução social. Enquanto a Terra e Liberdade via o terror apenas como um simples sinal de ação lançado às massas oprimidas do campo, a Vontade do Povo tomava como tarefa realizar a revolução utilizando o terror para desorganizar o governo. Deste modo, o que em princípio havia sido um ato semi-instintivo de vingança transformava-se agora em um sistema coordenado de luta política. A *intelligentsia* esforçava-se para dar à sua debilidade social o auxílio da força explosiva da dinamite. “Em suas mãos, a química da destruição transformava-se em alquimia política” (TROTSKY, 1981, p. 46).

Como consequência da modificação dos objetivos e dos métodos, o centro de gravitação do trabalho se desloca claramente das aldeias para as cidades e das cidades para a capital. Nas ruas de São Petersburgo, o pensamento crítico deveria se alojar num explosivo que tinha por missão colocar os destinos do país à disposição de uma pequena organização socialista. E, no dia 1º de março de 1881, após algumas tentativas mal sucedidas, um jovem membro da Vontade do Povo, Ignatei Grinevitski, empunhando uma bomba atinge seu alvo, matando o czar Alexandre II e morrendo ele também neste atentado. O golpe, desta vez, havia acertado em cheio o coração do regime. De acordo com a concepção terrorista da Vontade do Povo, cada golpe desferido com êxito no inimigo deveria aumentar o prestígio da organização, recrutando novos combatentes, aumentando o número de simpatizantes e, mesmo que não conseguisse despertar as massas, pelo menos injetasse mais ânimo à oposição liberal que se desenvolvia na Rússia.

Nada disso aconteceu. Por sua própria natureza, o terror consumia as forças totalmente educadas que o período de propaganda havia proporcionado à Vontade do Povo, em um prazo infinitamente mais curto do que o necessário para formar novos quadros. O cenário não se mostraria melhor para com a burguesia liberal, a quem os terroristas, tendo desviado o olhar da classe camponesa, contemplavam com crescente esperança. Ao contrário, os liberais, espantados com a intensificação dos atentados, se apressariam em descobrir na Vontade do Povo não um aliado, mas sim o principal obstáculo para a obtenção das reformas constitucionais que desejavam. Em meio a uma população inteiramente hostil, o isolamento político colocou novamente os terroristas ao alcance da polícia. A liquidação desta geração da *intelligentsia* e de suas organizações, por uma série de prisões e processos, se desenvolveria sobre o fundo de uma grande reação social nos anos de 1880.

1.4. A proibição dos ruídos

Imediatamente após o 1º de março de 1881, o comitê executivo da Vontade do Povo propôs a Alexandre III, em uma carta aberta, acabar com a luta terrorista se ele, o novo czar, convocasse os “representantes do povo” para discutir uma constituição russa. Em troca disso, prometiam renunciar à luta revolucionária. O ato terrorista contra Alexandre II, no entanto, não havia encontrado eco no país e o governo recuperava seus ânimos, persuadido de que os terroristas não representavam nada e nem ninguém, salvo seu heroísmo pessoal. Já em abril do mesmo ano, o czar promulgava um manifesto em que declarava a autocracia soberana e irremovível.

As simpatias dos proprietários de terras pelas medidas liberais que haviam convertido a Rússia da servidão em um país de nobreza aburguesada mantinham-se por tanto tempo quanto subsistia a alta dos preços do trigo. A crise agrária mundial nos anos de 1880 provocaria a queda da exportação de trigo para a Europa, mas, por outro lado, abriria a possibilidade de uma forte alta nas tarifas de importação sobre mercadorias industriais provenientes de lá. Era precisamente o que procurava conseguir a jovem indústria russa. Em contrapartida, para agradar os nobres, o czar instituiria, em 1885, o Banco da Nobreza, destinado a conceder empréstimos diretos à sua casta preferencial. Assim, com Alexandre III, se apresentaria a Rússia oficial ao final do século XIX: as funções do Estado pertenciam à nobreza e o mercado interno à burguesia.

Nesta “Rússia para os russos”, as ideias ocidentais, sobretudo constitucionais, estavam banidas. Os ruídos estavam rigorosamente proibidos nas ruas, na literatura e na música. Silêncio e imobilismo impregnariam o quadro social de então. O populismo das décadas anteriores havia consistido em um ódio revolucionário contra a sociedade de classes, baseando-se na utopia de um programa modelado na medida de uma revolução camponesa. No decorrer dos anos de 1880 evaporava-se a intransigência revolucionária, enquanto o espírito utópico subsistia: porém, carente de envergadura, se consubstanciava, agora, em um programa de reformas em benefício dos pequenos proprietários e da jovem burguesia. Não restava aos representantes do populismo a não ser voltar-se para a boa vontade das classes dirigentes, renunciando por completo à herança das gerações de 1860 e 1870⁴⁸.

⁴⁸ Particularmente significativa para esta época, seria a influência de Liev Tolstói sobre os círculos da *intelligentsia* russa. Aferrado com todas as suas raízes à vida aristocrática e espantado com a sua dissolução, o ilustre artista dos romances de cunho realista das décadas de 1860 e 1870, como *Guerra e paz* (1869) e *Anna*

Saída de sua maioria de um meio em que predominavam ainda os costumes feudais e passando pelo período do terror pelas causas do povo, a *intelligentsia*, depois das cruéis derrotas sofridas, tomava o caminho de uma regeneração baseada em concessões burguesas. No entanto, as condições econômicas e políticas na Rússia não se desenvolveriam de forma uniforme e descombinada. A *intelligentsia* realizaria ainda mais uma virada. Na segunda metade dos anos de 1880, um estudante de ciências naturais, Alexandre Ulianov, haveria de entrar na luta, enquanto seu irmão menor, Vladimir, ainda prosseguia com seus estudos em um pequeno ginásio em Simbirsk.

1.5. A última convulsão trágica dos heróis

Desde o aniquilamento da Vontade do Povo, considerava-se que São Petersburgo estava completamente livre de revolucionários. Efetivamente, a maioria dos estudantes havia abandonado o campo político. Nas universidades, passava-se a delinear mais nitidamente uma camada de jovens carreiristas, futuros funcionários do governo, que por sua figura elitista acabavam representando um tipo oposto ao dos niilistas das gerações de 1860 e 1870. Não obstante, ainda se agitava, por detrás das marés da decadência social, um movimento estudantil. Neste terreno, Alexandre Ulianov - que ao longo de seus três primeiros anos universitários havia ocupado apenas de instruir-se em química e biologia, ocultando completamente suas impressões e opiniões políticas - começava a estabelecer relações estreitas com os elementos mais radicais das associações estudantis. Começava, também, a dedicar mais tempo ao estudo das questões sociais. Nestas associações, surgia a ideia de se comemorar o vigésimo quinto aniversário da reforma camponesa na Rússia, com uma cerimônia fúnebre em memória daqueles que haviam se sacrificado pela libertação dos servos.

Nos meses subsequentes os dirigentes do movimento estudantil criariam uma União de suas organizações e, novamente, lançariam a ideia de organizar uma cerimônia fúnebre, desta vez em homenagem aos escritores que combateram contra o embuste em que se transformou a emancipação dos camponeses (dentre esses escritores, Tchernichevski). Os atos haviam adquirido, rapidamente, um caráter de oposição. Quando a multidão de estudantes se

Kariênina (1877), convertia-se num pregador religioso em *Uma confissão* (1882). Suas ideias sobre a paz e a tolerância germinariam em um terreno adubado pelo desmoronamento dos propósitos e esperanças da Vontade do Povo: se a violência revolucionária não havia conseguido derrubar o czarismo, restava agora apenas condená-lo moralmente. Cf. TOLSTÓI, L. **Os últimos dias de Tolstói**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

encontrava voltando do cemitério de Volkovo, em novembro de 1886, foi cercada e detida; em seguida, quarenta dos manifestantes foram expulsos de São Petersburgo. Este acontecimento incitou e transformou os iniciadores da manifestação; um grupo formado pelos mais decididos tirou de sua indignação pessoal e de sua impotência política uma conclusão já consagrada pelo passado: o terror. Alexandre, imediatamente após algumas breves discussões que se sucederam às perseguições, aderiria definitivamente a um pequeno círculo de tendências terroristas.

Desde então, o último período da vida de Alexandre seria dividido entre o laboratório da Universidade de São Petersburgo e o secreto laboratório da conspiração, onde seu grupo preparava um atentado a Alexandre III, exatamente seis anos após o assassinato de seu predecessor, Alexandre II. Seis jovens participariam da elaboração do plano: três deles, dentre os quais Alexandre, consideravam-se herdeiros da Vontade do Povo; os outros três estavam inclinados a denominarem-se sociais-democratas. A diferença entre uns e outros era, entretanto, muito sutil. Os que se denominavam sociais-democratas começavam a reconhecer a possibilidade de aplicar uma teoria revolucionária recém-descoberta pelos russos - o marxismo⁴⁹ - não só ao Ocidente de onde provinha, mas também à própria Rússia. Entretanto, na questão prática de uma luta política imediata, também se pronunciavam em favor do terror. Não é assombroso, portanto, que as duas tendências se houvessem fundido sob a denominação de fração terrorista da Vontade do Povo. Olhando, não para frente, mas para trás, estavam possuídos, sem exceção, pelo exemplo de 1º de março de 1881. Pensavam que, se naquela ocasião, o ato não havia chegado ao fim estabelecido, isso se dava unicamente porque a organização não havia ido até as últimas consequências.

Nascida da intenção de suscitar um movimento das massas camponesas, a Vontade do Povo se propunha ao objetivo de provocar uma insurreição esperando contar, ao menos, com as simpatias das jovens classes burguesa e operária na Rússia. Sem isso, viu-se forçada a concentrar todos seus esforços no czaricídio. O grupo de Alexandre havia começado exatamente pelo mesmo ponto de onde os *narodvoltsi* também já haviam partido em 1881. A

⁴⁹ Alexandre provavelmente leu Marx e também outros livros de economia, política e filosofia, chegando, ao último ano de sua vida, a adquirir conhecimentos em um domínio até então desconhecido por ele. Ainda assim, não eram mais que conhecimentos; não havia elaborado para si uma concepção de mundo, nem aprendido o método necessário para isso. Havia-se atido ao fato consumado da conspiração terrorista e minimizado os desacordos que durante os anos de 1880 e 1890 começariam a cindir o movimento revolucionário russo em dois campos posteriormente irreconciliáveis, resumidos na seguinte alternativa: o estudante com a sua bomba ou a luta de classes com o proletariado? Trótski observa que as tentativas dos historiadores soviéticos “oficiais” de apresentarem a fração terrorista da Vontade do Povo como uma espécie de ponte entre o movimento precedente e a social-democracia, a fim de mostrar Alexandre com uma inspiração teórica e prática para Lênin, não estão justificadas, de modo algum, pela análise dos fatos e das ideias (TROTSKY, op. cit., p. 86 - 87).

conspiração, no entanto, não conseguiu sequer ultrapassar os limites de um estreito grupo estudantil. Não houve tentativas de se fazer propaganda, organizar uma imprensa ou publicar um jornal. Os idealizadores do atentado não contavam nem com a ajuda do “povo”, nem com o apoio dos liberais. Autodenominavam-se não partido, mas, sim, “fração”. Queriam acreditar que no país se encontrariam outros grupos dispostos a atuar espontaneamente e que seu exemplo terrorista bastaria para o êxito. Concluía que a débil *intelligentsia* não poderia defender seu direito de pensar, senão sob a forma do terror. Tais foram as fontes psicológicas do plano fracassado de 1º de março de 1887.

Sem haver desempenhado papel ativo algum nas ruas, Alexandre foi preso ao chegar à casa de outro membro da fração terrorista da Vontade do Povo, convertida em uma armadilha policial após a descoberta da conspiração contra o czar. Alexandre e seu pequeno círculo estudantil iriam representar, em suma, a última convulsão das pretensões já condenadas pelo passado do “indivíduo que pensa criticamente”: ter o sentido de uma missão histórica independente, que deveria derrubar previamente a autocracia por meio do terror para que as classes oprimidas pudessem se lançar à arena política. De forma trágica, seria encerrado o terceiro e último ciclo da *intelligentsia* revolucionária populista na Rússia; aos vinte e um anos de idade, e junto a mais quatro outros jovens estudantes, Alexandre Ulianov era condenado à morte em maio de 1887.

1.6. Um primeiro esboço contraditório

Antes de prosseguirmos, façamos uma sucinta recapitulação dos principais desdobramentos revolucionários russos narrados até aqui. Em 1825, uma elite aristocrática e instruída, os dezembristas, havia se levantado em armas contra o czar. Contudo, tinha contra si a maioria da nobreza; àquela altura, nenhuma classe social era capaz de promover algum progresso democrático na Rússia. As cidades eram poucas e de caráter medieval. As classes urbanas intermediárias eram politicamente negligentes. Os servos do campo revoltavam-se esporadicamente, mas, após a derrota de Pugachev, não haviam realizado mais nenhuma ação em larga escala que tivesse por objetivo a sua emancipação. Os dezembristas eram revolucionários sem uma classe revolucionária que os apoiasse. Esta foi a sua tragédia, e seria a tragédia de todos os revolucionários russos, em suas sucessivas metamorfoses organizativas, até quase o final do século XIX.

Por volta de 1860, uma nova geração de revolucionários radicais fez a sua aparição: os *raznotchintsi*. Provinham das classes médias em deterioração; muitos eram filhos de servidores públicos e de padres da Igreja Ortodoxa russa. Também eram revolucionários em busca de uma classe revolucionária. A burguesia ainda se mostrava omissa. Os funcionários da burocracia czarista se atemorizavam com o comportamento rebelde de seus filhos. O povo do campo era apático e passivo. Apenas um setor da nobreza favorecia certa medida de reformas, nomeadamente uma parcela de senhores rurais ansiosos por adotarem os métodos modernos de lavoura, por se lançarem na indústria capitalista e em seu comércio internacional, e que por isso desejavam ver abolida a servidão e liberalizadas a administração do Estado e a educação. Quando Alexandre II viu-se obrigado a ceder à persuasão desses senhores, obteve para o czarismo a fidelidade inabalável dos camponeses por várias décadas. A lei de emancipação de 1861 havia, por conseguinte, isolado novamente os revolucionários russos. Entretanto, o problema agrário continuava sem solução. Os servos foram emancipados, mas não receberam terras, tendo que contrair grandes dívidas e a sujeitar-se a trabalhos forçados para poderem continuar sobrevivendo. O modo de vida no Império continuava, portanto, anacrônico. Esse estado de coisas aliado à constante opressão autocrática impeliu contingentes cada vez maiores de novos intelectuais à revolta, à ventilação de novas ideias e à experimentação de novos métodos de luta política.

Os populistas, inspirados por Herzen e Lavrov, por Bakunin e Tchernichevski, atuaram inicialmente como vanguarda dos camponeses. Mas quando apelaram aos mujiques e tentaram lhes advertir para a fraude da emancipação, e para os novos processos de dominação sob os quais o czar e os latifundiários nobres os mantinham sujeitos, os ex-servos recusaram-se a sequer escutar os seus porta-vozes. Não raro os entregaram nas mãos da polícia, atraíndo, assim, a sua própria elite dirigente. Os sucessores dos *narodniki*, os *narodvoltsi* da geração de 1880, abandonaram a aparentemente inútil busca de uma força popular revolucionária no país. Decidiram atuar sozinhos como os mandatários de um povo oprimido e mudo. Seu terrorismo político tomou o lugar do populismo agrário de seus antecessores. O propagandista e agitador da geração anterior, que “se dirigia ao povo” e que muitas vezes tentava viver entre os próprios camponeses, fora substituído pelo conspirador solitário, heroico, determinado a vencer ou a morrer, tomando sobre si a tarefa que a sociedade era incapaz de realizar. O círculo cujos membros assassinaram Alexandre II consistia em algumas dezenas de homens e mulheres. Seis anos depois, meia dúzia de jovens, dentre os quais Alexandre Ulianov, formava o grupo que planejou o atentado contra a vida de Alexandre III.

Se o fracasso dos populistas das décadas de 1860 e 1870 demonstrou a irreabilidade das esperanças de que se conseguisse uma subelevação baseada nos camponeses, o martírio da geração de 1880 expôs, uma vez mais, a fragilidade de uma vanguarda que agia sem o apoio de quaisquer classes sociais fundamentais. Estas experiências frustradas ensinariam lições inestimáveis aos revolucionários das décadas seguintes, sobretudo a de que não deviam atuar como vanguarda isoladamente, mas sim procurar o apoio de uma classe verdadeiramente revolucionária; e procurá-lo para além dos camponeses (algo que o desenvolvimento da industrialização na Rússia iria lhes resolver)⁵⁰.

Se parássemos neste ponto, no entanto, teríamos apenas uma visão unilateral dessa tela de fundo inicial, sobre a qual formas e cores ainda devem lhe dar vida. Durante o século XIX, pensamento e ação revolucionários na Rússia foram, em todos os seus estágios, decisivamente influenciados pelas ideias e movimentos ocidentais. Os dezembristas, por exemplo, pertenceram à “ressaca” europeia da Revolução Francesa e de seus ideais liberais. Muitos deles foram, após a queda de Napoleão, jovens oficiais das tropas russas de ocupação estacionadas em Paris; e o contato com a revolução, mesmo que derrotada, foi suficiente para lhes incendiar o espírito. Os inspiradores teóricos do populismo haviam sido formados pelos acontecimentos revolucionários de 1830 e 1848⁵¹, pelo socialismo francês, pela filosofia alemã e pela economia política britânica. Não é de admirar, portanto, que escravófilos e apologistas do czarismo denunciassem a social-democracia tempos depois como produto da Europa “decadente”. Desta forma, no decurso de mais de meio século, os revolucionários russos acompanharam atentamente as últimas palavras e atos socialistas que chegavam do Ocidente. O fato de o czarismo ter forçado muitos destes revolucionários a levar uma existência na emigração, fez com que os russos possuíssem uma riqueza de contatos ainda maior com as teorias e movimentos desencadeados ao redor do mundo.

⁵⁰ Para uma sinopse particularmente didática sobre o período revolucionário pré-marxista na Rússia, cf. DEUTSCHER, I. **A Revolução Inacabada: Rússia 1917 - 1967**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 1 - 18.

⁵¹ A revolução inglesa de 1648 serviu como protótipo para a revolução francesa de 1789; em ambas, a burguesia foi a classe que encabeçou o movimento contra a monarquia, a nobreza e as suas instituições feudais, sem que o proletariado e as camadas intermediárias da população possuíssem quaisquer interesses separados dos dela. Após o período de restauração do absolutismo na França, os atos revolucionários de 1848 colocaram os interesses dos operários em primeiro plano, quando estes proclamaram a República com a ajuda passiva da burguesia. Meses depois, a insurreição francesa se transformaria na primeira grande batalha entre as duas classes principais em que se divide a sociedade moderna; e, apesar do estabelecimento da ordem burguesa, o proletariado conquistava pioneiramente o terreno político para lutar pela sua emancipação revolucionária. Se em 1648 e 1789, a burguesia era a classe que representava toda a sociedade moderna em face dos representantes da velha sociedade, em 1848 ela mesma já pertencia à velha sociedade, colocada ao leme da revolução, não porque o proletariado a seguisse, mas porque o proletariado a empurrava. Outrora revolucionária diante dos conservadores, tornava-se conservadora diante dos revolucionários. Cf. MARX, K. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 93 - 198.

Os primeiros marxistas russos começariam, como se poderia supor, pela refutação das teses populistas e terroristas. Rejeitariam o socialismo agrário, a idealização sentimental dos camponeses, as versões radicais do eslavofilismo e a ideia quase messiânica de uma missão revolucionária exclusiva no país. Repudiariam o anarquismo, a autoglorificação do intelectual radical e a elite conspiradora autossuficiente. Optariam pela organização democraticamente orientada e pelas modernas formas de atuação das massas. Ao longo de três gerações, a doutrina populista havia ignorado qualquer devir ao capitalismo na Rússia, não atribuindo à classe operária nenhum papel autônomo na revolução. No entanto, a propaganda socialista, calculada em seu teor para atuar sobre as aldeias, só encontraria um eco de aprovação nas cidades. Apesar disso, os movimentos de 1860, 1870 e 1880, somente conseguiram reunir, além de seus representantes intelectuais, alguns operários industriais isolados, e em torno de um programa baseado em uma insurreição fundamentalmente camponesa. Em seu último momento, a Vontade do Povo não representou a vontade do “povo” e nada foi capaz de fazer para desenvolver-lhe a consciência de sua necessidade de transformação social, organizando-a em seus diferentes níveis. Desta maneira, manifestou-se a contradição do populismo e prepararam-se os elementos críticos para a sua primeira negação⁵². Porém, ao chegar a uma teoria que se apoiasse sobre as reais tendências da sociedade moderna, os revolucionários russos deveriam encontrar-se simultaneamente com a sua força criativa: o proletariado.

⁵² Benoit aponta que a história interna das formas organizativas revolucionárias na Rússia, de certa maneira, sofreu um processo de desenvolvimento dialético similar àquele ocorrido na Europa Ocidental (que teve a Revolução Francesa como grande experiência inicial). A sua primeira fase seria caracterizada pela exterioridade em relação ao movimento das massas, assumindo, portanto, feições jacobino-blanquistas (populismo, anarquismo e terrorismo russos). Seus principais traços seriam: conspirativismo clandestino, centralismo, orientação militarista e crença de que a ação rápida de uma minoria disciplinada e incorruptível poderia substituir a luta de classes. A segunda fase, que teria como demarcações ocidentais inaugurais as derrotas de 1848 e da Comuna de Paris em 1871, se iniciaria com a implantação do marxismo e representaria a negação de todo o período anterior, passando-se unilateralmente para o polo oposto da publicidade e da legalidade das organizações operárias de massa. Cf. BENOIT, H. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. **Outubro**, São Paulo, n. 2, p. 47 - 61, 1998. p. 47 - 49.

2. A FORÇA CRIATIVA

2.1. Cisão sob o manto da reação

O regime de Alexandre III atravessava o seu momento culminante. A desagregação dos círculos revolucionários e o estrangulamento das universidades fizeram com que o estado de ânimo da juventude estudantil descesse ao seu ponto mais baixo, sem que esta desempenhasse qualquer resistência à violenta repressão czarista levada a cabo desde 1887. O acontecimento do “segundo 1º de março” havia sido a última convulsão trágica do período da Vontade do Povo. Um clima mental de desalento impulsionava milhares de antigos simpatizantes do populismo a fundirem-se já não mais com o “povo”, mas agora com as classes dominantes e com a sua burocracia. Contudo, seria justamente no curso desta época de reação que se produziria um acontecimento teórico e político de significativa importância: o surgimento efetivo do marxismo entre os russos.

Ao longo de quase todo o século XIX, o território czarista havia conseguido sustentar suas bases sociais na contradição objetiva entre sobrevivências feudais e necessidades capitalistas. As conspirações e atentados da *intelligentsia* manifestavam subjetivamente esta contradição e esboçavam os primeiros traços de uma revolução que estava por vir. E, já desde esses primeiros traços da história revolucionária russa, podemos estabelecer certa relação de interdependência entre os atos da *intelligentsia* e as agitações dos operários industriais. Em 1861, a emancipação dos servos do campo havia se traduzido nas cidades por meio das primeiras greves operárias que demonstravam o descontentamento do “povo” com o caráter usurário das reformas e com a carência de direitos civis e liberdades políticas. Influenciados pela teoria populista, então predominante, os operários se esforçavam por considerarem-se membros da comuna de repartição rural (o *mir*), de onde muitos provinham originariamente. Mas, ao fazerem um apelo “camponesófilo”, ao qual os próprios camponeses permaneciam surdos, os operários mais avançados começavam a dar uma interpretação que pudesse corresponder a sua própria situação social, criando nas cidades as primeiras organizações proletárias e formulando as primeiras reivindicações de liberdade de expressão, de associação, de reunião e de convocação de uma representação popular.

As grandes greves petersburguesas de 1878 e 1879 foram responsáveis por fazer subir a temperatura nos grupos revolucionários de então e provocaram imediatamente a passagem dos populistas para a sua tática de luta terrorista. Por sua vez, membros da Vontade do Povo, na busca por reservas de combatentes, ocuparam-se de fazer propaganda também entre os operários das cidades. Quando a própria Vontade do Povo encontrou-se destruída, os círculos operários, que haviam sido estimulados pela organização, continuaram existindo nas províncias por muito tempo e sob a persistência das ideias populistas. A esta altura, no entanto, os populistas já haviam incluído Marx ao número de seus mestres. A tradução para o russo do Livro I de *O Capital*, iniciada por Mikhail Bakunin e concluída por Nicolai Danielson, em 1872 (a primeira deste livro no exterior, cinco anos após a sua primeira edição em alemão)⁵³, havia encontrado uma receptividade muito favorável nos círculos radicais russos. As análises ali contidas eram admitidas pela *intelligentsia*, assim como a denúncia dos graves erros cometidos pela Europa Ocidental, servindo como advertência em relação a um falso rumo a ser tomado na Rússia. Entretanto, os revolucionários russos tinham descoberto em *O Capital* não apenas uma exposição minuciosa do modo e das relações de produção capitalistas, mas uma condenação moral das suas bases de exploração e, conseqüentemente, uma projeção de luzes sobre “os melhores princípios de vida” na Rússia: o *mir* e o sistema cooperativo de pequenos produtores agrícolas (o *artel*). Nesta combinação entre o objetivo socialista e a idealização das bases da servidão residia um dos maiores equívocos do sistema teórico do populismo. Não levaria muito tempo para o próprio Marx adivinhar a raiz da confusão⁵⁴.

⁵³ Em março de 1872 chegava à secretaria da censura russa um pesado volume sobre economia política, escrito em alemão. O autor era conhecido por suas teorias socialistas e todos os seus livros anteriores haviam sido proibidos. Tratava-se de uma crítica ao moderno sistema fabril e apesar da lei de censura russa já haver sido liberalizada, permanecia ainda uma clara proibição a todas as obras que abordassem as “nocivas” doutrinas do socialismo. No entanto, acharam os censores que esta robusta obra, “674 páginas de compacta análise estatística”, era demasiadamente difícil para poder ser considerada uma ameaça ao Estado. “Pode ser afirmado com segurança”, concluiu o primeiro dos censores, “que muito poucos na Rússia o vão ler e que menos ainda o irão compreender”. E o segundo censor acrescentou que para, além disso, o autor atacava o sistema de fabricação britânico, e que sua crítica não seria aplicada à Rússia, onde a “exploração capitalista de que ele fala não é conhecida”. Nenhum dos dois censores achou necessário impedir a publicação desta obra “estritamente científica”. Cf. FIGES, O. **A tragédia de um povo** - a Revolução Russa 1891 - 1924. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁵⁴ Em novembro de 1877, Marx enviou ao periódico russo de orientação populista, *Otechestvennye Zapiski* (Notas Patrióticas), um artigo em resposta a um ensaio publicado por Nicolai Michailovski, um dos principais teóricos do movimento *narodnik*. O ensaio de Michailovski se apresentava como uma “defesa” de Marx contra um artigo publicado pelo economista burguês Juli G. Jukovski, mas acabava por lhe atribuir uma visão totalmente unilinear da história, algo como uma “teoria histórico-filosófica geral”. Em sua resposta, Marx reforçou que o capítulo XXIV de *O Capital* sobre a acumulação originária, no qual descreve a brutal expropriação dos camponeses e conseqüente privatização das terras de uso coletivo, correspondia unicamente ao processo histórico da Europa Ocidental, e em particular da Inglaterra. Marx sugeria que o futuro da Rússia, assim como de outros países não ocidentais, ainda estava em aberto, e não necessariamente teria de seguir o mesmo caminho que levou à

Como vimos, em 1879 a organização revolucionária Terra e Liberdade havia se dividido em duas: uma, a Vontade do Povo, que expressava uma tendência político-democrática e que abarcava os elementos mais combativos da experiência anterior; e outra, que viria a ser conhecida como a Partilha Negra (*Tchorni Peredel*), e que se esforçava por salvaguardar os princípios puramente populistas de uma revolução camponesa socialista. Como os melhores operários, a juventude estudantil e mesmo os camponeses mais ativos haviam se dirigido para a Vontade do Povo, os dirigentes da Partilha Negra, tendo perdido toda a sua força de atração, viram-se obrigados a emigrar do solo russo, um após o outro, durante os repressivos anos de 1880 e 1881. Estes revolucionários, que inicialmente não quiseram diluir-se em uma luta terrorista por uma constituição liberal-burguesa, tinham que tratar de encontrar uma parte do “povo” ao qual poderiam ligar-se. Sua própria experiência já começava a lhes demonstrar que somente os operários industriais eram acessíveis à propaganda socialista. Porém, este trabalho significava toda uma revisão ideológica, tanto filosófica como artística, em relação à literatura populista. E embora a Partilha Negra não viesse a desempenhar nenhum papel verdadeiramente revolucionário na Rússia, caberia a ela a tarefa de servir de elo entre o movimento populista precedente e a social-democracia que estava prestes a fazer sua aparição.

2.2. As ilusórias esperanças de uma reconciliação

Durante um curto intervalo de tempo, dirigentes da Partilha Negra estiveram próximos de um acordo com os terroristas da Vontade do Povo, de quem haviam se afastado durante seus primeiros anos de emigração. Quando a organização Terra e Liberdade cindiu-se em duas, seus membros não excluíram por completo uma possibilidade de reaproximação, apesar das diferenças de princípios e de programas entre ambas as frações. A divisão havia sido amistosa; a ausência de ataques contundentes da Partilha Negra à Vontade do Povo era prova do desejo de não entrar em polêmicas que poderiam aprofundar as diferenças e fazer difícil, senão impossível, uma futura e proveitosa reconciliação.

formação do capitalismo ocidental. Embora a palavra “socialismo” não apareça neste escrito, Marx parecia apontar claramente a possibilidade de uma via não capitalista para a Rússia. “O resultado a que cheguei foi este: se a Rússia prosseguir no rumo tomado depois de 1861, ela perderá a melhor chance que a história já ofereceu a um povo, para em vez disso, suportar todas as vicissitudes fatais do regime capitalista”. Cf. MARX, K. Carta à redação da *Otechestvenye Zapiski*, 1877. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 57 - 69.

Em contraste com o movimento *narodnik* em clara recessão, a bravura e o espírito de sacrifício dos *narodvoltsi* da Vontade do Povo haviam ganhado muito prestígio na velha Rússia. Os estudantes mais radicais, os profissionais de mentalidade liberal e os operários partidários de maiores liberdades políticas depositavam seu apoio moral, dinheiro e uma série de simpatizantes a esta organização terrorista. O próprio Marx viria a proclamar sua admiração pelos militantes da Vontade do Povo, qualificando a Rússia como destacamento de “vanguarda do movimento revolucionário da Europa” e o czar de “prisioneiro de guerra da revolução”⁵⁵. Àquela altura, os dirigentes da Partilha Negra também estavam convencidos dos méritos dos terroristas para o movimento revolucionário russo. Acreditavam que, independentemente de seus equívocos teóricos, eram a única força que lutava com vigor e valentia frente ao despotismo czarista. A oposição ao terrorismo havia sido em grande medida consequência da convicção inicial de que as reivindicações de caráter político-liberal eram incompatíveis com um programa socialista baseado no “povo do campo”. As repercussões positivas dos atos terroristas pareciam, no entanto, haver reduzido as diferenças entre a Vontade do Povo e a Partilha Negra.

De fato, quando os revolucionários receberam no exterior a notícia do assassinato de Alexandre II, poucos foram os que imediatamente compreenderam que, em seu momento de maior triunfo, a Vontade do Povo demonstrava sua impotência. A força capaz de iniciar um golpe decisivo contra o czar não foi seguida de um assalto definitivo contra o Estado. Os terroristas que conseguiram conservar sua liberdade não fizeram mais que enviar uma carta ao herdeiro do trono oferecendo interromper suas atividades em troca de certas reformas políticas. A carta dos militantes da Vontade do Povo era na verdade um ato de debilidade; um atestado de que podiam desorganizar o governo, porém não derrubá-lo. Totalmente consciente desta incapacidade, Alexandre III colocou seus planos em marcha com algumas débeis concessões e emplacou um reinado digno de notar-se por seu caráter reacionário. Entregues no exílio aos estudos de um recém-descoberto marxismo, os principais dirigentes da Partilha Negra iam adquirindo a consciência de que, na ausência de uma classe capaz de impor limites ao poder do czar, os sacrifícios heroicos dos terroristas não poderiam mais ter projeção alguma. Mesmo que ainda não estivessem seguros dos acontecimentos na Rússia, ou mesmo das missões dos próprios socialistas, iam se convencendo progressivamente de que os terroristas não haviam indicado o correto caminho para a revolução.

⁵⁵ Cf. Prefácio à edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*, de 1882. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 16.

À luz dos acontecimentos, os *narodvoltsi* haviam perdido todas as esperanças de despertar o “povo” para a ação revolucionária e, claramente, não tinham mais intenção de reiniciar a agitação entre as massas. Por isso, se quisessem trabalhar em favor de uma revolução, não lhes parecia haver mais alternativa senão a tomada direta do poder por meio de um novo atentado promovido por conspiradores. Contrariados mais uma vez com a linha adotada, os membros da Partilha Negra não abandonavam completamente a ideia de unir forças com a Vontade do Povo, ainda expressiva e cujos militantes, em sua concepção, careciam principalmente da elementar compreensão do socialismo e do movimento revolucionário na Europa Ocidental. A concepção política da organização, logo após o assassinato do czar, descansaria sobre a premissa de que a correção da linha ideológica do movimento revolucionário seria mais importante do que os planos de fusão prematura e indiscriminada. Uma união em fins de 1881 poderia significar a perda virtual da possibilidade de arrastar qualquer movimento em direção ao marxismo. Paradoxalmente, se quisessem que o marxismo tivesse alguma influência, deveriam estreitar filas com seus antigos colegas; não poderiam discutir com os representantes da Vontade do Povo apenas por uma questão de força. Para evitar esta situação, desejavam uma associação oportuna de modo que pudessem “reeducar por dentro” o movimento revolucionário.

Finalmente, em 1882, os dirigentes da Partilha Negra e da Vontade do Povo pareciam haver chegado a um acordo verbal sobre a fusão entre ambas as organizações. No entanto, a Partilha Negra deveria se dissolver para que seus membros pudessem ser admitidos, individualmente e por votação, pelos representantes da Vontade do Povo. O grupo da Partilha Negra sentiu-se ultrajado, pois imaginava exercer uma poderosa influência sobre a organização e agora estava na iminência de uma mera exploração de suas capacidades individuais. Seriam considerados membros da Vontade do Povo, quando na verdade não o eram, e nem o desejavam. Na realidade, ambas as frações estavam perdendo o interesse na união para a qual se preparavam por pouco mais de dois anos. As diferenças de fundo eram demasiadas amplas para permitirem uma unidade estável e duradoura. Um golpe terrorista para a tomada do poder por um grupo de conspiradores revolucionários pouco tinha em comum com os princípios dos exilados russos, tal como estes se apresentavam em início dos anos de 1880. Ainda que sentissem simpatia por todos os comprometidos com uma luta intransigente contra o inimigo comum, os membros da Partilha Negra passavam a adotar posicionamentos claramente mais marxistas, com suas correspondentes implicações político-

partidárias social-democratas, se fazendo cada vez mais críticos em relação às posturas ideológicas dos militantes da Vontade do Povo.

Como as duas tendências não podiam conviver em harmonia, era inevitável que uma tentasse absorver a outra. Quando isto se demonstrou impossível, pouco interesse poderia haver em uma associação continuada. Os militantes da Partilha Negra procuravam beneficiar-se da popularidade da Vontade do Povo, ao mesmo tempo em que pretendiam dar à organização um conteúdo social-democrata. Os dirigentes da Vontade do Povo, por sua vez, pretendiam aproveitar o talento dos membros da Partilha Negra em benefício de sua organização, sem conceder-lhes a supremacia de seus pontos de vista. Para os principais dirigentes da Partilha Negra, a perspectiva tornou-se tão desfavorável que teve como consequência a discussão de uma nova concepção revolucionária. Boa parte das indicações para esse novo caminho pertenceria a um dos líderes da organização e primeiro marxista russo de expressão: Georgi Plekhanov⁵⁶.

2.3. Um respeitado colega de ofício

Plekhanov havia chegado a Genebra, na Suíça, em janeiro de 1880. Retirado do tumulto da vida revolucionária russa, entregou-se com afincamento aos estudos e às reflexões no exílio. O breve período que se estendeu até 1882, demonstrou ser dos mais decisivos à sua vida intelectual: foram nestes anos que suas ideias começaram a se arrastar do populismo ao marxismo. A pretensão de uma descoberta das “leis objetivas da história” por Marx havia exercido sobre ele enorme atração, com a subsequente implicação de que “o socialismo moderno havia adquirido uma base científica”⁵⁷. Na emigração, entregou-se à busca de ideias e dados que pudessem ajudá-lo a compreender a Rússia em relação ao desenvolvimento dos países ocidentais; desde então, inclinou-se muito menos que os *narodniki* de sua geração a considerá-la como uma nação *sui generis* e com uma missão “especial”, passando a sustentar que as teorias populistas poderiam ter feito uma falsa descrição do caráter e das potencialidades da sociedade russa e que, por esse motivo, deveriam ser revisadas para continuarem servindo como base ideológica do movimento revolucionário.

⁵⁶ Além de Plekhanov, os principais dirigentes da Partilha Negra eram Pavel Axelrod, Lev Deutsch e Vera Zasulich (a mesma jovem *narodnik* que efetuou um disparo contra o governador czarista de São Petersburgo, em 1878).

⁵⁷ BARON, S. H. **Plejanov, el padre del marxismo ruso**. Madrid: Siglo XXI, 1976. p. 85.

Conforme ia conduzindo seus estudos, gradualmente suas dúvidas sobre a compatibilidade entre o marxismo e o populismo de inspiração bakuninista foram se fazendo cada vez maiores. É provável que a consciência do conflito entre anarquismo e marxismo no movimento socialista internacional⁵⁸ o havia levado à pesquisa das fontes primárias de cada um deles. Seja como for, sua chegada ao exterior havia lhe proporcionado uma nova e mais clara visão dos princípios gerais do marxismo, deduzindo deste as bases conceituais para uma compreensão mais concreta da sociedade. No entanto, antes de passar à completa adesão do marxismo e de propor um programa revolucionário social-democrata para a Rússia, Plekhanov se esforçava no início da década de 1880 para resolver uma problemática teórica particular: como fundamentar uma luta política em benefício de uma revolução segundo a teoria socialista? Como um movimento socialista poderia participar de tal luta a partir de seus próprios princípios?

Influenciado por Engels em sua polêmica com o populista Piotr Tkatchov⁵⁹, Plekhanov começava a aceitar, em seus primeiros artigos escritos para o periódico da Partilha

⁵⁸ Em setembro de 1864, Marx e Engels haviam reunido as forças revolucionárias para a criação de um ativo partido internacional do proletariado. Esta organização, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT, posteriormente conhecida como a 1ª Internacional), surgiu, sob a direção de Marx, à base do crescente movimento operário nos principais países da Europa. Sua tarefa consistia em unir os movimentos operários (em seus níveis diversos de desenvolvimento), organizar a unidade de ação dos vários elementos, superar suas tendências sectárias e elevar o movimento operário dos diversos países a um nível mais alto. Dentre as diferentes tendências, encontrava-se a influente ala anarquista liderada por Bakunin, que apenas havia aderido à Internacional em 1868. Defendendo uma organização não centralizada, sua tese era a de que o movimento livre e espontâneo das massas colocaria fim ao Estado, às classes sociais e à opressão. Bakunin e seus seguidores adotavam frequentemente práticas cisionistas no interior da 1ª Internacional. No Congresso de Haia, a maioria dos delegados presentes apoiou as posições defendidas por Marx e Engels contra Bakunin, aprovando a sua expulsão da organização em setembro de 1872.

⁵⁹ Ao lado de Lavrov e de Bakunin, Tkatchov pertencia ao grupo dos principais ideólogos do populismo revolucionário russo, que sonhava com um socialismo baseado no *mir* e no *artel*. Entre 1874 e 1875, Engels publicou uma série de artigos de capa no jornal alemão *Der Volksstaat* (O Estado Nacional), sob o título de *Literatura de refugiados*. Em um desses artigos, Engels se voltou contra a tática política de Lavrov, que defendia um compromisso com os anarquistas, e alertou sobre os perigos do bakuninismo para o movimento internacional dos trabalhadores; nesse mesmo artigo, Engels tangenciou algumas concepções políticas de Tkatchov. No fim de 1874, Tkatchov publicou em Zurique uma brochura com o título *Carta aberta ao senhor Friedrich Engels*, na qual se voltou contra as observações críticas de Engels a seu respeito. Nela, explicitou suas concepções sobre um caminho próprio de desenvolvimento social da Rússia, com a ajuda das comunas rurais. Em seus dois artigos seguintes, Engels discutiu criticamente a concepção populista de Tkatchov, proclamando que não havia condições na Rússia para uma revolução socialista, já que esta só poderia ter lugar onde as forças produtivas haviam atingido seu nível mais alto, isto é, na Europa Ocidental. Engels estava convencido da iminência de uma revolução contra o czarismo na Rússia, mas acreditava que esta não poderia assumir imediatamente feições socialistas: num primeiro momento, deveria ter um caráter burguês-constitucional. De qualquer forma, ele excluía que a comuna rural russa pudesse servir de base para qualquer desenvolvimento socialista. Nas palavras de Löwy, trata-se para o marxismo de “uma espécie de momento zero na interpretação da Rússia”, então fundamentada por Engels em uma teoria da história etapista e em um inegável determinismo econômico. É exatamente este ponto de vista que Marx - e mais tarde, em certa medida, o próprio Engels - irá superar em seus escritos sobre a Rússia, a partir de 1877. Cf. LÖWY, M. *Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do Progresso*. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 9 - 16.

Negra, a luta por uma constituição burguesa e por liberdades políticas, ao invés de uma revolução agrária que daria origem a uma ordem anarco-socialista russa. Tal resposta implicava em um desenvolvimento do capitalismo na Rússia, a exemplo do Ocidente, e na impossibilidade de um destino histórico singular reservado a este país e às suas comunas aldeãs. Contudo, se os socialistas faziam da luta pela constituição e pelas liberdades políticas um objetivo primário, estariam servindo aos interesses de seus futuros exploradores; se convertiam, de fato, em servidores dos interesses da burguesia. Propenso de início a considerar economia e política duas esferas mutuamente excludentes, Plekhanov definia como missão adequada aos revolucionários um trabalho de agitação com base nas necessidades “econômicas” do povo, enquanto a agitação e propaganda pelas liberdades políticas deveriam ser levadas a cabo pela própria burguesia e seus representantes. A questão agrária, afirmava então, continuava sendo prioritária, porém tornava-se necessário atentar para o seu deslocamento aos centros industriais em formação. Seu esboço de primeiro programa político social-democrata não havia deixado, portanto, de tentar conciliar o populismo com o marxismo. Todavia, suas próprias experiências, ainda enquanto se encontrava na Rússia, já o faziam falar com muito mais entusiasmo dos resultados da agitação entre os operários industriais do que entre o “povo do campo”. Deste modo, ainda que fazer causa comum com a burguesia contra o absolutismo pudesse inicialmente lhe parecer uma traição fundamental aos princípios socialistas, continuar atuando exclusivamente na base dos dogmas obsoletos do populismo lhe fazia agora tão pouco sentido como a cega aceitação por uma enorme parte da população russa nas atrasadas crenças religiosas ortodoxas.

Até fins de 1881, Plekhanov confidenciaria a Lavrov (de quem havia se tornado amigo nos primeiros anos de emigração) que, de fato, a Rússia estava entregue a via capitalista e que todas as outras vias lhe estavam fechadas. Havia se sentido obrigado a aceitar as superiores qualidades revolucionárias dos operários em comparação aos camponeses e, ao admitir o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e, também, de uma classe operária ali, replicava as constatações do marxismo já realizadas no Ocidente. Como consequência, Plekhanov desatava finalmente o laço que havia estabelecido entre o populismo e o marxismo em seu pensamento (com o auxílio direto do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, cujo prefácio escreveu para a sua tradução em russo na primavera de 1882). Sua rápida evolução ideológica o havia levado a uma postura que representava uma grande inovação no pensamento revolucionário russo. Agora, estava convencido de que não havia na história da Rússia diferenças fundamentais que a separassem da história da Europa Ocidental. A tática

que recomendava aos socialistas russos era a mesma que Marx e Engels haviam recomendado aos comunistas alemães⁶⁰: lutar com a burguesia, enquanto esta se mostrasse revolucionária contra o absolutismo, e, ao mesmo tempo, fazer todo o possível para que os trabalhadores se dessem conta claramente dos antagonismos de interesse entre a burguesia e o proletariado. A revolução, assim, deveria ter primeiramente um caráter burguês, mas, uma vez caído o absolutismo, as massas estariam em condições de reclamar e obter os direitos políticos que seriam de grande ajuda na batalha pelo socialismo, que seria aberta imediatamente após a queda do regime czarista. Desta forma, tal como os dezembristas, Herzen e a geração de 1840 haviam intentado “ocidentalizar” cultural e politicamente a Rússia, Plekhanov buscava “ocidentalizar” o socialismo russo, esperando converter o marxismo em tendência dominante.

Nessa época, as necessidades de desenvolvimento capitalista na Rússia avançavam para uma contradição cada vez maior para com os empecilhos feudais e, ao mesmo tempo, criavam mais forças para a luta contra estes. Aos operários russos caberia apoiar a burguesia liberal e a *intelligentsia* nos seus esforços por conquistar uma constituição, ajudando a classe camponesa no seu levante contra os restos da servidão. Por outra parte, a *intelligentsia* deveria teoricamente afincar-se no terreno do marxismo e dedicar suas forças à propaganda pela conquista das liberdades políticas entre o proletariado, essenciais para uma luta posterior pelo socialismo. Traçadas em linhas gerais, esta era a nova concepção revolucionária que enfim se forjava com o jovem Plekhanov. A sua situação e a dos demais inovadores, no entanto, não era simples. Manifestando-se como anunciadores teóricos do proletariado, foram obrigados nos primeiros tempos a dirigirem-se à camada social a qual eles mesmos pertenciam. Deste modo, entre estes pioneiros e os operários que despertavam, levantava-se o tapume intermediário e tradicional da *intelligentsia* russa. As velhas opiniões estavam tão fortemente arraigadas que Plekhanov e seus principais companheiros na emigração - Axelrod, Deutsch e Zasulitch - decidiram evitar a denominação de social-democracia para uma célula criada por eles em seu exílio suíço, em 1883: o grupo Emancipação do Trabalho (*Osvobozhdenie Truda*). Seria justamente esta célula que marcaria o nascimento da primeira organização marxista russa, episódio que pareceria pouco importante em seus primeiros anos, mas que, desde seus momentos iniciais, carregava uma clara e inevitável implicação: demolir o socialismo “russo”, o populismo.

⁶⁰ Referimo-nos aqui às passagens escritas por Marx e Engels nas páginas finais do *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em Londres, em fevereiro de 1848. Cf. MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 46 - 47.

2.4. A força explosiva das ideias

Durante os primeiros anos de vida do grupo Emancipação do Trabalho, Plekhanov foi o responsável por assentar os principais alicerces ideológicos da social-democracia russa. A firme construção de sua contribuição está contida em suas obras mais importantes deste período⁶¹: *O socialismo e a luta política* (1883) e *Nossas diferenças* (1885), esta última representando o sistema teórico e o programa prático que havia elaborado no exílio ao longo da primeira metade da década de 1880. Ambas estavam determinadas por seu próprio passado pessoal, bem como pelo estado do movimento revolucionário naquele momento, tal como Plekhanov o via. Dado que em um espaço de poucos anos havia passado de *narodnik* à marxista, inevitavelmente grande parte de sua atenção estava dedicada à crítica do populismo. E mais, em sua opinião, o momento exigia tal crítica, uma vez que a inalterada fidelidade da maioria dos socialistas aos princípios populistas havia sido a origem de uma aguda crise no movimento revolucionário russo. Assim, importava-lhe, sobretudo, oferecer ao movimento um caminho adequado para sair desta crise.

O socialismo e a luta política difere de sua sucessora obra tanto pelo propósito de seu conteúdo, como pela moderação dos comentários em relação aos *narodniki* e aos *narodvoltsi*. Plekhanov pretendia menos desqualificar a Vontade do Povo e seus antepassados populistas, do que conseguir apoio para os seus próprios pontos de vista, privilegiando o tato político em lugar do ardor polêmico. À Vontade do Povo atribuía o grande mérito de haver aberto a época da luta política organizada e consciente contra o governo dos czares. Este passo, que implicava em uma ruptura com o espontaneísmo de inspiração bakuninista dos *narodniki*, havia aproximado o movimento revolucionário de uma linha tática correta. Não obstante, indicava criticamente que os populistas seguiam mantendo favoravelmente algumas outras ideias de Bakunin sobre o caráter da vida econômica e social russa, bem como sobre a possibilidade de uma imediata revolução socialista. Nisto, Plekhanov percebia uma manifestada incoerência: a luta por liberdades políticas e a busca por uma revolução socialista, mesmo que não deixando de ter relação entre si, eram movimentos de nível totalmente distintos, apropriados para momentos históricos específicos. Além disso, se os terroristas haviam modificado sua tática, se os *narodvoltsi* representavam uma negação do populismo precedente a nível tático, era necessário, consequentemente, revisar as premissas teóricas que fundamentavam as suas ações revolucionárias.

⁶¹ PLEKHANOV, G. *Selected Philosophical Works*. 2. ed. Moscow: Progress Publishers, 1974. v. 1.

Como resultado deste empreendimento, Plekhanov esperava o completo abandono dos pontos de vista bakuninistas, e a assimilação, em seu lugar, do “socialismo científico moderno”, que era o único que podia legitimar e harmonizar as aspirações socialistas com a luta pelas liberdades políticas que já havia sido desatada pela *intelligentsia* russa. Em contrapartida, populistas como Lavrov (que, posteriormente, renunciaria à discussão com uma fração que desejava atacar a outros revolucionários, ao invés de lutar contra o opressor Estado czarista) e Lev Tikhomirov⁶² respondiam com os mesmos argumentos que um dia o próprio Plekhanov utilizara: a impermeabilidade russa ao capitalismo e o desejo geral de terra pelos russos definiam o caráter iminente de uma revolução agrária. O levantamento não se daria por meio de uma “simples” luta política, mas, sim, haveria de arrastar a Rússia diretamente a uma revolução camponesa socialista. Tomando a ofensiva, esses populistas acusavam Plekhanov de “criar” uma classe em cujo nome poderia atuar - o proletariado - ao mesmo tempo em que contemplava com resignação à liquidação de milhões de trabalhadores do campo que perdiam suas terras. O brilho de seu sistema de pensamento, retrucavam, havia cativado de tal forma os membros da Emancipação do Trabalho que estes estavam dispostos a fazer, inclusive, uma aliança com a odiosa burguesia. Incapazes de conceber o socialismo, exceto como derivação do capitalismo, Plekhanov e os demais marxistas teriam que necessariamente conjugar forças e festejar a vitória burguesa pela supremacia política na Rússia.

Em *Nossas diferenças*, dois anos depois, Plekhanov rebateria detalhadamente as acusações de Lavrov e Tikhomirov, enfatizando principalmente a polêmica com este último. Irritando-se, sobretudo, com o aberto e inequívoco apoio à superada doutrina de se tomar o poder por um seletivo grupo de conspiradores, que Plekhanov não considerava um avanço em relação às ações malsucedidas dos *narodniki* já na década de 1870, frisava que Tikhomirov se negava a aceitar a contribuição da Vontade do Povo que considerava agora a mais importante: a luta por um regime constitucional dentro de uma perspectiva socialista. Tikhomirov rechaçava não apenas esta perspectiva, como a própria luta por uma constituição. Ademais, havia rechaçado também o único elemento da ideologia *narodnik* que Plekhanov todavia ainda aplaudia (a agitação entre o povo para fomentar um movimento revolucionário das massas). Mesmo havendo perdido a fé em uma revolução camponesa, os representantes do populismo recusavam-se a passar para o lado da social-democracia com a sua promessa de encontrar uma nova base na classe operária. Em lugar disso, aferrados à crença anarquista de

⁶² Teórico e membro do comitê executivo da Vontade do Povo e que até princípios de 1888 declararia-se partidário da autocracia czarista, publicando em seu exílio na França um folheto intitulado *Porque deixei de ser um revolucionário*. Cf. TROTSKY, L. Op. cit. p. 151 - 152.

uma imediata transformação socialista, depositavam todas as suas esperanças em um golpe promovido por terroristas.

Nossas diferenças ressaltava o grande abismo que agora separava Plekhanov daqueles que ele havia imaginado que se converteriam prontamente em sociais-democratas, ao construir uma interpretação crítica do movimento populista russo até o que ele considerava a sua última fase, a Vontade do Povo. Ali, Plekhanov também oferecia uma detalhada análise marxista da evolução das condições econômicas e sociais na Rússia, e dali derivava uma linha de ação para o movimento revolucionário no país. O êxito desse movimento dependeria, fundamentalmente, da aquisição de um instrumento teórico adequado para a clara e correta percepção da dinâmica da sociedade. Contra as bem conhecidas predileções dos terroristas, sublinhava: “uma ideia que seja revolucionária em seu conteúdo interno é uma espécie de dinamite que explosivo nenhum no mundo pode substituir” (PLEKHANOV, 1974, p. 90). E essa ideia, para ele, só poderia ser encontrada nas obras de Marx e Engels.

Como marxista, Plekhanov considerava a existência de um processo histórico objetivo, submetido a determinadas leis, e que, por conseguinte, seria inteligível; um processo que estabelecia com férrea necessidade os limites de uma ação política racional. Em particular, postulava que “as forças econômicas da sociedade eram decisivas para a determinação de sua estrutura social e de sua superestrutura ideológica”⁶³. Ou seja, no curso progressivo da história, as alterações na base material da sociedade é que dariam os impulsos necessários às mudanças políticas e institucionais. Em um determinado momento do tempo, no entanto, certas formas e relações de uma mesma ordem social poderiam entrar em contradição, estando algumas delas em ascensão, enquanto outras tenderiam ao desaparecimento. Para Plekhanov, os populistas nada compreendiam sobre isso. Os *narodniki* e os *narodvoltsi* haviam revelado sua ignorância ao contrariar todos esses preceitos; em lugar de determinar, através de um estudo efetivo, como se fez e como se faz a história, inventavam novos caminhos para os quais a história deveria seguir, como se o destino de um povo pudesse ser arbitrariamente decidido pelo “capricho” de um pequeno grupo de revolucionários abnegados. Na prática, haviam cometido o erro desastroso de confundir a subjetividade de seus próprios ideais com a objetividade do processo histórico. Havendo elaborado seus programas sobre bases tão pouco consistentes, os revolucionários russos pagavam sua culpa

⁶³ Cf. PLEKHANOV, G. Socialism and the political struggle. In: _____. Op. cit. p. 68.

com uma larga série de derrotas desmoralizantes. Não se podia ignorar ou violar impunemente “as leis da história”, dizia.

Dentro do plano teórico de Plekhanov, os *narodniki* dos anos de 1870 e os *narodvoltsi* que os sucederam representavam um retrocesso⁶⁴. Os contínuos fracassos desses populistas, sob sua perspectiva, haviam sido motivados justamente por sua incapacidade para identificar o aspecto decisivo do qual dependeria necessariamente o ulterior desenvolvimento da sociedade. O “pecado lógico original” da *intelligentsia* havia sido concentrar sua atenção na dinâmica atrasada da economia russa, a qual, em última análise, determinaria os rumos do país. Segundo Plekhanov, a evolução econômica da Rússia, a partir da lei da emancipação, em 1861, havia introduzido mudanças capitalistas na sociedade que tornavam vãs as esperanças de uma ordem socialista baseada nas comunas camponesas. Ensinava que é o modo de produção que determina o caráter das relações, e, não, o contrário. Só assim se compreenderia como o camponês poderia ser membro do *mir* e, ao mesmo tempo, um incontrolável e futuro destruidor deste; só assim seria possível compreender a utilidade do capitalismo e organizar os trabalhadores para a luta decisiva contra este. Os populistas, entretanto, ignoravam as profundas transformações pelas quais a sociedade russa havia passado desde a libertação dos servos e acreditavam que o *mir* permanecia imutável, conservando “os genes da sociedade do futuro”.

Deste modo, a tarefa assumida por Plekhanov, mesmo que não a houvesse manifestado explicitamente, consistia em levar a cabo na Rússia um trabalho similar ao que Marx havia desempenhado algumas décadas antes no Ocidente: realizar a transformação do socialismo, convertendo-o de “utópico” em “científico”. Antes, havia acreditado que o populismo poderia harmonizar-se com o marxismo e que, portanto, estava desprovido de matizes utópicos; agora, compreendia a incompatibilidade entre ambos e opunha a qualidade “científica” de um, ao “utopismo” do outro. A crise do movimento revolucionário russo não se podia explicar adequadamente apenas pela ferocidade da repressão policial czarista. Existia ali uma grande potencialidade para a revolução; a incapacidade para convertê-la em ação era consequência, por boa parte dos revolucionários, de ideias que não podiam operar esta transformação. Mesmo depois de haver abraçado os princípios gerais do marxismo,

⁶⁴ Como notamos anteriormente, nos primeiros anos de 1860, Tchernichevski havia popularizado a possibilidade de uma transição direta na Rússia do comunismo primitivo à “forma mais elevada do comunismo”, sem uma intermediária fase capitalista. Contudo, havia se esforçado por entender a comuna em um sentido dialético, em uma relação com a sociedade em seu conjunto, e com a consciência de sua mutabilidade. Plekhanov discutia as considerações favoráveis de Tchernichevski em relação à comuna rural, mas atribuía-lhe méritos pelo método empregado. Para ele, porém, os populistas, para os quais Tchernichevski era um ídolo, pareciam haver entendido apenas “a letra de seus escritos, e não o seu espírito”. Cf. BARON, S. H. Op. cit. p. 131.

Plekhanov, no entanto, só conseguiria aplicá-los a Rússia com lentidão e dificuldade. Na verdade, havia um enorme problema a que se deveria fazer frente ainda: ser a primeira iniciativa de se preparar um programa para organizar um partido socialista dos trabalhadores na Rússia.

Plekhanov se dava perfeita conta de que o marxismo havia surgido originalmente em um contexto social bastante distinto. Ainda sim, não havia hesitado em adaptá-lo ao panorama russo. Não obstante, a afirmação de que o marxismo era aplicável em termos gerais à Rússia não dava origem automaticamente a um programa político. Considerando que a doutrina marxista fazia referência à transição de um Estado burguês a um Estado proletário, Plekhanov duvidou por certo tempo se um partido social-democrata em um país “semifeudal”, que sequer havia passado por sua revolução burguesa, era eficaz. Mais uma vez, Plekhanov encontrou fundamentos para sua conclusão nas páginas finais do *Manifesto Comunista*. Ali, Marx e Engels esboçavam uma linha tática apropriada para um partido comunista em um país sob o regime absolutista (Alemanha). O que para eles não era mais do que alguns parágrafos, para Plekhanov se converteu em tema central de estratégia política: considerando viável a existência de um partido marxista em um país atrasado como a Rússia de seu tempo, os sociais-democratas da Emancipação do Trabalho, mais do que qualquer outro grupo, poderiam acelerar significativamente o final do czarismo, pois eram os melhores equipados com a teoria adequada para lançar a classe operária à ação revolucionária. A atividade dos marxistas entre os operários assentaria as bases para a construção de um partido social-democrata legalizado, de modo que seu trabalho organizativo e suas iniciativas políticas não só teriam sentido para a defesa imediata dos interesses dos trabalhadores, como facilitariam a transição do constitucionalismo burguês para o socialismo. Em resumo, um partido marxista em um país atrasado poderia agilizar significativamente o processo que culminaria com o estabelecimento do socialismo nesse país, após a sua supostamente breve fase burguesa.

Com efeito, Plekhanov vislumbrava que o atraso estrutural da Rússia não era uma situação totalmente desfavorável. A grande vantagem de que desfrutavam os sociais-democratas nessas circunstâncias consistia justamente na sua possibilidade de captar a direção do processo histórico através de estudos dos acontecimentos no Ocidente. Por meio de tais estudos, os marxistas russos poderiam apropriar-se diretamente das experiências do movimento operário internacional e dos ensinamentos de Marx e Engels, evitando os equívocos cometidos pelos sociais-democratas ocidentais. Sobretudo, poderiam intervir politicamente preparando as bases para a aparição adiantada de um movimento operário

organizado na Rússia. Esta postura possuía, entretanto, um curioso paralelo com a doutrina populista. A *intelligentsia* via no caráter atrasado da economia russa a oportunidade de assentar uma forma de socialismo sob estruturas coletivistas, todavia ainda vivas no país. Em outras palavras, acreditavam que o atraso russo lhes permitiria adiantar toda uma etapa histórica e passar diretamente ao socialismo. Plekhanov refutava esta postura, pois dizia que ela não levava em conta o “processo histórico de evolução econômica”, substituindo-o pela vontade dos revolucionários. Estava claramente disposto a apoiar o encurtamento da etapa capitalista dessa evolução, porém, isto só se daria por meio de uma alteração conscientemente conduzida pelo partido social-democrata. A vontade revolucionária estaria, assim, subordinada ao processo histórico e às suas leis, garantindo uma racionalidade ao programa político marxista.

Podemos observar, portanto, que Plekhanov via a luta política até o socialismo como uma forma de “evolução natural”, conforme as “leis da história”. As condições sociais lhe pareciam evidentemente suscetíveis de modificações, no entanto, Plekhanov era talvez o marxista mais aferrado às exigências de um suposto determinismo econômico e de um etapismo histórico na direção deste processo. Para ele, era necessário distinguir drasticamente a sua perspectiva da dos populistas, assegurando que as atividades espontaneístas das massas e voluntaristas do partido deveriam estar sempre determinadas por certas etapas históricas de desenvolvimento econômico. Esta distinção era precisamente a que permitia ao marxismo, em sua concepção, não ser qualificado de “utópico”. Desta maneira, não havia se absterido de estabelecer uma relação entre voluntarismo e determinismo, nem a nível teórico, nem a nível prático, sendo que sua impotência para chegar à unidade necessária parecia ter um fundamento tanto pessoal (seu passado como militante populista, desde a época da Terra e Liberdade), como filosófica (uma pretensa insistência e rigidez engelsiana em interpretar unilinearmente as formas de transformação histórica). De qualquer modo, Plekhanov e os demais sociais-democratas do grupo Emancipação do Trabalho haviam feito a sua aparição na tela, realizando o fundamental combate contra o espírito populista que tomava conta da *intelligentsia* russa. As primeiras incursões ao marxismo, contudo, deveriam ainda se combinar nos operários locais, com suas experiências e práticas organizativas precursoras, até que pudessem finalmente adquirir a coloração de uma luta de classes.

2.5. A coloração de uma luta de classes

Quando a expressão *intelligentsia* surgiu na Rússia dos anos de 1860, por suposta autoria do ensaísta Piotr Boborikin, foi originalmente concebida para designar as sucessivas gerações de indivíduos que se consideravam unidos por algo mais que o interesse comum nas ideias; que se comportavam praticamente como uma “ordem religiosa” consagrada a defender uma causa e a difundir uma atitude crítica diante da vida, em particular diante das atrasadas condições russas de seu tempo⁶⁵. A definição desta peculiar categoria de homens e mulheres, portanto, não se dava objetivamente por um critério de classe, mas, subjetivamente, por uma espécie de fenômeno ético e moral, cuja força encontrava-se, sobretudo, no poder que a imprensa e a literatura passavam a exercer sobre a opinião pública. Todos os ideólogos e líderes da *intelligentsia* foram, em maior ou menor grau, críticos, escritores ou editores de revistas e livros que consecutivamente imprimiam mensagens populares em suas publicações (os ilustres romancistas da época, inclusive, extraíam dessa realidade as suas tipificações de “heróis”, “anti-heróis”, ou mesmo de “homens supérfluos”).

Àquela altura, na velha Rússia, a distância entre a nobreza e os camponeses não havia sido ainda preenchida pela burguesia, berço e amparo do intelectual ocidental. O único “lar” da *intelligentsia* era a visão mental de uma sociedade idealizada do futuro, uma vez que seu espaço estava isolado da aristocracia por seu radicalismo e do camponês por sua instrução. Não obstante, os seus primeiros representantes procederam necessariamente da nobreza, visto que esta era a única classe com meios de obter alguma formação e, também, de dedicar a vida a ocupações menos prosaicas do que as que envolvem somente o sustento familiar. Nos anos que se seguiam, muitos jovens, sem propriedades e “sem classe”, passavam a ingressar nas universidades e a entrar em contato com os filhos das camadas privilegiadas, sentindo particularmente a necessidade de mudanças políticas e sociais e assimilando teorias radicais, tanto russas, quanto ocidentais. Muitos deles recusavam totalmente a autocracia czarista, em relação a qual mantinham uma atitude de declarada hostilidade, tendo por outro lado, como fonte de inspiração e coesão, as forças vitais que emanavam do campo (âmago ideológico da *intelligentsia*). Contudo, ao mesmo tempo em que mantinham uma crença quase metafísica nos camponeses, como portadores de uma “essência” eterna e genuína, começavam a considerar que estes, deixados a si próprios, eram incapazes de libertarem-se da opressão e de imporem uma sociedade mais justa. Assim, em um intervalo de poucas décadas, esses jovens passavam a conceber como sua autêntica tarefa dirigir os esforços da nação para a revolução necessária para o “povo”, mas não necessariamente pelo “povo”.

⁶⁵ Cf. MALISHEV, M.; EMILIANOV, B.; GARZA, M. S. **Ensayos sobre filosofía de la historia rusa**. Madrid: Plaza y Valdés, 2002. p. 92 - 93. A origem, autoria e definição do termo são, no entanto, controversas.

Ironicamente, o movimento da *intelligentsia* seria deslanchado justamente pela lei de emancipação dos servos, que impunha uma série de cláusulas, um sem número de deveres e diversas obrigações aos camponeses recém-emancipados. Como consequência, a partir de 1861, o território czarista seria tomado por uma grande quantidade de distúrbios: desde greves, saques, incêndios, uma série de manifestos expondo a plataforma política do populismo, até à constituição do grupo secreto Terra e Liberdade, que marcaria efetivamente a passagem da teoria para a prática revolucionária na Rússia. Atentados se somariam aos protestos de estudantes e operários em diversas províncias, enquanto que, em um de seus últimos congressos, os membros da Terra e Liberdade entrariam em impasses sobre questões básicas de organização e atuação que implicariam uma cisão definitiva no seio do movimento populista russo. De um lado, a Vontade do Povo, cuja tarefa era libertar politicamente as classes oprimidas do jugo opressivo do Estado czarista por meio de um golpe terrorista; e, de outro, a Partilha Negra, que pela agitação e propaganda visava atribuir o poder político às massas do campo traduzindo-o em uma reforma agrária radical (uma “partilha negra”) e que, sob a direção de Plekhanov, acabaria por dar origem ao primeiro grupo de tendências social-democratas entre os russos (a Emancipação do Trabalho).

À época que se segue, durante o primeiro período de existência do grupo Emancipação do Trabalho, Plekhanov e seus colegas concentrariam esforços para se oporem aos terroristas e ao populismo clássico que havia rechaçado à luta política organizada, na consideração de que a *intelligentsia* russa não poderia mais buscar sua justificativa fora do “socialismo científico moderno”. A decadência do movimento revolucionário na segunda metade dos anos de 1880, entretanto, tomou conta de todas as tendências e dessa maneira engendrou uma inércia que colocou obstáculos à difusão das ideias marxistas. Não é surpreendente, portanto, que o grupo de Plekhanov tenha se encontrado isolado mais uma vez. Este era acusado de fomentar artificialmente a discórdia entre as classes, em lugar de promover a união indispensável de todas as forças contra o absolutismo. Na verdade, as relações da Emancipação do Trabalho com a Rússia acabariam por se tornar casuais e instáveis entre os seus poucos partidários (em sua maioria, refugiados no exterior) e a juventude russa. Já no início da década de 1890, os líderes do grupo haviam perdido todas as esperanças de poder conquistar a “velha” *intelligentsia*. No que se refere a esta, Tikhomirov, um de seus últimos ideólogos, enviava do exílio uma carta ao czar renegando seus princípios revolucionários e pedindo sua readmissão no país.

Enquanto isso, sem esperar o seu completo reconhecimento teórico, o capitalismo levava adiante, e com eficácia, o seu desenvolvimento na Rússia. As consequências das medidas escravistas e capitalistas do governo czarista não conseguiam fundir-se em um conjunto harmônico. Apesar da sustentação financeira do Estado, a nobreza latifundiária arruinava-se rapidamente. Nos vinte e cinco anos que sucederam a emancipação dos servos, a casta dirigente perdeu mais de 35% de suas terras. Evidentemente, eram, acima de tudo, a pequena e a média nobreza que entravam em falência. Com relação às indústrias, graças às tarifas elevadas sobre as importações, estas não deixavam de crescer, especialmente ao final da década. Desta forma, apesar das reformas em favor da nobreza, durante o reinado de Alexandre III operava-se uma transformação burguesa na economia russa. Por outro lado, ao apertar cada vez mais os nós do regime feudal, especialmente nos campos, o Império contribuía para um acréscimo das forças das cidades. Nas profundidades do país, verificava-se o despertar dos operários industriais; às vezes, fábricas e usinas eram destruídas, desencadeando confrontos com a polícia. A onda de greves que atingiu seu apogeu entre 1884 e 1886 obrigou a imprensa de diferentes tendências a alarmar-se e a reconhecer o nascimento de uma “questão operária particular”. Estes seriam os anos que marcariam o princípio da ascensão do proletariado russo. A administração czarista viu os operários como uma classe extremamente perigosa, enquanto a maioria das publicações da *intelligentsia* continuava a os diluir na classe camponesa. Simultaneamente às cruéis repressões exercidas sobre os grevistas, começava-se a desenvolver uma legislação sobre as indústrias: proibição do trabalho infantil, criação de inspeção nas fábricas, regulamentação do trabalho feminino e adolescente, obrigatoriedade de pagamento dos salários em dinheiro e em datas fixas, entre outras medidas. Deste modo, o governo dos czares viu-se ele próprio obrigado, pela primeira vez, a capitular diante da classe operária que se levantava.

Apesar da continuação, e mesmo agravamento, da crise agrária, a depressão econômica no final da década de 1880 cedeu lugar a uma expansão, a despeito de todas as teorias populistas. O número de operários industriais aumentou rapidamente. As novas leis fabris e os preços particularmente baixos dos objetos de consumo melhoraram a condição de vida dos trabalhadores habituados à miséria das aldeias. Precisamente durante este lapso, o movimento revolucionário caíria a um nível mais baixo do que o que havia alcançado nos trinta anos precedentes. Os círculos operários, abandonados por seus dirigentes de véspera, continuavam, no entanto, a procurar por si mesmos o seu próprio caminho; ainda de forma inicial e imprecisa, liam e averiguavam revistas velhas e novas em busca de artigos sobre a

situação dos operários na Europa Ocidental. Em São Petersburgo, o interesse por livros sobre questões sociais e políticas incrementava-se consideravelmente. A literatura clandestina, que burlasse a censura, começava a ser exigida. Os estudantes passavam a entrar em contato com os operários e ficavam imbuídos de sua valentia. O interesse se manifestava cada vez mais pelo nome de Marx⁶⁶. O novo estado de ânimo dos socialistas e da classe operária russa estava condicionado também pelos acontecimentos do Ocidente, onde o movimento social-democrata saía da ilegalidade após os anos de perseguição⁶⁷.

Tornaram-se necessárias, assim, uma série de circunstâncias para que o marxismo encontrasse acesso no espírito dos revolucionários russos. O capitalismo teve que realizar progressos; a *intelligentsia* teve que percorrer por diversas gerações e caminhos; os operários tiveram que organizar greves; o movimento social-democrata no Ocidente teve que adquirir um caráter mais público e ativo; e, por fim, a catástrofe da fome em 1891 teve que pôr a nu todas as ilusões do czarismo. Foi aí que as ideias do marxismo, inicialmente propagadas da Suíça por Plekhanov, em 1883, começaram a ganhar corpo no território russo. Todavia, isto não é tudo. Tendo alcançado uma ampla difusão nos meios intelectuais, estas ideias estiveram sujeitas a deformações de acordo com a natureza social deste meio. Somente com o surgimento de uma vanguarda proletária consciente é que o marxismo russo fincaria seus pés definitivamente. As ideias cumpririam assim o seu papel: antes de se converterem “explosivamente” na causa dos fatos e acontecimentos, tornar-se-iam a sua consequência.

O arco de nosso personagem central, Vladimir Ulianov, cumpre-se em estreita conexão com a decadência da *intelligentsia* revolucionária e com a formação de uma camada de operários avançados na Rússia. Os ecos do bakuninismo, as tradições da Vontade do Povo e as primeiras incursões ao marxismo se combinam nesses operários, fazendo com que, aqui, a história se relacione organicamente com a biografia, e a filosofia com a política. A sucessão subjetiva do desenvolvimento pessoal coincide com a sucessão objetiva do ascenso de uma classe revolucionária no país. No tempo em que surgem os primeiros quadros marxistas, os primeiros círculos social-democratas e as mais tempestuosas greves, prepara-se e amadurece o jovem “artista”, o revolucionário dialético.

⁶⁶ Trótski narra que um dos primeiros operários marxistas russos, Nicolai Chelgunov, escreveu em suas memórias que durante os anos de 1887 e 1888 viu-se obrigado a desfazer *O Capital* em pedaços, dividi-lo em capítulos, para que quatro ou cinco círculos operários pudessem lê-lo simultaneamente (TROTSKY, op. cit., p. 163).

⁶⁷ Na Conferência de Londres, em 1871, a 1ª Internacional decidiu adotar a estratégia geral de fundar partidos trabalhistas legais em diversos países europeus. Assim, em 1872 era fundado o Partido Social-Democrata na Áustria, em 1875 surgia o Partido Social-Democrata alemão e depois, em sequência, surgiriam partidos similares na França, na Itália, na Holanda, na Dinamarca, na Noruega, na Suíça e na Polônia (BENOIT, op. cit., p. 48).

3. O JOVEM “ARTISTA”

3.1. Os contornos familiares

Nossa exposição se encontra no ponto em que Simbirsk contava com pouco mais de duzentos anos. As rebeliões dos mujiques e cossacos, apesar de ainda vivas na memória da região do Volga, já haviam demonstrado que uma insurreição camponesa abandonada a sua própria sorte não poderia elevar-se até à altura de uma verdadeira revolução. Distante a 900 quilômetros de Moscou e a 1.500 de São Petersburgo, esta velha capital de província manteria, deste modo, o seu papel conservador até o fim. Ainda assim, uma marca de transitoriedade estava estampada nas casas de seus vilarejos, feitas de madeira, que periodicamente incendiavam-se para logo depois serem reconstruídas a todo o vapor. Seria justamente no limite dos bairros nobres desta cidade, em um pequeno pavilhão do pátio de um edifício de dois andares, onde habitava um inspetor de escolas primárias, Ilia Ulianov, que nasceria o terceiro dentre seus filhos. O destino de Simbirsk, desde então, estava fadado a se alterar.

Ilia era oriundo de uma família pequeno burguesa. Nesta casta em deterioração, apresentava-se toda a miséria da cultura urbana da velha Rússia. Sua família, entretanto, destacava-se da média: distinguia-se das demais por seu apreço aos estudos. Estudando obstinadamente e com êxito Ilia, assim, delineava o seu futuro. Logo que finalizou os estudos universitários na Universidade de Cazã, obteve o posto de professor no Instituto da Nobreza de Penza, local onde, em 1863, conheceu sua futura esposa, Maria Blank. Por esses dias, ninguém podia deixar de lado em seu pensamento a classe camponesa. Pela primeira vez debatia-se abertamente um programa de transformações sociais na Rússia. Os destinos do país eram comparados aos da Europa Ocidental. Acreditava-se que o progresso aconteceria sucessivamente e em ritmo constante e que o “povo”, despertado e guiado pela *intelligentsia*, logo conquistaria a sua libertação da miséria. É com pensamentos deste tipo, ou análogos, que o jovem pedagogo inicia a sua carreira (TROTSKY, 1981, p. 20 - 21).

Por suas raízes sociais e pela época de seu florescer, Ilia representava, portanto, o típico *raznotchintsi* dos anos de 1860. Não pertencia à ala revolucionária de Tchernichevski ou de Bakunin, mas a ideia elementar do cumprimento do dever para com os camponeses fora adotada por ele séria e firmemente. Professor de matemática e física permaneceu por alguns anos nesta profissão. As reformas feitas por Alexandre II se estenderiam, contudo, para o domínio da instrução pública. Uma rede popular de escolas primárias seria criada e como estas escolas necessitavam da vigilância e da direção do governo, foi oferecido a Ilia um posto de inspetor na administração de Simbirsk. Nesta carreira, anunciava-se não tanto um trabalho pedagógico, mas burocrático, com um provável salário superior, mas em um ambiente desconhecido e em condições difíceis; em compensação, a esfera de atuação ampliava-se consideravelmente, estendendo-se já não apenas aos “meninos privilegiados”, como também aos verdadeiros filhos do “povo”, isto é, da classe camponesa (que, por seu turno, havia aprendido a temer tudo o que provinha do Estado: prisões, hospitais e escolas - os “letrados” eram necessários às autoridades para poderem reprimir as massas).

Ilia aceitou a nomeação e desceu pelo Volga com a família até Simbirsk, em 1869. À carga explosiva de idealismo social que foi dada à sua geração, Ilia encontrou um emprego “recomendável”, pacífico e bem intencionado, tornando-se um funcionário abnegado e de espírito progressista. Anos depois, graças aos resultados de seu trabalho, seria promovido a diretor de escolas primárias, com vários inspetores sob suas ordens. Assim mesmo, não lhe encarnava o estereótipo da nobreza: personalidade democrática, repulsa em relação a toda e qualquer pompa e simples nas relações com as pessoas dos mais diferentes níveis culturais. Maria, por sua vez, procedia de uma família mais acomodada e culta que a do marido. Seu sobrenome não era russo: Blank, ao que tudo indica, era de origem germânica. Quando se mudaram para Simbirsk as condições de existência evidentemente se modificaram. Um inspetor “sem-classe” e que tinha como esposa uma “semi-alemã”, naturalmente não poderia ser recebido na sociedade aristocrática como um homem de seu “meio”. O isolamento da família constituiu um golpe ainda mais duro para Maria, uma vez que a nova função de seu marido afastava-o regularmente de casa. A jovem mulher consagrou-se então inteiramente aos seus filhos e à administração do lar. A família estava prestes a crescer e os princípios de economia doméstica ensinados por sua mãe seriam dos mais apropriados. Ilia repetiria, mais de uma vez, que somente graças às poupanças maternas é que havia conseguido fazer frente aos gastos familiares (TROTSKY, 1981, p. 29).

Juntos, Ilia e Maria exerceriam grande influência sobre os filhos. O pai, a bem da verdade, muitas vezes encontrava-se de viagem pela província e frequentemente não era visto pela família durante semanas, porém suas ausências deveriam adquirir um sentido particular de paixão pelo trabalho (por seu conteúdo, mas não necessariamente por sua forma); os relatos que fazia à mesa com a família, sobre a maneira de superar os obstáculos para a instrução do “povo”, eram provavelmente absorvidos pelas ávidas consciências infantis. Segundo Trótski⁶⁸, contudo, foi a mãe quem inegavelmente desempenhou um papel mais fecundo. Em quatorze anos, ficou grávida oito vezes (dois de seus filhos morreram poucos dias após o parto). Sempre com humor constante, terna e acolhedora, simbolizava integralmente a generosidade típica das naturezas femininas: suas forças íntimas não se expressavam plenamente a não ser através dos filhos. A profundidade de seu caráter, todavia, não estava determinada somente por sua constante dedicação às crianças, como também por uma particular austeridade de seus traços, que tornava-lhe impossível as vivas explosões de sentimentos. Não acariciava por arrebatamento, não sufocava com beijos, mas não rejeitava e não se lançava em castigos. Ao que parece, as crueldades da vida a magoavam imensamente, não apenas em relação a si, como também em relação ao marido e aos filhos, e isto a impedia que se irritasse, que perdesse a cabeça, que fizesse cenas, isto é, que tentasse descarregar sobre os outros, sobre seus familiares, uma parte de seu sofrimento. Em tempos difíceis, uma fonte inesgotável de esperança a ajudava a refazer o seu equilíbrio e a sustentar aqueles que tinham mais necessidade de apoio (nascida e educada em uma família não ortodoxa, apesar de completamente “russificada”, estava isenta, à diferença do marido, das sólidas tradições religiosas, embora nunca as tivesse rompido completamente).

Ao se estabelecerem em Simbirsk, os Ulianov chegaram trazendo consigo a filha Anna, com cinco anos, e o filho Alexandre, com três e meio. Maria carregava Vladimir em seu ventre. A longínqua cidade não ficava de modo algum alheia ao movimento revolucionário em curso e aos seus desdobramentos: para lá se enviavam os suspeitos dos centros mais importantes e ali se retiam os deportados que regressavam da Sibéria. Os membros da família não possuíam nenhum tipo de contato com tais elementos, entretanto, as profundas modificações que se haviam produzido na atmosfera política do país ligavam intimamente a sua sorte aos últimos golpes que seriam desferidos pela *intelligentsia* radical e que seriam punidos severamente pelas cordas do czar.

⁶⁸ TROTSKY, op. cit., p. 31.

3.2. Duas mortes e um novo começo

Quando Vladimir nasceu, em abril de 1870, seu irmão mais velho, Alexandre, havia acabado de completar quatro anos. Desde a primeira infância, tanto pela fisionomia como por seu caráter, Alexandre parecia-se com a mãe: a mesma mistura de firmeza e uniformidade de temperamento com extrema sensibilidade e espírito de justiça. O isolamento da família em Simbirsk e também as exigências demasiadamente grandes do pai, no entanto, não faziam mais que acentuar a postura introvertida e concentrada do garoto. Apesar de possuir iniciativa para as brincadeiras, continha-se até nos momentos de entusiasmo. Vladimir, por sua vez, invariavelmente queria passar e ultrapassar. Amava a vida, sobretudo em movimento. Em muitos outros aspectos, diferenciava-se do seu irmão mais velho: Alexandre era perseverante, gostava de fazer coleções, de entalhar figuras de madeira; desta maneira, o futuro cientista se aperfeiçoava em aplicação e paciência, enquanto que, para Vladimir, as atividades meticulosas não eram de seu feitio. O pequeno e rechonchudo “Barrilzinho” (apelido que lhe fora conferido pelos familiares) era inquieto e ruidoso. Graças à mãe, apreciava a leitura e a música, mas as abandonava de bom grado para bagunçar toda a casa e se meter em correrias. Não obstante, qualquer que fosse a diferença de personalidade entre ambos, o mais novo, como todos os irmãos nessa fase, fazia de todo o possível para imitar o mais velho (TROTSKY, 1981, p. 51; p. 92).

Aos nove anos, Vladimir foi inscrito em um primário. Por todo o seu caráter comunicativo, o travesso “prosista ruivo” suportaria muito mais facilmente do que Alexandre o regime escolar, com sua falsidade e opressão. No dia 1º de março de 1881, quando chegou de São Petersburgo a notícia consternadora de que alguns revolucionários haviam matado o czar, toda Simbirsk carregou-se em suposições e rumores. O sacerdote do colégio qualificava os *narodvoltsi* de “monstros da raça humana”. Em casa, Ilia, alarmado como chefe de família, cidadão e funcionário público, denegria os terroristas. O acontecimento, as cerimônias e os discursos subsequentes, entretanto, não devem ter produzido no pequeno garoto mais do que um provável efeito excitante. Por sua própria idade, o filho do diretor de escolas primárias, educado no espírito da disciplina e da fé ortodoxa, ainda não havia começado a duvidar da justiça das coisas tal como estavam estabelecidas. Alegre e ativo, Vladimir deve haver se desembaraçado logo da impressão causada pelo extraordinário episódio que havia ocorrido em alturas inacessíveis e que em nada lhe atingia pessoalmente, e nem aos seus. Simplesmente deve ter passado para a ordem do dia.

À medida que progredia nos estudos, Vladimir ia se tornando mais prudente. Observava atentamente a dedicação compenetrada de Alexandre, tomando-o como exemplo. Assim aconteceu até a partida do irmão para a Universidade de São Petersburgo, em 1883. Apesar disso, em seus anos de ginásio, Vladimir não havia se preocupado de nenhuma maneira por política, história ou filosofia. E nem manifestava interesse pelos folhetos sobre economia que abarrotavam a estante de livros de Alexandre no quarto comum aos dois irmãos. O nome de Marx, até então, não queria dizer absolutamente nada para o adolescente que tinha o seu interesse quase que exclusivamente despertado para a literatura. Esta sim, era a sua paixão. Durante jornadas inteiras era absorvido pelas novelas de Turgueniev e Tolstói. Seria necessário um forte impulso de fora para que a crítica interior, que possivelmente já havia preparado um bom número de observações subscientes, bruscamente se exteriorizasse. Este impulso viria logo após a primeira morte de um homem visto de perto e, mais ainda, de um ente querido. Alguém de quem havia herdado seus traços físicos mais destacados: as maçãs salientes, os olhos repuxados, a testa proeminente e uma calvície que lhe seria precoce. Ilia, seu pai.

Durante quase vinte e três anos, os Ulianov conheceram uma vida venturosa, onde a educação era assegurada de diferentes maneiras, mas com muito êxito, tanto pelo pai como pela mãe. As noções de economia, a preocupação pela ordem e o respeito para com o trabalho e seus frutos foram assimilados por todos os seus membros, que conviviam em uma atmosfera de estabilidade e harmonia. À medida que se fortalecia o vento da reação czarista, em São Petersburgo Alexandre meditava e interessava-se cada vez mais pelo o destino dos oprimidos, enquanto o pai desestimulava seus filhos mais novos a lerem qualquer tipo de literatura “subversiva”. O diretor de escolas primárias de Simbirsk chegava, inclusive, a opor-se à corrente radical. Não deixava de reiterar as funestas consequências da luta revolucionária, que engendrava tirania ao invés de progresso. Ao mesmo tempo, Ilia suportava penosamente, ainda que com resignação, as intervenções e injustiças que o governo cometia contra as escolas populares. A incerteza e a ansiedade provavelmente envenenaram os últimos anos de sua vida. No dia 11 de janeiro de 1886, adoeceu. Na manhã seguinte, agonizou no divã que lhe servira de leito. Ainda não contava com cinquenta e cinco anos. O médico determinou então a causa do falecimento: hemorragia cerebral.

A morte de Ilia quebrou bruscamente o suave e promissor curso familiar. E em pouco mais de um ano, quando a vida já deslizava por um novo caminho, material e espiritualmente mais estreito, caiu sobre a família outro golpe absolutamente inesperado e,

desta vez, duplamente destrutivo: o filho Alexandre e a filha Anna estavam envolvidos numa conspiração contra a vida do czar. Simbirsk mal havia sido tomada pelas flores de seus jardins e chegava da capital a notícia de que o filho mais velho dos Ulianov havia sido enforcado. A família de um respeitado funcionário de Estado havia se transformado na família de um criminoso de Estado. Todos passariam a desviar seus passos da casa de madeira situada à Rua Moscou. Vladimir devia observar com olhar penetrante o ambiente a sua volta, toda a sua covardia e hipocrisia. Ali mesmo recebera as primeiras, e insubstituíveis, lições de realismo político. Anna, que havia sido presa por um assunto no qual não havia tomado parte alguma, no quarto de seu irmão, onde havia chegado justo no momento de uma batida policial, recobrou sua liberdade alguns dias após a execução de Alexandre.

Desta maneira, é possível dizer que existiram duas mortes no começo de um novo período na vida de Vladimir. O fim fisiológico do pai pode ter acentuado um ânimo já oposto frente ao mito religioso e livrou-o de recriminações mais severas em relação aos atos revolucionários que logo teriam repercussões familiares; o enforcamento do irmão, cuja influência havia sido muito mais moral do que política, deve haver provocado uma aversão ardorosa para com os executores. O futuro revolucionário já existia potencialmente no caráter do adolescente e nas condições sociais em que se formou. Porém, faltava um primeiro impulso crítico e este lhe foi dado justamente pelo inesperado suplício de Alexandre. Neste caso, porque Vladimir enveredou pelo caminho do marxismo e não do terrorismo, tal como o irmão? Na realidade, não só a resposta, como a própria pergunta, possui um caráter ainda precipitado: como veremos, Vladimir não abraçará o marxismo a não ser alguns anos mais tarde, como resultado de um grande trabalho de pensamento e de transformação da realidade ao seu redor, e, mesmo assim, continuaria por muito tempo depois a não rejeitar certos aspectos do terror. Para evitarmos os anacronismos grosseiros devemos considerar nosso personagem histórico em sua trama viva, em sua viva evolução. Somente assim estaremos em condições de compreender como se desenvolve inicialmente o pensamento de um estudante de Simbirsk, que apenas aos poucos se desvencilhava da ortodoxia religiosa, que ainda não havia lido nenhum folheto ilegal, que muito pouco sabia sobre o movimento revolucionário russo e que sequer conhecia o nome de Marx. Antes, portanto, de se dirigir às fábricas e aos operários, o jovem Vladimir deveria proceder exatamente como Alexandre e, primeiro, dirigir-se à universidade.

3.3. Os “ossos mortos” da lógica formal

Precisamente durante as semanas em que estava sendo decidida a sorte de seu irmão na capital, Vladimir teve que se preparar para os exames finais do ginásio. Como Alexandre após a morte do pai, é provável que Vladimir, depois da execução do irmão, também tenha interrompido por alguns dias o seu trabalho intensivo. Ao retomá-lo em seguida, fora elogiado por estudar com afã a todas as matérias escolares e, emblematicamente, as “línguas antigas”. Em dez disciplinas do programa ginásial, Vladimir alcançou a menção “muito bom”; somente em lógica obteve o conceito “bom”. Sabemos que um de seus futuros mestres, Hegel, não por casualidade, chamara a lógica formal de “*dies tote Gebein*” (esses ossos mortos)⁶⁹. Estaria, portanto, a lógica do futuro dialético já descrevendo um desvio do “muito bom” ao “bom” com relação à lógica formal, desde então? Seja como for, em seus últimos exames o disciplinado Vladimir mereceu a menção “muito bom” em todas as matérias. Ao abandonar o ginásio, contava com dezessete anos de idade.

Nesta época, Maria Ulianova havia recebido das autoridades o “conselho” de instalar seu filho o mais longe possível do contagioso foco de São Petersburgo, em alguma universidade em qualquer província das mais tranquilas do país. Decidiu-se que Vladimir iria estudar em Cazã. Maria resolveu estabelecer-se por lá com o restante da família; acreditava que, sob sua proteção, Vladimir não seria arrastado tão facilmente para um caminho nefasto. Ademais, permanecer em Simbirsk já se tornara intolerável. Ali, tudo recordava a um passado recente, e, por assim dizer, os “amigos” de ontem, com o seu oportunismo e deslealdade, empurravam a família para longe do velho abrigo. Em sua nova residência em Cazã, como no primeiro período de suas vidas em Simbirsk, os Ulianov encontrariam-se novamente isolados. A cidade, que era chamada de “capital do Volga”, conservava, apesar de possuir a universidade, um caráter provinciano inteiramente atrasado. As ideias e esperanças que haviam comovido a “sociedade culta” décadas atrás, haviam se desfolhado e murchado por completo.

⁶⁹ “Na verdade, a necessidade de uma transformação da lógica há muito tempo é sentida. Na sua forma e conteúdo, tal como ela se mostra nos livros didáticos, pode-se dizer, caiu em desprezo. Ainda assim, ela se arrasta mais por sentimentos de que não se pode prescindir-la e por um habitual apego à tradição de sua importância, do que por convicção de que a ocupação com aquele conteúdo comum (*gewöhnliche Inhalt*) e com aquelas formas vazias (*leeren Formen*) têm valor e utilidade (*Werth und Nutzen habe*). [...] Para que esses ossos mortos da lógica (*dies tote Gebein der Logik*) revivam pelo espírito para dar-lhe substância (*Gehalt*) e conteúdo (*Inhalt*), seu método (*Methode*) deve ser somente aquele que por si só é capaz de constituir-la em ciência pura”. HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft Der Logik I*. In: _____. **Werke**. Frankfurt: Suhrkamp, 1979. v. 5. p. 33; p. 34, tradução nossa.

O ingresso de Vladimir na Universidade de Cazã, trinta e sete anos após seu pai, se deu na faculdade de direito. Ao contrário de Ilia, a carreira pedagógica o seduzia muito pouco⁷⁰. Vladimir queria ser advogado. Todavia, a vida nos estabelecimentos de ensino superior estava nesses dias tomada pelo pânico: não haviam transcorrido mais do que três meses da execução de Alexandre e de seus companheiros. Desde o primeiro momento em que pisou na universidade, Vladimir caiu debaixo da vigilante lupa da polícia, que descobriu nele três “defeitos”: desleixo, dissimulação e, também, uma irreverência sarcástica. Mesmo não havendo desempenhado papel notável algum nas agitações constantemente deflagradas pelos estudantes, o jovem de sobrenome incômodo foi preso em caráter preventivo. Depois de vários dias de prisão, foi excluído da universidade, onde havia passado menos de quatro meses, e expulso de Cazã. Desta forma, pouco tempo após a morte de Alexandre, uma nova desgraça recaía sobre a família Ulianov, não tão trágica como aquela, mas ainda assim penosa: a carreira de Vladimir parecia perdida.

Os estudantes que eram expulsos por razões de “higiene política” estavam obrigados a abandonar os centros universitários e a se dirigirem para a sua região natal. Mas, em Simbirsk, onde Vladimir viveu por dezessete anos, não havia nenhum de seus parentes. Foi concedida então a permissão para que fosse morar no antigo sítio do avô Blank, do qual Maria havia herdado uma pequena parte. Em dezembro de 1887, Vladimir partiu para Kokuchkino, há aproximadamente 40 quilômetros de Cazã, onde residiria numa ala de um prédio que havia pertencido a uma de suas tias. Pouco depois disso, a mãe chegaria com os filhos menores. Ali, a vida da família transcorreria tranquilamente, dia após outro, sem saber o que lhes reservava o amanhã. Vladimir, afortunadamente, descobriu em um canto da casa um armário com os livros do falecido tio, que em seus tempos gozava de uma reputação de liberal erudito. O primeiro acesso à leitura “séria” não se poderia produzir sem desordem; a escolha dos livros fazia-se ao azar, não havia ninguém ali para orientá-lo e a confusão provavelmente ofuscava os olhares do jovem (TROTSKY, 1981, p. 169).

⁷⁰ Podemos estabelecer aqui um curioso paralelo em relação a Marx. Segundo Löwy, Marx estava vinculado à Universidade de Bonn, pela qual preparava, em janeiro de 1842, uma reedição ampliada de sua tese a fim de obter sua qualificação para o ensino superior. No entanto, a intervenção reacionária do Estado absolutista prussiano desalojou o movimento jovem-hegeliano, do qual Marx fazia parte, de seus meios de expressão tradicionais (revistas filosóficas, cadeiras universitárias). Esta censura teria sido decisiva para a “politização” do hegelianismo de esquerda e de Marx em particular, uma vez que ao fechar as portas das universidades, tal medida forçou a filosofia a “instalar-se nos jornais” e a ocupar-se de problemas políticos e sociais concretos. Foi assim que Marx, em 1842 - 1843, na condição de redator da *Gazeta Renana*, entrou em contato, pela primeira vez, com as questões materiais. Estudando a lei sobre o roubo das madeiras e a situação dos camponeses da Mosela, foi levado a passar da política pura para o estudo das questões econômicas e, por isso mesmo, ao socialismo. Marx, desde então, jamais cogitaria a carreira “pedagógico-burocrática” das universidades novamente. Cf. LÖWY, M. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 55 - 59.

Ao travar contato com as revistas progressistas dos anos anteriores, Vladimir deve ter compreendido, pela primeira vez, o sentido da luta entre as diferentes tendências a propósito dos destinos da Rússia. O conhecimento dessas publicações, que não deixaria de completar posteriormente, seria sumamente útil para ele anos mais tarde, nas discussões com os populistas em seus primeiros trabalhos literários. Mas, por ora, sua prioridade era somente instruir-se; o armário da aldeia não lhe era vasto o suficiente e era preciso recorrer também à biblioteca de Cazã. É provável que tenha sido precisamente durante esse período, que durou por volta de 10 meses, que Vladimir tenha aprendido efetivamente como ler um jornal e como tomar notas de livros (artes nas quais se tornaria um virtuoso). Desta maneira, entre o armário do tio e a biblioteca da cidade vizinha, desenrolou-se a breve estada em Kokuchkino, sob uma discreta fiscalização policial. Aliás, graças à conduta da família e a uma insistência infatigável da mãe, as autoridades acabariam por permitir que os Ulianov, no outono seguinte, voltassem a se reestabelecer em Cazã.

Em seu retorno, Maria alugaria nos subúrbios da cidade uma casa construída em uma encosta. Um destes cômodos fora ocupado por Vladimir que, gozando ali de uma relativa solidão, debruçou-se em leituras. Começaria para ele o período de preparação, que duraria quase seis anos, até a partida para São Petersburgo. No que se refere a sua vida interior, durante esta fase, quando não havia ainda chegado a ser um escritor, os sinais praticamente não existem. Para Trótski (1981, p. 172), os anos que se estendem de 1888 a 1893 são muito interessantes, mas, ao mesmo tempo, os mais difíceis de estudar. Existem testemunhos dispersos, não carentes de interesse, porém demasiado vazios e, em alguns casos, simplesmente apócrifos. De qualquer forma, Vladimir certamente não havia se revelado como autor antes de 1893: não se conservou nenhum documento relacionado à sua evolução, nenhuma de suas redações, bem como nada de sua correspondência pessoal. Mas foi exatamente ali, às margens do Volga, em Kokuchkino, em Cazã e, mais tarde, na província de Samara, onde Vladimir, ainda apenas um jovem aprendiz, deu seus primeiros passos em direção ao mestre e à sua obra-prima.

3.4. O encontro com o grande mestre

Desde fins dos anos de 1880, a nova geração da *intelligentsia* russa, em seu conjunto, começava uma brusca, mas, ainda imprecisa, virada rumo ao marxismo. As causas

desta reviravolta já não nos são um mistério: a transformação capitalista na Rússia, o despertar do proletariado, o beco sem saída em que havia desembocado a marcha revolucionária independente do populismo etc. A tendência geral de desenvolvimento de Vladimir, portanto, não seria excepcional; suas ideias, todavia, ainda não estavam indicadas com exatidão. As forças históricas evidentemente produziram reflexo no prisma de sua individualidade, com seus traços e peculiaridades pessoais, mas, por enquanto, tanto para os outros, como para si próprio, ele continuava sendo o irmão mais novo do herói e mártir Alexandre Ulianov. Não se tratava, assim, nada mais do que se buscar um caminho. Mas, se em Cazã a família vivia mais uma vez isolada, como nos tempos de Simbirsk, quando e de que maneira, então, Vladimir encontrou pela primeira vez o seu grande mestre, Marx?

Conta-nos Trótski que isto aconteceu por volta do ano de 1888, quando ele já era um estudante universitário expulso. Em Cazã, existiam alguns círculos de tendências marxistas que, via de regra, não rejeitavam completamente o terrorismo populista. O mais sério, e que representava o papel mais importante, era o de Nicolai Fedoseiev⁷¹ - um dos primeiros a proclamar sua completa adesão à corrente marxista e a opor-se ativamente ao populismo. O círculo de Fedoseiev, que contava com uma pequena biblioteca ilegal, havia montado o seu próprio aparelho de edições clandestinas. Nesta época de profunda reação, quando a maioria dos exemplares da obra-prima de Marx já havia sido confiscada e tornado-se raridade, essa era uma iniciativa audaciosa. Pode-se supor com razão que Vladimir obteve dali o seu precioso primeiro tomo de *O Capital*. Contudo, não chegou a travar contato pessoal com Fedoseiev e não o viu nenhuma vez até sua partida de Cazã, apesar de manter relações com alguns membros menos destacados desse grupo e de outros. É muito provável que tenha sido o próprio Vladimir quem evitou esse encontro. Achando-se desde então consagrado aos estudos preliminares da economia política não se dispunha, em absoluto, a abandonar ainda a tradição da Vontade do Povo. Ao mesmo tempo, não podia de nenhuma maneira sentir-se suficientemente preparado a ponto de defender tal tradição contra a crítica de um social-democrata que repudiava o terror.

⁷¹ “Minhas lembranças sobre Nikolai Yevgrafovich Fedoseyev voltam-se para o início dos noventa. Eu não posso garantir a sua precisão. [...] Eu ouvi sobre Fedoseyev quando estava em Cazã, mas nunca o conheci. Na primavera de 1889, fui morar em Samara, onde, no final do verão, ouvi falar da prisão de Fedoseyev e de outros membros dos círculos de estudos em Cazã - inclusive aquele ao qual pertenci. Eu acho que eu também poderia ter sido preso se eu tivesse permanecido em Cazã naquele verão. Logo depois disso, o marxismo, como uma tendência, começou a se espalhar, fundindo-se com a tendência social-democrata iniciada na Europa Ocidental muito antes pelo grupo Emancipação do Trabalho. [...] Em todo o caso, Fedoseyev desempenhou um papel muito importante na região do Volga e em certas partes da Rússia Central durante esse período; e a virada para o marxismo naquela época foi, sem dúvida, muito em grande parte devido à influência deste excepcionalmente talentoso e excepcionalmente devotado revolucionário”. Cf. LENIN, V. I. A few words about N. Y. Fedoseyev. In: _____. **Collected Works**. Moscow: Progress Publishers, 1973. v. 33. p. 452 - 453, tradução nossa.

Poucas informações conservaram-se, de fato, sobre o curto período do círculo de Cazã, ao qual Vladimir aderiu em torno das leituras de Marx. Por certo, o estudo da teoria ganhava um caráter mais sistemático, mas suas indispensáveis deduções políticas continuavam relativamente distantes e ainda indefinidas. O destino de Alexandre seguramente já o atraía para a via revolucionária, mas, também advertia sobre os seus enormes riscos. O temor de que Vladimir fosse agarrado pela polícia impulsionou Maria a adquirir uma pequena chácara na administração de Samara e a pedir autorização para começar a passar os verões com a família ali. Localizada mais à estepe, Samara começou a desenvolver-se tardiamente como centro comercial de cereais, após a abolição do direito servil. Na verdade, o regime de servidão mal havia conseguido ganhar seus campos. A província era desprovida de antepassados e tradições. Não possuía universidade, como Cazã, e, portanto, nenhuma camada intelectual e nenhum grupo estudantil. Em torno da nascente burguesia mercantil, ia e voltava uma multidão de desempregados e subempregados. Não havia indústrias e, conseqüentemente, operários industriais. E como não existia o perigo “contágio” do meio universitário e do proletariado, Samara fazia parte da lista das cidades que não causavam preocupações; por isso, as autoridades aceitavam como moradores os revolucionários que já haviam cumprido seu tempo de deportação na Sibéria e, também, os indivíduos suspeitos de outras localidades. Ao redor destes “nômades”, que até o começo da década de 1890 possuíam um cunho predominantemente populista, gravitava a juventude local.

Diante deste cenário, portanto, os Ulianov conseguiram obter com certa facilidade a permissão de partirem para mais perto da estepe e converterem-se em pequenos proprietários rurais. Se posteriormente Vladimir revelaria uma perspicácia excepcional para descobrir as formas de exploração no domínio das relações agrárias, o contato que realizara na prática com os camponeses de Samara não deve haver desempenhado, devemos supor, um papel insignificante. Adicionalmente, a mudança permitiu a Vladimir que se livrasse de uma prisão prematura em Cazã. Naquele verão foram detidos não apenas integrantes do círculo central de Fedoseiev, como também membros de círculos periféricos, com os quais Vladimir havia travado contato. A notícia dessas prisões lhe causou profunda impressão e lhe fortaleceu no pensamento de não cair loucamente nas mãos do inimigo, planejando e organizando convenientemente o seu trabalho. Deste modo, no jardim da pequena propriedade adquirida pela mãe, protegido do sol pela folhagem, Vladimir passaria suas horas de estudo em um recanto que lhe tornaria habitual: à sombra das tílias, com uma mesa e um banco cravados na terra. Durante quatro anos, entre 1889 e 1893, este seria o seu verdadeiro gabinete. Próximo

dali, sob duas estacas de madeira, seria fixada uma barra transversal para os seus exercícios de ginástica. O esporte não era bem visto pela *intelligentsia* da época, porém, Vladimir procurava invariavelmente manter o equilíbrio ativo entre suas forças físicas e mentais, revelando uma disciplina inesgotável. Da mesma maneira que em sua primeira infância, vivia a vida, antes de tudo, em movimento; a diferença era de que agora ocupava-se também com o movimento do pensar (TROTSKY, 1981, p. 189).

Não possuímos provas em documentos escritos por Vladimir de que durante os primeiros anos do período de Samara houvesse compartilhado favoravelmente as opiniões da Vontade do Povo; porém, sabemos que, tempos depois, ideias insólitas relacionadas a esta questão seriam conservadas por ele nos meios social-democratas - o que alguns considerariam uma reminiscência do período precedente de seu desenvolvimento⁷². Vladimir, contudo, não mencionava Alexandre. Era precisamente esta reserva que provava o quão profunda deveria ter sido a ferida produzida em sua consciência pela morte do irmão. Para romper com a tradição populista, Vladimir precisava de motivos infinitamente mais probatórios e convincentes do que qualquer outro. A suposta origem de suas concepções organizativas, no entanto, não deveriam possuir somente motivações pessoais. Vladimir evoluía com toda uma geração, com toda uma época. Inclusive, em relação às primeiras publicações do grupo Emancipação do Trabalho, se pretendemos que Vladimir já as conhecesse nesta idade, estas não lhe colocavam radicalmente a alternativa de romper com a bandeira dos círculos conspirativos. Plekhanov, aliás, ainda não opunha ferrenhamente a futura social-democracia russa à Vontade do Povo; só exigia aos partidários desta última que assimilassem o marxismo. Pouco tempo antes, como vimos, Plekhanov havia até mesmo tentado reconciliar-se com seus antigos companheiros. Se as coisas se apresentavam assim na emigração, na Rússia a demarcação entre os *narodvoltsi* e os sociais-democratas era ainda mais flutuante e pouco clara. No caso em que os marxistas reconheciam o terror, a divisão se apagava completamente.

⁷² Diversas vezes, Lênin seria acusado por seus adversários políticos na Rússia de utilizar os procedimentos de luta conspirativos de Netchaiev. Já em 1904, no âmbito da 2ª Internacional (ao longo do Congresso de Amsterdã), alguns sociais-democratas alemães, principalmente os da ala da esquerda, liderada por Rosa Luxemburgo, atacariam violentamente as concepções “blanquistas” de Lênin, denunciando o “absolutismo russo” e o “perigo burocrático do ultracentralismo” (LUXEMBURG apud BROUÉ, 2014, p. 35). No mesmo período, o jovem Trótski também dirigiria duras críticas à teoria leninista de partido, considerando-a exterior à classe e “jacobinista”. Tais ataques sustentavam, fundamentalmente, que entre o jacobinismo-blankismo e o marxismo era necessário optar, sendo que o social-democrata e o populista-terrorista representariam dois mundos, duas doutrinas, duas táticas e duas mentalidades totalmente distintas. Nos capítulos seguintes, retomaremos esse debate mais detalhadamente.

A aproximação das duas tendências, que iriam divergir irrevogavelmente mais tarde, se explicava, na realidade, por sua incipiência teórica e pelo crepúsculo político da época. Foi precisamente neste interregno que Vladimir começou os estudos de Marx. Ao mesmo tempo, passava a tomar conhecimento sobre a prática das lutas que lhe eram recentes, nas quais a conspiração de Alexandre entrava como ponto final. Em Samara, onde não existia um movimento operário, nem sequer embrionário, os grupos dos meios intelectuais se formavam com atraso e se desenvolviam lentamente. Ainda não havia sociais-democratas, portanto. Em tais condições, Vladimir podia avançar em seus estudos sem ser obrigado a escolher definitivamente entre o marxismo e a Vontade do Povo. Fazer esta escolha significava ler, compreender, verificar, conversar, convencer-se, e isso requeria tempo. Vladimir deveria crescer e mudar durante todo esse período, inclinando-se cada vez mais ao socialismo. Àquela altura, no entanto, apenas começava a despertar para as questões de princípios. É provável que deva ter tido discussões com os “velhos” populistas desde os primeiros anos, não porque havia encontrado a verdade, mas sim porque a buscava. Porém, somente ao final de sua estada em Samara é que essas discussões se converteriam em conflitos mais sérios.

Por enquanto, nem o marxismo e nem a revolução estavam em primeiro plano. Nesta época, o problema do diploma universitário parecia muito importante ao próprio Vladimir e, particularmente, à sua mãe. Em 1890, Maria apelou sentimentalmente às autoridades para que concedessem ao filho o direito de prestar os exames finais em alguma das universidades imperiais. O fato de que nos dois anos e meio que haviam transcorrido desde sua expulsão nada de suspeito havia sido notado, desempenhou inevitavelmente o seu papel. O pedido de autorização para Vladimir tentar graduar-se recebeu uma resposta favorável em São Petersburgo. Desde a anistia até o começo das provas transcorreram menos de onze meses; até o seu fim, dezoito. Em média, os demais estudantes consumiam para essa mesma preparação quatro anos. Nas palavras de Trótski, “quando estabelecia os seus próprios planos de trabalho, Ulianov era taylorista, antes de Taylor” (TROTSKY, 1981, p. 207). A mesa examinadora era formada por um renomado corpo de professores da Faculdade de Direito e a imediata desconfiança em relação ao recém-chegado cedeu lugar à aprovação. A relação dos temas dos exames tem o tom de um simbólico prenúncio ao desfecho de nossa exposição: quanto à economia política teve que responder sobre os salários, expondo aos examinadores a teoria do valor recém-assimilada de *O Capital*; quanto à história da filosofia, respondeu sobre os diálogos de Platão concernentes às *Leis*. A mesa qualificou o seu

desempenho como “muito satisfatório”, o que constituía a nota mais alta. Restava ainda a maior parte das provas, de temas relativos ao direito, reservadas para o outono. Vladimir obteria com méritos todos os resultados necessários para as demais matérias que lhe faltavam.

Um mês antes de terminar seus estudos, porém, em outubro de 1891, Vladimir solicitou pela terceira vez o seu passaporte ao exterior. Que finalidade poderia haver em uma viagem? Vladimir possivelmente procurava por mais livros, jornais e revistas. Faltavam-lhe, sem dúvida, muitas obras, principalmente no domínio da imprensa periódica social-democrata. A ideia de trabalhar livremente nas bibliotecas europeias, após haver prestado todos os exames, não poderia deixar de seduzi-lo. De Berlim não seria difícil ir até Zurique e a Genebra estabelecer contatos com a Emancipação do Trabalho, estudar as publicações deste grupo e esclarecer as questões que lhe eram controversas. Seu pedido, entretanto, foi negado. E quando regressou de seus últimos exames do outono, o verão demasiadamente quente de 1891 já havia produzido a seca que fez a província de Samara se debater em convulsões de fome. Na verdade, toda a história da Rússia feudal é uma história de penúrias periódicas e de grandes epidemias. Mas a fome de 1891 foi excepcional, não somente por sua extensão, mas, em especial, pela influência que exerceu sobre as impressões políticas da sociedade. O perigo se insinuou ali onde repousavam as fontes do poder: as aldeias. As condições da grande massa camponesa, nos trinta anos transcorridos desde a abolição da servidão, haviam piorado muito. A terra exausta e mal trabalhada estava exposta à ação de todos os elementos hostis. O acelerado desenvolvimento da indústria e o simultâneo reestabelecimento de um regime semi-servil nos campos, desde a década de 1880, havia provocado um espantoso empobrecimento das camadas mais despossuídas, ao mesmo tempo em que uma rápida intensificação da exploração destas pela burguesia rural (os culaques). O mujique dobrou-se sobre o ventre e pôs-se a gemer com a agonizante voz do faminto.

A sinistra aureola de inatacável solidez que havia envolvido o regime de Alexandre III começou a dissipar-se. Uma parte das classes dominantes e numerosos membros da *intelligentsia* foram arrebatados por um impulso: ir ao socorro da aldeia, dar pão aos famintos e remédios aos doentes de cólera e tifo. As autoridades, não sem razão, acreditavam que sob este movimento filantrópico dissimulava-se uma tendência suspeita. A forma pacífica da velhice tolstoiana, a de voluntário e devotado auxílio às vítimas, era a via de menor resistência para os estados de ânimo acumulados durante os anos do novo reinado. Os revolucionários, por seu turno, não podiam seguir por este caminho. Para eles, o problema não consistia simplesmente em atenuar as consequências da calamidade social, e sim em eliminar

as suas causas. Mas, o espírito revolucionário dos populistas havia adormecido; em um sono prolongado, sentiam-se felizes confundindo-se com os liberais e colocando-se com eles a “serviço do povo”. Antes mesmo que se abrisse uma grande discussão entre os setores da *intelligentsia* sobre as perspectivas de desenvolvimento do país diante da influência da catástrofe, um pequeno número de marxistas se colocaria em crítica oposição à “sociedade culta” com relação à candente questão: o que fazer?

Todas as forças e todos os grupos tomariam posições políticas: o governo negava ou atenuava a fome; os liberais a denunciavam, mas esforçavam-se em demonstrar mediante seu trabalho “positivo” que seriam para o czar os seus melhores colaboradores; os populistas precipitavam-se aos refeitórios dos famintos e às barracas dos doentes, esperando encontrar um meio lícito de conquistar as simpatias do “povo”. Os marxistas se pronunciavam, não contra o socorro das vítimas, claro, mas sim contra ilusões tais como a de que se é possível esgotar com a colher da filantropia o mar da indigência. Vladimir, pela primeira vez, e sob sua inteira responsabilidade, tomou partido em relação a um problema social. Não aderiu ao comitê local de socorro. Nas assembleias e reuniões fazia, inclusive, uma propaganda sistemática e resoluta contra esse comitê. É necessário acrescentarmos mais uma vez: não contra sua atividade prática imediata, mas contra a crença em sua eficácia para o futuro. O desastre da fome se converteu, deste modo, em uma importante etapa de sua evolução. Por esta época, já havia entrado em contato com os trabalhos de Plekhanov; ao final de 1891, ou início de 1892, falava com grande respeito sobre *Nossas diferenças*. Se ainda persistiam dúvidas sobre o desenvolvimento capitalista e o caminho revolucionário na Rússia, estas deveriam desfazer-se progressivamente de agora em diante (TROTSKY, 1981, p. 215).

Mas, antes disso, era preciso pensar em sua própria sobrevivência. O diploma havia sido conquistado; era necessário utilizá-lo. Para tanto, Vladimir ingressou no fórum de Samara disposto a fazer da advocacia sua profissão. Suas causas iniciais, como advogado estreante, eram humildes causas perdidas por antecipação, como eram humildes e sem esperança as vidas das classes de onde procediam os acusados. O jovem defensor não ganhou mais do que uma única batalha judicial, mas, no transcurso do ano de 1892, seus interesses de teórico e revolucionário, reavivados pelas consequências da decadência social e pela renovação política do país, tornariam-se cada dia mais concentrados e exigentes. As preparações dos pequenos assuntos jurídicos já não mais deveriam distraí-lo. Em outras palavras, Vladimir se transformava definitivamente em um discípulo de Marx.

3.5. A busca pela obra-prima

Com o auxílio de Trótski, estamos agora em condições de fazer uma sumária reconstrução dos momentos mais importantes da breve biografia do jovem Vladimir Ulianov, retratada até aqui tendo como pano de fundo o desenvolvimento histórico da velha Rússia. Uma comarca perdida às margens do rio Volga. Na família patriarcal e unida de um funcionário público nasce Volodia⁷³, cresce, educa-se e forma sua inteligência sem desassossegos ou transtornos. A voz da crítica só se desperta nele no último período de ensino no ginásio, após a morte do pai, e, em princípio, se dirige subjetivamente contra as autoridades escolares e à Igreja. A inesperada execução do irmão mais velho lhe abre os olhos sobre as lutas políticas de sua época. Mas o ano sombrio de 1888, não apenas lhe salva fisicamente, como o empurra pelo caminho dos estudos disciplinados da teoria, quando encontra pela primeira vez, e clandestinamente, a obra-prima de Marx.

Em Cazã, Vladimir começa a leitura de *O Capital*. A assimilação da teoria marxista não significa ainda para ele uma ruptura imediata com a tradição da Vontade do Povo (como observamos em ocasião anterior, mesmo Alexandre era provavelmente leitor de Marx). Logo depois, na província de Samara, Vladimir se coloca em contato com os revolucionários de outras gerações, não como adversário, mas na qualidade de aluno atento, predisposto às críticas e às verificações. Se, apesar de sua mentalidade subversiva, relativamente evidenciada durante este período, não aderiu a nenhum grupo determinado, isto demonstra, sem nenhuma dúvida, que ainda não possuía credo político, apenas o procurava. Os grupos da juventude samarense somente começariam a interessar-se pelo marxismo ao longo de 1891, ou seja, justamente durante a catástrofe da fome. Por conseguinte, via-se um bom número de “aventureiros” correrem em perseguição ao primeiro tomo de *O Capital*, mas a maioria “quebrava a cara” já no capítulo I. No jardim municipal, sentados em um banco que denominavam marxista, conversavam sobre Hegel e os “segredos” da dialética. A *intelligentsia* já mais idosa de Samara, por sua vez, considerava os primeiros sociais-democratas russos como o produto de um grande equívoco. As lágrimas literárias, sem contribuir em nada para o camponês, haviam turvado os olhos desses populistas impedindo-os que avistassem o novo caminho que se abria à sua frente.

⁷³ Os russos são extremamente afetivos no tratamento interpessoal e costumam dirigir-se informalmente uns aos outros (em especial, às crianças, no seio familiar e, também, entre colegas) utilizando um apelido - às vezes, mais de um. Em geral, esses apelidos costumam ser inúmeros diminutivos; no caso de Vladimir, um dos diminutivos mais comuns é Volodia.

Vladimir, no entanto, continuava sua vida com o que se constituía em seu elemento fundamental: o movimento. O jovem talvez julgava-se insuficientemente preparado para o trabalho revolucionário, e não sem razão - na corrente que une teoria e prática faltavam-lhe elos importantes. Até o outono de 1891, sua atenção é quase que inteiramente absorvida pela preparação para os exames universitários finais. Ao árduo estudo do direito se agregou, por assim dizer, o processo de sua concepção de mundo. No domínio da escolástica jurídica, pela apreensão dos contraditórios em sua unidade, é possível que verificasse e confirmasse algumas de suas ideias marxistas. Mesmo assim, este trabalho crítico só se efetuava em momentos de folga. Vladimir não tinha pressa em se definir. Em fins de 1891, conquistou o diploma. Um dedicado trabalho de um ano e meio na advocacia deixou para trás a primeira etapa de sua aprendizagem e tornou seu pensamento mais independente em relação ao passado recente, dominado pelo signo de Alexandre. Deste modo, encontrou-se frente a um dilema: a renovação política do país após a trágica crise agrária (que ceifou cerca de meio milhão de vidas, por fome e doenças) e também o curso de sua própria renovação defrontavam-no com tarefas que o reclamariam por inteiro. As vacilações não durariam muito. A profissão de advogado teria que ceder lugar à atividade de militante, transformando-se em uma camuflagem temporária para esta. Criavam-se, assim, as condições para uma liquidação audaz deste período transitório.

Daí pra frente, ao lado das obras de Marx e Engels, e das publicações social-democratas da Emancipação do Trabalho, as compilações russas de estatística ocupariam cada vez mais espaço em seu escritório. Começavam os seus primeiros trabalhos pessoais para elucidar a realidade do país, estudando-o enquanto arena de luta e verificando a distribuição de suas principais forças combatentes. A partir de 1892, Vladimir jogaria com muito menos frequência um esporte que havia aprendido a apreciar quando criança, nas horas de lazer: o xadrez. A esta altura, já havia assimilado tão bem *O Capital* que todas as vezes em que folheava este livro, sabia descobrir nele novas ideias. Desde o período de Samara, havia aprendido a “consultar o mestre” recorrentemente. Vladimir tomava posse do marxismo como o de uma dedução que vinha do desenvolvimento anterior do pensamento humano; ele não queria descer a um grau inferior, já que havia alcançado um mais alto. Considerava com desconfiança preconcebida as tentativas empreendidas por ecletismos eruditos de substituir o marxismo por outra teoria mais maleável. Na principal obra de Marx, Vladimir apreciava, acima de tudo, a vivacidade do método.

Tempos depois, a historiografia falsificadora “oficial” faria de Vladimir o fundador de um marxismo doméstico, verdadeiramente russo, do qual deveria emergir a teoria e a prática mortificadas do “socialismo em um só país”. Nada mais desfigurado. A luta de classes na sociedade capitalista concebeu o marxismo, em meados do século XIX, como culminação da filosofia clássica da Alemanha, da economia política de Adam Smith e de David Ricardo acerca da Inglaterra, e das doutrinas socialistas edificadas sobre tempestuosas convulsões por toda a Europa, especialmente na França⁷⁴. O próprio Marx foi um emigrado “por excelência”. O caráter internacional do marxismo reside, portanto, nas próprias fontes de seu nascimento. Não foi por casualidade que o grupo Emancipação do Trabalho também se constituiu no exterior; o marxismo russo não veio à tona como um produto automático do capitalismo russo, mas como um complexo de toda a experiência da luta revolucionária russa combinada com as teorias e movimentos socialistas surgidos no Ocidente. Sobre alicerces estabelecidos a partir da Suíça é que se educou a geração marxista na Rússia dos anos de 1890. No caso de Vladimir, suas primeiras manifestações contra os populistas em Samara se associam intimamente ao seu apreço pelas obras de Plekhanov; havendo começado pela tendência marxista, enquanto teoria, foi por esta influência que converteu-se em revolucionário social-democrata.

Em Kokuchkino, em Cazã, e nos primeiros anos de Samara, Vladimir sentiu-se antes de tudo como um discípulo. Porém, assim como os grandes artistas já desde a juventude revelam a originalidade e a independência de seu pincel, mesmo na cópia dos quadros dos velhos mestres, Vladimir dava ao seu aprendizado tal vigor de investigação e iniciativa que pode ser difícil delimitar nele o que havia assimilado de outro e o que elaborava por si próprio. Durante o último ano de sua preparação, esta linha de demarcação se apaga definitivamente; o aprendiz se converte em um autor. A controvérsia com os populistas passa, conseqüentemente, ao domínio da observação dos processos concretos: continuava ou não se desenvolvendo o capitalismo na Rússia? Os diagramas que representavam as chaminés das fábricas e os operários industriais, bem como aqueles que demonstravam a estratificação da classe camponesa, adquirem outro significado. A estatística econômica se transforma na “ciência das ciências” - nela se escondia a chave para a compreensão dos destinos incertos da Rússia, de sua *intelligentsia* e de sua revolução.

⁷⁴ LENINE, V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 35 - 39.

Aproximadamente pelos últimos dezoito meses da vida de Vladimir em Samara, os levantamentos, os cálculos e as suas interpretações ocupam o lugar de maior destaque em seu escritório. Sua grande obra sobre o capitalismo russo não seria publicada até 1899, porém foi precedida por um bom número de estudos preliminares, cuja elaboração havia começado ali. Seu primeiro trabalho literário, que chegou até nossos dias, foi escrito precisamente durante esse período e resume o livro de V. Y. Postnikov, um antigo funcionário do governo, sobre a economia camponesa no sul da Rússia. O artigo, dedicado à ilustração da segregação que se operava no seio do campesinato e da proletarização de suas camadas mais débeis - processos já singularmente avançados no sul do país - revela que o jovem autor possuía notável destreza no manejo dos dados e sabia descobrir, através dos detalhes, o quadro do conjunto. Tal trabalho já demonstrava sua tendência marxista, mesmo que ele tivesse se absterido de polemizar ardorosamente com o populismo⁷⁵.

Não há nenhuma carta, bem como qualquer outro documento escrito por Vladimir, ou que lhe diga respeito, que date anteriormente ao ano de 1893. A opinião dos amigos, como também dos inimigos, possuem todas um caráter retrospectivo e são coloridas pelas poderosas influências e adulterações do período posterior. Porém, pela aproximação, e, frequentemente, por oposição, podemos reconstruir em parte sua figura pouco antes de se lançar à atividade revolucionária. Neste ponto, convém notarmos que nosso personagem não se assemelhava em absoluto ao tipo clássico dos niilistas russos, tal como eram retratados nos romances e na própria sociedade (caso de Vera Zasulich, por exemplo). Nem nos trajes, nem nos modos, não havia nada de chocante, nada de provocativo. Um jovem modesto, cuidadosa e convenientemente vestido, porém sem pretensões ou algo que pudesse destacá-lo das pessoas comuns. No entanto, aos vinte e dois anos de idade, Vladimir produzia a impressão de um homem maduro e já formado do ponto de vista político. Ao contrário da juventude samarense, a firmeza de suas réplicas revelava uma apaixonada resistência e era um meio de obrigar o adversário a expor-se e a revelar-se em sua verdadeira face. Após haver descoberto *O Capital* de Marx, varria infatigavelmente dos cérebros juvenis os temas metafísicos (certamente, já não era um adepto da lógica transcendental de Immanuel Kant). A justiça? Um mito que dissimula o direito do proprietário. Normas constitucionais? O legislador é o laiaio dos interesses materiais. O Estado? Um comitê executivo de exploradores. Em tais aforismos, e em outros do mesmo gênero, reduzia a cacos a mais bela porcelana do idealismo.

⁷⁵ Cf. LENIN, V. I. New Economic Developments In Peasant Life (On V. Y. Postnikov's *Peasant Farming In South Russia*). In: _____. **Collected Works**. Moscow: Progress Publishers, 1977. v. 1. p. 13 - 73. Com este artigo se iniciam as *Obras Completas* de Lênin.

Ao final de sua estada em Samara, circulou pelas mãos da juventude local um manuscrito, *Discussão entre um social-democrata e um populista*, apresentando um trabalho que, devemos imaginar, infelizmente se perdeu. Vladimir apresentava ali um resumo das controvérsias deste período, em forma de diálogo. Simbolicamente, na reprodução dos debates com os simpatizantes da Vontade do Povo, utilizava o método socrático, como nos ilustra o biógrafo: “Bem, tomas o poder, e depois? Perguntava o adversário. Decretos. E em quem te apoiareis? No povo. Mas, o que é o povo? Aí seguia a análise dos antagonismos de classe” (TROTSKY, 1981, p. 246).

Com esta pequena passagem dialógica, podemos, assim, completar certo percurso de desenvolvimento do jovem Vladimir Ulianov, mesmo que de uma maneira aproximada: por pelo menos quatro anos (1887 - 1891), suas tendências revolucionárias não haviam adquirido a coloração social-democrata; o estudo do marxismo, iniciado em torno de 1888, não significava ainda uma ruptura com a bandeira do irmão mais velho. Antes de conhecer as obras de Plekhanov, Vladimir não podia sequer colocar seriamente para si a questão de optar entre a social-democracia e o terrorismo populista. O conhecimento de tais obras só viria a ocorrer paralelamente à grande fome russa, por volta dos vinte e dois anos. Com esta idade, Vladimir já havia tomado da província do Volga tudo o que podia tomar. Até o final de 1892, aspirava deslocar-se para um centro mais elevado. Havia chegado o momento de separar-se da família. São Petersburgo, a mais europeia das cidades russas, atraía muito mais a Vladimir que a Moscou da época, a “grande aldeia”. Seus últimos meses em Samara seriam consagrados aos preparativos imediatos para a partida. Era hora de dizer adeus à sombra das tília. Vladimir abandonaria seu asilo perdido em um rincão provinciano para lançar-se ao campo de batalha da capital como um “artista armado” em busca de sua própria obra-prima. Desta forma, entre o assassinato de Alexandre e a instalação em São Petersburgo, nesses breves, mas, ao mesmo tempo, longos seis anos de paciente trabalho preparatório, se havia finalmente formado em seus traços essenciais, em sua concepção de mundo e em sua maneira de atuar, o futuro Lênin.

4. OS PRIMEIROS TRAÇOS

4.1. Rascunhos iniciais

Para prosseguirmos com nossa exposição, devemos agora remeter o leitor diretamente a um minúsculo congresso de nove homens que, reunindo-se na cidade de Minsk, em março de 1898, nomeou um comitê central e decidiu publicar pela primeira vez o manifesto de um partido marxista na Rússia. Esta foi a ocasião que deu origem ao Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR)⁷⁶. Antes que qualquer outro ato pudesse ser tomado, no entanto, a polícia czarista prendeu todos os seus principais participantes, de modo que praticamente nada restou deste esforço inicial. O manifesto observava que a classe operária russa estava desprovida do que seus camaradas de outros países possuíam livre e pacificamente: participação na administração do Estado, liberdade de expressão oral e escrita, e direito à organização e reunião. Estes eram, de acordo com os nove delegados, os instrumentos políticos fundamentais para a luta final contra a propriedade privada pelo socialismo. No Ocidente, a burguesia já havia conquistado estas garantias. No velho Império Russo, contudo, as condições eram bastante distintas.

Segundo Carr (1977, p. 16), o manifesto de Minsk aceitava, inequivocamente, a revolução em duas fases, a democrático-burguesa e a socialista-proletária, estabelecidas na primeira edição do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, há cinquenta anos antes. Chamando a atenção para o dilema fundamental da revolução russa - a incapacidade da burguesia local para chefiar a insurreição e a consequente extensão desse papel à classe operária - o documento não chegava a mencionar o processo pelo qual se podia tornar o proletariado capaz de cumprir essa tarefa, permanecendo, por assim dizer, “mais um exercício acadêmico do que um programa de ação”. Seja como for, o evento marcou a primeira experiência efetiva para se criar um partido social-democrata russo em território russo.

⁷⁶ Benoit aponta que, do ponto de vista da história interna às formas organizativas do partido revolucionário na Rússia, o congresso de Minsk, com a implantação formal do marxismo, representou o início de uma segunda fase que negou (unilateralmente) todo o período anterior (de concepções populistas, anarquistas e terroristas); as organizações abandonariam completamente o conspirativismo e a clandestinidade em troca do trabalho público, da propaganda e da atividade legal, passando a contabilizar os seus partidários em termos de votos e eleitores. Cf. BENOIT, H. Op. cit. p. 48 - 49.

Como vimos anteriormente, durante mais de trinta anos os principais revolucionários russos haviam sido os populistas, um nome composto para uma série de partidários que acreditavam na teoria da revolução camponesa e na prática do terrorismo contra os membros da autocracia. No início da década de 1880, o jovem Plekhanov rompeu com estes revolucionários, refugiou-se no exterior, tornou-se adepto do marxismo e fundou, em 1883, na Suíça, o grupo Emancipação do Trabalho. Nos quinze anos seguintes, Plekhanov e os seus companheiros travaram no exílio uma guerra literária constante contra o populismo, aplicando à Rússia a tese de que a revolução só poderia sobrevir pelo desenvolvimento do capitalismo e como obra do proletariado industrial. A rápida expansão da indústria, da vida fabril e o recrudescimento das crises e das greves russas, durante esse período, deram consistência às formulações da Emancipação do Trabalho.

Já ao longo da década de 1890, grupos marxistas fizeram a sua aparição pública na Rússia e o ano de 1895 viu surgir, em São Petersburgo, uma Liga de Luta pela Libertação da Classe Operária. Entre os membros desta liga, estava um jovem e entusiástico leitor de Plekhanov, que havia chegado à capital há apenas dois anos: Vladimir Ulianov. Os seus primeiros escritos possuíam um carácter estritamente económico-estatístico e eram uma espécie de continuação das polémicas de Plekhanov contra os populistas. No verão de 1895, o jovem Ulianov visitou o grupo Emancipação do Trabalho em Genebra, em sua primeira viagem ao exterior. Foi a esta altura que Vladimir fez o seu primeiro conspecto filosófico de um livro. A data de redação não está assinalada nos originais, mas é provável que tenham sido escritos em agosto de 1895, período em que Vladimir trabalhou na Biblioteca de Berlim. As anotações foram feitas em um caderno, com 45 páginas manuscritas; os extratos do livro foram redigidos em alemão, idioma original dos escritores. Trata-se da primeira obra conjunta de Marx e Engels, e do mais antigo conspecto conhecido de Ulianov sobre estes autores: *A Sagrada Família, ou Crítica da Crítica Crítica*⁷⁷.

⁷⁷ A *Sagrada Família* fora escrita entre setembro e novembro de 1844 e publicada em fevereiro de 1845. O título é uma designação irônica de Bruno e Edgard Bauer e de seus seguidores, que se agrupavam em torno da revista alemã *Allgemeine Literatur Zeitung* (Gazeta Geral de Literatura). Nas páginas deste periódico era difundida uma reacionária teoria idealista subjetiva sobre o processo histórico, segundo a qual os criadores da história seriam os indivíduos portadores do “espírito”, “da crítica pura”, enquanto que o “povo”, as massas populares, serviriam apenas de matéria inerte e passiva. Quando Marx e Engels escreveram este livro haviam passado do idealismo e do democratismo revolucionário para as concepções materialistas da história. Ao se pronunciarem contra os irmãos Bauer e os demais jovens hegelianos, Marx e Engels criticaram a filosofia idealista do próprio Hegel. Elaborado sob uma considerável influência da filosofia materialista de Feuerbach, o livro contém elementos de crítica também a esta filosofia. Cf. LÉNINE, V. I. Conspecto do livro de Marx e Engels “A Sagrada Família”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 23 - 53.

De início, Vladimir anotou que o “pequeno livrinho”, dividido em nove capítulos, com todos os seus títulos satíricos, eram na realidade uma crítica radical ao estilo da *Gazeta Geral de Literatura* (ou, simplesmente, *Gazeta Literária*) de Bruno Bauer e seus consortes. Uma parte considerável do livro é, de fato, dedicada à crítica de tais autores, de suas concepções subjetivas sobre o processo de desenvolvimento social, e em particular de suas ideias reacionárias sobre o papel das massas trabalhadoras na história. São copiadas diversas páginas onde Marx elogia, embora já com ressalvas, Pierre-Joseph Proudhon em comparação aos críticos da *Gazeta Literária*, contrapondo à especulação idealista de seus redatores às ideias “abertamente socialistas” do autor francês. Ali, Marx, aproximando-se de sua teoria do valor-trabalho, segundo Vladimir, também defendeu Proudhon dos “economistas-nacionais”, para os quais a riqueza seria fruto do movimento que esta ou aquela espécie de propriedade privada engendraria para as nações (uma “ilusão humana” da “realidade inumana” das relações sociais).

Opondo o proletariado à riqueza Marx considerou, nessa obra, que a propriedade privada (como riqueza) estaria coagida a conservar-se em sua existência e com isso, simultaneamente, ao seu oposto (o proletariado). A propriedade privada satisfeita em si mesma seria o lado positivo da oposição. O proletariado seria inversamente coagido a suprimir-se (*aufheben*) a si próprio e, com isso, ao seu oposto condicionante, a propriedade privada, que fizera dele proletariado. Seria o lado negativo da oposição, a sua inquietude em si. Desta forma, no interior desta unidade contraditória, o proprietário privado seria, assim, o partido conservador, e o proletário o partido destrutivo. Daquele partiria a ação de conservar a oposição, deste a ação de seu aniquilamento. Vladimir anotou aqui que, “de modo muito expressivo”, aparecia a concepção “já quase completamente formada de Marx sobre o papel revolucionário do proletariado” (LÉNINE, 1989, p. 30).

Ao seguir de perto a crítica marxista às concepções idealistas e abstratas dos irmãos Bauer sobre a contraposição espírito (*Geist*), ou “minoria esclarecida”, e matéria (*Masse*), ou “massa inculta”, Ulianov destacou aproximação por Marx da ideia materialista das “massas” como elemento ativo da história. Seria fácil compreender que todo o interesse das “massas”, que se impunha historicamente ao aparecer pela primeira vez na cena mundial, iria para muito além das “ideias”. Para que as “massas” pudessem se erguer, citara Marx, não bastava fazê-lo em pensamento. Mais adiante, Vladimir sublinha, em outra passagem, “os princípios fundamentais de toda a visão de mundo” de Marx:

[...] pode logo medir-se o abismo crítico que separa o comunismo e socialismo *de massas*, profanos, do socialismo *absoluto*. A primeira proposição do socialismo profano rejeita a emancipação *na mera teoria* como uma ilusão e exige para a liberdade *real*, além da “*vontade*” idealista, ainda condições muito palpáveis, muito materiais. Quão abaixo da crítica sagrada está a “*massa*” - a massa, que acha que são precisos revolucionamentos práticos, materiais, mesmo para conquistar o tempo e os meios que são exigidos também só para a ocupação com “*a teoria*”! (MARX apud LÉNINE, 1989, p. 40, grifo do autor).

Além da reelaboração por Marx e Engels da filosofia de Hegel⁷⁸, Vladimir deteve-se também na apreciação crítica do materialismo precedente feita por eles. Aqui, considerou particularmente valiosa a parte “Combate crítico contra o materialismo francês”, na qual se demonstrava que o comunismo seria inevitável não apenas do ponto de vista lógico (como conclusão de todo o desenvolvimento anterior da filosofia), como do ponto de vista histórico (porquanto, no seu movimento econômico, a propriedade privada se impeliu a si própria à sua supressão). Embora este capítulo constitua, nas palavras de Löwy (1978, p. 127), “precisamente o único escrito de Marx onde ele adere de uma maneira não crítica ao materialismo francês do século XVIII”, parece-nos importante destacar que Vladimir o tenha lido e utilizado provavelmente no sentido de se apoiar na experiência da luta de Marx e Engels contra os jovens hegelianos. Vladimir sublinha com interesse particular, inclusive, uma passagem em que Marx cita a carta de um “representante da massa”, publicada na *Gazeta Literária*, em que se exige o estudo da realidade, da natureza e da indústria, e que por este motivo fora “insultado pela crítica”. Em boa parte de seus primeiros trabalhos na segunda metade dos anos de 1890, Ulianov combateu a sociologia subjetiva dos populistas russos⁷⁹, lutando contra as teorias anarquistas dos “indivíduos que pensam criticamente” e de seu terrorismo “heroico” que se opunha à suposta passividade das massas populares, sobretudo camponesas.

Sabemos que ao longo de *A Sagrada Família* é notória a utilização de certas categorias hegelianas por parte de Marx e, também, o caráter ainda relativamente humanista de seus escritos da juventude (que seriam abandonados subsequentemente). Além disso, é nesta obra em que a influência de Feuerbach talvez se faça mais legível (especialmente nos

⁷⁸ Cabe mencionarmos que quando Marx escreveu *A Sagrada Família* utilizou o tomo II da 2ª Edição das *Obras* de Hegel, de 1841. Trata-se da *Fenomenologia do Espírito*, primeiro grande trabalho de Hegel em que ele expõe o seu sistema filosófico e que, segundo Marx, “apesar de seu pecado original especulativo, dá, em muitos pontos, os elementos de uma caracterização real das relações humanas” (MARX apud LÉNINE, 1989, p. 51, grifo do autor). Para uma interessante relação entre o percurso da consciência na *Fenomenologia* de Hegel e o método expositivo de *O Capital* de Marx, vide ANTUNES, J. A *Fenomenologia de O Capital*. In: AQUINO, J. M.; NUNES, M. A.; MELO, R. P. (Orgs.). **Filosofia Contemporânea em Debate**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013. p. 11 - 24.

⁷⁹ GARAUDY, R. **Lénine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. p. 11 - 12.

“calorosos elogios” de Engels). Este momento “materialista francês”, de afirmação da primazia das condições materiais sobre a consciência, fora para o marxismo, possivelmente, a etapa que representou uma ruptura em relação à etapa neo-hegeliana anterior, mas que ainda era incapaz de reestabelecer uma unidade entre as ideias e a ação revolucionárias⁸⁰. Vladimir parece ter se dado conta precocemente de tais características, ao sublinhar algumas passagens “radicais, mas desinteressantes de Marx” e apontar para a concepção já quase desenvolvida de Marx e Engels sobre o “poder prático” do proletariado, o partido destrutivo no interior de sua oposição com a propriedade burguesa.

Em linhas gerais, Vladimir Ulianov assimilava a formação da visão de mundo de Marx e Engels, reconhecendo-a em seu movimento. Marx, que escrevera a maior parte do livro, observou ele, “chega aqui ao socialismo vindo da filosofia hegeliana; a passagem observa-se nitidamente: é visível aquilo que Marx já dominara e como ele passa a um novo círculo de ideias” (LÉNINE, 1989, p. 28). Seus rascunhos iniciais, portanto, apontavam, talvez pioneiramente, para a transição revolucionária realizada pelos fundadores do marxismo, assinalando a importância de diferentes correntes filosóficas para o desenvolvimento do pensamento de seus autores. Vladimir talvez tenha sido, inclusive, um dos primeiros marxistas a ler pormenorizadamente os escritos filosóficos do jovem Marx⁸¹. Embora o conspecto de *A Sagrada Família* não aborde explicitamente a problemática da dialética e não forneça sequer alguns esboços mais concretos sobre o programa revolucionário e a teoria do partido, é certo, como vimos, que ele já conhecia satisfatoriamente *O Capital*. Ulianov irá se referir repetidamente à grande obra de Marx e Engels também em conspectos, fragmentos e notas mais tardios, que serão abordados posteriormente. Daqui em diante, contudo, jamais se interessará somente por teoria. Sua obra teórica se desenvolverá ao mesmo ritmo que sua atividade revolucionária. Esta será a sua nova assinatura.

4.2. Uma nova assinatura

⁸⁰ LÖWY, M. Op. cit. p. 161. Löwy sustenta que essa etapa seria ultrapassada por Marx logo em seu trabalho seguinte, as *Teses sobre Feuerbach*, de 1845, no qual, mediante a crítica de Feuerbach e do materialismo do século XVIII, a unidade entre teoria e prática, a práxis revolucionária, fora reconstituída.

⁸¹ De acordo com Anderson (1995, p. 12), os escritos do jovem Marx permaneceram em sua maior parte inéditos e não lidos pelos sociais-democratas até a virada do século XX. Somente após a Revolução Russa, em 1917, é que uma edição completa dos trabalhos de Marx finalmente começou a ser publicada (no entanto, fora interrompida em seguida pelo regime de Stálin, que ordenou a execução do editor responsável, David Riazanov).

Na volta a São Petersburgo, Vladimir retomou seus trabalhos com a Liga de Luta pela Libertação da Classe Operária. Assim como os outros membros, ocupou-se da distribuição de panfletos revolucionários a trabalhadores fabris, o que levou à sua prisão por alguns meses e depois ao seu exílio para a Sibéria, em fins de 1895. Devido à relativa frouxidão dos regulamentos da polícia russa, a sentença não interrompeu as suas atividades literárias. Durante o degredo siberiano, o espírito de Ulianov esteve a ponderar planos de organização de um partido, centrado sobre a criação de um jornal a ser publicado no exterior e que seria introduzido clandestinamente na Rússia. Discutiu esses planos com Alexander Potresov, Julius Martov e com Nadezhda Krupskaya, que, também detida, reencontrou-se com ele na Sibéria e anos mais tarde tornou-se sua esposa⁸².

Em princípios de 1900, Ulianov, Potresov e Martov, partiram a Genebra em busca da colaboração do grupo Emancipação do Trabalho para a publicação do semanário planejado. Rapidamente chegou-se a um acordo sobre a fundação de um jornal político, o *Iskra* (Faísca), e de uma revista teórica denominada *Zaria* (Aurora). Ambos seriam publicados sob a direção de uma comissão de seis - Plekhanov, Axelrod e Zasulich (representando a Emancipação do Trabalho) e Ulianov, Potresov e Martov (representando a Liga de Luta pela Libertação da Classe Operária). O prestígio e a autoridade de Plekhanov como decano dos marxistas russos tornavam-no o dirigente “natural” da empresa. Vladimir, por sua vez, era possivelmente o autor mais prolífico dos três membros mais jovens da Liga. Suas primeiras obras haviam sido publicadas sob os pseudônimos “Ilin” e “Tulin”. Um artigo surgido na *Zaria*, em dezembro de 1901, foi a primeira ocasião em que seria utilizada uma nova assinatura: Lênin. O episódio teve importância simbólica. Foi por volta desta altura que Lênin começou a superiorizar-se aos seus companheiros de redação pela energia e clareza de suas ideias (CARR, 1977, p. 18). Ele sabia exatamente o que queria: estabelecer os “alicerces” teóricos de um partido revolucionário organizado. Uma iniciativa pioneira para elaborar e difundir uma teoria marxista sobre o partido, para a qual decidiu emprestar o título de um famoso romance de Tchernichevski, que lera e relera durante as suas tardes de exílio siberiano: *O Que Fazer?*

⁸² Em sua chegada a São Petersburgo, no outono de 1893, Vladimir havia entrado em contato com os círculos dos operários locais, que, por sua vez, passavam a frequentar cada vez mais as escolas dominicais dos bairros da cidade. Oficialmente, um grande número de temas estava proibido. Entretanto, tais escolas eram um meio excelente de conhecer as massas operárias, as suas necessidades e, também, os incidentes ocorridos no interior das fábricas. Nestas escolas, Nadezhda Krupskaya lecionava há quatro anos. Após as reuniões de domingo, Vladimir se juntava a Krupskaya para conversar sobre suas aulas, seus alunos e sobre as indústrias de São Petersburgo. Ao saírem da prisão em fevereiro de 1897, Ulianov e Krupskaya casaram-se em 1898. Cf. KRUPSKAYA, N. **Mi vida con Lenin (1893 - 1917)**. Santiago de Chile: Ercilla, 1937. p. 13 - 26.

4.3. A delimitação rigorosa dos matizes

O livro *Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento*⁸³ foi publicado originalmente em março de 1902, em Stuttgart, na Alemanha. No Prefácio, escrito em fevereiro do mesmo ano, Lênin destacava que o tema principal de seu trabalho deveria abarcar três problemas que haviam sido colocados por ele já em seu artigo *Por Onde Começar?*⁸⁴, a saber: o caráter e o conteúdo principal da agitação política; as tarefas de organização; e o plano para a criação de uma combativa organização marxista para toda a Rússia. Esclarecia, no entanto, que haveria de começar o texto por outros dois problemas de ordem mais geral. Por que motivo uma palavra de ordem tão “inocente” como a “liberdade de crítica” seria na realidade um verdadeiro grito de guerra no interior do partido? E por que os sociais-democratas não poderiam sequer chegar a um acordo sobre o problema fundamental do papel do partido em relação ao movimento espontâneo das massas?

Ao abordar o primeiro problema, Lênin apontou para uma clara oposição que se formara na social-democracia da época, no seio da qual uma “nova” tendência havia assumido uma atitude “crítica” frente ao marxismo “velho” e “dogmático”. Sob a alcunha da “liberdade de crítica”, a “nova” tendência transformava o partido da revolução social em um partido democrático de reformas sociais. Tal reivindicação política se apoiava no cânone do marxismo alemão, Eduard Bernstein, com toda uma bateria de “novos” argumentos e considerações: era negada ao marxismo a possibilidade de fundamentar “cientificamente” o socialismo e demonstrar a sua necessidade e inevitabilidade; era negado o fato da crescente proletarianização e exacerbação das contradições capitalistas; era negada a teoria da luta de classes; era declarada inconsistente a ditadura do proletariado etc. Para Lênin, a “nova” tendência “crítica” surgida no interior do socialismo russo não era mais que uma nova variedade do oportunismo. “A ‘liberdade de crítica’ é a liberdade da tendência oportunista no seio da social-democracia, a liberdade de transformar esta última num partido democrático de reformas” (LENINE, 1986, p. 86).

⁸³ LENINE, V. I. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 79 - 214.

⁸⁴ O artigo *Por onde começar?*, publicado como editorial no número 4 do *Iskra*, em maio de 1901, contém respostas ao que Lênin considerava os problemas mais urgentes do movimento social-democrata da Rússia naquele tempo. O artigo servia pioneiramente como documento programático para a social-democracia russa e se difundiu amplamente, inclusive no estrangeiro. As ideias sobre questões de organização e de tática expostas por Lênin neste artigo seriam pormenorizadamente desenvolvidas no livro *O Que Fazer?* e serviriam de guia teórico na atividade prática para a criação do partido marxista russo. Cf. LENIN, V. I. *¿Por Donde Empezar?* In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1976. v. 5. p. 9 - 21.

Na Rússia de então, a palavra de ordem “liberdade de crítica” e a “nova” tendência (reformista, bernsteinista ou oportunista) era elaborada solenemente pela *Rabotcheie Dielo* (Causa Operária), revista da União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro⁸⁵. Para este órgão, a tendência “velha e dogmática” na Rússia era representada pelos organizadores do *Iskra* e da *Zaria*. Ambas as tendências representavam àquela altura, portanto, dois tipos ou caminhos diferentes, e até diametralmente opostos, para o desenvolvimento do Partido Operário Social-Democrata Russo. Colocando-se à cabeça dos *iskristas* e combatendo a “liberdade de crítica” como uma condição para a união dos sociais-democratas russos, Lênin passaria a analisar o que era precisamente e como se manifestava especificamente o bernsteinismo russo.

Segundo Lênin, a particularidade fundamental da Rússia, no aspecto em que se propunha analisar, consistia em que o próprio começo do movimento operário espontâneo, por um lado, e a virada da opinião pública avançada para o marxismo, por outro, se distinguiam, em relação ao Ocidente, pela união de elementos notoriamente heterogêneos, sob uma bandeira comum e para lutar contra um inimigo comum (as concepções políticas e sociais “caducas” do czarismo). O chamado “marxismo legal” fora um fenômeno originalmente russo, em cuja possibilidade seria difícil acreditar ao longo dos anos de 1880 ou 1890 (como lembramos, o grupo Emancipação do Trabalho se formou e atuou no exterior). Num país autocrático, com uma imprensa completamente subjugada, em uma época de terrível reação política, que reprimia as mínimas manifestações de descontentamento social e de protesto, a teoria do marxismo revolucionário abriu subitamente o caminho na literatura dominada pela censura, expondo-se numa linguagem inofensiva, mas compreensível a todos os interessados.

O governo czarista havia-se habituado a considerar como perigosa somente a teoria revolucionária da Vontade do Povo, sem que se notasse a sua evolução interna. Regojizava-se com toda a crítica dirigida a tal literatura, enquanto as obras marxistas eram editadas umas atrás das outras, fundando-se jornais e revistas, e entusiasmando os editores com as suas vendas extremamente rápidas. Esse florescimento efêmero do marxismo à margem do partido teve, portanto, a sua origem na aliança entre elementos extremos e

⁸⁵ A União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro foi fundada em 1894 por iniciativa do grupo Emancipação do Trabalho. O I Congresso do POSDR, em Minsk, no ano de 1898, a reconheceu como órgão representante do partido no exterior. Mais tarde predominariam na União, entre os chamados elementos “jovens”, a “nova” tendência revisionista apontada e combatida por Lênin. Em consequência desses posicionamentos, a União foi dissolvida após decisão tomada no II Congresso do POSDR, em agosto de 1903 (LENINE, 1986, p. 701).

elementos moderados. Mas, fora esta união a primeira aliança verdadeiramente política realizada pelos marxistas russos. Graças a ela, foi possível obter-se uma vitória sobre o populismo, assim como uma ampla difusão das ideias social-democratas (mesmo que sob uma forma “branda”). Entretanto, o bernsteinismo e a tendência “crítica”, para a qual havia evoluído a maior parte dos marxistas legais, acabariam destruindo esta aliança, corrompendo a consciência socialista e tendendo, na prática, a converter o nascente movimento operário espontâneo em apêndice da burguesia liberal.

Nestas condições, escrevia Lênin, uma ruptura se fizera necessária. Mas a particularidade original da Rússia manifestou-se em que essa ruptura significou, na verdade, a eliminação dos sociais-democratas da literatura legal, a mais acessível e a mais amplamente difundida. Nela acabaram por se entrincheirar os “ex-marxistas”, que se tinham agrupado sob o signo da “crítica”, e que agora a utilizavam para atacar os marxistas. Esta virada teórica para a “crítica” correspondeu aos reformistas uma guinada prática ao chamado “economismo”. Aos sociais-democratas mais decididos caberia, portanto, a tarefa de combater teórica e praticamente essa “nova” corrente.

A esta altura, Lênin perguntava: “dadas essas particularidades da ‘crítica’ russa e do bernsteinismo russo, em que deveria consistir a tarefa dos que de fato, e não somente em palavras, queriam ser adversários do oportunismo?” (LENINE, 1986, p. 93). Primeiramente, era preciso pensar em retomar o trabalho teórico que, mal tendo começado na época do marxismo legal, agora tinha voltado a recair sobre os sociais-democratas “ilegais”. Em segundo lugar, era necessário empreender uma luta ativa contra a “crítica” legal, que corrompia profundamente os espíritos revolucionários. Por fim, havia-se que atuar energicamente contra a dispersão e as vacilações do movimento prático. Lênin sabia que a *Rabotcheie Dielo* não havia cumprido nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira destas tarefas, e se propunha a demonstrar a flagrante contradição existente entre a reivindicação da “liberdade de crítica” e, também, do “economismo” russo.

A despeito das particularidades levantadas, Lênin via no exemplo dos sociais-democratas russos um fenômeno europeu geral (assinalado, sobretudo, pelos marxistas alemães): a “liberdade de crítica” não implicava a substituição de uma teoria por outra, mas na liberdade de prescindir de toda a teoria consciente e refletida. Em outras palavras, ecletismo e falta de princípios. Para a social-democracia russa a importância do combate ideológico pela teoria revolucionária era maior ainda por três razões:

primeiramente, porque o nosso partido apenas começou a formar-se, apenas começou a elaborar a sua fisionomia, e está muito longe de ter ajustado contas com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho correto. [...] Nestas condições, um erro, “sem importância” à primeira vista, pode levar às mais deploráveis consequências e é preciso ser míope para considerar como inoportunas ou supérfluas as discussões de fração e a delimitação rigorosa dos matizes. [...] Em segundo lugar, o movimento social-democrata é, pela sua própria natureza, internacional. Isto não significa apenas que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa também que um movimento incipiente num país jovem só se pode desenvolver com êxito desde que aplique a experiência de outros países. [...] Em terceiro lugar, a social-democracia russa tem tarefas nacionais como nunca teve nenhum outro partido socialista do mundo [incluindo] esta tarefa de libertar todo o povo do jugo da autocracia. De momento, queremos simplesmente indicar que *só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda*. (LENINE, 1986, p. 97, grifo do autor).

Após citar uma longa observação de Engels sobre a importância da filosofia alemã (sobretudo de Hegel) e, também, do movimento operário inglês e francês para a social-democracia, Lênin recordou a “decisão abnegada” e a “energia” dos revolucionários russos da década de 1870. Apontando para a falta de consciência e da capacidade de iniciativa dos dirigentes de sua época, procurou rebater a acusação da *Rabotcheie Dielo* de que o grupo do *Iskra* havia subestimado a importância do elemento espontâneo das massas. Após haver constatado a divisão do POSDR em duas tendências contraditórias, a “velha” (revolucionária) e a “nova” (oportunista), Lênin, mais uma vez, colocaria a questão em termos de uma dupla oposição: consciência e espontaneidade. Para superá-la, passaria, assim, a analisar as relações entre o consciente e o espontâneo com todo o pormenor.

Em meados dos anos de 1890, a jovem *intelligentsia* russa havia sido atraída para o marxismo. As greves operárias adquiriram também, por aquela época, um caráter geral. Para Lênin, era precisamente este movimento grevista que deveria ser considerado em primeiro lugar, pois o progresso do movimento operário daquele período fora muito superior aos motins realizados na Rússia durante os anos de 1860 e 1870. Este exemplo demonstrava que o elemento espontâneo era na verdade a “forma embrionária” do consciente. Os motins primitivos já refletiam, assim, certo despertar do consciente, mas eram mais uma manifestação de desespero e vingança do que uma luta organizada. As mobilizações dos anos de 1890 ofereciam muito mais “clarões” de consciência: calculava-se antecipadamente o momento mais favorável, formulavam-se reivindicações precisas, discutiam-se os casos e exemplos de outras localidades etc. Se os motins eram a revolta dos oprimidos, as greves representavam os verdadeiros “embriões” da luta de classes.

“Embriões” porque tais greves não eram de fato uma luta social-democrata; elas assinalavam o despertar do antagonismo entre os operários e os patrões, mas os operários não possuíam ainda a consciência da oposição irreconciliável entre os seus interesses e os de todo o regime político e social existente. Neste sentido, as greves dos anos de 1890 continuavam a ser um movimento predominantemente espontâneo. Àquela altura, a consciência social-democrata só poderia ser introduzida “de fora”. Na Rússia, a própria doutrina teórica da social-democracia surgira de forma independente em relação ao ascenso espontâneo do movimento operário - surgira como resultado inevitável do desenvolvimento do pensamento de sua *intelligentsia* socialista. Em meados dos anos de 1890, esta doutrina não só constituía já um programa completamente formado pelo grupo Emancipação do Trabalho, como havia conquistado a maioria da juventude revolucionária russa. Assim, existiam ao mesmo tempo, o despertar espontâneo das massas operárias, e uma juventude revolucionária que, armada com a teoria marxista, passava a se dirigir ao proletariado.

O fracasso dos primeiros empreendimentos social-democratas na Rússia, para Lênin, provara simplesmente que os revolucionários não estavam em condições de satisfazer as exigências vitais daquele momento, por falta de experiência revolucionária e preparação prática. Assim Lênin caracterizava, inclusive, o ato de fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo, em 1898 (relembrando que, após o a realização do I Congresso, em Minsk, todos os participantes foram presos pela polícia política). No entanto, o que era um “meio mal” tornou-se um “verdadeiro mal” quando a consciência nos militantes destes primeiros grupos começou a obscurecer-se, dando origem a órgãos social-democratas que tentavam dar fundamento teórico a um “culto da espontaneidade”. Lênin passa então a fazer o balanço dessa tendência, caracterizada por ele como “economismo”.

Fora inicialmente entre os marxistas que atuavam em São Petersburgo que havia surgido e crescido os desacordos no interior das duas futuras tendências da social-democracia russa. No início de 1897, haviam se encontrado os “velhos” e os “jovens” membros da Liga de Luta pela Libertação da Classe Operária. A conversa giraria em torno da organização e dos estatutos. Imediatamente, manifestou-se uma divergência muito nítida e estabeleceu-se uma polêmica acalorada. Os “velhos” diziam que se deveria, em primeiro lugar, consolidar a Liga, transformando-a em uma organização de revolucionários à qual deveriam se subordinar os diversos círculos de propaganda, enquanto os “jovens” relativizavam a questão e defendiam uma discussão essencialmente sobre os estatutos.

O aparecimento do jornal *Rabotcheie Misl* (Pensamento Operário) em São Petersburgo trouxe a tendência dos “jovens” para a luz do dia. Ao analisar o editorial de seu primeiro número, Lênin afirmou que, ao invés de exortar a marcha para frente, consolidar a organização revolucionária e alargar a atividade do partido, incitou-se a empurrá-la para trás, para a luta exclusivamente “*trade-unionista*” (ou “sindicalista”). O jornal proclamava que a base econômica do movimento era obscurecida pela aspiração constante dos “velhos” de não se esquecer “o ideal político”; ao contrário, o lema do movimento operário deveria ser “luta pela situação econômica”. Para Lênin, isto significava inclinar-se completamente perante a espontaneidade do movimento operário pelas reivindicações meramente “econômicas”, diminuindo o elemento político consciente da social-democracia.

Este papel, unilateralmente determinado, traria como resultado lógico o fortalecimento da influência da ideologia burguesa sobre os operários. A ideologia burguesa, muito mais antiga pela sua origem, estava mais completamente elaborada, possuía meios de difusão muito mais numerosos e, portanto, se impunha mais “espontaneamente” aos operários. Por isso, a tarefa leninista para a social-democracia consistia, naquele preciso momento, em fazer com que o movimento operário se desviasse da tendência oportunista do “economismo” de se acolher debaixo das asas das concessões burguesas e em atraí-lo para debaixo das asas da luta da social-democracia revolucionária. O movimento, ainda em sua infância, para que pudesse atingir mais rapidamente a sua maturidade, deveria imbuir-se da intransigência contra aqueles que, prosternando-se perante a espontaneidade, travavam o seu desenvolvimento.

Não há dúvida de que o movimento das massas é um fenômeno da maior importância. Mas a questão está em saber como interpretar a “determinação das tarefas” por este movimento das massas. Pode ser interpretada de duas maneiras: *ou* no sentido do culto da espontaneidade deste movimento, isto é, reduzindo o papel da social-democracia ao de simples servidor do movimento operário [...], ou no sentido de que o movimento das massas nos coloca *novas* tarefas teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas do que aquelas com que nos podíamos contentar no período antes do aparecimento do movimento das massas. (LENINE, 1986, p. 111 - 112, grifo do autor).

Em resumo, na esteira do movimento espontâneo das massas, os marxistas legais haviam sido atraídos, na teoria, para o bernsteinismo (ou para a “revisão” dos fundamentos do próprio marxismo), e os sociais-democratas, na prática, para o “economismo” (ou para a “supremacia” da luta pela elevação dos salários, melhorias nas condições de trabalho etc. sobre a consciência da luta verdadeiramente revolucionária), tendências às quais a *Rabotcheie*

Dielo sempre havia apoiado e que Lênin denominou “culto da espontaneidade” ou, sinteticamente, oportunismo (em termos de partido e de programa revolucionários). No entanto, tentando diferenciar de maneira clara o seu “método” daquele dos oportunistas, Lênin procurava demonstrar, já em 1901 - 1902, uma elevada destreza em sua “arte”, a sua ideia fundamental sobre o movimento social-democrata, um movimento constituído por ascensos, descensos e, novamente, ascensos de consciência, como haveria de assinalar em uma filosófica passagem⁸⁶:

Mas qual é o papel da social-democracia, senão de ser o “espírito” que não só plana sobre o movimento espontâneo, mas *eleva* este último *ao nível do “seu programa”*? [...] Assim, persuadimo-nos de que o erro fundamental da “nova tendência” da social-democracia russa é o de ajoelhar-se perante a espontaneidade, o de não compreender que a espontaneidade das massas exige de nós, sociais-democratas, uma elevada consciência. Quanto mais poderoso for o ascenso espontâneo das massas, quanto mais amplo se tornar o movimento, tanto maior, incomparavelmente maior, será a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, quer no trabalho teórico quer no político e no de organização da social-democracia. (LENINE, 1986, p. 116, grifo do autor).

Lênin constatara, portanto, que o ascenso espontâneo das massas na Rússia havia sido tão rápido e inesperado que a juventude social-democrata acabara por revelar-se pouco preparada para cumprir as gigantescas tarefas de seu tempo. Este ascenso realizou-se e estendeu-se de forma ininterrupta e contínua, e não apenas não cessou onde havia começado, como ainda se propagou a novas localidades e a novas camadas da população (sob a influência do movimento operário, reanimara-se a efervescência da juventude estudantil, entre os intelectuais em geral, e mesmo entre os camponeses). Os revolucionários haviam se atrasado em relação a este ascenso, tanto nas “teorias”, como na prática, não conseguindo criar uma organização permanente capaz de orientar todo o movimento, elevando-o em direção ao programa revolucionário. E “rebaixar” as tarefas políticas à “espontaneidade” do grito “liberdade de crítica” era não ter “elevado” a consciência suficientemente para saber reconhecer a verdadeira “fisionomia política” de um partido revolucionário.

⁸⁶ Neste ponto, recorremos a Benoit para uma possível, e simbólica, analogia com uma das mais belas páginas da história da filosofia ocidental, escrita no livro VII do diálogo *A República* de Platão: a alegoria da caverna. Nela um prisioneiro é libertado de uma caverna onde apenas via e ouvia projeções e sons de objetos e pessoas e não os objetos e as pessoas em si. Após um longo processo, um trabalhoso caminho, o prisioneiro liberto consegue se acostumar a contemplar as maravilhas da luz e da vida “exterior”, superando, assim, o conformismo e a alienação que o haviam acompanhado no interior da caverna. “O verdadeiro filósofo, sustenta Sócrates, seria assim aquele que, após a longa ascensão até as Ideias [o prisioneiro que se libertou e contemplou a própria vida e não apenas as “imagens” da vida], não se contentasse em lá permanecer. É necessário voltar às trevas, é necessário descer novamente [à caverna]. Chegando porém na escuridão, o verdadeiro filósofo não deve se importar com a zombaria e as críticas dos cativos. É necessário que ele pacientemente se reacostume com as trevas e que finalmente demonstre aos cativos a sua sabedoria, provocando-lhes, a eles também, o desejo da ascensão para a liberdade.” (BENOIT, 1996, p. 74 - 75).

4.4. A fisionomia política do partido

Estabelecer as diferenças fundamentais, a contradição existente entre oportunistas e revolucionários. Eis o que Lênin faria ao defender o *Iskra* de então como um verdadeiro órgão de oposição revolucionária em relação à *Rabotcheie Dielo*, especificamente, e aos “economistas”, em geral, que desviavam constantemente o programa social-democrata para concepções meramente “*trade-unionistas*” (“sindicalistas”), representando, assim, uma posição oportunista em termos da luta de classes.

Lênin denunciava que uma esmagadora maioria de sociais-democratas russos havia estado quase que inteiramente absorvida pelo trabalho de organização de denúncias nas fábricas (a chamada “literatura de denúncias”). Na realidade, observava, as denúncias diziam respeito unicamente às relações entre os operários de uma dada profissão e os seus respectivos patrões, não tendo outro resultado do que o de ensinar aqueles que vendiam a sua força de trabalho a vendê-la mais vantajosamente e a lutar contra os compradores no terreno puramente comercial (ou seja, no âmbito do mercado). Estas denúncias poderiam converter-se em ponto de partida e elemento integrante da atividade social-democrata; mas, também, poderiam conduzir a uma luta exclusivamente “sindical” e a um movimento operário não social-democrata. Para Lênin, a social-democracia não dirigia a luta da classe operária apenas para obter condições vantajosas de venda da força de trabalho, mas para que fosse destruído todo o regime social. A social-democracia representava a classe operária não só em sua relação com determinado grupo de patrões, mas também em sua relação com todas as classes da sociedade e com o Estado como força política organizada.

Os revolucionários deveriam empreender ativamente um trabalho de “educação política” da classe operária, de desenvolvimento de sua consciência social-democrata. Tal era, e deveria ser naquelas circunstâncias, a investida da *Zaria* e do *Iskra* contra o “economismo” oportunista. Não bastava explicar aos operários a opressão política de que eram objeto; era necessário fazer agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão. Para os “economistas”, no entanto, a agitação política deveria seguir a agitação econômica. Lênin contestava que a luta econômica em geral era o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas na luta política. Para ele, amplamente aplicáveis eram todas e quaisquer manifestações de opressão policial e desmandos da autocracia, e não apenas as manifestações ligadas à luta econômica. Seria mais lógico desenvolver a luta econômica o mais amplamente possível, utilizando-a sempre para a agitação política, ao invés de considerá-la unilateralmente

como “o” meio para integrar as massas em uma luta revolucionária ativa. Os próprios sindicatos ingleses, citava Lênin, há muito haviam compreendido e cumprido a tarefa de imprimir à luta econômica um caráter político, lutando pela liberdade de greve, pela supressão de todos os obstáculos jurídicos que se opunham ao movimento cooperativo e sindical, pela promulgação de leis de proteção à mulher e à criança, pela melhoria das condições de trabalho mediante uma legislação sanitária e industrial, entre outras.

Deste modo, a frase “imprimir à luta econômica um caráter político”, utilizada pelos “economistas” em seus meios de expressão, dissimulava, no fundo, a tendência para rebaixar a política social-democrata à luta por um programa mínimo de reformas econômicas (rebaixando, conseqüentemente, a própria consciência da classe operária). Para Lênin, a social-democracia sempre havia incluído no quadro de suas atividades a luta por certas melhorias, mas, em primeiro lugar, a agitação deveria revestir-se, naquele momento, de um caráter político: exigir que o governo russo deixasse de ser um governo autocrático. Em uma palavra, subordinar, “como parte ao todo, a luta pelas reformas à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo” (LENINE, 1986, p. 123).

A consciência da classe operária não poderia ser uma verdadeira consciência política se os operários não estivessem habituados a reagir contra todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violência e abusos de toda a espécie, quaisquer que fossem as classes afetadas; e a reagir, além disso, do ponto de vista social-democrata e não de qualquer outro. A consciência das massas operárias não poderia ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprendessem a aplicar na prática a apreciação marxista de todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes, camadas e grupos da população.

Para se tornar um social-democrata o operário deve ter uma ideia clara da natureza econômica e da fisionomia política e social do latifundiário e do padre, do dignitário e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer os seus pontos fortes e os seus pontos fracos, saber-se orientar nas frases mais correntes e sofismas de toda a espécie com que cada classe e cada camada *encobre* os seus apetites egoístas e as suas verdadeiras “entranhas”, saber distinguir que interesses refletem estas ou aquelas instituições e leis e como os refletem. E não é nos livros que se pode obter esta “ideia clara”: só a podem dar quadros vivos, denúncias em cima dos acontecimentos, de tudo o que sucede num dado momento à nossa volta, do que todos e cada um falam, ou, pelo menos, murmuram, à sua maneira, do que se manifesta em determinados acontecimentos, números, sentenças judiciais, etc., etc., etc. Estas denúncias políticas que abarcam todos os aspectos da vida são uma condição indispensável e *fundamental* para educar a atividade revolucionária das massas. (LENINE, 1986, p. 129, grifo do autor).

Para Lênin, sublinhando em nota de rodapé, a exigência de se “imprimir à luta econômica um caráter político” exprimia na realidade o culto da espontaneidade no domínio da atividade política. Muito frequentemente, dizia, a luta econômica adquiria, de maneira espontânea, um caráter político, sem a necessidade de intervenção do “bacilo revolucionário” pelos intelectuais. Mas a tarefa dos sociais-democratas, a seu ver, não se limitava à agitação política no domínio econômico; a sua tarefa era transformar esta política “sindicalista” numa luta política social-democrata, aproveitando os vislumbres de consciência política que a luta econômica fazia penetrar no espírito dos operários, elevando-os à consciência política e revolucionária social-democrata.

Lênin, então, comparava os “economistas” aos terroristas das gerações anteriores, pois ambos possuíam uma raiz comum, o culto da espontaneidade. Destacara, no entanto, os “polos opostos” desta corrente espontânea: para os “economistas”, a espontaneidade do movimento “nitidamente operário”; para os terroristas, a espontaneidade da mais ardente indignação dos intelectuais, que não sabiam, ou melhor, não tinham a possibilidade de ligar num todo o trabalho revolucionário e o movimento operário. Por isso, o culto da espontaneidade em ambas as direções indicadas eram, respectivamente, a luta dos operários contra os patrões e a luta dos intelectuais contra o governo. Tanto os “economistas” como os terroristas haviam subestimado, portanto, a atividade revolucionária das massas (e a atividade intermediadora do partido de vanguarda). Nem uns, nem outros, prestaram suficiente atenção ao desenvolvimento de sua própria atividade em matéria de agitação política e de organização de denúncias políticas. E, naquele momento, não existia algo que pudesse substituir esta atividade.

A realização da agitação política e, por consequência, a organização de denúncias políticas em todos os aspectos, constituíam, evidentemente, uma tarefa imperiosamente necessária da atividade partidária, sempre que esta fosse social-democrata. Todos estavam de acordo de que era importante desenvolver a consciência política da classe operária. O erro fundamental dos “economistas” residia na convicção de que se poderia desenvolver a consciência política de classe dos operários somente a partir “de dentro”, por assim dizer, de sua luta econômica, tomando unicamente esta luta como ponto de partida e baseando-se exclusivamente nela. Para Lênin, a consciência política de classe deveria ser levada ao operário também do exterior da “caverna”, isto é, de fora da luta econômica, para além da esfera imediata das relações entre operários e patrões.

Por isso a pergunta de Lênin: “o que fazer para levar conhecimentos políticos aos operários?” (LENINE, 1986, p. 135). Para levar aos operários conhecimentos políticos, os sociais-democratas deveriam ir a todas as classes da população, enviando para toda a parte destacamentos de seu exército do partido revolucionário.

O ideal do social-democrata deveria ser o do tribuno popular que soubesse reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produzisse e em qualquer que fosse a camada ou classe social atingida; que soubesse sintetizar esses fatos para traçar um quadro do conjunto da brutalidade policial e da exploração capitalista, que soubesse aproveitar o mais pequeno pormenor para expor perante todos as suas convicções socialistas e as suas reivindicações democráticas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico-mundial da luta emancipadora do proletariado. Para ilustrar seu ponto de vista a respeito da questão, Lênin então simula o diálogo entre um social-democrata (“economista”) e um constitucionalista liberal (“radical”) russo:

Um social-democrata apresenta-se perante o “destacamento” de radicais ou de constitucionalistas liberais russos cultos e diz: Nós somos a vanguarda; “agora, a nossa tarefa consiste em imprimir, na medida do possível, um caráter político à própria luta econômica”. Um radical ou constitucionalista, por pouco inteligente que seja (e entre os radicais e constitucionalistas russos há muitos homens inteligentes), ao ouvir estas palavras não poderá deixar de sorrir e dizer [...]: “eis uma ‘vanguarda’ bem ingênua! Não compreende sequer que é a nós, representantes avançados da democracia burguesa, que compete a tarefa de imprimir à *própria* luta econômica dos operários um caráter político. Porque também nós, tal como todos os burgueses do Ocidente da Europa, queremos integrar os operários na política, *mas só na política trade-unionista, e não na política social-democrata*. A política trade-unionista da classe operária é precisamente a *política burguesa* da classe operária. (LENINE, 1986, p. 138 - 139, grifo do autor).

Lênin enfatizava, desde então, a possível e necessária participação das diferentes camadas sociais no derrubamento da autocracia, dirigindo a atividade enérgica destes diferentes setores da oposição, como papel verdadeiro da vanguarda. Os militantes práticos social-democratas deveriam ser chefes políticos capazes de dirigir todas as manifestações desta luta multiforme, que soubessem no momento necessário, ditar um programa positivo de ação aos estudantes em agitação, aos professores primários lesados em seus interesses, a todos os descontentes, enfim. O verdadeiro sentido de sua conclusão era de que o *Iskra* tentava elevar o nível da política “trade-unionista” da classe operária ao nível da política social-democrata, enquanto a *Rabotcheie Dielo* rebaixava a política social-democrata ao nível da política “trade-unionista”.

Já em *Por Onde Começar?*, Lênin escrevera sobre o dever de despertar todas as camadas do povo que tivessem um mínimo de interesse pelas denúncias políticas. Ali, também apontava para o dever de se criar uma tribuna para denunciar o governo czarista perante todo o povo; e esta tribuna deveria ser justamente um jornal social-democrata. Não constituía novidade na Rússia autocrática uma imprensa ilegal romper as barreiras da censura e obrigar os órgãos legais e conservadores a falar dela abertamente. Assim, como vimos anteriormente, havia acontecido já nos anos de 1850. As denúncias políticas representariam uma declaração de guerra ao governo, do mesmo modo que as denúncias de tipo econômico seriam uma declaração de guerra ao fabricante. Só um partido operário que organizasse todo o povo (atraindo, portanto, outras classes), por meio de um jornal, poderia tornar-se a vanguarda das forças revolucionárias, capaz de “aglutinar as suas múltiplas determinações”. Desta forma, Lênin colocara a questão:

[...] em que se manifestará então o caráter de classe do nosso movimento? - Pois precisamente em sermos nós, os sociais-democratas, quem organizará essas campanhas de denúncias dirigidas a todo o povo; em que todas as questões levantadas na nossa agitação serão esclarecidas a partir de um ponto de vista invariavelmente social-democrata, sem a menor indulgência para com as deformações, intencionais ou não, do marxismo; em que esta ampla agitação política multiforme será realizada por um partido que reúne, num todo indivisível, a ofensiva em nome de todo o povo contra o governo, a educação revolucionária do proletariado, salvaguardando ao mesmo tempo a independência política deste, a direção da luta econômica da classe operária e a utilização dos seus conflitos que põem de pé e atraem sem cessar para o nosso campo novas e novas camadas do proletariado! (LENINE, 1986, p. 143).

4.5. Para além do trabalho artesanal

Após esclarecer algumas das principais tarefas do partido social-democrata e de sua vanguarda marxista, Lênin realizaria uma síntese particularmente importante do movimento revolucionário russo, historicamente inclinado à espontaneidade, à falta de consciência, o que havia tornado seus militantes meros “artesãos” no domínio organizativo. Para responder à questão do que exatamente seria este trabalho “artesanal”, Lênin esboçaria um quadro da atividade de um círculo social-democrata típico entre os anos de 1894 e 1901. A atração geral da juventude estudantil daquele período pelo marxismo já havia sido assinalada. Especificamente, porém, esta atração se dava não tanto pelo marxismo enquanto teoria, mas como resposta a própria pergunta: o que fazer?

Os jovens combatentes de então avançavam com uma preparação e um equipamento extraordinariamente primitivos. Partiam para guerra como mujiques que, acabando de deixar os arados, estavam munidos apenas com paus contra um exército armado. Sem qualquer organização das diferentes partes do trabalho revolucionário, sem nenhum plano sistemático de ação para um período mais ou menos prolongado, este círculo de estudantes entrava em contato com os operários e começava a trabalhar. Gradualmente desenvolvia-se uma propaganda e uma agitação mais vastas e, pelo fato de sua intervenção, atraía-se a simpatia de setores operários bastante amplos, a simpatia de uma parte da sociedade instruída, que fornecia dinheiro e colocava à disposição de um comitê, mais e mais grupos de jovens. O prestígio do comitê crescia e a amplitude de seu campo de ação alargava a sua atividade de uma maneira completamente espontânea.

Depois de haver cometido uma série de erros, o governo não tardaria a se adaptar às novas condições de luta e colocaria nos pontos convenientes os seus destacamentos de provocadores, de espiões e de guardas providos de todos os meios. As prisões tornariam-se tão frequentes, estenderiam-se a tal quantidade de pessoas, varreriam a tal ponto os estudantes do círculo, que a massa operária ficaria literalmente sem dirigentes. O movimento adquiriria um caráter esporádico e absolutamente impossível de estabelecer qualquer continuidade ou coordenação de trabalho. A extraordinária dispersão dos militantes locais, a composição fortuita do círculo, a falta de preparação e a estreiteza de visão no que se referiam às questões teóricas, políticas e de organização, eram a consequência inevitável das condições descritas por Lênin. As coisas haviam chegado a tal extremo que, em alguns locais, os operários, vendo a falta de firmeza e de hábitos de atividade clandestina, sentiam desconfiança em relação aos intelectuais e afastavam-se deles: os intelectuais, diziam, provocavam detenções pela sua ação demasiadamente irrefletida.

O crescimento do movimento operário, assim, ultrapassava o crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias. Era evidente, para Lênin, que os defeitos das organizações existentes não poderiam ser atribuídos inteiramente ao período de transição que atravessava o movimento operário russo. A quantidade e, sobretudo, a qualidade dos efetivos das organizações ativas desempenhavam um papel de não pouca importância, dadas as condições objetivas da Rússia naquele tempo. A tarefa primordial dos sociais-democratas, portanto, deveria consistir em fortalecer efetivamente o partido através de uma seleção e uma atuação rigorosa de seus membros.

Poderia-se estabelecer uma relação entre esta crítica ao trabalho “artesanal” e a crítica ao “economismo” como uma das tendências da social-democracia russa? Para Lênin, sim. A falta de preparação prática, a falta de habilidade no trabalho de organização era, com efeito, coisas comuns a todos os revolucionários, mesmo aqueles que mantiveram, desde o início, o ponto de vista do marxismo militante. Para os “economistas”, a massa operária não havia formulado tarefas políticas tão amplas e tão combativas como aquelas que lhe impunham os “velhos” revolucionários. As massas deveriam travar uma luta econômica contra os patrões e o governo. Havia outros, ainda, que, alheios a esse “economismo gradualista”, começavam a dizer que se devia fazer uma revolução “apenas política”, mas que para isso não havia qualquer necessidade de se criar uma forte organização de revolucionários que educasse o proletariado numa luta firme e tenaz; que se estimulasse o movimento operário novamente com um “terror excitante”. Ambas as tendências, segundo Lênin, a “economista” e a “revolucionarista”, haviam capitulado diante do trabalho “artesanal” imperante, não acreditando na possibilidade de se libertar dele, não compreendendo a mais urgente tarefa prática da social-democracia: criar uma sólida organização de revolucionários e superar o atraso dos dirigentes em relação ao ascenso espontâneo das massas.

Plekhanov tinha mil vezes razão quando não só indicou qual era esta classe revolucionária, não só demonstrou que era inevitável e iniludível o seu despertar espontâneo, mas colocou mesmo aos “círculos operários” uma elevada e grandiosa tarefa política. E vós invocais o movimento de massas que surgiu desde então para *rebaixar* esta tarefa, para *reduzir* a energia e o alcance da atividade dos “círculos operários”. Que é isto senão egolatria do artesão enamorado dos seus métodos? Vangloriai-vos do vosso espírito prático e não vedes o fato conhecido por todo o militante prático russo: que milagres pode fazer, na obra revolucionária, não só a energia de um círculo, mas mesmo a energia de um único indivíduo. (LENINE, 1986, p. 154, grifo do autor).

Lênin encarava, portanto, a questão como um problema de relações entre a organização de revolucionários conscientes e o movimento espontaneamente operário. Sendo assim, a luta de classes deveria ser organizada primordialmente por pessoas que tivessem por profissão a atividade revolucionária. O fato das massas russas terem se integrado de forma voluntária ao movimento revolucionário não tornava menos necessária a organização para esta luta. Pelo contrário, a organização tornava-se ainda mais necessária, pois os socialistas faltariam com a sua obrigação direta perante as massas se não soubessem tornar bem-sucedida qualquer greve ou manifestação. E deveriam saber fazê-lo porque as massas que despertavam espontaneamente destacariam também do seu seio um número cada vez maior de revolucionários profissionais.

Segundo Lênin, se para um social-democrata, no conceito de luta econômica contra os patrões se encontrava englobado o de luta política contra o governo, era normal esperar que no conceito de organização de revolucionários ficasse mais ou menos englobado o de organização de operários. A luta política da social-democracia, no entanto, seria muito mais ampla e mais complexa do que a luta econômica dos operários contra os patrões. Do mesmo modo, e como consequência disso, a organização de um partido social-democrata revolucionário deveria ser, inevitavelmente, de um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deveria ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, deveria ser o mais ampla possível; em terceiro, deveria ser o menos clandestina possível. Pelo contrário, a organização de revolucionários deveria reunir, antes de tudo, pessoas cuja profissão fosse a própria atividade revolucionária. Necessariamente, esta organização não deveria ser muito extensa e era preciso que fosse o mais clandestina possível.

Lênin observava que nos países que gozavam de liberdade política, a diferença entre organização sindical e organização política era perfeitamente clara, como era clara, também, a diferença entre os sindicatos e a social-democracia. Na Rússia, todavia, o jugo da autocracia apagava, à primeira vista, qualquer distinção entre a organização social-democrata e as associações operárias, porque todas as associações operárias e todos os círculos estavam proibidos, e a greve, principal manifestação e arma de luta econômica dos operários, era considerada como um crime de direito penal. Assim, as circunstâncias russas, por um lado, incitavam fortemente os operários que lutavam no terreno econômico a pensar nas questões políticas e, por outro lado, incitavam os sociais-democratas a confundirem a social-democracia com o sindicalismo. A primeira preocupação e a primeira tarefa para Lênin era, portanto, e como destacamos, delimitar rigorosamente os matizes organizativos do partido. Feito isto, impunha-se a necessidade de unir, dialeticamente, os efetivos numerosos (as múltiplas organizações profissionais) e o regime clandestino rigoroso (o partido revolucionário centralizado).

Para tanto, Lênin propunha que se começasse a estabelecer, de uma maneira regular, uma forte organização de revolucionários, assegurando a estabilidade do movimento em seu conjunto; uma organização estável de dirigentes, que assegurasse a sua continuidade; que quanto mais extensa fosse a massa espontaneamente integrada à luta, mais sólida deveria ser esta organização; que tal organização fosse formada, fundamentalmente, por homens entregues profissionalmente às atividades revolucionárias; que num país autocrático, como a

Rússia, fosse difícil “caçar” esta organização etc. A concentração de todas as funções clandestinas nas mãos de um menor número possível de revolucionários profissionais não significaria, de modo algum, que estes revolucionários pensariam por todos e que a multidão não tomaria parte ativa no movimento. A centralização das funções clandestinas da organização não implicaria a centralização de todas as funções do movimento. O maior número possível de pessoas, tanto da classe operária como das demais classes da sociedade, poderiam participar do movimento e colaborar ativamente com ele. Para Lênin, um revolucionário que não compreendesse tais obrigações e níveis de atuação, não era um revolucionário, mas, sim, um “pobre artesão”.

Trabalhei num círculo que se colocava vastas e multilaterais tarefas, e todos nós, membros do círculo, sofriamos enormemente ao ver que não éramos mais do que artesãos num momento histórico em que, parafraseando a velha máxima, se poderia dizer: Dai-nos uma organização de revolucionários e revolucionaremos a Rússia! E quanto mais frequentemente desde então tive de recordar o agudo sentimento de vergonha que então experimentava, tanto mais aumentou em mim a amargura sentida contra esses pseudo-sociais-democratas cuja propaganda “desonra o título de revolucionário”, e que não compreendem que a nossa tarefa não consiste em advogar que o revolucionário seja rebaixado ao nível de artesão, mas *eleva* o artesão ao nível de revolucionário. (LENINE, 1986, p. 168 - 169, grifo do autor)⁸⁷.

Lênin via, no momento histórico em que escreveu *O Que Fazer?*, um estado crítico, um estado de transição para o movimento revolucionário. Havia uma infinidade de homens, pois tanto a classe operária, como os outros segmentos da sociedade russa forneciam, todos os anos, um número cada dia maior de descontentes, que queriam protestar e que estavam dispostos a cooperar na luta contra o absolutismo. Mas, ao mesmo tempo, não havia homens o suficiente, porque não havia dirigentes, chefes políticos, talentos organizadores capazes de orientar um trabalho simultaneamente amplo e unificado, coordenado, que permitisse utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes, para agrupar “num todo único” as suas múltiplas frações.

Não apenas os revolucionários em geral estavam atrasados em relação ao ascenso espontâneo das massas, mas os próprios operários revolucionários estavam em atraso em relação ao ascenso espontâneo das massas operárias. Este fato testemunhava que a primeira e mais imperiosa obrigação do partido era contribuir para a formação de revolucionários profissionais que, do ponto de vista de sua atividade no partido, estivessem ao mesmo nível que os intelectuais. Por isso, mais uma vez manejando a sua “arte”, a dialética, Lênin

⁸⁷ Lênin refere-se ao círculo dos “velhos” sociais-democratas de São Petersburgo, que aderiu assim que chegou à então capital russa e com base no qual se fundou, em 1895, a Liga de Luta Pela Libertação da Classe Operária (Ibid., p. 708).

preconizava que a atenção dos dirigentes deveria voltar-se principalmente para elevar os operários ao nível dos revolucionários e não para descer eles próprios infalivelmente ao nível da maioria da massa operária, isto é, à “caverna obscura” da inconsciência política na luta de classes. Era uma grande falta do partido não guiar os operários para este caminho comum a eles e aos intelectuais, para o caminho da aprendizagem revolucionária profissional. Neste aspecto, como nos demais, o reduzido alcance do trabalho de organização estava íntima e indiscutivelmente relacionado com o diminuto alcance da teoria e das práticas políticas do partido (de sua práxis revolucionária).

Lênin criticaria então o profundo desconhecimento da história do movimento revolucionário russo pelos sociais-democratas, pois qualquer ideia de uma organização combatente clandestina e centralizada, que declarasse uma guerra decidida contra o czarismo, era considerada como dentro do espírito conspirativo e “superado” da Vontade do Povo. E observaria que a organização dos revolucionários da década de 1870, que aos revolucionários deveria “servir de modelo”, havia sido criada na prática pelos partidários da Terra e Liberdade, que em sua cisão, como vimos, dera origem à Vontade do Povo e, também, à Partilha Negra. Para Lênin, o grande erro da Vontade do Povo não havia sido o de procurar integrar todos os descontentes na sua organização e orientá-los para uma luta decidida contra a autocracia. Pelo contrário, este havia constituído o seu maior mérito histórico. O seu erro consistia em ter se baseado em uma teoria que, na realidade, não era uma teoria verdadeiramente revolucionária, e de não ter sabido, ou não ter podido, estabelecer uma ligação firme entre a sua organização e a luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento na velha Rússia. E “só a mais grosseira interpretação do marxismo” poderia levar à opinião de que o aparecimento de um movimento operário espontâneo de massas eximiria a obrigação de se criar “uma organização de revolucionários tão boa como a dos partidários da Terra e Liberdade” (LENINE, 1986, p. 174)⁸⁸.

Ao colocar o problema no terreno concreto das condições da Rússia de seu tempo, Lênin chegara então a uma conclusão positiva: uma forte organização revolucionária clandestina era absolutamente necessária para dar estabilidade ao movimento operário e

⁸⁸ Como apontamos na primeira parte de nosso trabalho, os membros da Terra e Liberdade consideravam os camponeses como a força revolucionária fundamental, procurando sublevá-los contra o czarismo através de um trabalho de propaganda e agitação em diversas províncias da Rússia imperial. Devido ao fracasso do trabalho revolucionário entre os camponeses e à violência da repressão governamental, a dissidência que deu origem à Vontade do Povo renunciou por completo à atuação junto às massas e considerou o terror como o principal meio de luta contra os membros do governo czarista. Além de seu pioneirismo organizativo, é provável que por seu caráter conspirativo, centralizado e, simultaneamente, por sua ação aberta e abnegada junto às classes, que Lênin tenha considerado a Terra e Liberdade como a organização que “a todos nós devia servir de modelo” (Ibid., loc. cit.).

preservá-lo da possibilidade de ataques irrefletidos. Era precisamente àquela altura, quando faltava uma organização deste gênero, e o movimento crescia espontânea e rapidamente, que se observavam, segundo Lênin, em linguagem hegeliana, dois extremos que, “como é lógico se tocam” (LENINE, 1986, p. 176): o “economismo” e o “revolucionarismo”. O único princípio de organização sério a que se deveriam subordinar os dirigentes do movimento seria o mais severo secretismo, a mais severa seleção dos filiados e a mais severa preparação dos revolucionários profissionais para a atuação pública. Reunidas estas qualidades, estaria assegurado algo mais importante do que a própria “democracia” no interior do partido (a plena e mútua confiança entre os revolucionários).

Para Lênin, no entanto, o trabalho ativo do partido só poderia iniciar-se por meio de uma agitação política viva, coisa que seria impossível sem que se conseguisse relacionar os trabalhos locais e os trabalhos à escala de todo o país, pois um bom aparelho clandestino deveria exigir uma boa preparação profissional dos revolucionários e a mais consequente divisão do trabalho, e estas duas condições eram absolutamente irrealizáveis numa organização local e isolada. Era preciso, sobretudo, recolher por toda a Rússia não os pequenos fatos (como os da “literatura de denúncias”), mas os abusos efetivamente notáveis e típicos e, que por esse motivo, pudessem interessar a todos os operários e a todos os dirigentes do movimento. E o meio de recolher estes fatos era justamente através de um órgão central, um jornal político para toda a Rússia, que aparecesse frequentemente e se difundisse com regularidade. O *Iskra* deveria ser tal órgão e, assim, adaptar precisamente o seu plano de um jornal político ao plano de dirigir uma preparação combativa que pudesse apoiar tanto um movimento de desempregados, como um levantamento de camponeses. A organização do jornal político para toda a Rússia deveria ser o fio condutor, segundo o qual seria possível desenvolver, aprofundar e alargar esta organização, assegurando a flexibilidade indispensável, a capacidade de se adaptar imediatamente às mais variadas condições de luta.

Lênin defenderia amplamente o *Iskra* dos ataques da *Rabotcheie Dielo* e de outras organizações que compunham o POSDR, tais como o *Bund*⁸⁹, segundo as quais se o plano de torná-lo o órgão central fosse levado à prática, apagariam-se completamente as marcas do partido, relegando para o reino das sombras os outros órgãos e as outras frações. Por conseguinte, isso deixaria os *iskristas* com plenos poderes em detrimento dos demais.

⁸⁹ União Geral Operária Judaica da Lituânia, Polônia e Rússia. Foi organizada em 1897, agrupando principalmente os elementos semiproletários dos artesãos judeus das regiões ocidentais da Rússia. No I Congresso do POSDR (1898), o *Bund* passou a fazer parte do partido como uma organização representante “apenas independente nas questões referentes especificamente ao proletariado judeu” (Ibid., p. 707).

Desde *Por Onde Começar?*, contudo, Lênin havia insistido na importância de um jornal político como única empresa regular nacional capaz de fazer o balanço de toda a atividade revolucionária nos seus aspectos mais variados, incitando todas as classes a seguirem invariavelmente pelo caminho ativo da revolução. E o jornal “imediatamente mediaria” para essas pessoas os contornos gerais, as proporções e o caráter dessa obra comum, orientando os operários de todas as profissões e de todos os graus de desenvolvimento. Enfim, o plano tático do partido consistia em exigir que todos os esforços tivessem como objetivo reunir, organizar e mobilizar um exército regular, centralizado clandestinamente e atuando legalmente, por meio de um jornal para toda a Rússia. Este exército sistematicamente organizado se ocuparia exclusivamente de uma agitação e de uma propaganda política geral e multiforme, através de um trabalho que aproximaria e fundiria, num todo único, a força destruidora espontânea da multidão e a força destruidora consciente dos revolucionários. Em outras palavras, o jornal como órgão central do partido seria a medida que relacionaria a qualidade organizativa (centralizada) e a quantidade revolucionária das massas (localizadas). Tal seria, de acordo com Lênin, o modo de se organizar a luta de classes “segundo todas as regras da arte” (LENINE, 1986, p. 157).

4.6. As regras da arte

Com o auxílio direto de Lênin, podemos agora fazer uma síntese particularmente ilustrativa sobre a história da social-democracia russa, em três períodos, que procuramos seguir na segunda parte de nossa exposição até aqui. O primeiro abarcaria cerca de uma dezena de anos, aproximadamente de 1884 a 1894. Seria o período do próprio nascimento e da consolidação da social-democracia entre os russos. Ainda em sua infância, o número de partidários era bastante reduzido e a *intelligentsia* social-democrata existia sem movimento operário efetivo. Ao longo deste período, toda a primeira geração de marxistas (Plekhanov, Axelrod, Deutsch, Zasulitch, etc.), que em 1883 fundou o grupo Emancipação do Trabalho no exterior, realizou um fundamental combate contra o espírito do populismo-terrorismo, tendo iniciado sua militância política justamente em organizações conspirativo-secretas como Terra e Liberdade, Vontade do Povo e Partilha Negra (primeiro período revolucionário efetivamente organizado, anterior ao surgimento da social-democracia na Rússia).

O segundo abarcaria três ou quatro anos, entre 1894 e 1898. A social-democracia apareceria como movimento social, como ascenso das massas populares e, finalmente, como partido político constituído. Este fora, de acordo com Lênin, o período de sua adolescência. Com a rapidez de uma epidemia, propagou-se entre os intelectuais a atração generalizada pelo marxismo e pela atuação junto aos operários, que intensificavam as suas greves. A maioria dos dirigentes era, no entanto, muito jovem. Pela sua juventude, não estavam preparados para o trabalho prático e desapareceram da “tela” com assombrosa rapidez. Mas a envergadura de seu trabalho era, na maioria dos casos, muito grande. Vários haviam começado a pensar de um modo revolucionário como simpatizantes dos populistas. Quase todos, na sua mocidade, prestaram um culto entusiástico ao terror. E deu-lhes demasiado trabalho libertarem-se dessa impressão sedutora da tradição “heroica”; eles houberam de romper com militantes que, a todo custo, queriam permanecer fiéis aos *narodvoltsi*, militantes que estes jovens social-democratas respeitavam muito. A luta obrigava a estudar, a ler obras ilegais de todas as tendências e a ocupar-se intensamente dos problemas do populismo. Formados nessa luta, os sociais-democratas se dirigiam ao movimento operário munidos com a teoria do marxismo, que os havia impressionado com uma “cor brilhante”, e com a tarefa de derrubar a autocracia. A formação do Partido Operário Social-Democrata Russo, em Minsk, na primavera de 1898, foi o ato de maior relevo e ao mesmo tempo o último dos sociais-democratas desse período (LENINE, 1986, p. 206)⁹⁰.

O terceiro período preparava-se, como expunha Lênin na conclusão de *O Que Fazer?*, a partir de 1898, substituindo definitivamente o segundo período. Seria um período de dispersão, de desagregação e de vacilação. “Tal como os adolescentes enrouquecem ao mudar a voz”, também a social-democracia russa daquele período mudava a sua e começava a dar “notas falsas” através das obras dos “economistas” (LENINE, 1986, p. 207). Os dirigentes individualmente retrocediam, enquanto o próprio movimento continuava a crescer e fazia progressos. A luta proletária ganhava novos setores de operários e propagava-se por toda a Rússia, contribuindo ao mesmo tempo, indiretamente, para avivar o espírito democrático entre os estudantes e as outras camadas da população. Mas a consciência dos dirigentes havia cedido perante a envergadura e a força do ascenso espontâneo; entre os sociais-democratas

⁹⁰ Podemos notar aqui, de acordo com Benoit (1998, p. 50), que fora ao final desse segundo período, isto é, somente com a fundação do POSDR, que a negação do período pré-social-democrata russo foi finalmente realizada. O primeiro período (1884 a 1894), apesar de ter apontado os primeiros passos em direção ao marxismo, com a formação de seus primeiros círculos e grupos, foi incapaz de cumprir a estratégia geral adotada pela 1ª Internacional, na Conferência de Londres, em 1871, de fundar um partido trabalhista legal na Rússia, a exemplo do que já ocorrera em países do Ocidente.

predominava já este terceiro período - o período dos militantes formados quase que exclusivamente no espírito da literatura “marxista legal”⁹¹. Os dirigentes ultrapassados, quer no sentido teórico, quer no terreno prático, procuravam defender o seu atraso recorrendo a toda espécie de “novos” argumentos retumbantes, defendidos pela *Rabotcheie Dielo*, que acabou por refletir, com relevo, o espírito deste tempo: o de tendências revolucionárias não social-democratas (ou “artesãs”).

Este era, assim, o balanço dos períodos e contradições que Lênin fizera e que havia procurado superar ao longo de *O Que Fazer?*, conforme nos comenta Benoit:

Que fazer para construir o partido revolucionário à altura das condições objetivas da Rússia? Que fazer - perguntava Lenin - para ultrapassar dialeticamente (e não de maneira unilateral) o populismo e terrorismo russos? Que fazer para ultrapassar o espontaneísmo economicista do marxismo russo que dominava os círculos social-democratas? Tratava-se, responde Lenin, de construir uma organização ao mesmo tempo legal e secreta, que fosse capaz de sintetizar as experiências organizativas clandestinas e a ação de propaganda (legal e semi-legal). Para estas tarefas, sustenta o *Que Fazer?*, era necessário construir uma vanguarda de revolucionários profissionais que introduziria o marxismo no movimento espontâneo e inconsciente da classe operária, transformando assim a este em movimento organizado e consciente, econômico e político ao mesmo tempo. (BENOIT, 1998, p. 52, grifo do autor).

Para Lênin, portanto, já em sua primeira grande obra sobre o partido, publicada em 1902, manifestava-se claramente a necessidade de realizar a síntese (dialética) entre os dois polos contraditórios da história organizativa russa: por um lado, a organização deveria ser disciplinada, militarizada, clandestina, exterior à classe operária, constituída por pessoas que tivessem a revolução como atividade profissional, e que fosse ilegal (“inspirada” no período pré-social-democrata das organizações Terra e Liberdade e Vontade do Povo); por outro, a organização deveria possuir uma ampla atividade de agitação e propaganda marxista, que reconhecesse a revolução como um processo de autoemancipação do proletariado, e que fosse semi-legal e legal (“inspirada” no primeiro e segundo períodos da social-democracia, do ascenso do movimento operário e da criação formal do partido). Deste modo, o partido já era pensado em desenvolvimento dialético: uma síntese entre vanguarda externa de revolucionários profissionais e círculos espontâneos da autoemancipação dos trabalhadores. Este seria o combate fundamental travado por Lênin no interior do terceiro período da social-democracia russa. E, também, no curso de quase toda a sua história.

⁹¹ Na realidade, os “marxistas legais” haviam escolhido a doutrina de Marx unicamente por sua teoria “econômica” da inevitabilidade de substituição do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista, rejeitando a sua prática “política”, o seu programa revolucionário de transição ao socialismo.

Para o pensamento “não dialético” de muitos sociais-democratas parecia impossível realizar o entrecruzamento de gêneros tão distintos de organização. Evidentemente, inclinavam-se contra uma vanguarda clandestina de “profissionais da revolução”. O plano de organização leninista havia sofrido duros ataques contra o seu centralismo e o seu caráter conspirativo “pré-marxista”, o que, segundo Lênin, carecia de um fundamento concreto: as circunstâncias e as necessidades históricas de seu tempo e espaço. Ou seja, o partido pensado e exposto por Lênin estava em profunda conexão com a realidade russa de sua época⁹², autocrática e repressiva, e que, por esse motivo mesmo, incitava profundamente um levantamento das massas. Nas páginas seguintes, veremos que à medida que esta realidade se transforma, e muitos de seus “colegas de ofício” não a conseguem apreender em seu movimento, Lênin continuará a entendê-la fundamentalmente, mesmo contra aqueles que o haviam apoiado no passado. A realização histórica do partido ali projetado, entretanto, ainda estaria um tanto distante de ocorrer.

No que se referia às questões de princípios, Lênin colocara-se resolutamente ao lado do grupo que dirigia o *Iskra*, contra todas as tentativas de introduzir qualquer revisionismo ou reformismo na luta revolucionária do proletariado, tentativas que haviam acabado por se traduzir na “liberdade de crítica”, no bernesteinismo, no “economismo”, no “revolucionarismo” etc., e que Lênin, dialeticamente, também sintetizou na oposição fundamental entre revolucionários e oportunistas. Àquela altura, entretanto, ignorava (e, evidentemente, sequer poderia saber) quando acabaria o terceiro período exposto e quando começaria o quarto. Possuía, no entanto, a firme e certa convicção de que o próximo período levaria à consolidação do marxismo militante, teorizado e propagado por ele em *O Que Fazer?*, com o apoio de seus demais companheiros de então. Não poderia adivinhar, contudo, que a luta seguinte seria travada no interior da própria social-democracia revolucionária que havia defendido com tanto ardor em sua elaboração pioneira sobre uma teoria marxista de partido. Novamente, a definição dos matizes se faria necessária. Era preciso reconhecer a “nova” oposição e definir, em suas “formas e cores”, mais uma vez, oportunistas de revolucionários. O terrorismo e o “economismo” já haviam sido superados dialeticamente. Era chegada a hora da “minoria”.

⁹² E também com a célebre *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, escrita por Marx e Engels, em março de 1850, conforme nos aponta Benoit: “Ao invés de uma vez mais rebaixar-se a servir de coro louvador dos democratas burgueses, os operários, e antes de tudo a Liga, devem agir para estabelecer, paralelamente aos democratas oficiais, uma organização do partido operário independente (*selbständige*), clandestina (*geheime*) e legal (*öffentliche*)” (MARX apud BENOIT, 1998, p. 47; 49, grifo do autor).

5. AS FORMAS

5.1. Preparativos

Em meados de 1902, o *Iskra* pode apresentar aos seus leitores, em esboço, o programa do partido social-democrata russo, que representava uma cautelosa fusão dos pontos de vista de Plekhanov, mais moderado e conciliador, e dos de Lênin, mais arrojado e intransigente (CARR, 1977, p. 19). Lênin já havia, como vimos, publicado sua obra seminal sobre teoria e organização revolucionárias. Nos princípios de 1903, os preparativos para o segundo congresso do POSDR estavam suficientemente avançados para a sua realização em Bruxelas, na Bélgica. Antes de os congressistas se reunirem, três batalhas ideológicas haviam sido já travadas e vencidas pelos marxistas russos. Relembremos rapidamente.

A campanha contra o populismo havia sido a obra mais importante de Plekhanov. Os primeiros revolucionários russos da década de 1860, que se constituíram sobre os alicerces intelectuais assentados pelos pioneiros dos anos de 1840, eram radicais na tradição da Revolução Francesa; não tinham contato nem com o camponês, nem com o trabalhador fabril russo, ainda numericamente insignificante. Os revolucionários da década de 1870 “descobriram” a classe camponesa e encontraram nela o protagonismo da revolução, que assim adquiriu, pela primeira vez, um conteúdo social. Sendo alguns deles discípulos de Bakunin, voltaram-se para o anarquismo e para o terrorismo. Outros foram influenciados por Marx (cujas obras começaram a penetrar na Rússia exatamente por volta dos anos de 1870), mas interpretaram a sua doutrina de uma forma peculiarmente russa, argumentando que a Rússia sendo um país predominantemente rural, evitaria a fase ocidental do capitalismo burguês e que a comuna camponesa especificamente russa proporcionaria uma transição direta do feudalismo para um socialismo agrário.

Na última década do século XIX, os capitalistas estrangeiros ocuparam-se de intensificar o desenvolvimento industrial na Rússia e a criar, por conseguinte, as condições que mostrariam que Plekhanov tinha razão. A reboque desse desenvolvimento, um pequeno grupo originado no seio da intelectualidade liberal russa, os “marxistas legais”, começou a expor, por volta dos anos de 1890, doutrinas marxistas em livros e artigos publicados numa

forma suscetível de se burlar a censura. A rápida propagação do marxismo entre os intelectuais russos nesta altura devia-se não apenas à expansão das indústrias, como também à ausência de qualquer tradição ou filosofia política burguesa que pudesse desempenhar na Rússia o papel que o liberalismo representou no Ocidente. O marxismo era aceitável para as camadas médias nascentes da sociedade russa como um reforço ideológico na luta contra o feudalismo e a autocracia, mas, ao aceitar o marxismo, o intelectual russo pequeno-burguês o esvaziava de qualquer conteúdo programático revolucionário.

A figura marcante entre os “marxistas legais” havia sido Piotr Struve, um dos redatores do manifesto do congresso de fundação do POSDR, em Minsk. Também pertenciam ao grupo dos “marxistas legais”, Serguei Bulgakov, Nicolai Berdiaiev e Mikhail Tugan-Baranovski, autor de obras famosas sobre as fábricas russas e sobre os ciclos econômicos. Opondo-se aos populistas, aceitavam sem reservas o ponto de vista marxista do desenvolvimento do capitalismo como primeira fase necessária à revolução. Mas, a insistência na necessidade da fase burguesa depressa os levou a considerar esta como um fim em si e a substituir a revolução pelas reformas como processo pelo qual o socialismo seria finalmente atingido, antecipando na Rússia, assim, as opiniões de Eduard Bernstein e dos “revisionistas” da social-democracia alemã. De certa forma, sua ruptura com os *narodniki* significava o entendimento de uma transição do socialismo campesino, não para o socialismo proletário, mas para o liberalismo burguês.

Mais substancial, contudo, fora a controvérsia com os “economistas” - um grupo de sociais-democratas russos que exerceu uma poderosa influência sobre o movimento das massas, no início daquele século. O princípio distintivo dos “economistas” era a separação estática da economia e da política; a primeira ficaria a cargo dos trabalhadores, enquanto a segunda ficaria com a burguesia e com os intelectuais do partido. Essa controvérsia perdurou durante o período do *Iskra*, ocupando muitas colunas do jornal e, também, como acompanhamos, diversas páginas de *O Que Fazer?*. Para Lênin, todavia, tanto a agitação econômica como a política seriam necessárias para despertar a consciência de classe das massas. Na realidade, as duas não poderiam separar-se mecanicamente, tendo em vista que toda luta de classes seria unidade tanto “econômica”, como “política”. Contrariamente aos “marxistas legais”, que em essência eram um grupo que advogava políticas burguesas através de uma linguagem marxista, os “economistas” tinham uma política de agitação econômica e reforma social para os trabalhadores e eram, nesse sentido, um partido trabalhista efetivo. No entanto, acabavam por chegar à mesma conclusão prática dos “marxistas legais”, a de que era

necessário adiar para um futuro indefinido a luta revolucionária do proletariado e concentrar-se num programa democrático reformista em aliança com a burguesia. A questão subjacente em jogo nesta polêmica com os “marxistas legais” e com os “economistas”, como veremos, era uma questão que continuaria a seguir os passos de toda a história da revolução russa.

O esquema original do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels tratara metodicamente de uma revolução por fases sucessivas. Primeiro, a revolução burguesa derrubaria os restos da ordem feudal e do absolutismo político e estabeleceria a democracia burguesa e o capitalismo juntamente com o seu “fenômeno essencial”, o proletariado industrial; em seguida, o proletariado, organizando-se sob as condições proporcionadas pela democracia burguesa, passaria a uma revolução para a derrubada do capitalismo e para o estabelecimento do socialismo. Plekhanov parece ter sido o primeiro a fazer esta aplicação à Rússia, em *Nossas diferenças*, de 1885. Entretanto, o próprio Marx parecia haver tido algumas dúvidas sobre a realização deste esquema, que era produto de uma brilhante generalização da história inglesa e francesa ao Estado prussiano burocrático-feudal da década de 1840, ainda à espera de uma revolução burguesa, mas já de posse de uma indústria nascente e de um proletariado em franco crescimento.

Como observa Carr (1977, p. 25 - 26), já em 1844, Marx havia posto em causa a possibilidade de manter uma futura revolução alemã dentro dos limites de uma revolução burguesa, declarando que a Alemanha só poderia emancipar-se por intermédio do proletariado revolucionário⁹³. No próprio *Manifesto Comunista*, ele anunciara que devido a “condições avançadas”, a revolução burguesa alemã seria “o prelúdio imediato de uma revolução proletária”. Após o fracasso de 1848 ter revelado a impotência da burguesia alemã, Marx aproximou ainda mais a ligação entre as revoluções burguesa e proletária na Alemanha. Na sua alocução à Liga Comunista, em março de 1850, ele argumentou que o fiasco de 1848 havia imposto uma dupla tarefa aos operários alemães: primeiro, apoiar a burguesia na sua luta democrática contra o feudalismo e dar a esta luta a forma mais aguda possível; e, em segundo lugar, manter um partido “independente”, “clandestino” e “legal”, pronto para tomar em mãos a luta socialista contra o capitalismo burguês logo que a revolução democrático-burguesa estivesse completa. Embora as duas tarefas estivessem teoricamente separadas, a luta dos trabalhadores era por tornar esse processo permanente:

⁹³ Carr se refere à *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*, ensaio ainda um tanto abstrato, mas no qual o jovem Marx terminara com a famosa sentença materialista de que “o sinal para a ressurreição da Alemanha dos mortos será dado pelo cantar do galo gaulês”, ou seja, pela classe operária francesa. Cf. CARR, E. H. **A Revolução Bolchevique**. Porto: Afrontamento, 1977. v. 1. p. 25.

[...] os nossos interesses e as nossas tarefas consistem em tornar a revolução permanente até que seja eliminada a dominação das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, não só num país, mas em todos os países predominantes do mundo, em proporções tais que cesse a competição entre os proletários desses países, e até que pelo menos as forças produtivas estejam concentradas nas mãos do proletariado. (MARX; ENGELS, 1961, p. 86).

Os marxistas russos da década de 1890 possuíam, similarmente, dois caminhos abertos à sua frente⁹⁴. Por um lado, todos estavam de acordo que a Rússia ainda não havia atingido a sua revolução burguesa e, em consequência disso, poderia argumentar-se, como argumentavam os “marxistas legais” e os “economistas” que, nesta fase, o proletariado só poderia desempenhar um papel de espera e atuar, assim, como aliado subsidiário da burguesia em seu programa para a destruição do feudalismo e da autocracia. Em alternativa, poderia-se aplicar à Rússia czarista um esquema semelhante ao que Marx havia proposto para a Alemanha absolutista, em 1850. A esta altura, Lênin parecia também tributário de uma separação teórica entre as duas revoluções. Atento à ausência na Rússia de um desenvolvimento industrial relativamente avançado como o da Alemanha, porém, ele abstinha-se de seguir Marx na sua predição de uma sucessão imediata e contínua das revoluções burguesa e proletária; preferia não dizer nada sobre o intervalo entre ambas (como, de fato, não o dissera em *O Que Fazer?*).

No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels haviam descrito o movimento proletário como “o movimento independente e consciente de si mesmo da imensa maioria”; e, anos mais tarde, influenciados, em parte, pelos fracassos de 1848 e, em parte, pelo ambiente inglês da emigração, ambos voltariam a defender um partido das massas como prelúdio necessário de uma revolução proletária. Uma diferença como a que havia entre o Marx da primeira edição do *Manifesto* e o Marx da *Mensagem à Liga*, era provavelmente efeito não apenas de uma evolução da doutrina, mas também, e talvez principalmente, de uma mudança de circunstâncias. Em função das particularidades atrasadas da Rússia em relação à Europa Ocidental, nos parece, lógica e historicamente, que Lênin pudesse ter sido, a esse respeito, e desde o princípio, discípulo do Marx (e de Engels) “de 1850”, mais que do “de 1848”.

⁹⁴ Importa-nos observar novamente que, entre 1875 e 1894, Marx e Engels dedicaram-se a estudar e a escrever também sobre a Rússia (esboços, cartas e o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto Comunista*, de 1882). Com efeito, esses escritos, sobretudo os de Marx, significavam uma ruptura profunda com qualquer interpretação unilinear, evolucionista, “etapista” e eurocêntrica do marxismo. Já a partir de 1877, eles sugeriam uma concepção dialética, que admitia uma multiplicidade de formas de transformação histórica e, inclusive, a possibilidade de que as revoluções sociais modernas começassem na periferia do sistema capitalista e não, como afirmavam em alguns de seus escritos anteriores, no Ocidente (LÖWY, 2013, p. 9). É provável, porém, que poucos “marxistas” russos tivessem tido acesso a esses documentos e os tenham analisado minuciosamente.

Desde a sua chegada a São Petersburgo, em 1893, Lênin já havia se transformado em um revolucionário da práxis, cuja teoria ia sendo forjada à luz das necessidades e potencialidades de seu tempo. O projeto de tornar os marxistas russos a vanguarda de uma revolução proletária era talvez mais apropriado às condições russas que alemãs, não apenas porque o proletariado russo, ainda fraco e atrasado, possuía, supostamente, maior necessidade de “chefia”, mas porque a *intelligentsia* russa não possuía, como a sua congênere ocidental, raízes sociais na burguesia comercial e não estava, portanto, comprometida a qualquer fidelidade burguesa firmemente arraigada. A *intelligentsia* russa já havia mostrado como a sua capacidade de pensamento revolucionário abstrato podia ser aproveitada para a realidade política da revolução social. O movimento de “ir para o povo” da década de 1870 teve o seu lugar na história como uma primeira tentativa (desesperada) para transpor o fosso entre as massas e a organização revolucionária.

No início do século XX, Lênin havia chegado aos detalhes teóricos para transpor tal fosso e organizar um partido marxista, argumentando que os trabalhadores não só deveriam ser encorajados a apresentar exigências tanto econômicas como políticas, como deveriam ser imbuídos de um objetivo revolucionário consciente e conduzir uma campanha revolucionária conscientemente planejada. Segundo Lênin, a fraqueza do operariado russo e de sua vanguarda de dirigentes ao fim do século fora que o elemento espontâneo havia suplantado o consciente. As greves e protestos dos trabalhadores não eram guiados por qualquer consciência ou por uma teoria verdadeiramente revolucionária. Estas questões, todavia, eram polêmicas entre os sociais-democratas e indicavam para problemas fundamentais sobre a função e a atuação do partido, o que acabaria por determinar decisivamente a história do POSDR em seu fatídico segundo congresso, realizado em 1903, antes mesmo que os aliados (e os adversários) de Lênin recebessem o seu nome distintivo.

5.2. O “rosto vivo” do congresso

Como resultado do trabalho preparatório feito pelo grupo do *Iskra*, o segundo congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo reuniu-se entre julho e agosto de 1903, inicialmente em Bruxelas e, por fim, em Londres (em função da iminente intervenção da polícia belga). Sob a presidência de Plekhanov, este seria, de fato, o verdadeiro congresso fundador do partido, mas, também, a origem de uma famosa cisão que se alargaria e se

aprofundaria até uma completa separação formal, em 1912⁹⁵. Foi logo após o congresso, em maio de 1904, que Lênin publicou o livro *Um passo em frente, dois passos atrás*, que recebera como subtítulo *A crise no nosso partido*⁹⁶.

Já no prefácio, Lênin chamava a atenção para duas questões verdadeiramente centrais que se constituíam nas questões políticas mais urgentes para o partido naquele momento. A primeira dizia respeito à divisão que havia tomado forma ao longo do congresso e que, segundo Lênin, deixava “muito para trás todas as outras anteriores divisões dos socialistas-democratas russos” (LENINE, 1986, p. 217). A segunda dizia respeito ao significado da posição de um “novo” *Iskra*, de sua nova redação, em matéria de organização, após o segundo congresso. A primeira questão seria o “ponto de partida” da luta no interior do partido social-democrata russo, enquanto a segunda seria o seu “resultado final”. Novamente, Lênin colocaria-se no terreno da oposição das alas (polos) revolucionária e oportunista, destacando que as diferenças principais se tratavam, sobretudo, das questões de organização.

Para Lênin, em essência, toda a posição dos “novos” oportunistas em matéria de organização já havia começado a revelar-se precisamente na discussão do primeiro parágrafo dos estatutos:

na sua defesa de uma organização do partido difusa e não fortemente cimentada; na sua hostilidade à ideia (à ideia “burocrática”) da edificação do partido de cima para baixo, a partir do congresso do partido e dos organismos por ele criados; na sua tendência a atuar de baixo para cima, permitindo a qualquer professor, a qualquer estudante do liceu e a “qualquer grevista” declarar-se membro do partido; na sua hostilidade ao “formalismo”, que exige a um membro do partido que pertença a uma organização reconhecida pelo partido; na sua tendência para a mentalidade de um intelectual pequeno-burguês, pronto apenas a “reconhecer platonicamente as relações de organização”; na sua inclinação para essa sutileza de espírito oportunista e as frases anarquistas; na sua tendência para o autonomismo contra o centralismo; numa palavra, em tudo o que hoje floresce tão exuberantemente no novo *Iskra*, e que contribui para o esclarecimento mais profundo e evidente do erro inicial (LENINE, 1986, p. 218, grifo do autor).

Portanto, mais uma vez, Lênin se via obrigado a recorrer à sua “paleta de cores”, a teoria marxista do partido desenvolvida em *O Que Fazer?*, para a tarefa de definir agora o “rosto vivo” do congresso, delineando a fisionomia política de todos os seus grupos.

⁹⁵ Quase vinte anos depois, no entanto, o próprio Lênin afirmaria: “O bolchevismo como corrente de pensamento político e como partido político existiu desde 1903” (LENIN apud CARR, 1977, p. 20).

⁹⁶ LENINE, V. I. Um passo em frente, dois passos atrás (A crise no nosso partido). In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 215 - 376.

Só com um estudo minucioso e independente se pode conseguir (e deve-se procurar fazê-lo) fundir num todo os resumos sucintos dos discursos, os excertos secos dos debates, as pequenas controvérsias sobre questões secundárias (secundárias na aparência), para que ante os membros do partido surja o rosto vivo de cada orador destacado, se revele com precisão a fisionomia política de cada um dos grupos de delegados ao congresso do partido. (LENINE, 1986, p. 219).

Lênin observara que, desde o começo, o *Iskra* havia declarado que antes de qualquer unificação era necessária uma demarcação. Esta decisão seria efetivamente indispensável, pois o partido era composto por uma série de grupos fragmentados e autônomos, dos quais se podia esperar, por exemplo, a recusa de se reconhecer a importância e a autoridade do congresso. E o congresso havia sido preparado com extrema minúcia, na base de uma completa representação, cuja tarefa principal consistia em criar um verdadeiro partido sobre as bases de princípios e organização que haviam sido propostos e elaborados pelo *Iskra* em seus três anos de atividade. O programa e a orientação do *Iskra* deveriam tornar-se o programa e a orientação do próprio partido.

Obviamente, o resultado pretendido por Lênin não poderia ser obtido sem luta: a representação integral no congresso assegurava a presença de organizações que haviam combatido decididamente o *Iskra* (sobretudo, a *Rabotcheie Dielo* e o *Bund*), assim como de organizações que, embora reconhecendo o *Iskra* como órgão dirigente, seguiam de fato os seus próprios planos. Nestas condições, portanto, o congresso não poderia deixar de tornar-se um campo de batalha pela vitória da orientação do *Iskra*. O que eram realmente esses grupos, tendências e “matizes” que, no congresso, sob a direção do *Iskra*, deveriam fundir-se num único partido era o que Lênin pretendia demonstrar com uma análise detalhada dos debates e votações. Este ponto esclareceria quem eram realmente os sociais-democratas russos, bem como ajudaria a compreender as causas de suas divergências e divisões.

Para Lênin, na base da história da social-democracia russa haviam se formado, mesmo antes do congresso, três grupos principais⁹⁷: os *iskristas*, os *anti-iskristas* e os elementos instáveis, vacilantes e inconstantes (aqueles que estariam no “pântano” da oscilação entre os que lutavam verdadeiramente). Tais seriam os traços políticos que se haviam se desenhado nitidamente também no congresso. A saída do *Bund* do partido, em função dos princípios de organização que a maioria do partido partilhava com o *Iskra*, daria origem, no entanto, a um agrupamento no congresso que, segundo Lênin, não possuía nada de

⁹⁷ Até àquela altura, a ampla maioria dos delegados de plenos direitos era ainda partidária do *Iskra* (*iskrista*). Enquanto estes permaneceram unidos, a única oposição combinada (*anti-iskrista*) veio dos delegados do *Bund* e dos delegados de tendências “economistas” que representavam as posições da *Rabotcheie Dielo*.

acidental. As discordâncias com os *iskristas* não se dariam apenas ao problema “técnico” desta discussão, mas, sobretudo, quanto à questão de fundo: o congresso como instância suprema do partido reduzia-se ao dilema “espírito de círculo ou espírito de partido”? O objetivo da oposição *anti-iskrista* era defender a independência, o particularismo, os interesses dos pequenos grupos para que estes não fossem “tragados” por um amplo partido que vinha sendo estruturado na base dos princípios *iskristas*. A posição dos *anti-iskristas*, especialmente de Alexander Martinov (representante da União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro), se manifestava, assim, na cruzada contra a imperiosa questão “espontaneidade e consciência” amplamente demonstrada em *O Que Fazer?*

As questões “insignificantes”, debatidas pelos grupos no congresso com excessivo pormenor, reduziam-se na verdade, segundo Lênin, a uma tese de princípio: a discussão das relações de organização (ou a questão dos níveis de atuação do partido). Lênin então observara que era perfeitamente explicável e inevitável o conflito extremamente violento, com caráter de princípio, surgido por um motivo “insignificante” (o lugar do *Bund*, a “igualdade de direito das línguas”, etc.), visto que tais conflitos advinham do caráter dos agrupamentos políticos no congresso. Tudo isto era um sintoma do fato de existirem contradições no seio desses agrupamentos, de nele existirem todos os germes de um conflito, de uma heterogeneidade interna, que com uma força imanente, surgia ao menor pretexto, mesmo que “insignificante”.

Para Lênin, a inconsequência no campo dos princípios dos *anti-iskristas* e do centro (ou “pântano”) se manifestava claramente, por exemplo, nos debates sobre o programa agrário, que haviam tomado muito tempo no congresso e que levantariam questões extremamente interessantes. Segundo os opositores do *Iskra*, o programa proposto dificilmente poderia ser considerado um programa agrário social-democrata, uma vez que propunha uma ligação com o campesinato. Lênin via nesta crítica a mesma simplificação aparentada com o “economismo”, que afirmava que era impossível obrigar o proletário a lutar pelo que em grande parte estaria nas mãos da burguesia. Para ele era preciso “ensinar” certos intelectuais a ter em vista a conjuntura histórica que “complica e modifica” constantemente os objetivos da luta e do partido. O pessimismo e o preconceito das frações *anti-iskristas* para com o mujique demonstravam o seu profundo desconhecimento sobre as formas locais de inúmeras sobrevivências feudais, bem como das reais condições de vida, inclusive, do operário agrícola.

Lênin, desde 1901 - 1902, inclusive, já defendia que os sociais-democratas não deveriam negligenciar o trabalho entre a classe camponesa e citara uma passagem do programa do partido em que se apoiava “todo o movimento de oposição e revolucionário dirigido contra o regime social e político existente da Rússia” (LENINE, 1986, p. 242). Acusando os opositores de uma simplificação vulgar do marxismo, que retirava de uma premissa correta, a do proletariado como única classe verdadeiramente revolucionária, uma conclusão imediatamente falsa, “o resto não conta”, Lênin frisava o dever de se explicitar ao proletariado que, em comparação com o absolutismo, mesmo uma constituição que não concedesse o sufrágio universal seria “um passo em frente”. Ou seja, anos antes de 1917, Lênin já propunha uma aliança entre as classes pela revolução.

Depois do programa, contudo, o congresso passaria a uma discussão dos estatutos do partido. A discussão sobre os estatutos possuía uma importância enorme, uma vez que, desde o princípio, o *Iskra* havia agido não só como órgão literário, mas também como célula de organização. As ideias fundamentais que o *Iskra* pretendia sustentar na base da organização do partido resumiam-se, no fundo, a duas. A primeira, a ideia do centralismo, que definia em princípio o modo de resolver todos os numerosos problemas de organização particulares e de pormenor. A segunda, respeitante à função particular de um órgão ideológico dirigente, de um jornal, que tinha em conta as necessidades temporárias e específicas precisamente do movimento operário social-democrata russo, nas condições de um regime de escravidão política, com a condição de criar no exterior uma base inicial de operações para o assalto revolucionário. Estas duas ideias, como vimos, já haviam sido desenvolvidas por Lênin em *Por Onde Começar?* e em *O Que Fazer?* e haviam sido explicadas, adicionalmente, em *Carta a um Camarada*⁹⁸.

⁹⁸ Lênin escreveu a *Carta a um Camarada*, em setembro de 1902, como exposição das ideias do *Iskra* em matéria de organização. Tais ideias suscitariam mais tarde discordâncias da então “nova” redação do *Iskra*, cujas concepções foram defendidas no II Congresso do POSDR, principalmente por Martov e Axelrod. Nos rascunhos contidos na *Carta a um Camarada*, Lênin expôs detalhadamente como dividir e reunir os órgãos centrais e locais do partido, bem como de suas seleções, atribuições e relações entre si. Destacando a importância do caráter conspirativo e ininterrupto das funções específicas do trabalho revolucionário nas condições russas de seu tempo, observava, dialeticamente, a importância de centralizar a direção do movimento descentralizando a responsabilidade de ação de cada um dos membros do partido individualmente. “Para que o centro possa não só aconselhar, convencer e discutir (como o tem feito até agora), como também dirigir realmente a orquestra, é necessário que se saiba com precisão quem toca cada violino, como e onde aprendeu ou aprende a tocar seu instrumento; quem desafina, onde e por que (quando a música começa a soar mal); como, onde e a quem se deve mudar para corrigir as dissonâncias etc.” (LENIN, 1976, p. 271, tradução nossa). Novamente, arriscamo-nos a uma analogia com os gregos antigos: neste pequeno texto sobre os órgãos, membros e incumbências do partido, a tarefa de Lênin, em muitos aspectos, recorda-nos passagens contidas no livro XII de *As Leis*, de Platão, diálogo em que o ateniense discorre longamente sobre a composição, as atribuições e as qualidades dos responsáveis pelos conselhos noturnos organizados para assegurar a preservação do Estado magnesiano (como vimos em nosso terceiro capítulo, de acordo com Trótski, Lênin conhecia esta obra). “Não é possível neste estágio, Megilo

5.3. Uma fenda na gravura

Ao longo do segundo congresso do POSDR, os *iskristas* seriam atacados por seus adversários por supostamente incorrerem em uma “hipertrofia do centralismo” no partido. Naquele momento, a maioria dos delegados dava-se conta com clareza do que eram os “interesses de círculo” da *Rabotcheie Dielo*, do *Bund* etc., que provocavam o protesto contra o centralismo do *Iskra*. Estes interesses, no entanto, apenas precederam uma cisão entre os próprios *iskristas*, que ocorreria justamente em torno do parágrafo um dos estatutos.

A questão ali abordada era, para Lênin, desde então, uma questão de princípio. O interesse do congresso pelos debates era imenso. Participariam das votações todos os delegados, fato raro em qualquer grande congresso, o que despertara os ânimos durante as discussões. Conforme Lênin, qualquer “pequena” divergência poderia ganhar uma “enorme” importância se pudesse servir de virada para certas concepções equivocadas, e se a estas concepções se juntassem, em virtude de novas divergências complementares, atos anárquicos que levassem o partido à cisão. Esta era precisamente a questão na situação que estamos abordando. Uma divergência “pouco importante” sobre o parágrafo primeiro dos estatutos havia tomado um amplo significado, porque foi precisamente o que serviu de ponto de partida para as “sutilezas oportunistas” e para a “fraseologia anarquista” da minoria. Esta divergência marcou o início da coligação da minoria *iskrista* com os *anti-iskristas* e com o “pântano”. O erro da minoria, sobretudo Martov e Axelrod, a propósito do parágrafo um, constituiu uma verdadeira fenda no partido, que ao invés de amarrada com um “nó duplo”, foi alargada até a sua completa ruptura.

A questão seria formulada por Lênin agora nos seguintes termos: oportunismo (e anarquismo) ou burocracia (e formalismo)? Era preciso colocar imediatamente o problema no terreno dos princípios e delimitar os conceitos de partido e organização. Axelrod propunha que se admitisse no partido elementos organizados e não organizados, aqueles a quem se poderia dirigir e os que não se poderia, os elementos avançados e os incorrigivelmente atrasados, porque os atrasados “corrigíveis” poderiam também entrar para a organização. Para Lênin, estas duas noções eram ali confundidas. E a confusão era “perigosa”.

e Clínicas, promulgar leis para este conselho. É preciso que seja antes devidamente organizado. Isto feito, seus membros deverão eles mesmos determinar de que autoridade se revestirão. [...] Se tivermos os membros cuidadosamente selecionados e apropriadamente treinados e, após o seu treinamento, colocados na acrópole do país [...] se chegarmos de fato a formar esse divino conselho, meus caros colegas, nos será necessário confiar a ele o Estado”. Cf. PLATÃO. *As Leis*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999. p. 510; p. 511.

Quando digo que o partido deve ser uma *soma* (não uma simples soma aritmética, mas um complexo) *de organizações*, quer isto dizer que eu “confundo” dois conceitos, partido e organização? É evidente que não. Exprimo, assim, de maneira absolutamente clara e precisa, o meu desejo, a minha exigência de que o partido, como destacamento de vanguarda da classe, seja algo mais *organizado* possível, que o partido só aceite nas suas fileiras aqueles elementos que *admitam, pelo menos, um mínimo de organização*. (LENINE, 1986, p. 254, grifo do autor).

Axelrod, por sua vez, invocara as “organizações estritamente conspirativas e centralistas do passado” (Terra e Liberdade, Vontade do Povo, etc.) que, à sua volta, haviam agrupado uma quantidade de pessoas que não pertenciam à organização, mas que a ajudavam, de uma forma ou de outra, e eram consideradas como membros do partido. Tal princípio deveria ser aplicado ainda mais estritamente a uma organização social-democrata. Para Lênin, este era um dos pontos-chave da questão. O “princípio” que permitia que se intitulassem membros do partido pessoas que não pertenciam a nenhuma das suas organizações e que somente o ajudavam de uma maneira ou de outra.

Na polêmica com Axelrod, Lênin então evocara Plekhanov, cuja resposta a questão seria dada através de sua experiência prática: as organizações da década de 1870, com as quais havia militado, possuíam um centro bem organizado e extremamente disciplinado; este centro possuía à sua volta organizações de diferentes níveis, criadas por ele próprio, e o que estava fora dessas organizações era o caos e a anarquia. Os elementos que constituíam esse caos intitulavam-se membros do partido. O movimento, longe de ganhar com isso, acabou por se perder. Tratava-se, portanto, de aplicar consequentemente o princípio da organização ou simplesmente consagrar a dispersão e a anarquia. Para Lênin, era preciso construir o partido tomando como base um núcleo já constituído de sociais-democratas, núcleo que, por exemplo, havia organizado o segundo congresso do partido, e que deveria ampliar e multiplicar todo o tipo de organizações do partido. Não fosse assim, restaria contentar-se com a “frase tranquilizadora” de que todos os que ajudassem poderiam ser considerados membros do partido.

Não se poderia confundir, portanto, o partido, como destacamento de vanguarda da classe operária, com toda a classe. Era justamente nesta confusão (entre o particular e o todo) que recaía Axelrod (bem como o “economismo” oportunista em geral), segundo Lênin. Era preciso estabelecer uma distinção entre os que “participavam” do partido e os que possuíam uma “ligação” com ele. Esta diferenciação era precisamente necessária devido à existência de diferentes graus de consciência e atividade. Tal diferenciação não era, no entanto, obrigatoriamente limitada e estática. Pelo contrário, ao se esquecer da diferença entre

o destacamento de vanguarda de um partido operário social-democrata e de todos os níveis das massas que “pendem” para ele, esquecer-se-ia da obrigação constante deste destacamento de “elevar” camadas cada vez mais amplas ao seu nível de consciência revolucionária mais avançado (tal como Lênin destacara em *O Que Fazer?*). Entre o número dos elementos ativos do partido social-democrata, de modo algum figurariam apenas organizações de revolucionários, mas também uma série de organizações operárias, reconhecidas como organizações do partido e que aceitassem o seu programa e os seus estatutos.

Na contramão da concepção leninista de partido, Axelrod e seus adeptos procuravam elaborar uma “nova” orientação para o *Iskra*, visando disseminar aos leitores os “novos” pontos de vista da “nova” redação. Todas as organizações, de todas as espécies, de todos os níveis e de todos os matizes, desde as organizações extremamente restritas e conspirativas, até as extremamente amplas e livres, eram necessárias e deveriam se incorporar ao partido indiscriminadamente. Do ponto de vista de Axelrod, de Martov e do “novo” *Iskra*, as fronteiras do partido ficavam absolutamente indeterminadas, pois “qualquer grevista” poderia se declarar membro do partido. Tal imprecisão provocaria o prejuízo de provocar a ideia desorganizadora da confusão da classe com o partido, obscurecendo a sua dialética interna (“descer” ao movimento espontâneo das massas e “elevar” a sua consciência ao nível do programa do partido social-democrata organizado e verdadeiramente revolucionário). A diferença entre classe e partido era, assim, apagada. Uma fórmula muito mais útil e adequada aos “intelectuais completamente imbuídos do individualismo burguês” que os fazia recluir da “disciplina e organização proletárias”⁹⁹.

⁹⁹ “[...] nisto reside uma das razões que explicam a fraqueza e a instabilidade da intelectualidade, que o proletariado tantas vezes sentiu. E esta particularidade da intelectualidade está inseparavelmente ligada às suas condições habituais de vida, ao seu modo de ganhar a vida, que se aproximam em muitíssimos aspectos das condições *de existência pequeno-burguesa* [...]”. (LENINE, 1986, p. 263, grifo do autor). E, citando Karl Kautsky longa e elogiosamente: “Tal como um capitalista, um intelectual pode, individualmente, entregar-se por inteiro à luta de classe do proletariado. Em tais casos, quando isto tem lugar, o intelectual muda também de caráter. No que vou dizer a seguir, não tratarei principalmente dos intelectuais deste tipo, que ainda hoje são exceção no seio de sua classe [...]. O intelectual não é um capitalista. É verdade que seu nível de vida é burguês e que ele é obrigado a manter este nível a menos que se transforme num vagabundo [...]. Mas a sua situação na vida, as suas condições de trabalho, não são proletárias; daí um certo antagonismo nos sentimentos e nas ideias. O proletário não é nada enquanto permanecer um indivíduo isolado [...]. Sente-se grande e forte quando faz parte de um grande e forte organismo. Este organismo é tudo para ele, enquanto um indivíduo isolado, em comparação com ele, significa muito pouco [...]. A filosofia de Nietzsche, com o seu culto do super-homem, para quem tudo se reduz a conseguir o pleno desenvolvimento da sua própria personalidade, para quem qualquer submissão da sua pessoa a qualquer grande objetivo social se apresenta vil e desprezível, esta filosofia é a verdadeira concepção de mundo do intelectual, ela torna-o absolutamente incapaz de participar na luta de classe do proletariado [...]. Poder-se-ia igualmente citar aqui Marx, que nunca se pôs em primeiro plano e se submetia de maneira exemplar à disciplina do partido no seio da Internacional, onde mais de uma vez ficou em minoria.” (KAUTSKY apud LENINE, 1986, p. 303 - 304).

Em Lênin, como acompanhamos anteriormente, o partido é um intérprete, um condutor consciente de um processo inconsciente. E seria precisamente por este motivo que se tornava um equívoco querer que “qualquer grevista” pudesse intitular-se membro do partido, porque se “qualquer greve” não fosse simplesmente a expressão espontânea de um poderoso instinto de classe e de luta de classes, mas fosse uma expressão consciente deste processo, então a greve geral não seria apenas uma frase “potencialmente” anarquista e englobaria, imediatamente, e de uma só vez, toda a classe operária e, por consequência, acabaria também, e de uma só vez, com toda a sociedade burguesa. Para que se tornasse verdadeiramente um intérprete consciente, o partido deveria saber estabelecer relações de organização que assegurassem certo nível de consciência e “elevasse” sistematicamente este nível (de “greve geral” à revolução social). Um agrupamento num partido para um trabalho metódico deveria cuidar de assegurar este caráter metódico.

Lênin analisava o erro político de Martov e Axelrod, antes partidários das mesmas concepções, como um passo para o oportunismo e para o individualismo anarquista na formulação do parágrafo primeiro. E a defesa dessa fórmula indeterminada logo se revelaria com particular relevo graças à arena livre e aberta do congresso: revelaria-se pelo fato dos elementos menos firmes e estáveis no campo dos princípios, os *anti-iskristas* e o “pântano”, terem lançado imediatamente todas as suas forças para alargar a fenda que se tinha aberto nas opiniões da social-democracia revolucionária. O trabalho conjunto no congresso havia levado imediatamente os adversários de princípio a apoiarem o erro de Martov e Axelrod. Os *iskristas*, que em sua maioria haviam se mantido fiéis ao ponto de vista “centralista”, desde então encontrariam-se divididos.

5.4. O quadro geral de uma luta interna

O primeiro parágrafo dos estatutos do POSDR, sobre os princípios de organização (espírito de círculo “anarquista” versus espírito de partido “formalista”), havia fendido “a gravura” do partido e, para Lênin, havia que costurá-la com um “nó duplo”. Os pontos seguintes dos estatutos, entretanto, suscitariam ainda mais controvérsias sobre pormenores do que o anterior. A propósito de uma questão “teórica”, Martov havia se revelado agora adversário e sua posição fora defendida também por outros delegados. Disto resultaria que a coligação dos “martovistas” (ou seja, de uma minoria de *iskristas*) com os *anti-iskristas*

(*Rabotcheie Dielo, Bund*, etc.) lhes dava relativo peso no congresso para a votação da composição pessoal dos centros e que estes poderiam votar, de acordo com seu estado de espírito, para “semear a cisão”. Os debates girariam, àquela altura, não à volta desta ou daquela maneira de se colocar o assunto em princípio, mas exclusivamente à volta da forma de assegurar ou impedir o acesso aos organismos centrais desta ou daquela pessoa. A minoria havia demonstrado ter esquecido completamente o ponto de vista de partido quanto à escolha dos funcionários, sem procurar sequer fazer uma apreciação de cada candidato para um cargo, de sua adequação ou não às funções desse cargo.

Toda a atividade do *Iskra* enquanto grupo particular havia sido uma luta por influência e, no segundo congresso, tratava-se agora de consolidar organicamente esta influência. Nesta segunda luta, Martov e a “minoría” sofreriam uma derrota na questão relativa à composição pessoal dos centros, onde buscavam exercer uma influência pessoal, sobretudo no Comitê Central, enquanto Lênin, através da organização, visava um organismo de dirigentes políticos (eliminando da “nova” orientação do *Iskra* os aspectos do “velho” espírito de círculo, inadequados a um organismo de partido, e apagando os traços de um organismo de literatos, com a participação de militantes práticos). Neste ponto, a organização do *Iskra* se tinha dividido completamente e a minoria queria tentar no congresso, através de uma batalha livre e aberta, conquistar a maioria, sem se dar ao trabalho de esboçar um “quadro geral” da discussão (o que justamente Lênin procurava fazer com *Um passo em frente, dois passos atrás*).

Ao terminar a análise minuciosa dos debates e das votações, Lênin se propôs a pintar esse “quadro geral” da luta no congresso: que elementos, grupos e matizes acabariam por formar a maioria e a minoria nas eleições (que estavam destinadas a constituir a divisão fundamental do partido social-democrata russo). Para Lênin, sem tal “quadro geral” de todo o congresso e de todos os principais agrupamentos nas votações, os materiais ficariam demasiado fragmentados, dispersos, de maneira que, à primeira vista, poderiam parecer, inclusive, eventuais. Para obter esse “quadro *único no seu gênero, insubstituível pela sua plenitude e exatidão*, da luta interna do partido, dos seus matizes de opinião e dos seus grupos” (LENINE, 1986, p. 311, grifo do autor), Lênin representara as divisões no congresso sob a forma de diagrama. Os resultados, “para resumirem de maneira completa e precisa os grupos”, eram acompanhados das seguintes designações: 1) sociais-democratas revolucionários consequentes (*iskristas* da maioria); 2) pequenos oportunistas (*iskristas* da minoria); 3) oportunistas médios (“centro”); 4) grandes oportunistas (*anti-iskristas*).

Em outros termos, os três últimos grupos, ainda em minoria, formavam precisamente a ala “direita” (“democrática”) do partido. A divisão entre esta minoria (*menchinstvo*) e a maioria (*bolchinstvo*)¹⁰⁰, “centralista”, era, deste modo, a continuação direta e inevitável da divisão da social-democracia russa nos polos oportunista e revolucionário. O erro de Martov e Axelrod havia sido relativamente “pequeno”, mas este pequeno erro acabara por causar um grande dano, em virtude de Martov ter se deixado atrair por outros delegados que historicamente haviam cometido uma série de erros e que, a propósito de uma série de questões, haviam evidenciado a sua inclinação para o oportunismo e, também, a sua inconsequência no terreno dos princípios. Tais erros, contudo, não haviam sido individuais, mas, antes, de partido: a formação de uma minoria considerável de todos os elementos menos estáveis, de todos aqueles que não reconheciam em absoluto a tendência do *Iskra* e a combatiam abertamente, ou que a reconhecendo verbalmente de fato se colocavam repetidamente ao lado dos *anti-iskristas*. Ou seja, o “pequeno” erro de Martov e Axelrod poderia permanecer pequeno enquanto não servisse de ponto de partida para uma aliança sólida entre eles e toda a ala oportunista do partido.

Mais uma vez, Lênin sublinhava que o fato de o congresso (e o partido) ter se dividido em uma ala revolucionária e outra oportunista era, na verdade, algo que se repetia nos últimos dez anos da história da social-democracia russa. Que uma série de erros bem “pequenos” pudessem ter sido cometidos pela ala minoritária da “direita”, de divergências sem grande importância terem provocado a divisão, esta seria uma circunstância que ao observador superficial poderia parecer absurdo, mas que, na realidade, fora um grande “passo em frente” no âmbito do partido em seu conjunto. Antes as divergências se davam sobre grandes questões que, por vezes, podiam até justificar uma cisão; havia, àquela altura, no entanto, acordo sobre os pontos importantes e o que os distinguiam eram simplesmente certos matizes que se deveriam discutir, mas pelos quais seria absurdo e pueril se separar. A recusa da minoria do congresso em ser minoria nos centros havia levado a queixas pessoais e, posteriormente, a frases e atos anarquistas dos “intelectuais” vencidos. O resumo dos debates, votações, agrupamentos e divisões, falas e ações, poderia explicar tudo o que se passaria após o congresso (as etapas seguintes da crise no partido).

¹⁰⁰ Os delegados de orientação *iskrista* “dura” (partidários de Lênin) obtiveram a maioria dos votos durante a eleição dos organismos centrais do partido e passaram a ser denominados bolcheviques (da palavra russa *bolchinstvo*, que significa maioria), enquanto os “oportunistas” (*iskristas* “brandos”, “centro” e *anti-iskristas*), que obtiveram a minoria, receberam a denominação de mencheviques (da palavra russa *menchinstvo*, que quer dizer minoria).

A recusa de Martov para fazer parte (como minoria) de uma “nova” redação do *Iskra* (composta pela maioria), assim como a de outros literatos do partido a colaborar, a recusa de várias outras pessoas a trabalhar no Comitê Central, a propaganda da ideia de boicote ou mesmo “resistência passiva”, tudo isso conduzia inevitavelmente à ruptura no partido. Estar em minoria, observava Lênin, implicava necessariamente em certas desvantagens para quem ficasse em minoria. Estas desvantagens consistiam ou na necessidade de fazer parte de um organismo de direção no qual a maioria se imporia em certas questões, ou a de permanecer fora do organismo, atacando-o e, por este motivo, expondo-se ao fogo de baterias fortificadas. Para Lênin, as atitudes “rebeldes” da minoria revelavam a psicologia de intelectual burguês de certos membros, que se consideravam “espíritos de elite” e colocavam-se acima da organização das massas e da disciplina das massas.

Conscientes da impotência para convencer o partido, a minoria agia desorganizando-o e emperrando o seu trabalho. Boa parte das respostas conferidas mostrava que a famosa lealdade e reconhecimento às decisões do congresso eram apenas frases, e que, na realidade, seus elementos haviam decidido terminantemente não se submeter aos organismos centrais do partido, respondendo aos seus apelos para o trabalho em comum com evasivas e “sofismas”, e acusando a direção “autocrática” do partido (“os gritos a propósito do famoso burocratismo do partido não seriam um descontentamento com a composição pessoal dos centros?”, perguntava Lênin). Ao defender-se da acusação de burocratismo, Lênin distinguia: “O burocratismo significa a submissão dos interesses da *causa* aos interesses da *carreira*, significa prestar uma atenção constante aos *cargos* e ignorar o trabalho; bater-se pela *cooptação* em vez de lutar pelas *ideias*” (LENINE, 1986, p. 332, grifo do autor).

A minoria, por sua vez, extraindo citações de *O Que Fazer?* e da *Carta a um Camarada*, em que se falava de ação ideológica, luta pela influência etc., continuava a atacar o método “burocrático” de ação por meio de estatutos, a tendência “autocrática” para se apoiar no poder, etc. Lênin explicava que, antes, o partido não era um todo formalmente organizado, mas apenas uma soma de grupos particulares, pelo que entre esses grupos não se podia haver outras ligações senão pela ação ideológica. Àquela altura, porém, o partido era já organizado; isto implicava a criação de um poder, a transformação da autoridade das ideias em autoridade do poder, a subordinação das instâncias inferiores às instâncias superiores do partido. As posições de Lênin, no entanto, não seriam tão facilmente assimiladas. Mesmo entre os *iskristas* da maioria, um respeitado “colega de ofício”, de grande projeção em todo o partido, as iria contestar e realizar também a sua própria virada.

5.5. A expulsão do “estúdio”

Ao final do segundo congresso, seria publicado no número 52 do *Iskra* um artigo com o sugestivo título de *O Que Não Se Deve Fazer*. Ali, o autor do artigo afirmara que, em matéria de política, não se deveria agir de modo retilíneo, sendo inoportunamente áspero ou inoportunamente intransigente, e que, por vezes, para se evitar uma cisão no partido, seria indispensável fazer cedências aos oposicionistas. Os leitores do *Iskra*, inclusive, eram acusados desta incompreensão “por não conhecerem a dialética”. Tal autor havia se mantido firmemente com Lênin ao longo de todo o “turbilhão” do congresso. Mas, agora, havia “cedido”. Tratava-se de Plekhanov.

Lênin rebateria Plekhanov justamente por ele haver infringido um princípio fundamental da dialética (seria necessário acrescentar aqui, marxista), “que com tão pouca felicidade invocara”: não haveria verdades abstratas, a verdade seria sempre concreta (ou seja, sob o ponto de vista de classe). Lênin esclarecia que a “verdade” plekhanovista apresentada como um novo lema de combate, a “cedência”, poderia ser legítima e imprescindível em dois casos: ou quando aquele que cede estivesse convencido da razão dos que querem obter essa cedência (os políticos honestos que, neste caso, reconhecem franca e abertamente o seu erro), ou quando a cedência a uma exigência insensata ou prejudicial para a causa é feita para evitar um mal maior. Plekhanov imaginara estar incorrendo no segundo caso (“uma pequena tolice oportunista e uma pequena frase anarquista são preferíveis à cisão”).

Plekhanov reconhecia, no entanto, claramente o erro da minoria: o revisionismo e o anarquismo que haviam conduzido o partido à cisão ao longo do congresso. No entanto, em *O Que Não Se Deve Fazer* procurava diretamente convencer a maioria a ter “piedade” dos adversários, que eram revisionistas em virtude de certa falta de “espírito de consequência”. Para Lênin, era imprescindível defender a posição da maioria porque Plekhanov, “rindo-se da dialética, que exige um exame concreto e multilateral” (LENINE, 1986, p. 339), ao tratar da “boa vontade” de todos os revolucionários, corrompia a questão da confiança no dirigente do proletariado que liderava rigorosamente a ala revolucionária do partido. Plekhanov sustentava que, no caso de uma nova cisão, os operários os deixariam de compreender e, ao mesmo tempo, ele próprio inaugurava uma interminável série de artigos no novo *Iskra*, que, pelo seu significado concreto, ficavam incompreensíveis não apenas aos operários, mas, em geral, por todos os leitores. Em resumo, após o congresso, Plekhanov havia passado de partidário da maioria a partidário da reconciliação a qualquer preço.

Para Lênin, portanto, já em 1903 - 1904, a fonte de todos os “tristes mal-entendidos” no congresso do partido era precisamente a “violação do princípio fundamental da dialética”: era preciso analisar as questões concretas de uma maneira concreta, isto é, sob o ponto de vista da classe operária e de sua luta permanente pela revolução. Plekhanov então acusava a maioria de ter se oposto terminantemente às cedências políticas, e não de ter se oposto à passagem da ala esquerda para a ala direita do partido (a virada para a ala oportunista propagada agora pelo novo *Iskra*). A questão para Lênin, precisamos observar, não se colocava de modo algum no fato de Plekhanov, para evitar a cisão, ter feito uma cedência pessoal (o que pontualmente seria de se elogiar), mas no fato de que, tendo reconhecido inteiramente a necessidade de discutir com os revisionistas inconsequentes e com os individualistas anarquistas, ele tenha preferido discutir com a maioria, de quem divergia quanto à medida das cedências práticas que era possível fazer à minoria. O problema, assim, se reduzia ao fato de Plekhanov ter traído a sua posição de discutir com o revisionismo e como o anarquismo, no fato de ter deixado de defender esta posição no congresso do partido, e passar, conseqüentemente, aos novos pontos de vistas oportunistas do novo *Iskra*, em matéria de organização.

Ao analisar esses pontos de vistas do novo *Iskra*, Lênin tomara como base dois folhetins escritos por Axelrod, cuja tese fundamental era a seguinte: desde o início, o movimento social-democrata conteve duas tendências opostas. O objetivo do movimento operário na Rússia era, em princípio, o mesmo que o da social-democracia no Ocidente. Mas a influência sobre as massas operárias provinha de um elemento social que lhes era estranho, a *intelligentsia* radical. Assim, Axelrod assinalava que existia, no interior do partido social-democrata russo, um antagonismo entre as tendências proletária e intelectual-radical. Para Lênin, Axelrod possuía razão neste particular. Todos os revolucionários tinham mais ou menos consciência de que a divisão da social-democracia em revolucionária e oportunista era uma divisão que também havia se manifestado na Rússia desde, pelo menos, 1894. Para Lênin, a social-democracia revolucionária representava as tendências proletárias do movimento, enquanto a social-democracia oportunista exprimia as tendências intelectual-democráticas. Axelrod, porém, não havia se esforçado por demonstrar como se manifestara essa divisão na história da social-democracia russa em geral, e no congresso do partido em particular. Lênin citara, então, o provável conhecimento, por parte de Axelrod, de que a divisão da social-democracia em revolucionária e oportunista há muito tempo havia dado margem a analogias históricas com a época da Revolução Francesa.

O camarada Axelrod não ignora, provavelmente, que os *girondinos da social-democracia contemporânea* recorrem, sempre e em toda a parte, aos termos “jacobinismo”, “blanquismo” etc., para caracterizar os seus adversários. [...] O jacobino, ligado indissolivelmente à *organização* do proletariado, *consciente* dos seus interesses de classe, é justamente o *social-democrata revolucionário*. O girondino, que suspira pelos professores e os estudantes de liceu, que receia a ditadura do proletariado, que sonha com o valor absoluto das reivindicações democráticas, é justamente o *oportunista*. Só os oportunistas podem ainda, em nossa época, ver um perigo nas organizações de conspiradores [...]. Não gritará o camarada Axelrod contra os jacobinos porque se encontrou na companhia dos girondinos? (LENINE, 1986, p. 345-346, grifo do autor).

Ao invés disso, a tendência da nova redação do *Iskra* era concentrar-se na velha divisão dos sociais-democratas russos em “economistas” e “políticos”, divisão combatida por Lênin em *O Que Fazer?* e que, segundo ele, havia perdido intensidade e cessado completamente já em 1902. Na época do congresso, a velha divisão, portanto, já não existia de modo significativo, mas continuavam a existir diversas outras tendências oportunistas, que haviam se exprimido durante os debates e votações sobre uma série de questões, e que levaram finalmente a uma nova divisão do partido em maioria e minoria. A incapacidade de se explicar a origem política da divisão de então, obrigava a se repisar tudo o que já havia sido dito da antiga divisão (e os erros cometidos pela redação da *Rabotcheie Dielo*), que há muito havia passado para a história. A nova divisão, frisara Lênin, se baseava em divergências sobre as questões de organização, que haviam começado pela controvérsia sobre os princípios de organização do partido (parágrafo 1 dos estatutos), e que terminariam com práticas anarquistas da minoria (sobre a composição dos centros). Por sua vez, a antiga divisão entre “economistas” e “políticos” tinha por base uma divergência principalmente sobre questões de programa e tática.

Enquanto não tínhamos unidade nas questões fundamentais de programa e tática, dizíamos claramente que vivíamos numa fase de dispersão e de círculos, declarávamos francamente que antes de nos unificarmos era preciso demarcar os campos, não falávamos sequer de formas de organização comum, mas tratávamos exclusivamente das novas questões (então verdadeiramente novas) da luta contra o oportunismo em matéria de programa e de tática. Agora essa luta, todos reconhecemos, assegurou já uma unidade suficiente, formulada no programa do partido e nas resoluções do partido sobre a tática; agora temos de dar o passo seguinte e, como todos estamos de acordo, demo-lo: elaboramos as *formas* de uma organização única, em que se fundem todos os círculos. Arrastaram-nos agora para trás semidestruindo estas formas, arrastaram-nos para trás para uma conduta anarquista, para a frase anarquista, para o restabelecimento do círculo em vez da redação do partido, e justificam esse passo atrás dizendo que o alfabeto é mais útil ao discurso correto do que o conhecimento da sintaxe! (LENINE, 1986, p. 349, grifo do autor).

Assim, o passo a frente em matéria de tática e de programa dado contra os “economistas” em *O Que Fazer?*, em 1902, convertia-se em dois passos atrás nas questões de organização ao longo e após o segundo congresso do partido, em 1904 (o retorno à época de dispersão - à manutenção e à glorificação do espírito de círculo e à anarquia - numa época em que já se havia construído o partido). Tal atraso político dos membros da minoria se justificava, segundo Lênin, pelo “anarquismo senhorial” particularmente característico do nihilista russo. A organização do partido lhe parecia uma monstruosa fábrica e a submissão da parte ao todo, da minoria à maioria, lhe surgia como uma espécie de “servidão”.

Precisamente a fábrica, que a alguns parece apenas um espantalho, representa a forma superior de cooperação capitalista, que unificou e disciplinou o proletariado, o ensinou a organizar-se, o pôs à cabeça de todas as outras camadas da população trabalhadora e explorada. Precisamente o marxismo, ideologia do proletariado educado pelo capitalismo, ensinou e ensina aos intelectuais inconstantes a diferença entre o lado explorador da fábrica (disciplina baseada no medo de morrer de fome) e o seu lado organizador (disciplina baseada no trabalho em comum, unificado pelas condições em que se realiza a produção altamente desenvolvida do ponto de vista técnico). A disciplina e a organização, que ao intelectual burguês tanto custam a adquirir, são facilmente assimiladas pelo proletariado, justamente graças a essa “escola” da fábrica. (LENINE, 1986, p. 352).

Burocracia versus democracia era, para Lênin, naquele momento, centralismo versus autonomismo (autonomismo que Martov e Axelrod haviam defendido no congresso quando tentaram demonstrar que a parte não deveria se subordinar ao todo, que a parte seria autônoma na determinação de suas relações com o todo). Era o princípio da organização da social-democracia revolucionária em oposição ao princípio de desorganização dos oportunistas da social-democracia. Lênin, mais uma vez, evocara as experiências práticas da social-democracia ocidental em seus exemplos, recordando que não apenas na Alemanha, mas também na França e na Itália, os oportunistas haviam defendido a todo custo o autonomismo, o enfraquecimento da disciplina do partido, conduzindo à desorganização, à degeneração do “princípio democrático” em anarquismo. E a organização, para o proletariado, seria a sua verdadeira arma na luta de classes, citando que talvez em nenhuma outra questão do revisionismo de todos os países, apesar de todas as suas diversidades e da variedade de seus matizes, o “borrão” fosse tão uniforme como em matéria de organização.

Deste modo, o “novo” sentido do *Iskra* era para Lênin o “velho” oportunismo. Esta conclusão era confirmada por toda a sua análise do segundo congresso do PSDOR, bem como pelo exemplo de grande parte dos partidos social-democratas europeus, nos quais o oportunismo em matéria de organização se manifestara nas mesmas tendências, nas mesmas

acusações e, até algumas vezes, nas mesmas palavras. A semelhança da divisão fundamental de todos esses partidos em ala revolucionária e ala oportunista (oposição existente em todo o desenvolvimento teórico de Lênin sobre o partido, até aqui) era a semelhança da linha de pensamento e das tendências do oportunismo nas questões de organização. Para Lênin, a luta contra o oportunismo se dava nas questões essenciais de concepção de mundo, nas questões de programa, e a divergência completa quanto aos objetivos a atingir conduziu inevitavelmente a uma separação irrevogável entre os sociais-democratas e os liberais que corromperam o marxismo legal. A luta contra os oportunistas nas questões de tática não havia levado à formação de partidos diferentes. A luta contra o oportunismo nas questões de organização, embora menos essencial que as questões de programa e tática, entravam naquela ocasião em primeiro plano na vida do partido.

A antiga divisão dos sociais-democratas russos quanto às questões de tática e programa, em “economistas” e “políticos”, correspondia àquela altura a divisão quanto às questões de organização, em “centralistas” e “autonomistas”, ambas as divisões fundamentalmente resumidas à contradição de toda a social-democracia (russa e internacional): oportunistas e revolucionários. Aí estariam, de um lado, os *bundistas* e os elementos da *Rabotcheie Dielo*; aí estariam, também, Martov, Axelrod e, agora, até mesmo Plekhanov. Do outro, estariam Lênin e os demais membros da maioria: os *bolsheviki*. “A quantidade transformou-se em qualidade. Produziu-se uma negação da negação” (LENINE, 1986, p. 363). Este seria o momento sintético do analítico contido em *Um passo em frente, dois passos atrás*. O momento dialético da teoria e prática organizativa na história interna do partido operário revolucionário russo. O partido teorizado e defendido por Lênin. O partido bolchevique.

Concluindo seu opúsculo, Lênin traçaria, não por acaso, “algumas palavras sobre a dialética” (LENINE, 1986, p. 365 - 369). Observando que também os sociais-democratas russos se batiam segundo Hegel, lutando e desenvolvendo-se pela via das “contradições” (algo que, inclusive, tentamos demonstrar até aqui), destacara que um erro fortuito, “pequeno”, isolado, sobre o primeiro parágrafo dos estatutos acabaria por converter-se em um “quase sistema” de concepções oportunistas sobre questões organização, ligando este fenômeno à divisão essencial do partido. O resultado do desenvolvimento dialético da luta no interior do partido reduzir-se-ia, enfim, a duas revoluções. O congresso tornara-se um verdadeiro marco, único em seu gênero, e sem precedentes na história do movimento revolucionário russo.

Pela primeira vez na Rússia, um partido operário, revolucionário e clandestino, havia conseguido sair das “trevas” da completa ilegalidade e aparecer à luz do dia, mostrando a todos a sua fisionomia. Esta seria a primeira revolução, ou melhor, a primeira negação. O congresso havia sido um verdadeiro passo em frente. Dele, no entanto, resultou um “novo” *Iskra* que se viu obrigado a repetir e a aprofundar o erro cometido por seus editores no congresso do partido (e que resultou na demissão de seu idealizador do comitê de redação; na sua expulsão da máquina do partido). Para Lênin, o velho *Iskra* ensinava sobre a luta revolucionária. O novo ensinava uma “sabedoria vulgar” (e não a “grande dialética hegeliana”): as cedências e o espírito acomodatório. O velho *Iskra* era o órgão de mediação para a militância. O novo, a mediação para o oportunismo, principalmente em questões de organização. E, neste sentido, o congresso havia se constituído como dois passos atrás, uma vez que consolidara a cisão entre os sociais-democratas russos. Esta, todavia, estaria determinada a ser a segunda revolução; dela se originaria a organização que realizaria a segunda negação, a negação da negação, na história do partido¹⁰¹ e que, já ali no II Congresso, havia sido exposta por Lênin. “Um passo em frente, dois passos atrás... É algo que acontece na vida dos indivíduos, na história das nações e no desenvolvimento dos partidos” (LENINE, 1986, p. 368). Eis como Lênin descrevera aquele momento, em 1904, portanto, já explicitamente um leitor da “grande dialética” de Hegel.

¹⁰¹ Como notamos anteriormente, Benoit nos explica que a história interna das formas organizativas do partido revolucionário na Rússia sofreu um processo de desenvolvimento dialético similar àquele ocorrido na Europa Ocidental: uma primeira fase clandestina e conspirativa caracterizada pela exterioridade em relação ao movimento das massas (portanto, de características jacobino-blanquistas), e uma segunda fase pública e legalizada, com a implantação do marxismo, que gradualmente evoluiu para o espontaneísmo economicista. No entanto, prosseguindo com Benoit, no interior deste próprio segundo período, fora dos países europeus centrais e por razões históricas específicas, começaria a surgir a negação das organizações que negaram unilateralmente as concepções jacobino-blanquistas. Esta nova negação - o partido de Lênin - estava destinada a ser “a *negação da negação* na história dialética das organizações operárias” (BENOIT, 1998, p. 49, grifo do autor).

6. AS CORES

6.1. O recomeço

Antes do segundo congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, realizado em 1903, os assuntos mais importantes entre os marxistas locais haviam sido a adoção de um programa e a redação de estatutos para o partido. Plekhanov, na década de 1880, e Lênin, na de 1890, já haviam feito tentativas para esboçá-los, e quando o grupo do *Iskra* começou a consolidar-se, nos primeiros anos do século XX, a exigência de um programa e de estatutos formalmente aceitos foi apresentada simultaneamente à exigência de um novo congresso.

Como vimos há pouco, ao longo do congresso as discussões acabariam por opor Lênin, contrário a qualquer concessão ao individualismo anarquista, e Plekhanov, que pregara a cedência mesmo na consecução dos objetivos revolucionários. Antes, porém, um primeiro projeto de programa de Plekhanov havia sido severamente criticado por Lênin, que apresentara um contraprojeto próprio. A conciliação entre ambas alternativas fora surpreendentemente bem sucedida. A autoridade de Plekhanov era ainda imensa e Lênin, então aos trinta e poucos anos, estava disposto, talvez pela última vez, a aceitar um compromisso em uma questão política. Em termos gerais, do projeto de programa publicado pelo *Iskra* em janeiro de 1902, e submetido ao congresso no ano seguinte, a primeira parte, ou teórica, era obra de Plekhanov, reforçada aqui e ali por Lênin, e a parte segunda, ou prática, obra de Lênin, atenuada aqui e ali por Plekhanov (CARR, 1977, p. 41).

De acordo com Carr (1977, p. 42 - 43), a relação entre os objetivos imediatos, especificamente russos, e o objetivo final da sociedade sem classes não era mencionada. A ditadura do proletariado, definida como “a conquista do poder político pelo proletariado”, era assinalada, contudo, como a condição indispensável para a revolução social. O programa terminava oferecendo o apoio do partido a “qualquer movimento de oposição ou revolucionário dirigido contra a ordem social e econômica existente na Rússia” e reclamando como primeiro passo “o derrube da autocracia e a convocação de uma assembleia constituinte

livremente eleita por todo o povo”. O programa fora debatido em pormenor pelo congresso e fizeram-se pequenas emendas. Mas, ao final, permaneceria inalterado até 1919.

O debate sobre os estatutos, por sua vez, logo se agudizariam quanto ao primeiro parágrafo, que definia os requisitos para se tornar membro do partido. A comissão que preparou o projeto havia se dividido sobre uma questão de princípio e apresentava dois textos alternativos, um proposto por Lênin e outro por Martov. Lênin insistia em sua concepção, já elaborada em *O Que Fazer?*, de um rigoroso centro de revolucionários profissionais organizados e disciplinados. Os ânimos se aqueceram e a distinção que surgiu deste debate foi a forma original da cisão entre os sociais-democratas russos. Lênin retorquia que era essencial distinguir entre “tagarelas” e “operários”: o projeto de Martov abria a porta indiscriminadamente a ambos. Ao fim de um longo e obstinado debate, o projeto de Lênin fora rejeitado em uma votação acirrada no congresso.

A sequência das votações após o primeiro parágrafo seria paradoxal. A discussão envolveria uma decisão sobre as relações do *Bund* com o partido. A rejeição, pela maioria, da pretensão do *Bund* em permanecer o único representante independente do proletariado (em função de sua “distinção” religiosa) fez com que seus delegados se retirassem ofendidos da assembleia. Na sessão seguinte, a decisão de se reconhecer nos estatutos apenas uma organização “estrangeira” no partido, a Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Estrangeiro, estreitamente ligada ao *Iskra*, privando de direitos, consequentemente, a União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro (vinculada, por sua vez, à *Rabotcheie Dielo*), levou à retirada de seus delegados do congresso. Ia se tornando evidente que Lênin, àquela altura influenciando a maioria, usaria este poder para favorecer a vitória das opiniões do *Iskra* sobre um ponto de importância eminente da agenda: as eleições para os organismos diretivos do partido.

Evidentemente, estava em jogo uma questão de peso. As cláusulas dos estatutos, redigidas e apresentadas ao congresso pelo grupo do *Iskra* em conjunto, proporcionavam um controle quase ilimitado da autoridade central sobre os órgãos locais do partido. Quando o projeto apareceu no congresso sob a forma concreta de uma proposta para eleger Plekhanov, Lênin e Martov (dois “duros” e um “brando”) para o comitê de redação do *Iskra*, e para eleger figuras secundárias para o comitê central, de forma que o controle do partido pelo comitê de redação fosse incontestável, a oposição se tornou implacável. A maioria tratou de eleger justamente Plekhanov, Lênin e Martov; este rejeitaria o lugar oferecido no comitê. A minoria se recusou a tomar mais qualquer parte nas eleições. O comitê central foi composto

unicamente por “duros” e Plekhanov eleito presidente do conselho do partido. Com base nesses resultados, apelidaram-se os vencedores de “bolcheviques”, ou homens da maioria, e os perdedores de “mencheviques”, ou homens da minoria.

Não seria este, no entanto, o fim da história. Seria este, aliás, o seu recomeço. Plekhanov havia se mantido ao lado de Lênin durante todo o congresso. Mas a discussão anterior sobre o programa, de certa forma, já havia demonstrado como a moderação do mais velho poderia colidir com a implacabilidade do mais novo. Os mencheviques contemplavam a maioria dos antigos amigos e companheiros de Plekhanov. A rigorosa disciplina partidária proposta por Lênin fora aprovada por Plekhanov em princípio, mas quando se chegou à sua aplicação prática mostrou-se talvez estranha às noções menos rígidas de organização política que ele havia assimilado durante a sua longa permanência no Ocidente. Plekhanov, retomando seu passado na Partilha Negra, passava a advogar a reconciliação com os dissidentes vencidos, o que era impensável para Lênin. Como presidente eleito do conselho, Plekhanov reagregou membros rejeitados pelo congresso; sob esta influência, o “novo” *Iskra* se tornaria um órgão de orientação menchevique. Antes do fim de 1903, Lênin demitiria-se do comitê de redação do jornal e, “expulso” da máquina do partido que o congresso havia posto em suas mãos, dedicaria-se a organizar os bolcheviques como fração independente.

Os meses seguintes viriam uma série de artigos contundentes contra Lênin, do “pincel” de Plekhanov, bem como da nova redação do *Iskra*. Plekhanov rapidamente venceria qualquer embaraço causado pelo passado recente de apoio a Lênin alegando que havia discordado de alguns passos de *O Que Fazer?*, quando o lera pela primeira vez, mas que havia tido a impressão de que Lênin os modificara. Lênin era então declarado culpado de alimentar um espírito sectário de exclusivismo. Era acusado, por Plekhanov, de confundir a “ditadura do proletariado” com a “ditadura sobre o proletariado” e de praticar “bonapartismo, se não monarquia absoluta no velho estilo pré-revolucionário” (PLEKHANOV apud CARR, 1977, p. 47). Os prelos do partido, agora sob os auspícios mencheviques, publicariam um opúsculo igualmente injurioso do jovem Trótski, dedicado a Axelrod, e intitulado *As Nossas Tarefas Políticas*, no qual os métodos de Lênin eram atacados como uma “caricatura apagada da trágica intransigência do jacobinismo”. O ataque mais substancial a Lênin, contudo, viria das mãos de Rosa Luxemburgo, no mesmo período (1904), denunciando sua política de ultracentralista e burocrática, e diagnosticando um caráter especificamente russo (autocrático) na sua teoria de partido (BENOIT, 1998, p. 57 - 58).

A resposta de Lênin, em forma de livro (*Um passo em frente, dois passos atrás*), publicado logo em seguida, demonstrava sua recusa em deixar-se intimidar pelas acusações de “jacobinismo-blanquismo”. Em sua análise minuciosa dos debates do congresso, demonstrara como os *iskristas* “brandos” da minoria se tinham constantemente encontrado em aliança embaraçosa com delegados, tais como os do *Bund*, que eram inimigos tanto do “velho” *Iskra*, como de qualquer forte organização partidária centralizada. Tal noção, a de um partido centralizado e disciplinado como instrumento da revolução, era, como vimos, traço fundamental no pensamento de Lênin. Tinha inspirado a fundação do *Iskra* como órgão central para esse partido; havia inspirado *O Que Fazer?*, em que a doutrina da direção das massas por um partido marxista era exposta pela primeira vez. Em *Um passo em frente, dois passos atrás*, Lênin acusara os mencheviques de representarem o “individualismo do intelectual burguês”, apontando os bolcheviques como a “organização e disciplina operárias” necessárias. Aqui, portanto, e mais uma vez, Lênin se colocaria em movimento contra os oportunistas (o que anos mais tarde ficaria evidenciado, inclusive, a alguns de seus detratores de outrora).

No entanto, naquele período, apesar das indicações contidas na obra de Marx, não existia ainda uma clara compreensão marxista da questão do partido. [...] Quando os mencheviques defendiam que todos os que trabalhassem numa organização sob controle do partido deveriam ser considerados membros do próprio partido, com isto, dissolviam os níveis de consciência, liquidavam de maneira oportunista o nível clandestino-ilegal confundindo-o com os níveis inferiores. [...] Qual o proveito de tal imprecisão? A amplificação do título. O seu prejuízo consiste em provocar a ideia *desorganizadora* da confusão da classe com o partido. Neste processo, como já vinha ocorrendo em outros partidos da Segunda Internacional, os mencheviques dissolviam a consciência teórica marxista na legalidade burguesa, abrindo o caminho para oportunistas e futuros burocratas traidores. Percebia Lenin, já em 1903-1904, que a falta de rigor organizativo, o empirismo-pragmático, as acusações ao “formalismo” dos leninistas, eram inseparáveis da falta de rigor menchevique na teoria e na prática do próprio marxismo. Em breve, assim, as “pequenas” divergências organizativas se manifestariam realmente em termos dos próprios princípios do programa da revolução russa e da revolução mundial. (BENOIT, 1998, p. 56 - 57, grifo do autor)¹⁰².

Sua reação, no entanto, não se limitaria às “armas da crítica”. Sem se desencorajar com o isolamento imposto desde a ruptura do *Iskra*, Lênin convocou uma reunião de vinte e dois delegados bolcheviques, em Genebra, em agosto de 1904, e criou um secretariado para desempenhar as funções do que seria uma nova organização central. No fim daquele ano, fundaria outro jornal, o *VPeriod* (Avante) - posteriormente *Proletari* (Proletário) - para

¹⁰² Para um elucidativo balanço das críticas às concepções leninistas sobre o partido, mesmo de setores da ala esquerda da 2ª Internacional, vide BENOIT, H. Op. cit., p. 57 - 60.

assumir o lugar do renegado *Iskra*. Em abril de 1905, em desafio aos velhos órgãos centrais do partido, reuniu em Londres um novo congresso. Era composto unicamente por bolcheviques e fora boicotado pelos mencheviques, que se reuniram em uma conferência paralela, na Suíça. O partido havia se cindido formalmente.

A causa da cisão original no segundo congresso havia deixado atrás de si a impressão generalizada de que, visto que ambas as alas do partido haviam votado conjuntamente o programa e tinham se dividido apenas em relação aos estatutos, a controvérsia residia somente em torno da questão da organização, e não em torno da doutrina do partido. Se esta era a verdade imediata em princípio, não obstante a cisão depressa a aprofundou e a negou. Na controvérsia que dividiu os discípulos russos de Marx, os mencheviques acusavam os bolcheviques de excederem os limites do esquema “metódico” do *Manifesto Comunista* ao tentarem organizar por meios conspirativos uma revolução proletária para a qual faltavam condições objetivas; os bolcheviques, por sua vez, acusavam os mencheviques de considerarem a revolução como um processo de desenvolvimento histórico determinado, relegando o papel da consciência organizada segundo um plano deliberado. Os mencheviques, analisando o curso da revolução e acreditando que este curso não poderia ser alterado nem apressado pela ação consciente, eram acima de tudo, homens de teoria; os bolcheviques eram homens de ação, empenhados na organização da revolução por meios legais, semilegais e ilegais. Lênin, desde o início estava menos interessado em “teoria evolucionista” do que na “prática revolucionária”¹⁰³. Não era por mera erudição, portanto, que insistira já àquela altura, como observaremos adiante, que Marx devia ser interpretado dialeticamente e não dogmaticamente.

Plekhanov, refutando os populistas, havia baseado toda a sua doutrina no axioma de que a Rússia deveria seguir precisamente os mesmos passos “evolutivos” do Ocidente. Fiéis discípulos de Plekhanov, os mencheviques acusariam os bolcheviques justamente pelo abandono deliberado de tal “esquema marxista” da revolução. Mas esse próprio esquema estava destinado a ser superado quando os operários começaram a se expor de um novo modo em um dos mais atrasados países no início do século XX. Muitas divergências pertenciam ainda ao futuro. Mas eram já inerentes à questão fundamental que dividia bolcheviques e mencheviques, e que a eclosão da primeira revolução russa de 1905 desvelou.

¹⁰³ O que, anos mais tarde, seria evidenciado pelo próprio Lênin em um conhecido posfácio: “é mais agradável e mais útil viver a ‘experiência da revolução’ do que escrever sobre ela”. Cf. LENINE, V. I. O Estado e a Revolução. In: _____. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1988, v. 2. p. 305.

6.2. Uma nova moldura

A cisão entre bolcheviques e mencheviques significaria, na prática, que o Partido Operário Social-Democrata Russo estava prestes a fazer frente à primeira revolução russa em um estado de espírito bastante debilitado e desencorajado. Na altura em que os levantes começaram a ganhar ímpeto por toda a Rússia, no verão de 1905, os bolcheviques reuniram, em Londres, uma conferência exclusiva de sua fração, que eles classificariam como o terceiro congresso do partido. O fato de que os chefes mais proeminentes do partido haviam passado para o campo menchevique, colocava Lênin agora em uma posição de autoridade sem par. O congresso bolchevique reconhecia a necessidade urgente de se organizar o proletariado para uma luta imediata contra a autocracia, por meio de uma insurreição armada. Os mencheviques, reunidos em outra conferência realizada simultaneamente em Genebra, por sua vez, consideravam que o partido não deveria atribuir como seu objetivo tomar o poder ou partilhá-lo em um governo provisório, mas que deveria permanecer um partido de extrema oposição revolucionária.

Esta luta entre as frações do partido não desempenharia, no entanto, nenhum papel efetivo nos acontecimentos daquele ano. A revolução posta em movimento pelo massacre conduzido pelo exército czarista (o “exército branco”), em frente ao Palácio de Inverno, em janeiro de 1905¹⁰⁴, ganhou impulso lentamente até atingir o seu clímax em dezembro, com uma onda de greves que conduziu à promessa de uma constituição liberal pelo czar (satisfazendo as reivindicações políticas da burguesia e atraindo-a para o seu lado) e, finalmente, à formação dos primeiros conselhos operários, os sovietes, na Rússia. A origem destas instituições de novo tipo parece ter sido resultado da ação espontânea de grupos operários em greve; durante as semanas imediatamente seguintes, surgiram sovietes mais ou menos organizados em quase todos os principais centros industriais do país, eleitos primeiramente nas fábricas e depois nos bairros. Um dos pioneiros, e também incomparavelmente o mais importante, dirigindo a partir de si o movimento revolucionário do conjunto, seria o Soviete de Deputados Operários de São Petersburgo (BROUÉ, 2014, p. 36).

¹⁰⁴ Em 9 de janeiro de 1905, por ordem de Nicolau II, foi metralhada uma manifestação pacífica dos operários de São Petersburgo, que, encabeçados pelo sacerdote Georgi Gapon, se dirigiram ao Palácio de Inverno para entregar uma petição ao czar. Este episódio ficou conhecido como “domingo sangrento”. Em resposta a esta ação repressiva contra os operários desarmados, por toda a Rússia explodiram greves políticas e manifestações de massas, sob a palavra de ordem de “Abaixo a autocracia!” (LENINE, 1986, p. 714).

O soviete de São Petersburgo, fundado em 14 de outubro de 1905, contou com uma carreira inicial de apenas cinquenta dias. A organização rapidamente se estruturou, publicou um jornal semanal, o *Izvestia Soveta Rabochikh Deputatov* (Boletim dos Sovietes de Deputados Operários), e, no seu auge, contou com cerca de quinhentos delegados, que representavam, aproximadamente, 250 mil operários. O soviete petersburguense havia sido constituído principalmente, embora não exclusivamente, por operários de tendências socialistas; em relação à querela no interior do POSDR, manifestavam-se, em sua maioria, “neutros” ou mencheviques. Trótski, que se tornou presidente do conselho ao longo de seus últimos dias de existência (quando quase todos os seus dirigentes foram presos), declarava, àquela altura, não pertencer a nenhuma fração. Por toda a Rússia, o papel dos bolcheviques nos sovietes em 1905 seria relativamente obscuro. O próprio Lênin havia falado deles cautelosamente não como uma organização autônoma proletária, mas como uma organização de luta para conseguir fins definidos. Na realidade, Lênin retornaria a São Petersburgo apenas em novembro de 1905, não desempenhando nenhum papel relevante nos trabalhos dos sovietes daquele período (CARR, 1977, p. 63 - 64).

Dos três grupos considerados - “neutros”, bolcheviques e mencheviques - estes últimos seriam os menos afetados teoricamente pela experiência de 1905. Sua concepção baseava-se sobre a premissa de que a revolução socialista só poderia ser obra de um proletariado forte; o proletariado russo só poderia tornar-se forte através do desenvolvimento do capitalismo russo; e o capitalismo russo só poderia desenvolver-se pela vitória da revolução burguesa. Este silogismo implicava não só na separação das duas revoluções, mas, também, em um intervalo de tempo definido entre elas. Colocava de lado qualquer política de preparação imediata para uma transição socialista e condenava o proletariado, nessa fase, ao papel de auxiliar da burguesia. Os mencheviques não acreditavam que o proletariado russo pudesse sequer apressar a revolução conseguindo uma aliança com as massas camponesas. O campesinato permanecia para os mencheviques uma força essencialmente antirrevolucionária. Em termos de organização do partido, isto significava uma oposição contínua a qualquer ação conspirativa ou aos preparativos para uma insurreição armada e, conseqüentemente, a toda concepção de Lênin sobre um partido centralizado por revolucionários profissionais e atuando conforme os níveis organizativos de consciência.

O “diagnóstico” bolchevique em 1905, portanto, era já radicalmente distinto. O massacre de janeiro havia desencadeado definitivamente uma terceira força política na Rússia, o proletariado organizado; esta “nova” força criativa, organizada sob uma nova forma, estaria

destinada anos depois a eclipsar tanto a autocracia como a burguesia. Contudo, antes dos operários se organizarem em sovietes, com a participação ativa de soldados e marinheiros, Lênin parecia aceitar a inevitabilidade de certo caráter burguês da incipiente revolução e a necessidade de se passar por uma fase democrática no caminho para o socialismo. Todavia, argumentava que a burguesia russa não era capaz e nem estava disposta, por si própria, a completar esta revolução, não só porque era fraca e atrasada, mas porque seu apoio aos levantes era inconsistente, egoísta e covarde; devido ao seu medo do proletariado, estava já a meio caminho de se tornar contrarrevolucionária. Para Lênin, apenas o proletariado era a classe consistentemente revolucionária. A tarefa imposta aos operários para completar a revolução democrático-burguesa como prelúdio da consumação de sua própria revolução socialista poderia ser então cumprida com duas condições: a elaboração destas seria o tema principal da obra mais importante de Lênin nesse período, *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*¹⁰⁵.

6.3. Um desenho revolucionário

Após as primeiras jornadas revolucionárias, no início de 1905, Lênin estava convencido de que se confirmaria na prática o programa e a tática da social-democracia operária na Rússia. Todas as classes saíam da revolução com sua fisionomia política completamente definida e as “velhas” ilusões oportunistas, seriam, assim, finalmente dissipadas. Para ele, o desenlace da insurreição que se desenhava dependeria de uma resposta fundamental: desempenharia a classe operária o papel de coadjuvante da burguesia ou assumiria ela o papel de dirigente do levante popular? Lênin considerava que era a mais urgente tarefa da social-democracia revolucionária estudar cuidadosamente as resoluções táticas dos congressos simultâneos do partido social-democrata (bolchevique e menchevique), assinalando os desvios de princípios do marxismo que as mesmas poderiam conter, bem como esclarecendo as tarefas concretas do proletariado na revolução de então. Era, portanto, particularmente imperioso comprovar a tática bolchevique do ponto de vista dos princípios do marxismo e dos ensinamentos da revolução (isto é, a revolução havia naquele momento histórico incorporado um aspecto prático avançado, ao qual era necessário interpretar teoricamente, de um ponto de vista marxista).

¹⁰⁵ LENINE, V. I. Duas táticas da social-democracia na revolução democrática. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 381 - 472.

Àquela altura, na velha Rússia em convulsão, colocava-se na ordem do dia a questão da convocação de uma assembleia constituinte de todo o povo. Lênin então esboçava três tendências políticas principais. A primeira, o governo czarista, que não desejava de modo algum permitir uma assembleia constituinte de todo o povo. A segunda, o proletariado revolucionário, que, dirigido pela social-democracia, exigia a passagem completa do poder para a assembleia constituinte e, além disso, o derrubamento imediato do governo czarista e a substituição do mesmo por um governo provisório revolucionário. E, finalmente, a burguesia liberal, que procurava conseguir um arranjo o mais pacífico possível entre o czar e os revolucionários; um arranjo que, ademais, deixasse a maior parte possível do poder nas mãos da própria burguesia, e a menor parte possível nas mãos do povo revolucionário, ou seja, do proletariado e do campesinato.

Lênin passaria então a considerar as tarefas daquele momento pelos socialistas-democratas, que haviam se dividido e adotado respectivamente duas resoluções em seus respectivos congressos. Qual das duas havia levado em conta, de modo mais acertado, o momento político e definido, de modo mais preciso, a tática do proletariado revolucionário, era a questão que se colocava como a da mais alta importância. Por tática do partido, Lênin compreendia o caráter, a orientação e os métodos de sua atuação política em relação às novas tarefas ou visando à nova situação política. O novo problema consistia em saber quais os processos práticos que deveriam ser empregados para a convocação de uma assembleia realmente de todo o povo e realmente constituinte. Se o povo havia se divorciado do governo, e as massas tomado consciência da necessidade de se estabelecer um novo estado de coisas, um partido que havia estabelecido como seu objetivo primordial derrubar esse governo deveria obrigatoriamente pensar no governo que substituiria o antigo. Surgia, assim, o “novo” problema do governo provisório revolucionário.

A resolução do III Congresso do POSDR, ou melhor, do primeiro congresso exclusivamente bolchevique, buscava solucionar a questão da seguinte maneira: substituir a forma de governo autocrática pela de república democrática, cuja função seria a de um governo provisório revolucionário, capaz de convocar uma assembleia constituinte que traduzisse efetivamente a vontade do povo, fortalecendo, inevitavelmente, a dominação burguesa na Rússia. Era, para isso, importante difundir entre a classe operária a necessidade de este governo provisório revolucionário exigir a realização de todas as reivindicações políticas e econômicas imediatas do programa do partido; de admitir a participação dos representantes do partido no governo provisório revolucionário com a finalidade de lutar

implacavelmente contra todas as tentativas contrarrevolucionárias, defendendo os interesses independentes da classe operária; de garantir o rigoroso controle do partido sobre os seus representantes e a constante salvaguarda da independência da social-democracia, que tinha por aspiração realizar uma revolução socialista completa e que, portanto, seria inimiga de todos os partidos burgueses; e de, com o proletariado armado e dirigido pelo partido, pressionar o governo provisório a fim de manter, consolidar e ampliar as conquistas da revolução.

A resolução bolchevique, como vemos, era inteiramente consagrada à questão do governo provisório revolucionário, ao derrubamento da autocracia e à convocação de uma assembleia constituinte. Para Lênin, a apreciação da importância do governo provisório revolucionário seria incompleta e equivocada se perdesse de vista o caráter de classe da revolução. Por isso, a resolução acrescentava que a revolução fortaleceria a dominação burguesa, o que seria inevitável no regime econômico-social da Rússia de então. Mas o resultado do fortalecimento da dominação da burguesia sobre um proletariado que possuiria certa liberdade política deveria ser, inevitavelmente, uma luta encarniçada pelo poder e, conseqüentemente, de tentativas desesperadas da burguesia para arrebatá-las ao proletariado as conquistas do período revolucionário. Lutando pela democracia, na vanguarda e à frente de todos, o proletariado não deveria esquecer das novas contradições que adviriam da democracia burguesa e de sua nova luta. Em outras palavras, a revolução democrática “limparia o terreno” para uma nova luta de classes.

Enquanto a burguesia deixava de lado a questão do derrubamento do governo czarista, os sociais-democratas deveriam, segundo Lênin, colocá-la em primeiro plano e insistir na necessidade de um governo provisório revolucionário. Mais ainda: deveriam indicar “o programa de ação desse governo”, que correspondesse “às condições objetivas do momento histórico” e “às tarefas da democracia proletária” (LENINE, 1986, p. 390). Este era “todo” o programa do partido, o programa das transformações políticas e econômicas imediatas, completamente realizáveis, por um lado, na base das relações econômico-sociais daquele momento, e necessárias, por outro, para dar o passo seguinte, “realizar o socialismo”. Pela sua origem e pelo seu caráter fundamental, o governo provisório deveria ser o órgão da transição popular. Ou seja, Lênin levava em conta claramente as condições e as forças históricas do momento, pois, como vimos em *O Que Fazer?*, já havia indicado a sua unidade imanente (objetiva ou “econômica” e subjetiva ou “política”).

Assim, ao fixar como tarefa do governo provisório revolucionário a aplicação do programa operário social-democrata, a resolução bolchevique eliminava, desse modo, as ideias “semianarquistas” sobre a realização imediata do programa máximo, sobre a conquista do poder para levar a cabo instantaneamente a revolução socialista. Para Lênin, tanto as condições objetivas (o grau de desenvolvimento capitalista), quanto as condições subjetivas (a organização do proletariado em conjunto com o partido) ainda não estavam suficientemente amadurecidas.

O grau de desenvolvimento econômico da Rússia (condição objetiva) e o grau de consciência e de organização das massas e do proletariado (condição subjetiva, indissolivelmente ligada à objetiva) tornam impossível a libertação *imediata* e completa da classe operária. [...] sem a sua preparação e a sua educação por meio da luta de classe aberta contra toda a burguesia, não se pode sequer falar de revolução socialista. [...] Se num momento determinado alguns operários nos perguntarem porque não realizamos o nosso programa máximo, responderemos indicando-lhes como estão ainda longe do socialismo as massas do povo impregnadas de espírito democrático, como se encontram ainda pouco desenvolvidas as contradições de classe, como estão ainda desorganizados os proletários. (LENINE, 1986, p. 391, grifo do autor).

Mais uma vez, portanto, Lênin destacara o nível de consciência da classe operária, que havia sofrido uma terrível derrota em seu primeiro “embate” contra o exército branco. Naquele momento, Lênin enxergava que, para alcançar a organização e difundir a “educação” socialista, era necessária a realização mais completa das transformações democráticas. Ademais, a declaração do terceiro congresso repudiava a ideia do “novo” *Iskra* (ou do *Iskra* menchevique) segundo a qual a participação dos sociais-democratas no governo provisório revolucionário seria inadmissível do ponto de vista dos princípios marxistas, por significar uma consagração da ordem burguesa.

Para Lênin, a prolongada época de reação política que reinara na Europa, desde a Comuna de Paris, havia familiarizado demais os sociais-democratas à ideia de ação exclusivamente “a partir de baixo” (espontânea), considerando uma luta apenas “defensiva”. Em seu entender, entrava-se naquele momento em uma nova época: um período de convulsões e revoluções políticas. Era preciso propagar a ideia de ação também “a partir de cima” (consciente), de um “novo” método de luta, inovador até então. Lênin, entretanto, não negava unilateralmente o dever de se fazer pressão “a partir de baixo” sobre o governo provisório revolucionário. Para exercer essa pressão, contudo, o proletariado deveria estar armado com o objetivo de “manter, consolidar e ampliar as conquistas da revolução”, isto é, as conquistas que deveriam consistir na aplicação inicial do programa do partido.

A resolução menchevique, por sua vez, observava Lênin, confundia o espírito dos operários sobre o caminho verdadeiramente revolucionário, clamando tão somente pela vitória da revolução socialista sem compreender as condições fundamentais para esta vitória. Ambas as resoluções declaravam que a revolução que estava a processar-se na Rússia representava um primeiro passo ao qual se seguiria um segundo; mas a resolução bolchevique tirava a conclusão de que havia que se dar com a maior rapidez este primeiro passo, liquidá-lo com a maior velocidade, conquistar a república, esmagar a contrarrevolução e preparar o terreno para a transição ao segundo passo (a revolução socialista); em contrapartida, a resolução menchevique espalhava-se em descrições “prolixas” deste primeiro passo e elucubrava as ideias a este respeito. Para Lênin, novamente, esta era uma diferença fundamental que dividia os marxistas russos em duas alas, na nova época do movimento das massas que se iniciava: a ala “arrazoadora” (oportunista) e a ala “combativa” (revolucionária).

Lênin acusava os *neo-iskristas* (os mencheviques) de deduzirem do programa do partido que não havia que se formular até o fim as conclusões democráticas; de que entre palavras de ordem práticas se poderia prescindir da de república; de que não se poderia propagandear a ideia da necessidade de um governo provisório revolucionário; de que se poderia qualificar de vitória decisiva mesmo a resolução de convocar uma assembleia constituinte; de que não se poderia defender a palavra de ordem de combate à contrarrevolução como tarefa ativa.

O processo de exposição das suas ideias pelos neo-iskristas recorda a opinião de Marx (nas suas famosas “teses” sobre Feuerbach) acerca do velho materialismo, alheio à ideia da dialética. Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diversas maneiras - dizia Marx -, mas do que se trata é *transformá-lo*. Do mesmo modo, os neo-iskristas podem descrever e explicar menos mal o processo de luta que se desenrola sob os seus olhos, mas são absolutamente incapazes de dar uma palavra de ordem justa nesta luta. (LENINE, 1986, p. 402, grifo do autor).

A ideia de ocupar uma posição que garantisse a possibilidade de impulsionar a revolução à frente agradava a Lênin. No entanto, exigia que houvesse indicações concretas de, como na situação política daquele momento, a social-democracia poderia precisamente impulsionar esta revolução adiante. Os mencheviques acusavam Lênin e os bolcheviques de ignorarem o perigo da “diluição” do proletariado na democracia burguesa. Respondendo-os com base nas resoluções do terceiro congresso, Lênin defendia uma marcha ao lado da burguesia revolucionária e republicana (sem fundir-se a ela), ao invés de marchar ao lado da burguesia liberal e monárquica, como na prática faziam seus opositores ao negarem qualquer participação em um governo provisório revolucionário.

Para Lênin, o caráter burguês da revolução russa não implicava, de forma alguma, que a revolução democrática (burguesa por seu conteúdo econômico-social) não fosse de enorme interesse para o proletariado. Para os mencheviques, em seu pensamento não dialético, uma revolução burguesa só poderia dar aquilo que beneficiasse a própria burguesia. A revolução burguesa deveria exprimir as necessidades de desenvolvimento do capitalismo, não só alargando e aprofundando as suas bases, como, também, criando as condições para destruí-las. A ideia de que a revolução burguesa não exprimia em nenhuma medida os interesses do proletariado, reduziria-se, assim, ou à velha teoria populista de que a revolução burguesa seria contrária aos interesses do “povo” e de que, por esse motivo, não haveria necessidade de liberdades políticas, ou, então, ao anarquismo, que negava qualquer participação do proletariado na política, na revolução e na assembleia burguesas.

Destas teses, Lênin deduzia que, naquelas circunstâncias, seria uma ideia reacionária procurar a salvação da classe operária em alguma coisa que não fosse o desenvolvimento do capitalismo. Em países como a Rússia, a classe operária sofria não tanto do capitalismo, mas como da própria insuficiência de seu desenvolvimento. Por isso, a classe operária estaria absolutamente interessada no mais amplo, mais livre e mais rápido desenvolvimento da revolução burguesa. Seria absolutamente vantajosa para a classe operária a eliminação de todas as reminiscências do passado feudal que entorpeciam a expansão capitalista na Rússia. A revolução burguesa seria precisamente a revolução que varreria os restos do passado, os restos do regime de servidão, e garantiria de modo mais completo tal expansão. Por isso, sua conflagração seria proveitosa para o proletariado. Quanto mais rápida e decidida fosse a revolução burguesa, mais garantida estaria a luta do proletariado pelo socialismo.

Lênin então insistia que tal revolução seria, em certo sentido, até mais útil para o proletariado do que para a burguesia. Para a burguesia seria interessante não varrer todos os restos do passado, que se deixasse sobreviver alguns destes restos e que a revolução não fosse inteiramente consequente, não fosse decidida e implacavelmente levada até o fim. Para a burguesia, evidentemente, era necessário que as transformações, num sentido democrático-burguês, se produzissem mais lentamente, mais gradualmente, mais prudentemente e menos decididamente; que se produzissem pela via das reformas e não pela via da revolução permanente; que estas transformações desenvolvessem o menos possível a atividade independente, a iniciativa e a energia revolucionárias das massas, isto é, do campesinato e, sobretudo, do proletariado.

Para Lênin, o equívoco menchevique era limitar-se simplesmente em discorrer sobre o desenvolvimento subsequente da revolução burguesa, quando o que seria necessário era estabelecer uma clara diferença entre a composição da própria burguesia: republicano-revolucionária (progressista) e monárquico-liberal (reacionária). Era precisamente nesta questão que residia a distinção de princípio que havia se desenhado entre a tática social-democrata estabelecida no congresso de Londres e a tática social-democrata estabelecida pelos conferencistas de Genebra. Lênin, inclusive, apontava para a importância desta diferenciação entre os teóricos (publicistas) da social-democracia, pois suas origens encontravam-se justamente na cisão entre a ala oportunista da minoria e ala revolucionária da maioria. A transformação dos regimes econômico e político na Rússia resultaria, portanto, ou da vitória decisiva da burguesia republicano-revolucionária sobre o czarismo, ou em um acordo entre os elementos mais inconsequentes e egoístas da burguesia monárquico-liberal.

Para que a primeira alternativa fosse conquistada, Lênin detinha-se na união entre o campesinato e o proletariado, criticando os mencheviques por isolarem o proletariado, ao invés de ligarem a si o campesinato como aliado revolucionário. “A vitória decisiva da revolução sobre o czarismo é a *ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato*” (LENINE, 1986, p. 411, grifo do autor). Ou seja, já em 1905, Lênin observava que a vitória da insurreição seria garantida por uma ditadura, isto é, deveria-se apoiar na força das armas, na sublevação das massas armadas, e não em tais ou quais instituições criadas pela “via legal”, “pacífica”, “reformista” etc. Só poderia ser uma ditadura porque a realização das transformações imediatamente necessárias para o proletariado e para o campesinato provocariam uma resistência desesperada, tanto por parte dos latifundiários, como por parte da grande burguesia e do czarismo. Mas, inicialmente, não seria uma ditadura socialista, e, sim, democrática. Tal ditadura não poderia tocar (sem toda uma série de graus intermediários de desenvolvimento revolucionário) os fundamentos do capitalismo. Poderia, no melhor dos casos, efetuar uma redistribuição radical da propriedade da terra a favor dos camponeses, implantar uma democracia consequente até a república, extirpar não só da vida do campo, como também das fábricas, todos os traços asiáticos (servis), iniciar uma melhoria séria na situação dos operários, elevando o seu nível de vida e, por fim, mas não menos importante, levar o “incêndio revolucionário à Europa” (LENINE, 1986, p. 411).

6.4. As ideias como consequências explosivas das ações

Percebemos até aqui, portanto, que o objetivo de Lênin e dos demais “jacobinistas”, “congressistas” ou “proletaristas” da social-democracia russa, os bolcheviques, era elevar, com as suas palavras de ordem (“governo provisório revolucionário”; “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato”) a pequena burguesia revolucionária e republicana e, sobretudo, o campesinato, até ao nível de espírito democrático já consequentemente atingido pelo proletariado (conservando completamente a sua individualidade de classe). Os bolcheviques defendiam que o povo, isto é, os camponeses e os operários, ajustasse as contas com a monarquia e com a aristocracia “à maneira plebeia”, aniquilando implacavelmente os inimigos da liberdade, esmagando pela força a sua resistência, sem fazer nenhuma concessão à herança “maldita” do regime de servidão e do asiatismo, e estendendo o seu “exemplo” abnegado e decidido ao Ocidente.

Vale lembrarmos: Lênin publicou *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* em julho de 1905. Isto quer dizer que os soviets não haviam começado a se constituir e que, evidentemente, eram órgãos ainda não completamente compreendidos pelos marxistas russos. Mesmo assim, naquelas circunstâncias, os bolcheviques já esboçavam nitidamente suas divergências com os mencheviques em relação ao conteúdo programático e estratégico do partido nos termos de uma revolução. “Temos uma palavra de ordem nova: a ditadura democrática do proletariado e do campesinato” (LENINE, 1986, p. 413). No que se referia à linha organizativa, esboçada minuciosamente por Lênin alguns anos antes, esta continuava, deste modo, “intacta”. Para defendê-la, mais uma vez, o próprio Lênin voltaria a comparar os “representantes da classe avançada do século XX”, os sociais-democratas, que se dividiam em oportunistas e revolucionários, e os “representantes da classe avançada do século XVIII”, a burguesia, que havia se dividido em girondinos e jacobinos.

Frisando que a tática conspirativa em tempos de guerra civil seria ainda mais indispensável, Lênin assegurava que naquele momento deveria-se atacar imediatamente a autocracia, a reação, preparando-se para este ataque. Uma insurreição não preparada, espontânea, dispersa, já havia começado. Ninguém poderia garantir que ela chegaria até a insurreição armada integral e total, uma vez que isso dependeria tanto do estado de forças revolucionárias, como da conduta do governo, da burguesia e de uma série de outras circunstâncias que não eram possíveis de serem previstas com exatidão. Os mencheviques não compreendiam que as palavras de ordem eram também atos; enquanto a guerra civil havia começado, limitavam-se então, como outrora, a não passar à ação.

Recordai os anos 1901-1902, que estão ainda tão próximos e nos parecem agora pertencer a um passado tão longínquo. Começaram as manifestações. O revolucionarismo vulgar lançou o grito de “ao assalto” (*Rabotcheie Dielo*), foram publicados os “volantes sangrentos” (de procedência berlinense, se a memória não me falha), atacou-se como “literatismo” e coisa de gabinete a ideia de agitação em toda a Rússia por meio de um jornal. O seguidismo dos revolucionários apresentou-se então, pelo contrário, com o sermão de que “a luta econômica constitui o *melhor* meio para a agitação política”. Qual foi a posição da social-democracia revolucionária? Atacou essas duas tendências. Condenou os métodos pirotécnicos e os gritos de assalto, pois todos viam ou deviam ver claramente que a ação aberta das massas era coisa do futuro. [...] *Então* a propaganda e a agitação, a agitação e a propaganda eram realmente colocadas em primeiro plano pelo estado de coisas objetivo. *Então* como pedra de toque do trabalho para a preparação da insurreição podia colocar-se (e colocava-se em *Que Fazer?*) o trabalho de criar um jornal político para toda a Rússia, cuja publicação semanal nos parecia um ideal. *Então* as palavras de ordem agitação das massas *em lugar* de ações armadas diretas e preparação das condições psicológicas e sociais da insurreição *em lugar* dos métodos pirotécnicos eram as únicas palavras de ordem justas da social-democracia revolucionária. *Agora* estas palavras de ordem foram ultrapassadas pelos acontecimentos, o movimento deixou-as para trás, tornaram-se velharias, farrapos que não servem senão para ocultar a hipocrisia da tendência dos osvobojdenistas e o seguidismo dos neoiskristas! (LENINE, 1986, p. 421 - 422, grifo do autor).

“As palavras foram ultrapassadas pelos acontecimentos. O movimento as deixou para trás”. Tal nos parece, em essência, a forma de se apreender objetivamente o método leninista. Era chegado o momento na Rússia (em 1905 e não em 1902) da “crítica das armas” ser, necessária e obrigatoriamente, a herdeira das “armas da crítica”. O caráter aberto e expressivo das ações revolucionárias passava agora, para Lênin, a ser uma das condições mais importantes da “influência educativa” sobre as massas populares. Lógica e historicamente, este caráter deveria passar por diversos desenvolvimentos contraditórios até a sua realização efetiva, em 1917. Entretanto, devemos ainda nos conduzir até lá.

Lênin percebera que o “povo” politicamente oprimido começava a iniciar um ataque decisivo contra o governo autocrático do czar Nicolau II. Era preciso saber aproveitar e dirigir a luta nessa época de mudança radical. No entanto, as forças revolucionárias (os operários e as camadas mais proletarizadas do campo) não estavam suficientemente preparadas e organizadas para o assalto. Por isso, é provável que Lênin insistisse numa aliança com as camadas democrático-republicanas da burguesia russa por um governo provisório revolucionário, cuja participação do proletariado, mediada pelo partido social-democrata, deveria ser ativa. Os operários russos então indagavam: seria necessário lançar-se energicamente à obra inadiável da insurreição? O que fazer para que a insurreição seja vitoriosa? Como se aproveitar da vitória? Que programa se poderá e deverá realizar então?

Era preciso orientar os operários para o geral, para o “uno, completo e integral” (LENINE, 1986, p. 428). Era preciso dá-los uma ideia clara da razão pela qual os sociais-democratas consequentes, os bolcheviques, pretendiam a constituição de um governo provisório revolucionário. Àquela altura, Lênin parecia, contudo, compreender o termo “comuna”, e as próprias experiências da Comuna de Paris de 1871, em seus equívocos peculiares (no esmagamento do espontaneísmo popular). Apontava para a confusão de um suposto governo operário que não soubesse e não pudesse distinguir os elementos de uma revolução democrática dos de uma revolução socialista, que confundisse as tarefas da luta pela república com as tarefas da luta pelo socialismo. Era essa tal confusão que os marxistas russos deveriam evitar e explicar aos trabalhadores locais. Por esse motivo, inclusive, insistia na distinção entre o governo provisório proposto e a própria “comuna revolucionária”. Em momentos históricos específicos, o primeiro deveria alargar a insurreição e derrubar o czarismo, enquanto a segunda se ocuparia “de todos os assuntos estatais”.

Parece-nos provável que uma modificação das circunstâncias provocaria, de fato, uma mudança na concepção de Lênin sobre o ideal comunista¹⁰⁶. Naquele momento, a noção de tomada de poder e de estabelecimento de um poder revolucionário socialista, isto é, a própria “comuna revolucionária”, com a consequente ocupação de todos os assuntos estatais, parecia-lhe algo bastante distante, do ponto de vista das tarefas social-democratas na Rússia em 1905. Não se poderia esquecer de distinguir os grandes períodos de desenvolvimento material, mesmo no entrelaçamento dos momentos do passado e do futuro na situação histórica concreta russa de então (onde o trabalho assalariado e a sua luta contra a propriedade privada dos meios de produção existiam parcialmente, mesmo sob a autocracia, em um regime de servidão semifeudal).

Mas seria ridículo e reacionário esquecer, ignorar ou menosprezar, por causa disso, as tarefas essenciais do momento, mesmo que sejam transitórias e temporárias. A luta contra a autocracia é uma tarefa temporária e transitória dos socialistas [...]. A ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato é indiscutivelmente apenas uma tarefa transitória e temporária dos socialistas, mas ignorar esta tarefa na época da revolução democrática é abertamente reacionário. As tarefas políticas concretas devem ser colocadas numa situação concreta. Tudo é relativo, tudo flui, tudo se modifica. (LENINE, 1896, p. 433).

¹⁰⁶ Como atesta o célebre esquema Comuna de 1871 - Sovietes de 1905 - Sovietes de 1917, indicado em *O Estado e a Revolução*. Cf. LENINE, V. I. Op. cit. p. 219 - 305.

A partir daí, Lênin passaria justamente a indicar alguns pontos que confirmavam a diferença de princípios quanto à orientação tática e programática para as tarefas políticas “do momento”, adotada nas resoluções do congresso bolchevique e da conferência menchevique.

Para Lênin, a resolução do congresso bolchevique levava em conta todas as diversas condições e incumbências para aquele estágio particular: não se deveria abandonar, de forma alguma, a atividade clandestina e o desenvolvimento do aparelho conspirativo, pois isto seria extremamente vantajoso para a repressão articulada pelo governo czarista. Todavia, em 1905, já não se podia deixar de pensar em uma ação aberta das massas, em franca evolução. Era necessário aproveitar as organizações legais e semilegais para convertê-las, tanto quanto possível, em pontos de apoio para o partido operário social-democrata na Rússia, sobretudo, após a confirmação da revolução democrático-burguesa.

Para os mencheviques, uma vez que a revolução fosse burguesa era necessário que a burguesia mesma a levasse adiante, não participando, conseqüentemente, de um governo provisório combinado. Ali, Lênin enxergara que as ideias anarquistas se entrecruzavam com o oportunismo. Não propor a participação em um governo provisório, obrigaria a burguesia a afastar-se da revolução, diminuindo, assim, a possibilidade de sua realização. A resolução menchevique expressava a tendência de se deslizar para o “pântano” com a mesma inconsciência com que os antigos oportunistas a haviam incorrido. Tal como os “economistas” haviam imaginado que a luta econômica era atribuição para os sociais-democratas e a luta política para os liberais, também os mencheviques imaginavam que ao defenderem o caráter democrático da revolução, os bolcheviques propunham realizá-la a favor da burguesia. E estas simplificações, para Lênin, eram insuficientes para se apreciar concretamente a “realidade viva” daquele período.

Somente o proletariado seria capaz de levar a revolução até o fim, isto é, para além da revolução democrática. O campesinato incluía, ao lado de elementos pequeno-burgueses, uma massa também de elementos semiproletários. Isto fazia com que fosse uma classe instável, obrigando ainda mais os operários a unirem-se em um partido rigorosamente organizado. Contudo, a instabilidade do campesinato era radicalmente diferente da instabilidade da burguesia, pois os camponeses estavam não tanto interessados na defesa incondicional da propriedade privada dos meios de produção em geral, mas na expropriação específica da terra dos latifundiários, que era uma das principais formas de propriedade russa. Logo, sem converterem-se em socialistas, nem deixarem de ser pequeno-burgueses, os camponeses seriam capazes de se tornar o mais perfeito partidário da revolução democrática.

Portanto, o proletariado deveria levar a cabo a revolução democrática, atraindo o campesinato (“como massa, inclinada ao partido revolucionário e republicano”), esmagando pela força a resistência da autocracia e paralisando a oscilação da burguesia (“como classe, inclinada ao partido liberal e monárquico”). O proletariado deveria levar já adiante, simultaneamente, a revolução socialista, participando do governo provisório e atraindo para si os elementos semiproletários da população, a fim de quebrar pela força a futura resistência da burguesia e paralisar a futura oscilação do campesinato e da pequena burguesia. Tais seriam as tarefas do proletariado, sob a direção do partido social-democrata, de acordo com Lênin em *Dois Táticas*. O grau de profundidade da divergência entre bolcheviques e mencheviques sobre esta questão os colocava, mais uma vez, diante de duas vias revolucionárias diametralmente opostas, em que a tática para a realização do programa de uma, excluía absolutamente a de outra.

Relembrando outra vez a história de toda a luta dentro do partido social-democrata russo, desde os tempos do “economismo”, Lênin apontava que não bastava uma simples indicação geral, abstrata, de duas correntes no movimento e da nocividade de tais extremos. Era preciso saber concretamente do que sofria o movimento no momento em questão e qual era o perigo real para o partido. Para Lênin, desde os anos de 1890, todo o trabalho do POSDR já havia se adaptado a um quadro sólido, que garantia incondicionalmente a direção da propaganda e da agitação, a participação nos comícios entre as massas, a difusão de panfletos e brochuras, a colaboração na luta econômica e no apoio às suas palavras de ordem etc. Das muitas centenas de organizações, grupos e círculos que realizavam o trabalho do partido, não se encontrava uma que não tivesse levado a cabo, desde o seu próprio aparecimento, o trabalho cotidiano de que falavam os mencheviques “com ares de novas verdades”. Pelo contrário, o que se encontrava era uma porcentagem insignificante precisamente de grupos e círculos que tinham consciência das tarefas da insurreição armada, que tinham empreendido a realização das mesmas, que haviam se apercebido da necessidade de dirigir toda a revolução popular contra o czarismo e da necessidade de formular, exatamente por isso, palavras de ordem de vanguarda.

A época revolucionária havia estabelecido aos sociais-democratas novas tarefas que se colocavam na “ordem do dia”: a insurreição armada era inadiável, era necessário preparar-se para ela, imediata e energicamente, apresentando as palavras de ordem de república, de governo provisório, de ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato. A burguesia oportunista saudava as tendências “de princípio” do novo *Iskra*

contra os exageros dos aspectos “técnicos” da revolução, contra a apresentação da palavra de ordem da insurreição armada, e, com isso, transformava o proletariado em apêndice da própria burguesia, ou, pelo menos, de sua ala reacionária (monárquico-liberal). Lênin, como sabemos, jamais havia negligenciado o trabalho cotidiano e metódico, mas exigia a consciência clara da colocação das novas tarefas revolucionárias. Mais uma vez, impunha como dever elevar as camadas semiproletárias e semipequeno-burguesas até o nível revolucionário do proletariado avançado e não rebaixar este último a considerações oportunistas para que “a burguesia não se afastasse”.

Os “economistas” haviam aprendido de cor que na base da política estava a economia e compreendiam isto como se fosse necessário substituir a luta política unicamente pela luta econômica. Os mencheviques, por sua vez, haviam aprendido de cor que a revolução democrática possuía na sua base econômica a revolução burguesa e compreenderam isto como se fosse necessário rebaixar as tarefas democráticas do proletariado até o nível da moderação burguesa, até o limite para além do qual esta se “afastaria”. A tese “marxista” de que a revolução democrática na Rússia seria, em sua essência econômica e social, burguesa, deveria ser bem compreendida e aplicada às palavras de ordem políticas e às condições econômicas concretas daquele espaço e tempo. Para Lênin, só os populistas rebeldes, os anarquistas e os “economistas” poderiam deduzir disto a negação da luta pela liberdade. O mínimo de liberdade política era necessário para o proletariado, apesar de reforçar e organizar diretamente a burguesia.

Em seu opúsculo, portanto, Lênin apreendeu o sentido político real da divergência que dividiu efetivamente o partido social-democrata russo em duas frações (divisão que, na prática, já havia se iniciado no II Congresso do POSDR). Em uma época revolucionária na Rússia, após o levante realizado em janeiro de 1905, incitava a trazer para o primeiro plano as tarefas da insurreição armada, da criação de um exército revolucionário e de um governo provisório, compreendidos naquele momento como as únicas vias para a vitória do “povo” sobre o czarismo, para a conquista de uma república democrática e de certas liberdades políticas, isto é, a conquista do terreno político para o proletariado lutar por sua emancipação revolucionária.

O caráter burguês da revolução exprimiria-se, entre outras coisas, pelo fato de que toda uma série de classes, grupos e camadas sociais, que se colocavam completamente no terreno do reconhecimento da propriedade privada e da economia mercantil, e que eram incapazes de saírem destes limites, chegavam, pela força das circunstâncias, a reconhecer a

inutilidade da autocracia e de todo o regime de servidão em geral, havendo aderido às reivindicações de liberdade. Nisto residia o caráter burguês desta liberdade. Naquela fase do movimento, em nome do programa do partido e para o desenvolvimento dele próprio, era necessário formular de outra maneira as tarefas concretas imediatas da revolução. “O que ontem era suficiente, hoje é insuficiente”, dizia (LENINE, 1986, p. 462). Logicamente, Lênin havia mudado, mas havia mudado com a história. Por isso, fiel à dialética revolucionária, unia em suas palavras de ordem dois conceitos aparentemente contraditórios: ditadura democrática.

Do ponto de vista burguês vulgar, o conceito de ditadura e o conceito de democracia excluem-se um ao outro. [...] o burguês entende por ditadura a anulação de todas as liberdades e garantias da democracia, toda a arbitrariedade, todo o abuso do poder no interesse pessoal do ditador. [...] sobre o conceito de ditadura de classe, diferentemente de ditadura de um indivíduo, e as tarefas da ditadura democrática, diferentemente das da ditadura socialista, não é inútil determo-nos no ponto de vista da *Nova Gazeta Renana*. “Toda a estrutura estatal provisória - escrevia a Nova Gazeta Renana em 14 de Setembro de 1848 - depois de uma revolução exige uma ditadura, uma ditadura enérgica. Nós criticamos desde o início Camphausen (presidente do ministério depois de 18 de Março de 1848) por não ter agido ditatorialmente, por não ter destruído e eliminado imediatamente os restos das velhas instituições”. [...] Que nos dizem estas palavras de Marx? Que um governo provisório revolucionário *deve* atuar ditatorialmente (tese que o *Iskra* não pôde compreender de forma alguma, pelo seu medo à palavra de ordem ditadura); que é tarefa desta ditadura a destruição dos restos das velhas instituições [...] Marx fustigava os democratas burgueses pelas suas “ilusões constitucionais” numa época de revolução e guerra civil aberta. [...] Assim, pois, as tarefas que Marx atribuía em 1848 ao governo revolucionário ou à ditadura reduziam-se em primeiro lugar, pelo seu conteúdo, à revolução *democrática*: defesa face à contrarrevolução e eliminação, de fato, de tudo aquilo que estivesse em contradição com a soberania popular. E isto não é senão a ditadura revolucionária democrática (LENINE, 1986, p. 465 - 467, grifo do autor).

No posfácio à sua obra, Lênin frisaria, todavia, que não se deveria esquecer (como o fizera Plekhanov), ao apreciar as declarações de Marx daquela época e de um período um pouco posterior, da “necessidade da organização independente de um partido do proletariado” (LENINE, 1986, p. 471). Apenas com a experiência da revolução democrática na Alemanha, em 1848, que Marx, ao cabo de quase um ano, tirara a conclusão prática de quão interesseira, pequeno-burguesa, era a atmosfera alemã, e de quão necessário se fazia tal organismo. Para os russos, esta conclusão era já uma velha e sólida aquisição da experiência de meio século da social-democracia internacional, aquisição com a qual haviam iniciado a organização do Partido Operário Social-Democrata Russo e cujos princípios Lênin havia defendido em 1901 - 1902 (na luta contra os “economistas”) e praticamente concluído em 1903 - 1904 (na luta contra os mencheviques): a teoria organizativo-partidária leninista, o partido bolchevique.

Em resumo, as duas táticas atribuídas por Lênin ao proletariado russo para completar a revolução democrático-burguesa como prelúdio da consumação de sua própria revolução socialista seriam: primeiramente, uma aliança com o campesinato. Uma vez que a revolução tivesse sido realizada por esta combinação, o campesinato já não seria revolucionário no seu conjunto e não apoiaria o proletariado no seu avanço para a revolução socialista. Nesta fase, seria necessário que o proletariado, tomando mais uma vez a chefia, dividisse o campesinato contra si próprio e atraísse o apoio dos elementos mais proletarizados, isto é, os camponeses pobres e sem terra contra os camponeses ricos (tais estratos já haviam sido determinados e expostos por Lênin em seus primeiros trabalhos literários, ao final da década de 1890).

A segunda condição, ao contrário da primeira, não era contestada pelos adversários social-democratas e era repetida com clareza: o resultado da revolução democrática seria “levar a conflagração revolucionária à Europa”; nada encurtaria tão vigorosamente o caminho para a vitória socialista na Rússia. O estabelecimento da ditadura democrático-revolucionária do proletariado e do campesinato forneceria a possibilidade de sublevar a Europa, e o proletariado socialista europeu, libertando-o do jugo da burguesia, e ajudando-o, por sua vez, a completar a revolução socialista internacional. Lênin era, inclusive, o que ia mais além neste momento. Ele não acreditava que o proletariado russo pudesse sequer começar, quanto mais manter, uma revolução socialista na Rússia sem o apoio do proletariado europeu. Não havia a menor defesa de uma revolução socialista vitoriosa na Rússia sem uma revolução socialista na Europa (BROUÉ, 2014, p. 72).

Ao longo de *Duas Táticas*, Lênin havia, de fato, cuidado de manter a distinção, prática e teórica, entre as então supostas duas fases da revolução. Mas, já apontava especificamente para dois elementos de transição da fase democrática para a socialista, o apoio da parte semiproletária do campesinato e o apoio de uma revolução proletária na Europa, e demonstrava como se podia esperar que estes dois elementos pudessem ser consequência da ditadura democrático-revolucionária que irromperia na Rússia. Tratava mesmo as duas fases, por conseguinte, como, de certo modo, um processo ininterrupto.

Desta maneira, Lênin não rejeitava a perspectiva de uma transição direta da revolução burguesa para a socialista, mas apegava-se, naquele momento, à terra firme de seu caráter democrático e sustentava que a transição para o socialismo dependeria das duas condições externas que havia considerado nas circunstâncias de 1905: o apoio do campesinato e o apoio de uma revolução socialista europeia.

Como mencionamos, quanto à necessidade de uma revolução socialista na Europa como segunda condição para a consumação da revolução socialista na Rússia, mencheviques, bolcheviques e “neutros”, como Trótski, estavam de pleno acordo. No que se referia à aliança com os camponeses, a concepção marxista da incapacidade do campesinato para construir um partido revolucionário já havia sido o ponto de partida da polêmica de Plekhanov com os populistas e estava firmemente enraizada na doutrina do partido. Insurreições camponesas haviam acompanhado e apoiado os primeiros levantes revolucionários na Rússia imperial. Mas, no momento crítico, havia sido o camponês em uniforme que, permanecendo fiel ao czar e aos seus oficiais, havia esmagado a revolução do proletariado urbano. A fórmula de que o proletariado faria a revolução burguesa conduzindo o elemento camponês, de modo pioneiro, fora defendida por Lênin em 1905. A revolução dirigida pelo proletariado, entretanto, poderia apenas resultar em um governo operário, no sentido de um governo em que os representantes dos operários ocupassem uma posição dominante e de chefia. Ainda menos possível era contar com uma aliança proletário-camponesa como instrumento para levar a cabo imediatamente uma revolução socialista.

Não obstante, o instinto elementar do próprio movimento operário saberia corrigir as concepções de seus pensadores (mesmo as dos mais geniais). A prática, como de costume, precederia a teoria e as ideias se tornariam consequências explosivas das ações. Os reveses da insurreição de Moscou, em dezembro de 1905, mostrariam que, de fato, nenhuma das organizações operárias (como o Soviete de Deputados Operários de Moscou o demonstrou naquela ocasião), estava preparada para um levante permanente. Corroborando a teoria de Lênin sobre a necessidade de uma tática adaptada àquele momento, dezembro confirmaria, com evidência profunda, a “esquecida” tese de Marx de que a revolução é uma arte e que a principal regra desta arte é a ofensiva ilimitadamente audaz, inquebrantavelmente decidida. “Não assimilamos suficientemente esta verdade. Nós próprios não aprendemos suficientemente e não ensinamos suficientemente às massas esta arte, esta regra da ofensiva a todo custo. Temos agora que reparar com toda a energia esta falta” (LENINE, 1986, p. 476)¹⁰⁷. Era, portanto, a hora de efetivamente reparar, aprender e ensinar as regras dessa arte às massas. Afinal, era necessário conferir à teoria (dialética) do partido um caráter concreto, transformando-a, na prática, em uma “obra de arte” verdadeiramente revolucionária.

¹⁰⁷ LENINE, V. I. As lições da Insurreição de Moscovo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v.1. p. 471 - 478.

6.5. O primeiro (e sangrento) retrato

Antes de encaminharmo-nos ao capítulo final de nossa tese, vejamos como o próprio Lênin interpretaria retrospectivamente os acontecimentos revolucionários na Rússia de 1905¹⁰⁸. Em janeiro, milhares de operários, não social-democratas, mas cristãos ortodoxos, súditos fiéis do czar, conduzidos pelo padre Georgi Gapon, haviam se encaminhado de todos os pontos de São Petersburgo para o centro da capital, em direção à Praça do Palácio de Inverno, para entregarem uma petição ao czar. Os operários caminharam com ícones religiosos, e Gapon, o seu dirigente na ocasião, escrevera a Nicolau II oferecendo-lhe a garantia de sua segurança pessoal e pedindo-lhe que atendesse a multidão.

O czar, todavia, rapidamente acionou o seu exército. As tropas, compostas em sua maioria por soldados cossacos, partiram sobre a multidão disparando contra os operários desarmados que, ajoelhados, suplicavam para que lhes permitissem se aproximar de Nicolau II. Segundo o relatório de Lênin, houve mais de um milhar de mortos e mais de dois mil feridos neste dia 9 de janeiro de 1905, conhecido como o “domingo sangrento”. Seria precisamente este episódio de alcance histórico que despertaria as massas populares para “a consciência política e para a luta revolucionária” ao longo de todo o ano de 1905. “Na Rússia ainda não existe povo revolucionário”, escrevia, dois dias antes do massacre, Piotr Struve, marxista “legal” e um dos fundadores do I Congresso do POSDR, mas que agora passara para o lado dos liberais russos, escrevendo e publicando em uma revista da burguesia de inclinação monárquica, a *Osvobojdenie* (Libertação).

Antes de janeiro de 1905, os opositores de então, com ares de desdém, haviam apelidado os bolcheviques de “seita”. Algumas centenas de militantes, alguns milhares de membros de organizações locais, algumas dúzias de folhas revolucionárias distribuídas no máximo uma vez por mês, publicadas na maioria das vezes no estrangeiro e introduzidas clandestinamente na Rússia ao preço de dificuldades incriveis e de grandes sacrifícios, eis o que eram, de acordo com Lênin, em vésperas de 9 de janeiro de 1905, os partidos revolucionários russos, e, acima de tudo, a social-democracia operária de então. Aparentemente, isto dava aos reformistas, tais como Struve, a pretensão e o direito de afirmar que “ainda não existia povo revolucionário na Rússia”.

¹⁰⁸ LENIN, V. I. Informe sobre la revolución de 1905. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1977. v. 24. p. 257 - 275. Este *Informe* foi lido por Lênin em alemão, em 9 de janeiro de 1917, na Casa do Povo de Zurique, em uma reunião da juventude operária suíça.

Em poucos meses, contudo, o estado de coisas mudaria completamente. As centenas de sociais-democratas revolucionários passariam “subitamente” a milhares, e estes milhares tornariam-se chefes de dois a três milhões de proletários. A luta operária suscitaria uma grande efervescência, até mesmo, em parte, um movimento revolucionário propriamente dito, no fundo de uma massa de cinquenta a cem milhões de camponeses; o movimento camponês (principal estrato de recrutamento do exército czarista) repercutia nas tropas e dava origem a revoltas militares e a choques armados entre os batalhões. Assim, um imenso país com mais de 130 milhões de habitantes entrava em revolução; assim, a velha Rússia da servidão se tornava a Rússia do “povo revolucionário”. Logicamente, esta transformação só se tornou possível graças a determinadas condições e a forças históricas específicas.

A greve de massas havia sido o seu agente mais poderoso. Sua originalidade residia em que esta fora democrático-burguesa, por seu conteúdo econômico-social, mas, também, proletária, pelos seus meios de luta. Foi uma revolução democrático-burguesa porque o que se aspirava naquele momento imediato e o que podia se alcançar naquele momento imediato, justamente pelas condições e forças históricas, era a república democrática, a jornada de trabalho de oito horas, a confiscação das imensas propriedades fundiárias da alta nobreza, enfim, todas as medidas realizadas pioneiramente pelas revoluções burguesas na Inglaterra, desde 1648, e na França, a partir de 1789. Na Rússia, entretanto, a revolução nascera já proletária, não somente porque o proletariado era então a força dirigente, a vanguarda do movimento, mas também porque o instrumento de luta específico dos operários, a greve, constituiu a alavanca principal para pôr as massas em movimento. E este foi o fato mais característico da sucessão crescente das jornadas decisivas, segundo Lênin.

O número médio anual de grevistas na Rússia, durante os dez anos que precederam a revolução, fora de 43.000. Portanto, houve um total aproximado de 430.000 grevistas durante os dez anos que antecederam a revolução. Em janeiro de 1905, primeiro mês da revolução, contaram-se 440.000 grevistas. Ou seja, em apenas um mês, verificou-se um contingente maior do que durante os dez anos anteriores (LENIN, 1977, p. 260). O entrelaçamento das greves econômicas com as greves políticas desempenharia um papel de extrema autenticidade. Para Lênin, apenas a mais estreita ligação entre estas duas formas de greve poderia garantir uma grande força ao movimento. A massa dos explorados nunca poderia ter sido arrastada para o movimento revolucionário se não tivesse sob seus olhos exemplos diários a mostrar-lhes como os operários assalariados de diversos ramos da indústria obrigavam os capitalistas a melhorar, imediatamente, a sua situação. Graças a esta

luta, um novo “espírito” soprou por toda a massa do povo russo. Foi só então que o país da servidão, patriarcal, inerte e submisso, despiu-se de seu manto reacionário; foi só então que as massas receberam uma educação verdadeiramente democrática, verdadeiramente revolucionária.

Com a primeira grande onda de greves por todo o país, assistiu-se ao despertar do primeiro movimento camponês de vasta envergadura na Rússia, movimento não apenas econômico, mas também político. Para compreender toda a importância desta virada marcante, é indispensável recordarmos que o campesinato russo só fora libertado da servidão, mesmo que apenas formalmente, em 1861, e que os camponeses eram, em sua ampla maioria, iletrados vivendo em uma miséria desmedida, oprimidos pelos grandes proprietários fundiários, embrutecidos pelos padres, isolados por distâncias consideráveis e pela quase completa falta de estradas.

A Rússia, como vimos no início de nosso trabalho, havia conhecido pela primeira vez um movimento revolucionário democrático contra o czarismo em 1825, e esse movimento fora obra quase exclusiva de elementos oriundos da nobreza. Desde então, e até 1881, ano em que Alexandre II foi assassinado por terroristas, os intelectuais “sem classe” (ou das camadas médias) estiveram à cabeça do movimento. Dando provas de seu espírito de sacrifício, o seu “heroico” modo de luta assombrou a todos. Lênin, inclusive, já havia reconhecido a sua contribuição, direta e indireta, para a educação revolucionária posterior do povo russo. Esses revolucionários, no entanto, não conseguiram, e nem poderiam, atingir o seu objetivo imediato: o despertar de uma revolução popular.

Somente a luta revolucionária do proletariado conseguiria atingi-lo. Somente as greves de massas desencadeadas por todo o país, conjugadas às cruéis lições da Guerra Russo-Japonesa¹⁰⁹, arrancariam as massas camponesas de sua letargia. A palavra “grevista” adquiria para os camponeses um significado completamente novo: designava uma espécie de revolucionário, aquilo que outrora se exprimia pelas palavras “estudante” e “radical”. Mas, na medida em que o estudante pertencia à classe média, aos “letrados”, aos “senhores”, era estranho ao povo. Pelo contrário, o grevista provinha do povo, contava-se entre os explorados; expulso de São Petersburgo, voltava frequentemente à aldeia onde falava aos seus

¹⁰⁹ Guerra entre o Império do Japão e o Império Russo por territórios asiáticos (Coréia e Manchúria). Apesar de enfrentar severas crises econômicas, o Japão era um país de tradições militares. Com navios menores, mas com grande mobilidade e poder de fogo muito superior ao dos pesados e antigos navios russos, a marinha japonesa impôs uma humilhante derrota ao inimigo. Esta guerra marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista, pelas diversas nações da Europa, enquanto a derrota russa, por sua vez, patenteou a fraqueza e a decadência do regime czarista.

companheiros do incêndio que estava a deflagrar-se na cidade e que deveria destruir tanto os capitalistas como os nobres. Um novo tipo de homem surgia nos campos russos: o “jovem camponês consciente”. Estava em contato com os grevistas, lia jornais, contava aos camponeses o que se passava nas cidades, explicava aos companheiros da gleba o alcance das reivindicações políticas, chamava-os para a luta contra a grande aristocracia fundiária, contra os padres e os funcionários do czar (LENIN, 1977, p. 264).

Na primavera de 1905, o movimento camponês era apenas embrionário, mas a combinação da greve proletária nas cidades com o auxílio do campo havia sido suficiente para abalar o mais firme e o último apoio do czarismo: o exército. Cada nova onda de greves e de movimentos camponeses no curso da revolução foi acompanhada de revoltas militares por toda a Rússia. Particularmente interessante, para Lênin, era comparar os levantamentos militares da Rússia de 1905 e a insurreição militar dos dezembristas em 1825, há pouco mencionada. Em 1825, o movimento político era quase exclusivamente dirigido por oficiais, mais precisamente por oficiais nobres, convencidos pelas ideias democráticas ocidentais durante as guerras napoleônicas. A massa dos soldados, ainda então formada por servos, era passiva. A história de 1905 oferecia, por seu lado, um quadro inteiramente diferente. Os oficiais, com poucas exceções, professavam ideias liberais burguesas, reformistas, ou então abertamente contrarrevolucionárias. Os operários e os camponeses fardados foram a “alma” das insurreições; com eles, o movimento tornou-se popular. Pela primeira vez na história da Rússia, contemplava-se a maioria dos explorados. Para Lênin, o que havia lhes faltado fora, por um lado, a firmeza e a resolução das massas, e, por outro, uma organização de operários social-democratas revolucionários fardados: estes não estavam em condições de assumir a direção do movimento, de se pôr à cabeça do exército revolucionário e de desencadear a ofensiva contra as autoridades governamentais.

Desta forma, a história da revolução russa de 1905 havia trazido um ensinamento indiscutível para Lênin e os bolcheviques: o militarismo nunca e em caso algum poderia ser vencido e abolido senão pela luta vitoriosa de uma parte do exército nacional contra a outra. Não bastava condenar, denegrir, “repudiar” o militarismo, criticá-lo e mostrar a sua nocividade; seria ingênuo recusar pacificamente o serviço militar; era necessário manter alerta a consciência revolucionária do proletariado e não apenas de uma forma geral, mas preparando concretamente os melhores elementos do proletariado para tomarem a cabeça do exército revolucionário no momento em que a efervescência no seio do povo houvesse atingido o seu ponto culminante (LENIN, 1977, p. 267).

E este momento aconteceu no curso do outono de 1905. Em agosto, apareceria publicamente um manifesto do czar que anunciava a criação de uma assembleia representativa. A Duma¹¹⁰ deveria ser fundada nos termos de uma lei eleitoral que só admitia um número irrisório de eleitores e atribuía a este parlamento direitos unicamente deliberativos e consultivos (nenhum direito legislativo, no entanto). Os burgueses, os liberais e os oportunistas estavam prontos para aceitar este “presente” do czar acuado. Como todos os reformistas, os de 1905 não podiam entender que em tais situações históricas as reformas, e, sobretudo, as promessas de reformas, tinham por único objetivo acalmar a efervescência do povo e obrigar a classe revolucionária a parar ou, pelo menos, a enfraquecer a sua ação. Para Lênin, os bolcheviques haviam compreendido o verdadeiro caráter desta outorga de constituição. E foi por isso que lançaram, àquela altura, as palavras de ordem: “Abaixo a Duma consultiva! Boicote da Duma! Abaixo o governo czarista! Continuação da luta revolucionária para derrubá-lo! Não é o czar, mas um governo revolucionário provisório que deve convocar a primeira verdadeira assembleia representativa do povo na Rússia!” (LENIN, 1977, p. 268, tradução nossa).

No calor do combate, uma organização de massas com um caráter original seria então constituída: os célebres sovietes de deputados operários, as assembleias de delegados de todas as fábricas. Em várias cidades da Rússia, estes conselhos de delegados eleitos (submetidos ao controle direto de seus eleitores pelo mecanismo da revogabilidade de seus cargos) assumiriam cada vez mais o papel de governo popular, o papel de órgãos e de guias dos levantamentos. Tentou-se criar sovietes de soldados e de marinheiros, e associá-los aos sovietes de operários. Algumas cidades da Rússia tornaram-se minúsculas “repúblicas” locais onde os sovietes de deputados operários funcionavam realmente como um novo poder de Estado. Entretanto, estes períodos foram demasiado breves, as vitórias demasiado fracas e demasiado isoladas.

Quanto mais a onda do movimento se erguia, maior energia e decisão se uniam à reação contra a revolução. A revolução russa de 1905 confirmou a verdade do que Kautsky havia escrito em 1902 (quando, por certo, era ainda um marxista revolucionário, e não, como agora, um defensor dos sociais-patriotas e dos oportunistas) em seu livro *A revolução social*. Dizia: “A revolução iminente... assemelhar-se-á menos a um levantamento espontâneo contra o governo e mais a uma *guerra civil* prolongada.” Com efeito, assim aconteceu! Indubitavelmente, assim acontecerá também com a futura revolução europeia! (LENIN, 1977, p. 271, grifo do autor, tradução nossa).

¹¹⁰ Duma: do russo “pensamento” ou “lugar onde se pensa”. Equivale a “parlamento” (ou “lugar onde se fala”), das línguas latinas (BROUÉ, op. cit., p. 37).

As conturbadas greves que em 1905 estouraram por quase toda a Rússia, culminando com a formação dos primeiros sovietes, haviam fornecido assim o material necessário a Lênin para entender que um movimento geral do proletariado, com o apoio das massas camponesas, e sua posterior transformação numa insurreição armada, com a atuação de um exército revolucionário, tornaria-se o método fundamental para a revolução. Os acontecimentos exigiram que a questão do poder revolucionário fosse considerada, daquele ano em diante, de maneira concreta por toda a social-democracia (russa e internacional).

Como observa Broué (2014, p. 73 - 74), os mencheviques que, em sua propaganda frequentemente haviam lançado as consignas de “Estado popular”, “autoadministração” ou mesmo “comuna”, em 1905, apoiavam amplamente a formação dos sovietes. Desde sua perspectiva de uma consolidação inicialmente burguesa na Rússia, não conseguiam, contudo, enxergá-los como órgãos de poder “duráveis”. De fato, a maioria dos mencheviques consideraria os sovietes como ponto de partida para um amplo partido de massas ou para os grandes sindicatos à moda alemã, que planejavam criar e desenvolver a partir do momento em que, segundo seu “esquema”, a sociedade russa se tornasse uma sociedade capitalista e democrática, tal como as da Europa Ocidental. Para os bolcheviques, até então, os sovietes não passavam de organismos disformes que rivalizavam com a autoridade do partido; por esse motivo, negavam-se, inclusive, a participar efetivamente destes conselhos. Após as primeiras experiências de 1905, nem mesmo Lênin lhes deu a importância e o significado que posteriormente reconheceria. Parece-nos possível sustentar que, sob a influência menchevique, tais órgãos espontâneos lhe apresentassem, de início, como destinados apenas a lutas específicas e a objetivos determinados.

Ou seja, naquele momento Lênin parece ter apoiado formalmente as palavras de ordem de república democrática, uma vez que os revolucionários eram incapazes de dar às massas (e a eles mesmos) uma resposta definitiva a respeito do que ocorreria. Os sovietes não se revelavam desenvolvidos como “órgãos de poder revolucionário”. O aspecto formal desse processo ocupava, na realidade, um plano ainda secundário e Lênin não se dava ao trabalho de desentranhar as contradições formais num momento em que se deveria encarar a luta para superar os obstáculos materiais. No entanto, nos parece clara a sua admissão de uma transição ao socialismo, mesmo no momento democrático-burguês da revolução (isto é, antes mesmo de o capitalismo haver se estabelecido na Rússia) e que, para isso, o partido rigorosamente organizado seria ainda mais necessário em sua atuação conjunta com as massas, em uma época de insurreição armada, como atestado em *Dois táticas*.

A suposta “ruptura” em seus escritos, comparados cronologicamente, não se relacionaria, portanto, com questões de princípios, referentes ao programa ou ao partido, mas sim com as próprias condições e forças históricas específicas da época. Em 1905, ao contrário dos mencheviques, os bolcheviques estavam afastados da “mística” da democracia burguesa; não consideravam o progresso da revolução como a colocação em marcha de certas normas democráticas absolutas, mas como uma guerra de classes que, por necessidades temporárias e transitórias, deveria usar as palavras de ordem e as instituições da democracia. Não participavam, e sequer conheciam a fundo, os conselhos de deputados operários, os sovietes. Àquela altura, lançavam com determinação a palavra de ordem da tomada do poder pela classe trabalhadora (ditadura democrático-revolucionária) e deduziam a inevitabilidade dessa tomada do poder, não a partir das oportunidades estatísticas de eleições “democráticas”, mas da correlação de forças entre as classes (o governo provisório revolucionário). Nessa direção, o então “neutro” Trótski, anos depois, colocaria a questão:

Plekhanov, Axelrod, Zasulich, Martov e, com eles, todos os mencheviques russos, partiam do ponto de vista de que o papel dirigente numa revolução burguesa só podia pertencer à burguesia liberal, na qualidade de pretendente natural do poder. [...] Por outras palavras, os mencheviques consideravam a revolução burguesa, sobretudo, como uma reforma liberal e constitucional. [...] Lênin formulava o problema de modo inteiramente diverso. [...] Uma vez que a burguesia liberal, que se opunha aos operários, estava ligada à grande propriedade fundiária por laços numerosos, a libertação verdadeiramente democrática da classe camponesa só podia realizar-se pela cooperação revolucionária dos operários e camponeses. Em caso de vitória, essa revolta comum contra o antigo regime devia acarretar, segundo Lênin, a instauração da “ditadura democrática do proletariado e dos camponeses”. [...] Qual seria o conteúdo social desta ditadura? Antes de mais nada, sua missão consistiria em levar até o fim a revolução agrária e a reconstrução democrática do Estado. Em outras palavras, a ditadura do proletariado tornar-se-ia a arma com a qual seriam alcançados os objetivos históricos da revolução burguesa retardatária. Mas esta não poderia ser contida aí. No poder, o proletariado seria obrigado a fazer incursões cada vez mais profundas no domínio da propriedade privada em geral, ou seja, empreender o rumo das medidas socialistas. (TROTSKY, 1985, p. 19 - 21)¹¹¹.

¹¹¹ Combatendo a ofensiva empreendida pelos epígonos do “velho bolchevismo” (Stálin, Grigori Zinoviev, Nicolai Bukhárin e outros) contra a sua orientação “anti-leninista” rumo à revolução socialista, Trótski defendeu em *A Revolução Permanente*, ao final de 1929, que a “ditadura democrática do proletariado e dos camponeses”, “fórmula algébrica” de Lênin, em 1905, era na realidade uma hipótese estratégica que deveria ser verificada pelo curso real da luta de classes, sem que se resolvesse de antemão a questão das relações políticas entre as duas partes da ditadura democrática eventual: “Enquanto a opinião tradicional considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente proclamava que, para os países atrasados, o caminho para a democracia passa pela ditadura do proletariado. Por conseguinte, a ditadura era considerada não como um fim em si, que deveria durar dezenas de anos, mas como o prólogo imediato da revolução socialista, à qual se ligava por vínculo indissolúvel. Desta maneira, tornava-se permanente o desenvolvimento revolucionário que ia da revolução democrática à transformação socialista da sociedade”. Cf. TROTSKY, L. **A Revolução Permanente**. 2. ed. São Paulo: Kairós, 1985. p. 24.

7. A EXPOSIÇÃO

7.1. O retorno a um antigo mestre

Logo após a comoção gerada pela queda dos soviets na Rússia, com a prisão dos dirigentes de São Petersburgo e a repressão à insurreição dos operários de Moscou, os bolcheviques realizariam uma conferência na Finlândia, em dezembro de 1905, para aprovar uma fusão entre os comitês centrais de seu partido e o da fração menchevique, visando organizar um congresso comum do POSDR. Em janeiro e fevereiro de 1906, o novo comitê pode anunciar os preparativos para este congresso, que acabaria por ser convocado em Estocolmo, no mês de abril. O congresso da “unidade” se reuniu no auge da atmosfera gerada pelo feroz terror policial instaurado pelo czar e pelas eleições da primeira Duma, computando uma maioria de delegados mencheviques.

Por debaixo das formas externas de unidade do POSDR, contudo, as divergências tornavam-se cada vez mais profundas. Os mencheviques permaneciam um grupo numeroso, mas tenuemente ligado, mais por uma filosofia comum do que por um programa de ação revolucionário. Considerando que não se deveria “pegar em armas”, desejavam orientar o partido para uma ação exclusivamente legal. Tal perspectiva seria posteriormente chamada por Lênin de “liquidacionista”: era preciso limitar, ou mesmo abandonar, a ação clandestina e buscar uma aliança com a burguesia liberal para, com seu apoio, “ganhar” posições parlamentares. Mesmo os bolcheviques, agora em menor número, porém mais coesos, divergiriam sobre a participação ou não nas eleições da Duma. Contrariando alguns membros de sua fração, Lênin argumentava que o boicote às eleições, em um momento de reação do governo e de debilidade das massas, conduzia ao risco de se isolar os revolucionários, ao invés de permitir que apresentassem publicamente o seu programa. De fato, a partido inteiro parecia estar se decompondo: mencheviques e bolcheviques disputavam o apoio dos simpatizantes, brigavam pela “herança” do partido e exigiam a arbitragem dos socialistas-democratas alemães em cada situação de conflito. No final de 1908, até Plekhanov repudiaria a linha dos liquidacionistas, rompendo com uma parte dos mencheviques e se reaproximando de Lênin e dos bolcheviques (BROUÉ, 2014, p. 39 - 40).

Na realidade, a experiência de 1905, apesar de ter tido como força principal os operários urbanos, contando com uma participação significativa dos camponeses, teve como seu resultado final a consecução de medidas burguesas (a promessa de uma constituição, a Duma e a representação por partidos políticos oficiais). Por volta de 1908, quase não restara nada destas medidas, pois a burguesia havia sido incapaz não apenas de realizar uma revolução, como de colher os frutos de uma revolução realizada pelas outras classes. O reconhecimento da incapacidade da burguesia, antecipado por Lênin em *Dois Táticas*, era agora ponto incontestável a todos os grupos. Apesar disso, desde 1910, a Rússia voltaria a dar sinais de um despertar do movimento das massas. Os estudantes seriam os primeiros a voltar às manifestações. Em seguida, os operários recuperariam o fôlego e as greves. Até ali, Lênin havia aceitado a unidade e a conciliação. O novo ascenso operário, no entanto, tornaria necessário um novo posicionamento.

Quando em janeiro de 1912, Lênin reuniu em Praga, uma pequena conferência de seus adeptos e simpatizantes da Rússia e de partes da Europa Ocidental, as divisões do partido eram já agudas e os seus destinos estavam em uma situação delicada. Embora somente estivessem presentes quatorze delegados com direito a voto, proclamou-se a reunião como “conferência geral do partido” e como “órgão supremo do partido”. Registrou-se com melancolia a desintegração e o colapso da maioria das organizações partidárias, resultante da repressão contrarrevolucionária e intensificada pela ausência prolongada de um “centro do partido em funcionamento”; condenaram-se os liquidacionistas que não aceitavam a política bolchevique de ação e organização; e insistiu-se na necessidade de um trabalho disciplinado para edificar-se um novo Partido Operário Social-Democrata Russo (CARR, 1977, p. 81).

Deste modo, o passo mais significativo dado pela conferência de Praga dizia respeito, mais uma vez, à questão da organização do partido. O comitê central que fora eleito por bolcheviques e mencheviques no V Congresso de Londres, em 1907, não havia se reunido em mais de dois anos e era virtualmente inexistente. A conferência, arrogando-se as funções de um congresso oficial, elegeu um novo comitê central de seis membros, incluindo Lênin. Era uma medida arbitrária que marcava claramente a pretensão dos bolcheviques de formarem sozinhos, e com a exclusão de todos os outros liquidacionistas, mencheviques etc., o novo POSDR. Fez-se novamente o que havia sido tentado no terceiro congresso, em 1905. E, desta vez, não houve como voltar atrás. A partir dali, os bolcheviques não seriam mais uma fração do partido, mas, sim, o próprio partido.

O momento era crucial. Em abril de 1912, forças militares haviam disparado sobre os trabalhadores em greve das minas de ouro da região do Lena¹¹², deixando mais de quinhentos mortos. Era o pior massacre deste tipo desde janeiro de 1905, desencadeando uma nova era de inquietação e agitação fabril. Um dos sintomas da renovada atividade do partido fora a fundação, em São Petersburgo, de um novo jornal bolchevique, o *Pravda* (Verdade), cujo primeiro número saiu entre abril e maio de 1912. Outro foi a decisão pessoal de Lênin mudar o seu local de residência de Paris para Cracóvia, na Polônia, para estar mais perto do cenário de ação. A tensão crescente na Rússia durante os dois anos seguintes não só aumentaria as possibilidades e perspectivas de agitação revolucionária na própria Rússia, como alargaria ainda mais a “fenda” existente na relação entre bolcheviques e mencheviques (bastante abalada desde a ação de Lênin em Praga).

A Grande Guerra, em 1914, estaria destinada a servir de estufa para as sementes da revolução. O efeito imediato de sua eclosão, porém, foi o de complicar imensamente a tarefa dos revolucionários e desmembrar as organizações que reconstruíam. Em São Petersburgo, os deputados bolcheviques e mencheviques da Duma reuniram-se momentaneamente numa declaração do Partido Operário Social-Democrata Russo, recusando-se a votar a favor dos créditos de guerra; do lado do governo, a primeira medida foi a supressão da imprensa anticzarista, incluindo o *Pravda* bolchevique. Mesmo na Europa Ocidental, a liberdade de propaganda fora limitada em diversos países. Lênin, ameaçado de extradição na Polônia, refugiou-se na Suíça, estabelecendo em Berna a sua residência provisória; ali, constituiria o que depressa ficou conhecido como o centro oficial do bolchevismo naquele período.

Lênin não possuía dúvidas em relação à atitude do partido sobre a guerra. Desde o congresso de 1907, havia se comprometido com uma prescrição aos sociais-democratas para, em caso de conflagração, “utilizarem a crise econômica e política causada pela guerra para apressarem a destruição da dominação de classe da classe capitalista”. A defecção dos socialistas e dos sociais-democratas da Europa Ocidental que, quase sem exceção, apoiaram os votos de guerra para seus respectivos governos nacionais, em agosto de 1914, foi a mais sombria das traições. Lênin chegara a Berna em 5 de setembro de 1914; no dia seguinte, reuniu um pequeno grupo de bolcheviques, que se pode juntar, e lhes leu um conjunto de teses sobre a luta mundial pelo socialismo (CARR, 1977, p. 83).

¹¹² O rio Lena, situado na Sibéria, seria uma das supostas origens do pseudônimo Lênin, que o adotara em seu período de exílio naquela região, ao final dos anos de 1890.

Os bolcheviques, todavia, permaneciam um grupo político isolado. Plekhanov agora pregava a defesa nacional como prelúdio necessário à revolução burguesa, adotando uma postura indistinguível da dos partidos ocidentais da 2ª Internacional, que, ao apoiarem os seus governos capitalistas, haviam sido estigmatizados por Lênin como “sociais-chauvinistas” (ou “sociais-patriotas”). As posições mencheviques iam desde a tendência “direitista” de Plekhanov à posição “esquerdista” de Martov, que se declarava internacionalista e se uniu a Lênin na denúncia da guerra. Mas mesmo entre o menchevismo “de esquerda” e o bolchevismo ainda havia uma diferença essencial. Lênin queria acabar a guerra com uma revolução socialista por toda a Europa e que permitisse a Rússia transitar diretamente de uma revolução burguesa para uma revolução socialista. Martov queria acabar a guerra com uma paz democrático-burguesa na base da autodeterminação nacional e sem anexações ou indenizações; nenhum menchevique seria capaz de ir além disso.

Na Rússia, após a breve medida de cooperação entre bolcheviques e mencheviques, a pressão dos acontecimentos e dos posicionamentos separaria definitivamente os dois grupos entre os operários locais. A superior organização clandestina dos bolcheviques, que embora estando severamente limitada pela perseguição da polícia, nunca deixara completamente de funcionar, mostrou-se eficaz. Mesmo onde os bolcheviques vacilavam, os mencheviques desintegravam-se quase por completo e tornavam-se gradualmente indistinguíveis de outros “progressistas”, combinando uma atitude “patriótica” em relação à guerra aliada a exigências por reformas democráticas. Após a divisão formal do partido, sob a influência bolchevique, diversas células, círculos e organismos passariam a existir em quase todas as cidades russas, estabelecendo correspondentes e contatos permanentes por todos os centros industriais do país. Não seria de se estranhar, portanto, que o reagrupamento de todo o aparelho central (clandestino) se rodeasse de organizações bolcheviques e que estas acabassem representando (legal e semi-legalmente) o partido social-democrata russo em sua totalidade (BROUÉ, 2014, p. 43).

Em função de suas atividades, no entanto, a maioria dos bolcheviques mais destacados de São Petersburgo seria perseguida e deportada para a Sibéria, desmantelando o chamado “secretariado russo” do comitê central. Enquanto isso, Lênin permanecia na Suíça observando, escrevendo e esperando. Neste tempo, a sua vida fora cada vez mais uma vida de estudante. Em Berna, durante o outono de 1914, Lênin frequentou mais do que nunca as bibliotecas de lá. Apesar dos costumeiros passeios com Krupskaja, não podia libertar-se do sentimento de estar aprisionado em uma espécie de “jaula democrática pequeno-burguesa”.

Em algumas partes, havia vida e movimento revolucionário, porém estavam muito longe dele. Ali, Lênin estava mal colocado para manter relações também com a esquerda social-democrata suíça. A atividade que se podia desenvolver em Berna possuía, assim, um caráter primordialmente teórico (KRUPSKAYA, 1937, p. 242 - 243).

Seus estudos, todavia, permitiriam-lhe adquirir uma compreensão particularmente profunda do caráter e das tarefas concretas da revolução que estava por vir. O método dialético na apreciação dos acontecimentos seria o objeto de suas reflexões. Depois de haver copiado passagens de diversas obras, Lênin agregara caracteres maiúsculos entre parênteses: “por o abstrato em primeiro plano, apagar o que é concreto. Notar bem: Magnífico! O essencial é expulso!”. “A dialética marxista exige a análise concreta de cada situação histórica particular” (LENIN apud KRUPSKAYA, 1937, p. 256 - 257, tradução nossa), escrevia Lênin. Neste período tratava de estudar os laços existentes entre todos os problemas de sua época e em encará-los sob todos os aspectos. Seria precisamente nestas circunstâncias que Lênin retornaria aos estudos de um antigo mestre: Hegel.

7.2. Os “cadernos azuis”

No período compreendido entre 1914 e 1916, Lênin efetuará uma série de transcrições, fragmentos e notas acerca de diferentes livros e artigos sobre filosofia e, também, observações e anotações à margem e no texto de obras filosóficas. Seria justamente a esta altura que Lênin faria os conspectos da *Ciência da Lógica* e, paralelamente, da primeira parte da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel, de suas *Lições de História da Filosofia* e *Lições de Filosofia da História*, da obra de Feuerbach *Exposição, Desenvolvimento e Crítica da Filosofia de Leibniz*, de *A Filosofia de Heráclito, o Obscuro, de Éfeso* de Ferdinand Lassalle, da *Metafísica* de Aristóteles e de uma série de outros livros “menores” sobre filosofia e ciências da natureza. Estas anotações constituíram o conteúdo de oito cadernos idênticos de capa azul, intitulados por Lênin de *Cadernos sobre Filosofia: Hegel, Feuerbach e Vários*; a esta série pertence também o conspecto das *Lições sobre a essência da Religião* de Feuerbach, escrito em folhas à parte, não antes de 1909. Os *Cadernos* contêm materiais diversos por suas características e significações. Segundo parece, Lênin começou a escrevê-los na Biblioteca de Berna, em setembro de 1914, logo após sua chegada a Suíça (LÉNINE, 1989, p. 613).

A preparação definitiva por Lênin de seus rascunhos sobre filosofia, entre 1914 e 1916, permite-nos supor que ele se propunha escrever um trabalho específico sobre a dialética, que acabou por ficar inconcluso. Numa época de agudização de todas as contradições do capitalismo e de amadurecimento de uma nova crise revolucionária, é provável que a dialética adquirisse particular importância para Lênin: com base nela seria possível desvendar o verdadeiro caráter da guerra e de desmascarar a sofística e o ecletismo dos dirigentes da social-democracia russa e internacional, evidenciando o seu oportunismo e “social-chauvinismo”. Para tanto, escrevera Lênin, era necessário continuar a obra de Marx e insistir “na elaboração *dialética* da história do pensamento humano, da ciência e da técnica” (LÉNINE, 1989, p. 136, grifo do autor).

Nessa direção, evidentemente, ocupariam um lugar central nos *Cadernos* de Lênin os resumos sobre as obras de Hegel, com cujos trabalhos, nomeadamente a *Ciência da Lógica*, Lênin tomara contato ainda em seu exílio siberiano (LÉNINE, 1989, p. 10). Nestas obras, Lênin criticara o idealismo e o caráter historicamente limitado das concepções filosóficas de Hegel, bem como o seu “tributo ao misticismo”, o seu jogo com “analogias vazias”, a sua “traição ao desenvolvimento”, mostrando, ao mesmo tempo, que, sob uma forma mística, em Hegel apareciam muitas vezes as relações reais da realidade (tal como já havia sublinhado no ano de 1895, como vimos, em seu primeiro conspecto filosófico, a respeito do livro de Marx e Engels, *A Sagrada Família*).

“Não se pode *aplicar* a lógica de Hegel nesta sua forma; não se pode *tomá-la* como dado. É *preciso retirar* dela os matizes lógicos (gnosiológicos), limpando-a da *Ideenmystik* [mística das ideias]: isto é ainda um grande trabalho” (LÉNINE, 1989, p. 230, grifo do autor). É precisamente este trabalho que Lênin empreende ao deter-se nas difíceis transições, matizes e modulações dos abstratos conceitos hegelianos, buscando o “grão de verdade profunda na casca mística do hegelianismo”. É provável que esta abordagem desse a Lênin a possibilidade de descobrir a verdadeira importância da lógica hegeliana para o marxismo, de constatar a “véspera da transformação do idealismo objetivo em materialismo”, de assinalar em Hegel os germes da concepção materialista, não só da natureza, como também da história. Para Lênin, era na *Ciência da Lógica* onde Hegel mais se aproximava do “materialismo dialético”, ao construir seu grandioso sistema de categorias lógicas, enquanto em sua filosofia da história era onde mais se afastava dele. “Isto é compreensível”, escrevia Lênin, “porque é precisamente aqui, precisamente neste domínio, nesta ciência, que Marx e Engels deram o maior passo em frente” (LÉNINE, 1989, p. 273).

Nos *Cadernos*, Lênin encararia, assim, a dialética como uma teoria do desenvolvimento, método que ensinaria a “chave para todo o ‘automovimento’ de todo o ente”, formulando “as leis gerais do *movimento* do *mundo* e do *pensar*”. Entretanto, o conhecimento dialético, cuja essência seria “a *totalidade dos momentos da realidade*, que no seu desdobramento se mostra como a necessidade”, não se limitaria à elaboração de abstrações, indo mais longe na via da ascensão do abstrato ao concreto, da reprodução no pensamento do concreto como “unidade da multiplicidade”. “O significado do *universal* é contraditório”, indicara Lênin, “ele é morto, ele é impuro, incompleto, etc., etc., mas ele é também apenas um *degrau* para o conhecimento do *concreto*, pois nós nunca conhecemos plenamente o concreto” (LÉNINE, 1989, p. 299; p. 159; p. 145; p. 241, grifo do autor).

Lênin com isso pretendia sublinhar que o conhecimento teórico não poderia abarcar a verdade objetiva desligada da ação prática - base, objetivo e critério da verdade do conhecimento. Só definindo corretamente o papel da prática no processo de conhecimento se poderia compreender tanto o desenvolvimento histórico dos conhecimentos do homem sobre a realidade objetiva, como a evolução das formas lógicas em que estes conhecimentos se refletem no pensamento - conceitos, juízos, deduções, categorias, leis etc. “A prática do homem, repetindo-se milhares de milhões de vezes, fixa-se na consciência do homem como figuras da lógica” (LÉNINE, 1989, p. 195). Em outra passagem consideraria as categorias lógicas como degraus do processo histórico de separação do homem da natureza, de seu conhecimento e de sua dominação. Nos conspectos e fragmentos de Lênin também ocupariam um lugar importante o exame das leis fundamentais da dialética, particularmente a lei da unidade e da luta dos opostos. Revelando o seu conteúdo e assinalando a oposição, a contradição, Lênin demonstrou o caráter relativo da sua unidade como forma interna e ao mesmo tempo transitória de ligação, e o caráter absoluto de sua “luta”, que seria a fonte de todo o automovimento e do autodesenvolvimento dos fenômenos.

Se a lei da unidade e da luta dos contraditórios revelaria a fonte interna do processo de desenvolvimento e a lei da transição das modificações quantitativas a qualitativas o seu conteúdo, a lei da negação da negação abarcaria o processo em seu conjunto, encarando cada estágio de desenvolvimento como um momento, como uma etapa de todo o processo, sublinhando a ligação, a sucessão e o caráter progressivo do desenvolvimento, no qual cada momento é a negação do anterior e ao mesmo tempo uma premissa de sua própria negação. Revelando o caráter dialético da negação, escrevera Lênin:

Não é a negação vazia, não é a negação gratuita, *não* é a negação, vacilação, dúvida *cética* que é característica e essencial na dialética - que, indubitavelmente, contém em si o elemento da negação e além disso como seu elemento mais importante -, não, mas a negação como momento da conexão, como momento do desenvolvimento, com retenção do positivo, isto é, sem quaisquer vacilações, sem qualquer ecletismo (LÉNINE, 1989, p. 203, grifo do autor).

Diferentemente de Hegel, que apenas “adivinhou” na dialética dos conceitos o automovimento do mundo, Lênin explicara que o “pensamento de incluir a *vida* na lógica é compreensível - e genial - do ponto de vista do *processo* do reflexo do mundo objetivo na consciência (inicialmente individual) do homem e da comprovação desta consciência (deste reflexo) pela prática”. Destacando que em *O Capital* seria aplicada a uma só ciência a lógica, a dialética e a teoria do conhecimento, entre colchetes observava: “não são precisas 3 palavras: é uma e a mesma coisa”. Ao também apreciar a tese de Hegel de que o desenvolvimento da filosofia na história deveria corresponder ao desenvolvimento da filosofia na lógica, salientava que “está aqui um pensamento muito profundo e certo, em essência materialista (a história real é a base, o fundamento, o ser, que a consciência *segue*)” (LÉNINE, 1989, p. 183; p. 284; p. 229, grifo do autor).

Hegel havia acreditado que o materialismo como filosofia era impossível, pois a filosofia seria essencialmente a ciência do pensamento (ou das “puras determinações do pensar”). Aqui repetira o erro do mesmo idealismo subjetivo a que sempre chamou de “mau” idealismo: para Lênin, a história da filosofia sempre havia sido a arena de luta de duas correntes fundamentais (e opostas), justamente o materialismo e o idealismo. Era preciso revelar as particularidades históricas de uma e de outra, sintetizá-las, demonstrando como o desenvolvimento da filosofia e das ciências da natureza confirmariam a verdade do “materialismo dialético e histórico”, criticando as diferentes correntes da filosofia idealista burguesa de sua época (o positivismo, o neokantismo e outras).

Neste ponto, é interessante também notarmos as observações de Lênin aos trabalhos de Plekhanov sobre Tchernichevski¹¹³. Elas comprovam a grande atenção que Lênin dedicava à história do pensamento social russo, o grande apreço que ele possuía por suas tradições mais avançadas. Lênin evidenciou o democratismo revolucionário e o materialismo de Tchernichevski, ressaltando a sua luta decidida contra o liberalismo pela revolução camponesa. Comparando o livro de Plekhanov, de 1909, com o texto sobre Tchernichevski, que o mesmo Plekhanov escrevera em 1899, Lênin demonstrou como as concepções

¹¹³ LÉNINE, V. I. Notas no livro de Plekhanov “N. G. Tchernichévski”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 518 - 556.

mencheviques do autor o conduziram a uma apreciação incorreta do conteúdo de classe da atividade do romancista e revolucionário russo: “Por motivo da diferença *teórica* entre a concepção idealista e a concepção materialista da história Plekhanov *deixou escapar* a diferença política prática e *de classe* entre o liberal e o democrata” (LÊNINE, 1989, p. 545, grifo do autor). Como vimos no capítulo anterior, tal confusão já havia sido apontada por Lênin em *Duas Táticas*. A observação sobre as comparações entre os escritos de Plekhanov permite-nos confirmar a atitude negativa de Lênin em relação à aproximação plekhanovista do liberalismo e ao obscurecimento de suas ideias socialistas e revolucionárias, pelo menos, desde 1904 - 1905.

Além dos conspectos, notas, observações e anotações, incluem-se nos *Cadernos* dois fragmentos escritos por Lênin sobre a problemática específica da dialética: o *Plano da Dialética (Lógica) de Hegel* e *Sobre a Questão da Dialética*. No primeiro faz-se uma breve descrição do processo do conhecimento, aponta-se a correlação da lógica, da dialética e da teoria do conhecimento; no segundo mostra-se a oposição das concepções metafísica e dialética do desenvolvimento, faz-se a análise das leis e categorias fundamentais da dialética, das leis do desenvolvimento histórico e lógico do conhecimento e formula-se a importante tese sobre as raízes de classe do idealismo. Estes fragmentos são supostamente o coroamento do trabalho de Lênin sobre a sua problemática dita filosófica entre 1914 e 1916, no centro do qual está a dialética, a sua história, as suas leis, as suas categorias, o seu papel no processo de consciência e de transformação da realidade pelo homem. É exatamente nestes textos de pequenas dimensões em que a influência da obra-prima de Marx, *O Capital*, se mostra mais legível: tais escritos podem representar uma espécie de síntese sobre a dialética tal como era compreendida por Lênin.

Seus rascunhos, no entanto, certamente não foram redigidos apenas para avaliar este ou aquele autor “metafisicamente” (sobretudo, Hegel); neles nos é possível tocar um amplo leque de problemas concretos e relativos não só a filosofia ou a lógica, mas, também, como pensamos, à problemática que levantamos ao longo de nossa exposição até aqui, qual seja: a de sua teoria do partido indissociavelmente ligada ao programa revolucionário, ambos inter-relacionados às condições históricas de sua época. Mediante seus estudos dialéticos, Lênin desenvolveria suas concepções e ações num quadro de transformações agudas e incessantes. Com auxílio de Hegel e Marx, fortaleceria a sua compreensão a respeito das contradições da “vida e do pensar”, aproximando-se objetiva e concretamente de um verdadeiro “quadro do mundo”.

7.3. O quadro do mundo

Ao iniciar o seu conspecto sobre a *Ciência da Lógica*, Lênin observara, ao prefácio da primeira edição, as passagens efetuadas com “espírito” por Hegel, em especial a de que a ciência lógica (que constituiria a metafísica propriamente dita ou a filosofia especulativa pura) não poderia tomar o seu método de uma ciência subordinada, como a matemática. Ela mesma deveria desenvolvê-lo. Na verdade, a lógica hegeliana seria ela própria, essencialmente, o movimento do conhecimento científico.

“O entendimento (Verstand) determina (bestimmt)”, a razão (Vernunft) nega, ela é dialética, porque dissolve em nada (in Nichts auflöst) as determinações do entendimento. A união de um com outro - “razão que entende ou entendimento racional” = positivo. [...] O “caminho que se constrói a si próprio” = **o caminho** (é este o fulcro, em minha opinião) do conhecimento real, do conhecer, do movimento do não saber para o saber. (LÉNINE, 1989, p. 91 - 92, grifo do autor).

Ao passar para o prefácio da segunda edição, Lênin sublinhara então que o conteúdo da lógica hegeliana seria uma espécie, característica, de movimento da consciência. A exposição do “reino do pensamento filosoficamente”, em “sua atividade imanente própria”, “no seu desenvolvimento necessário”, superaria as formas de pensamento previamente conhecidas, os “ossos sem vida de um esqueleto” (ou “*die leblosen Knochen eines Skeletts*”) da lógica formal. Para Lênin, o que era preciso não eram os “ossos sem vida”, mas a própria “vida viva”. Seria necessário, para tanto, “inverter” a lógica hegeliana, como de fato o haviam feito Marx e Engels (LÉNINE, 1989, p. 93).

Lênin notara também a suposta ligação do pensar com a linguagem, destacando que na língua alemã, por vezes, as palavras possuíam significados contrapostos (“não apenas diversos, mas mesmo *contrapostos*”) o que seria uma “alegria para o pensar” (LÉNINE, 1989, p. 93, grifo do autor). A ocupação com os pensamentos puros, no entanto, pressupunham um longo curso que o “espírito humano” haveria de ter percorrido (após haver satisfeito suas necessidades e interesses). Desta forma, haveria uma “objetividade histórica” em Hegel: as categorias do pensar não seriam meras auxiliares do homem, mas expressão da conformidade a leis, tanto naturais como sociais. A lógica exigiria formas inseparavelmente ligadas ao conteúdo vivo, ao desenvolvimento do real. De modo “materialista”, os conceitos objetivos das coisas corresponderiam ao aprofundamento real de nosso conhecimento do mundo. Eis como Lênin acompanhava e definia a lógica hegeliana:

A lógica é a doutrina não das formas exteriores do pensar mas das leis do desenvolvimento “de todas as coisas materiais, naturais e espirituais”, isto é, do desenvolvimento de todo o conteúdo concreto do mundo e do seu conhecimento, isto é, o resumo, a soma, a conclusão da *história* do conhecimento do mundo. (LÉNINE, 1989, p. 96, grifo do autor).

Lênin agora destacava a verdade, além de concreta, como “infinita”, e que a sua finitude seria a sua negação, o “seu fim”. Em Hegel, o processo histórico de separação do homem e da natureza, de sua elevação sob esta, obedeceria ao progresso das próprias categorias lógicas, que seriam degraus desta separação, isto é, etapas de conhecimento do mundo, pontos de junção na rede que ajudariam a conhecê-lo e apreendê-lo, cada vez mais e melhor. Observando até aqui ainda os prefácios às edições da *Lógica*, Lênin criticara explicitamente às formas “vazias” da lógica formal (“esses ossos mortos”) que poderiam servir como “meio de erro e sofistaria”, ao invés de conduzir à verdade. As categorias lógicas, ao contrário de afirmadas, deveriam ser “demonstradas”.

O que se entenderia por lógica, habitualmente, era uma mera forma de conhecimento, o que Hegel refutava. As formas lógicas eram “formas mortas” porque não eram encaradas como unidade orgânica, em sua “polaridade viva”. Como ciência, a verdade seria autoconsciência pura se desenvolvendo, um pensar objetivo. “Kant deu ‘às determinações lógicas’ ‘uma significação essencialmente subjetiva’. Mas as ‘determinações do pensamento’ têm ‘valor e existência objetivos’” (HEGEL apud LÉNINE, 1989, p. 99). Para tanto, o método da filosofia, tal como apontava Hegel em sua “Introdução: Conceito Geral da Lógica” (acompanhada por Lênin), deveria ser o seu próprio (“não o da matemática”), pois o método seria justamente a consciência acerca da forma do autodesenvolvimento interno do seu conteúdo (em Marx, a luta de classes). O dado domínio dos fenômenos seria movido para adiante pelo conteúdo desse próprio domínio, a dialética, que ele (este conteúdo) tem em si próprio (isto é, a dialética do seu movimento próprio). Ou seja, a dialética seria o próprio conteúdo no domínio dos fenômenos. “A negação é um algo determinado, tem um conteúdo determinado, as contradições internas conduzem à substituição do velho conteúdo por um novo, superior” e prossegue: “Na velha lógica não há transição, desenvolvimento (dos conceitos e do pensar), *‘não há uma conexão interior, necessária’* de todas as partes e *‘Übergang’* [transição] de umas a outras” (LÉNINE, 1989, p. 100, grifo do autor). Tais seriam os fundamentos da dialética na opinião de Lênin:

- 1) Conexão *necessária*, conexão objetiva de todos os aspectos, forças, tendências, etc., de um dado domínio dos fenômenos;
- 2) “*engendramento* imanente das diferenças” - a lógica interna objetiva da evolução e da luta das diferenças, da polaridade.

[...] O dialético = “apreender o contraposto na sua unidade”... A lógica assemelha-se à gramática no fato de que para o que começa é uma coisa, para o que conhece a língua (e línguas) e o espírito da língua é outra coisa. “Ela é uma coisa para aquele que se aproxima dela e das ciências em geral pela primeira vez e outra coisa diferente para aquele que destas a ela regressa”. (LÉNINE, 1989, p. 100 - 101, grifo do autor).

Seguindo de perto a exposição de Hegel, em seu Livro I (“A Doutrina do Ser”), Lênin destacara sempre em suas anotações a sua particular exclusão do absoluto, do puro saber, da Ideia pura, do misticismo etc., extraíndo, por sua vez, o desenvolvimento, as transições, o movimento, e destacando, assim, as passagens “materialistas” do filósofo idealista. Acusa a “sofistaria” do positivismo, mais de uma vez, de um raciocínio a partir de um pressuposto sem fundamento que inconsideradamente e sem crítica se faz valer. A dialética, por sua vez, seria o superior movimento racional, no qual o ser e o não ser, que parecem pura e simplesmente separados, transitariam de um para outro, por si próprios, através daquilo que são e no qual o pressuposto da sua separação absoluta se supera (destacando, em nota de rodapé, que superar em idioma alemão, *Aufhebung*, significa, ao mesmo tempo, manter/conservar e negar/pôr fim).

Na vida, no movimento, tudo estaria tanto “em si” como “para outros”, em relação com um outro, transformando-se de um estado em outro. Quando se diz das coisas que elas são finitas, reconhece-se com isso que o não ser é a sua natureza (“o não ser constitui o seu ser”). Elas, as coisas, “são, mas a verdade deste ser é o fim dele”.

Com espírito e inteligente! Conceitos que habitualmente parecem mortos, Hegel analisa-os e mostra que neles *existe* movimento. Finito? Significa *que se move* para o fim! Algo? Significa *não aquilo* que é o outro. Ser em geral? - significa uma indeterminidade tal que ser = não ser. Flexibilidade unilateral, universal, dos conceitos, flexibilidade que vai até à identidade dos contrários [sic] - eis o essencial. Esta flexibilidade, aplicada subjetivamente = ecletismo e sofística. A flexibilidade aplicada *objetivamente*, isto é, refletindo a unilateralidade do processo material e a sua unidade, é dialética, é o reflexo correto do desenvolvimento eterno do mundo. (LÉNINE, 1989, p. 109, grifo do autor).

Lênin definia a natureza do pensar especulativo, em acordo com Hegel, como apreender os momentos contrapostos em sua unidade. No negativo, em geral, residiria o fundamento do devir, da inquietude e do automovimento. Nenhuma das determinações tomada sozinha teria verdade, mas apenas a unidade delas. Esta seria a sua verdadeira consideração dialética, o seu resultado. Destacando que o autor alemão, aparentemente, tomara o autodesenvolvimento dos conceitos, das categorias, em conexão com toda a história da filosofia e que isto acrescentaria um lado novo a toda *Lógica*.

Ao transcrever a terceira seção (“A Medida”), Lênin apontara com particular atenção para a questão da gradualidade, tal como esta era observada por Hegel, destacando o papel dos saltos. Tais passagens tornam-se profundas se relacionadas ao desenvolvimento de suas próprias concepções, bem como ao processo revolucionário de anos mais tarde (saltos, nascer, perecer etc.):

[...] as mudanças do ser em geral não são apenas o transitar de uma magnitude para outra magnitude, mas transição do qualitativo para quantitativo e inversamente, um tornar-se-outro, que é uma interrupção do gradual e um qualitativamente outro face à existência antecedente. A água, através do resfriamento, não se torna pouco a pouco dura, [...] mas fica dura de uma vez [...]. Na base da gradualidade do nascer está a representação de que aquilo que nasce está já sensivelmente ou em geral realmente presente [vorhanden], só que, por causa de sua pequenez, ainda não é perceptível - tal como na [base] da gradualidade do desaparecer [...] está igualmente presente, só que ainda não é observável [...] no sentido de que ele, como existência, está presente, só que inobservavelmente. (LÉNINE, 1989, p. 120 - 121, grifo do autor).

Ao prosseguir, já no Livro II, sobre a doutrina da essência, Lênin observara a passagem inicial “a verdade do ser é a essência” como “completamente idealista”, “muito mística”, sublinhando, logo a seguir, diversos trechos sobre o movimento conceitual hegeliano, tais como: “a essência... é aquilo que é... através do seu movimento próprio, o **movimento infinito** do ser”, “a essência absoluta... *não tem existência nenhuma*. Mas tem que transitar para a existência” e “a essência está no meio entre o ser e o conceito, como transição para o conceito (= absoluto)” (LÉNINE, 1989, p. 124, grifo do autor). Ao analisar a subdivisão da essência, destacara que o não essencial, o aparente, o superficial, desaparece mais frequentemente, não se sustentando tão fortemente, não se assentando tão solidamente, do que a essência, assim como em um movimento de um rio, com a espuma por cima e as correntes profundas por baixo, de forma que, mesmo assim, a espuma (a aparência) também é uma expressão da realidade; ou seja, não é toda a verdade ou a realidade, mas igualmente faz parte dela, assim como a essência.

Para Lênin, em Hegel, ao contrário do “subjetivismo” de Kant, a aparência seria, assim, um momento da essência, a sua natureza negativa. Deste modo, Hegel seria pela validade objetiva da aparência, do “imediatamente dado”. Outros filósofos haviam discutido se deveria-se tomar por base a essência ou o imediatamente dado; Hegel substituiu o “ou” pelo “e”, explicando o conteúdo concreto deste “e”. Por esse motivo, havia insistido na unilateralidade, na incorreção da “lei da identidade” ($A = A$). Quando tudo é idêntico consigo, não é diverso, não está contraposto, não possui nenhum fundamento e, tampouco, necessita-se

explicá-lo. O pensamento habitual, a lógica formal, colocaria de lado, estaticamente, identidade e diferença, sem compreender o movimento do transitar de uma determinação à outra. Atendo-se a essa identidade imóvel, que possuía sua oposição na diversidade, apenas ter-se-ia uma “tautologia vazia”, que apenas conteria uma verdade formal, abstrata e, sobretudo, incompleta. Tal concepção teria como motivação simplesmente o “desejo” de se depurar da história “as contradições e a luta”:

“A ternura habitual para com as coisas, porém, que apenas cuida de que elas não se contradigam, esquece aqui, como outrora, que, com isso, a contradição não é resolvida, mas apenas empurrada para outro sítio, em geral, para a **reflexão subjetiva ou exterior**, que ela contém de fato, como superados e ligados um ao outro numa unidade, os dois momentos que através deste afastamento e deslocamento são enunciados como mero ser-posto”. (HEGEL apud LÊNINE, 1989, p. 128, grifo do autor).

E novamente anotara com apreço passagens sobre o papel fundamental que a contradição possuía em Hegel e que o representar habitual fazia com que não fosse “tão essencial e imanente” quanto à identidade; para Lênin, mesmo se fixando as duas determinações como separadas, haveria que se tomar a contradição “pelo mais profundo e essencial”, pois, em face dela, a identidade seria apenas a determinação exclusiva do imediato simples, do “ser morto”; a contradição, por sua vez, seria a raiz de todo o movimento e vitalidade e só na medida em que algo teria em si próprio uma contradição é que se moveria, teria impulso e atividade.

Habitualmente, a contradição seria, em primeiro lugar, afastada das coisas, daquilo que seria o verdadeiro; em geral, seria afirmado que não há nada contraditório. A contradição seria, por assim dizer, um “equívoco”. Remetida para uma reflexão subjetiva, somente se poderia pensá-la através de sua ligação e comparação. Mas, mesmo nesta reflexão, ela não estaria propriamente dada, pois o contraditório não poderia ser representado nem pensado “corretamente”. Ela passaria, em geral, quer seja no real, quer seja no reflexo pensante, por uma contingência, por algo como uma anormalidade. Para Lênin, por sua vez, “Cada coisa concreta, cada algo concreto está em relações diferentes e muitas vezes contraditórias com todo o resto, ergo [logo], é ele próprio e o outro” (LÊNINE, 1989, p. 130).

Lênin passaria então a copiar longos parágrafos para destacar a contradição como princípio de todo o automovimento. Segundo ele, se um existente não consegue ter em si próprio a contradição, então ele não é a própria unidade viva, não é o fundamento, mas afunda-se na contradição:

Movimento e “*automovimento*” (isto NB! Movimento de motor próprio (autônomo), espontâneo, **interno-necessário**), “mudança”, “movimento e vitalidade”, “princípio de todo o automovimento”, “impulso” (Trieb) para o “movimento” e para a “atividade” - oposição ao “*ser morto*” - quem acreditará que isso é a essência da “hegelice” [sic], da abstrata e abstrusen (difícil, absurda?) hegelice [sic]?? Era preciso descobrir, compreender, hinüberretten [salvar], descascar, limpar esta essência, coisa que Marx e Engels fizeram. (LÊNINE, 1989, p. 132, grifo do autor).

A representação habitual, portanto, captaria a identidade e a contradição, mas não a transição de uma para outra, e isto, de acordo com Lênin, seria o essencial, o mais importante. A ideia do movimento e da modificação universal (por Hegel) seria assim adivinhada antes de sua aplicação à vida (por Darwin) e à sociedade (por Marx). Lênin observara, talvez pioneiramente no âmbito do marxismo, que a elaboração puramente lógica de Hegel teria de “coincidir” com método (“indutivo-dedutivo”) de *O Capital* de Marx. Haveria, mesmo assim, muito “pedantismo” nas conclusões idealistas de Hegel, mas a sua ideia básica continuaria sendo genial: a ligação universal, viva, de tudo com tudo, e o reflexo desta ligação nos conceitos interligados, unos na contradição, para abarcar o mundo.

A continuação da obra de Hegel e Marx deve consistir na elaboração *dialética* da história do pensamento humano, da ciência e da técnica. Um rio e as *gotas* nesse rio. A situação de *cada* gota, a sua relação com as outras; a sua ligação com as outras; a direção do seu movimento; a velocidade; a linha do movimento - reta, curva, circular etc. - para cima, para baixo. A soma do movimento. Os conceitos como *registros* dos diferentes lados do movimento, das diferentes gotas (= “coisas”), das diferentes “*correntes*” etc. Eis à peu près [aproximadamente] o quadro do mundo segundo a Lógica de Hegel - naturalmente, menos o deus nosso senhor e o absoluto (LÊNINE, 1989, p. 136 - 137, grifo do autor).

7.4. Um método encantador

Prosseguindo com o estudo da segunda seção do Livro II (“O Fenômeno”), Lênin destacara o que seria, em geral, a maior das obscuridades de Hegel: o conceito de lei. Contudo, destacara também o que haveria de “vivo” em tal abordagem. O conceito de lei seria um dos degraus do conhecimento pelo homem da unidade, da interdependência e da totalidade do “processo mundial”. O “aparelhamento” e o “retorcimento” das palavras e conceitos a que Hegel se entregara, neste ponto, seriam uma luta contra a absolutização do conceito de lei, contra a sua simplificação e contra a sua fetichização. A lei seria algo de duradouro nos fenômenos, uma reflexão “tranquila” a respeito deles, ou mesmo um

“fenômeno essencial” (unidade ou lei dos fenômenos), o que, para Lênin, era uma definição notavelmente “materialista e certa”, pois a lei, qualquer lei, seria estreita, incompleta e aproximada. O principal aqui seria que tanto o mundo dos fenômenos, como o mundo em si, seriam “momentos” do conhecimento da natureza pelo homem; graus, modificações ou aprofundamentos deste conhecimento. Perguntara Lênin: “Em Hegel os ‘momentos’ do conceito não têm o significado de ‘momentos’ da transição?” O desdobramento de toda a totalidade nos momentos da realidade, não seria esta a “essência do conhecimento dialético”? (LÉNINE, 1989, p. 140; 142).

Ao acompanhar em seus conspectos o terceiro e último livro da lógica hegeliana (“A Lógica Subjetiva” ou “A Doutrina do Conceito”), Lênin observara que toda a exposição anterior, a chamada lógica objetiva (sobre o ser e a essência), constituiria propriamente a exposição “genética” do conceito. Inicialmente, empreenderia-se a crítica contra o idealismo precedente (“subjetivo”), mas, em Hegel, a refutação de um sistema filosófico não significava excluí-lo integralmente, e sim desenvolvê-lo ainda mais, não o substituindo por outro, unilateralmente, mas incluindo-o em algo mais elevado para superá-lo (*Aufhebung*). Em Hegel, “no essencial contra Kant”, as abstrações do pensamento refletiriam o mundo mais profundamente, mais fielmente e mais completamente. Tal como a abstração do valor, que em Marx era desprovido “de matéria da sensibilidade”, mas era “mais verdadeiro do que a lei da oferta e da procura”. Da intuição viva ao pensar abstrato, e dele à prática, este seria o percurso “dialético” do conhecimento da verdade, do conhecimento da realidade objetiva (LÉNINE, 1989, p. 155 - 156).

Lênin salientara que a verdade residiria não no “começo”, mas no “fim”, ou melhor, na “continuação”. A verdade não seria a impressão inicial, tal como Hegel houvera demonstrado na *Fenomenologia do Espírito*, na *Ciência da Lógica* e, também, Marx em *O Capital*. Ao adentrar no estudo do movimento dialético do conceito, Lênin, mais uma vez, realçava a categoria de “movimento” na lógica hegeliana, nas “leis gerais do mundo e do pensar”. Manifestadamente, o principal de Hegel seria apontar as transições, uma vez que o conceito provinha da essência, que provinha do ser. Não apenas a conexão, “a conexão inseparável, de todos os conceitos e juízos”, mas “as transições de um a outro”, e não só as transições, como também a unidade dos opostos do ponto de vista do desenvolvimento e da aplicação dos conceitos. “A análise dos silogismos em Hegel [...] lembra a imitação de Hegel em Marx no I capítulo”, ressaltando que Marx havia aplicado a dialética de Hegel, em “sua forma racional”, à crítica da economia política (LÉNINE, 1989, p. 161).

A formação de conceitos (abstratos) e as operações com eles já incluem em si a representação, a convicção, a *consciência* da conformidade a leis da conexão objetiva do mundo. Separar a causalidade desta conexão é estúpido. Negar a objetividade dos conceitos, a objetividade do universal no individual e no particular é impossível. Hegel é muito mais profundo e consequente do que Kant e outros ao investigar o reflexo do movimento do mundo objetivo no movimento dos conceitos. Tal como a forma simples do valor, o ato isolado da troca de uma dada mercadoria por outra já inclui em si de forma não desenvolvida *todas* as principais contradições do capitalismo - assim já a mais simples *generalização*, a primeira e mais simples formação de *conceitos* (juízos, silogismos etc.) significa o conhecimento cada vez mais profundo pelo homem da conexão *objetiva* do mundo. Aqui é preciso procurar o verdadeiro sentido, significado e papel da Lógica de Hegel. NB isto. (LÉNINE, 1989, p. 162 - 163, grifo do autor).

A partir desta observação, Lênin iria desferir sua famosa crítica a Plekhanov e aos demais marxistas do início do século XX que haviam criticado Kant e os kantianos “mais à maneira de Feuerbach que de Hegel”, na medida em que apenas rejeitaram os seus raciocínios, não os corrigindo, aprofundando, generalizando, alargando, demonstrando as conexões e transições de todos e cada um dos conceitos de um ponto de vista dialético (não unilateral), concluindo sua observação com o célebre aforismo:

Aforismo: Não é possível compreender plenamente o “Capital” de Marx e particularmente o seu I capítulo sem ter estudado a fundo e sem ter compreendido *toda* a Lógica de Hegel. Por conseguinte, ½ século depois nenhum marxista compreendeu Marx!! (LÉNINE, 1989, p. 164, grifo do autor).

Lênin, portanto, parecia apreciar criticamente Hegel e sua dialética como o conjunto de todos os lados dos fenômenos, da realidade e de suas interligações (“eis do que é composta a verdade”). As interligações (contradições, transições) dos conceitos seriam assim o conteúdo principal da lógica, sendo que estes conceitos deveriam ser demonstrados como reflexos do mundo no pensamento. Para Lênin, como em Marx, “a dialética das coisas” engendraria “a dialética das ideias”, e não o contrário. As leis da lógica seriam reflexos do mundo objetivo na consciência subjetiva dos homens. Hegel havia “adivinhado” genialmente na mudança, na interdependência de todos os conceitos, na unidade de seus opostos, nas transições de um conceito para outro e em seu perpétuo movimento, precisamente esta realização “das coisas” (“dos fenômenos, do mundo e da natureza”). Estes momentos do conhecimento (Ideia) da natureza pelo homem seriam as categorias da lógica hegeliana, segundo Lênin (1989, p. 179 - 180). A dialética, assim, não estaria no entendimento do homem, mas na “Ideia”, isto é, na realidade objetiva (concreta) em sua eterna vitalidade. A Ideia hegeliana seria, portanto, processo. Cabe perguntarmos: e não é assim que deveríamos encarar, também, o movimento teórico-prático do próprio Lênin?

Até aqui, não há anotações “lógicas” explícitas nos *Cadernos* que nos permitam explicar como, porque, e mesmo se Lênin operou uma suposta “ruptura” em suas concepções revolucionárias. Suas indicações, contudo, certamente nos ensinam a compreendê-las dialeticamente, como “processo”. Um “salto” conceitual deveria estar no interior do próprio real, sempre em “movimento”; sua transformação, ou melhor, seu processo de transformação, ocorreria assim de modo interdependente, como “reflexo” da realidade objetiva, isto é, das diversas contradições históricas concretas que Lênin enfrentara em sua época.

O caráter finito, relativo, condicionado, transitório, do conhecimento humano, explicaria ainda Lênin, deveria ter como primeira premissa o conhecimento analítico, a ligação imediata do conceito ao objeto, a sua identidade. Já o conhecer sintético, mais avançado, dirigiria-se ao conceber daquilo que é, ou seja, ao apreender na multiplicidade das determinações a sua unidade. “É isto o que *Platão* exigia do conhecer: *que considerasse as coisas em e para si próprias*”; “Este método do ‘conhecer absoluto’ é analítico, ... ‘mas igualmente sintético’; “A este momento tanto sintético quanto analítico do juízo [...] é de chamar o [momento] dialético” (LÉNINE, 1989, p. 198, grifo do autor). É provável que Lênin continuasse buscando na multiplicidade das determinações unidas pela luta de classes, como o parece ter feito desde os seus primeiros textos até aqui, o momento sintético do analítico na história da humanidade: a realização do programa revolucionário do partido marxista.

Acompanhando o encerramento de Hegel em sua *Lógica* observaria simbolicamente que:

“A dialética é uma daquelas ciências antigas que, na metafísica [aqui manifestamente = teoria do conhecimento e lógica] dos modernos, e depois, em geral, pela filosofia popular tanto dos antigos como dos modernos, mais ignorada foi”... Sobre **Platão** Diógenes Laércio teria dito que Platão foi o fundador da **dialética** [...]. “Tem se considerado a dialética, frequentemente, como uma *arte*, como se ela repousasse num talento subjetivo e não pertencesse a objetividade do conceito” (HEGEL apud LÉNINE, 1989, p. 200, grifo do autor).

Por fim, observaria às margens o que seria da mais alta importância para a compreensão dialética: a alteridade, bem como a sua negatividade imanente. O outro não seria essencialmente o negativo vazio, o nada, aquilo que seria tomado como resultado habitual da dialética, mas o outro do primeiro, o negativo do imediato, o não ser; portanto, ele está determinado como o mediado, contém, em geral, em si, a determinação do primeiro. O primeiro é, assim, essencialmente conservado e mantido também no outro. Reter o positivo no seu negativo, no resultado, isto seria o mais importante no conhecer racional.

Tal seria o “sal” da dialética de acordo com Lênin. A negatividade considerada seria o ponto de “virada” do movimento (do conceito). Ela seria o ponto da interligação negativa a si (a primeira negação), a fonte mais interior de toda a atividade, do automovimento “vivo e espiritual”, a “alma dialética” que todo o verdadeiro tem em si próprio, através da qual somente ele é um verdadeiro. O segundo negativo, o negativo do negativo, seria aquele superar da contradição; porém, tão pouco quanto à contradição, seria ele o fazer de uma reflexão exterior; pelo contrário, seria o momento mais interior, mais objetivo da vida. O resultado da negação da negação, esse terceiro, seria não um terceiro “tranquilo”, mas precisamente como esta unidade (dos opostos), “o movimento e a atividade mediando-se consigo próprios”.

“Assim, o conhecer corre de conteúdo em conteúdo. Em primeiro lugar, este prosseguir determina-se pelo fato de começar por determinidades simples e por as seguintes serem sempre *mais ricas e mais concretas*. Pois o resultado contém o seu começo e o discurso deste enriqueceu aquele com uma nova determinidade. O universal constitui a base; por isso, o prosseguimento não é de tomar como um fluir de um outro a um outro. O conceito, no método absoluto, *mantém-se* no seu ser-outro, o universal [mantém-se] na sua particularização, no juízo e [na] realidade; em cada estágio de ulterior determinação ele eleva toda a massa do seu conteúdo anterior e, pelo seu prosseguir dialético, não só ele não perde nada nem deixa algo para trás, como traz consigo todo o adquirido e enriquece-se e condensa-se em si” (HEGEL apud LÊNINE, 1989, p. 207, grifo do autor).

Com este fragmento de Hegel, uma espécie de “balanço daquilo que é a dialética”, Lênin praticamente conclui seu compêndio sobre a *Ciência da Lógica*, a “dialética hegeliana”. Ao final desvela-se que o mais rico é o mais concreto (e em Hegel, “subjetivo”). Era extremamente digno de nota, para Lênin, que todo o capítulo sobre a “Ideia absoluta” teria por principal objetivo o método dialético. Balanço e resumo, “a última palavra e essência da lógica de Hegel é o método dialético”. E mais uma coisa: seria “na obra mais idealista de Hegel em que há menos idealismo e mais materialismo”. Fiel, portanto, ao método que abarca a unidade das contradições. O método, caminho ou “busca pela verdade” (do grego, *dia aletheia*), que sabe que o começo é um imperfeito, porque é o começo; mas, sabe simultaneamente que este imperfeito em geral é um necessário, porque a verdade é apenas o vir-a-si-próprio através da negatividade da imediatidade. Deste modo, o método não é a forma exterior, mas a “alma”, a imanência, o conceito do conteúdo. Método cujo interesse reside no movimento todo. Nas palavras de Lênin, um “método encantador” (LÊNINE, 1989, p. 207; 210; 212).

7.5. As “formas baldias” de uma arte objetiva

Após terminar seu conspecto sobre a *Ciência da Lógica*, Lênin dedicaria-se a escrever um conspecto de outro livro de Hegel, *Lições Sobre a História da Filosofia*, aparentemente no início de 1915. Ao fazer esta resenha, Lênin assinalara os traços do método hegeliano, em particular a conexão entre o histórico e o lógico, a exigência de um “estrito historicismo” e a atenção preponderante dada à história da dialética. Ao mesmo tempo, Lênin criticara as premissas idealistas da concepção histórico-filosófica de Hegel e mostrara como, ao expor a história da filosofia, Hegel ignorava o “desenvolvimento do materialismo”. As *Lições Sobre a História da Filosofia* foram publicadas pela primeira vez em 1833, logo após a morte de seu autor. Nelas, Hegel tentou pela primeira vez apresentar a história da filosofia como um processo regido por leis de movimento racional e gradual em direção à “verdade absoluta” (LÉNINE, 1989, p. 622).

Ao iniciar seus rascunhos pela “Introdução” do livro de Hegel, Lênin observara, tal como já o fizera em seus escritos de 1902 (*O Que Fazer?*), e também em 1905 (*Dois Táticas*), que se o “verdadeiro for abstrato, é não verdadeiro” e que a razão humana “procura o concreto”; ou seja, “o verdadeiro é sempre concreto”. Comparando a história da filosofia como um círculo de círculos (“comparação verdadeira e muito profunda”), Hegel afirmara que “a sucessão dos sistemas da filosofia na história” seria a mesma que “a sucessão na dedução lógica das determinações conceituais da Ideia”. Começando a tratar da história da filosofia pelos antigos, mais especificamente pelos pitagóricos, Lênin sublinhara com Hegel que na filosofia “primitiva” a determinação da substância das coisas e do mundo (“o número e o seu significado”), seria para eles “secas, sem processo (sem movimento), não dialéticas”. Uma combinação de germes do pensamento científico com a fantasia, a religião e a mitologia (LÉNINE, 1989, p. 215 - 217).

Seria na escola eleática, entretanto, que Hegel encontraria “o começo da dialética”, isto é, precisamente “o movimento puro do pensar em conceitos”. Seria aqui também que Lênin destacara as duas determinações, as duas marcas ou os dois traços característicos da dialética em Hegel: a) movimento puro do pensar em conceitos (e com isso a oposição do pensar ao fenômeno ou ao “ser sensível”); b) na (própria) essência objetiva (esclarecer/descobrir) a contradição, que ela (esta essência) tem em si própria (“a dialética propriamente dita”) (LÉNINE, 1989, p. 219 - 220).

Por outras palavras, este “fragmento” de Hegel deve ser apresentado assim: A dialética em geral é “movimento puro do pensar em conceitos” (isto é, falando sem a mística do idealismo: os conceitos humanos não são imóveis, mas movem-se eternamente, passam de uns a outros, correm de uns para outros, sem isso não refletem a vida viva. A análise dos conceitos, o seu estudo, “a arte de operar com eles” exige sempre o estudo do *movimento* dos conceitos, da sua conexão, das suas transições mútuas). Em particular, a dialética é o estudo da oposição entre a coisa em si (an sich), essência, substrato, substância - e fenômeno, “ser para outro”. (Aqui também vemos o transitar, o fluir de um para outro: a essência aparece. O fenômeno é essencial). O pensar do homem aprofunda-se infinitamente do fenômeno à essência, da essência de primeira ordem, por assim dizer, para a essência de segunda ordem, etc., *sem fim*. No sentido próprio, a dialética é o estudo da contradição *na própria essência dos objetos*: não só os fenômenos são transitórios, móveis, correntes, separados apenas por fronteiras convencionais, como a *essência* das coisas também. (LÊNINE, 1989, p. 220, grifo do autor).

Ao comentar sobre Zenão, nas palavras de Hegel, “o iniciador da dialética”, Lênin faria a distinção, juntamente com o filósofo alemão, sobre as “duas” dialéticas observadas na história da filosofia: a “dialética objetiva”, a consideração imanente do objeto, que é tomado por si, sem pressuposição, Ideia, dever-ser, e não segundo relações, leis e fundamentos exteriores. Nesta dialética, colocar-se-ia totalmente dentro da coisa, considerando-se o objeto em si próprio e tomando-se o objeto segundo as determinações que ele possui. Nesta consideração, indica-se o objeto próprio como contendo determinações contrapostas e, portanto, devendo superar-se; esta dialética seria encontrada principalmente entre os Antigos, ao contrário da “dialética subjetiva”, raciocínio a partir de razões exteriores, dualidade sensível, “retomada com seus defeitos pelos modernos (Kant, etc.)”. Lênin então notaria à margem: “Isto pode e deve ser *invertido*: a questão não é se há movimento, mas como exprimi-lo na lógica dos conceitos” (LÊNINE, 1989, p. 223).

O movimento seria assim uma categoria fundamental à dialética objetiva, manifestação da “essência do tempo e do espaço, pois ele é universal; concebê-lo significaria expressar a sua essência na forma do conceito”. Dois conceitos fundamentais exprimiriam esta essência (infinita): continuidade e pontualidade (negação da continuidade, descontinuidade). O movimento seria, portanto, unidade de continuidade e descontinuidade (do tempo e do espaço). O movimento seria contradição, unidade de contradições. “Mover-se significa”, anotara Lênin (1989, p. 225), “estar neste lugar e, simultaneamente, não [estar]”. E um pouco mais adiante, passaria a “mover-se” com Hegel justamente no estudo do “filósofo do devir”, do movimento, filósofo cujas proposições todas foram “recolhidas” por Hegel em sua lógica: Heráclito de Éfeso.

“Heráclito disse que tudo é devir, este devir é o princípio. Isto reside na expressão: o ser é tão pouco quanto o não ser” (HEGEL apud LÉNINE, 1989, p. 227). Esta, para Hegel, havia sido uma “grande ideia”, reconhecer que ser e não ser seriam apenas abstrações sem verdade, que o primeiro verdadeiro é apenas o devir. O entendimento isolaria ambos como verdadeiros e válidos; a razão, em contrapartida, reconheceria um no outro, reconheceria que em um está contido o seu outro, e, assim, o todo seria determinado como devir. Aqui Lênin destacara a passagem como muito certa e importante: “o ‘outro’ como seu outro, desenvolvimento para o seu oposto”. Heráclito, no entanto, considerava este processo de “eterna inquietude” como “unidade dos contrários” (ao invés de contraditórios); assim se deveria compreender a filosofia, expondo-a neste “nunca em repouso”, neste “fluxo constante”, ou seja, concebendo-a como infinito retorno, sem se demonstrar a necessidade das conexões, do desenvolvimento e da superação.

De acordo com Benoit ¹¹⁴, no marxismo vulgar é comum atribuir-se a “paternidade” da dialética a Heráclito. A origem desta tradição equivocada estaria em grande parte contida no livro de Lassalle, *A Filosofia de Heráclito, O Obscuro, de Éfeso*, de 1858. Em um de seus conspectos incluídos nos *Cadernos*, exatamente sobre este livro de Lassalle, Lênin, aliás, criticara as “deficiências idealistas” do filósofo alemão, apontando para sua “pura cópia” e “repetição servil” de Hegel. Para Lênin, era compreensível porque Marx, em carta a Engels, havia chamado a obra lassalliana de uma obra de “estudante”: “Em Marx há uma infinidade de *novo* e só interessa o avanço *de* Hegel e de Feuerbach *para diante*, da dialética idealista *para* a materialista” (LÉNINE, 1989, p. 287, grifo do autor).

Lassalle sublinha e ruma um número infindável (verdadeiramente fatigante) de vezes que Heráclito não só reconhece em tudo o movimento, que seu princípio é o movimento ou o devir (Werden), mas que precisamente tudo está em conceber “a identidade que se processa dos pura e simplesmente (schlechthin) contrapostos” [...]. Movimento e Werden, falando em geral, podem ser sem repetição, sem retorno ao ponto de partida, e *então* esse movimento não seria uma “identidade de opostos”. [...] Lassalle desconhece em absoluto o sentido da medida nesta obra [de Heráclito], *afogando* diretamente Heráclito *em* Hegel. É pena. Heráclito *com medida*, como *um dos* fundadores da dialética, seria extremamente útil. (LÉNINE, 1989, p. 289 - 290, grifo do autor).

¹¹⁴ BENOIT, A. H. R. **Marxismo e a tradição dialética**. Relatório Sabático de 1 de janeiro a 31 de agosto – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Nesta obra, Benoit nos explica que os conceitos de “dialética” e “dialética hegeliana” são incompreensíveis se não forem pensados a partir da tradição pré-hegeliana e, particularmente, a partir da tradição antiga. As formas da dialética platônica seriam, inclusive, o núcleo através do qual Hegel negaria e superaria imanentemente as filosofias anteriores, assim como Platão o fizera com Heráclito, Parmênides, os pitagóricos e com a própria filosofia socrática.

Ao passar para o segundo tomo da *História da Filosofia* de Hegel, sobre a filosofia de Sócrates (“personalidade histórica mundial” e “a mais interessante na filosofia antiga”), Lênin escrevera a famosa sentença de que um “idealismo inteligente está mais perto do materialismo inteligente do que um materialismo vulgar. Idealismo dialético em vez de inteligente; metafísico, não desenvolvido, morto, grosseiro, imóvel, em vez de estúpido”. E, logo em seguida, elaborara algo que nos parece adequado neste ponto sublinhar: “Plekhanov escreveu sobre filosofia (dialética) provavelmente umas 1000 páginas [...]. Entre elas sobre a grande Lógica, *a propósito dela*, da sua ideia (isto é, *propriamente* a dialética como ciência filosófica) nil [nada]!!” (LÉNINE, 1989, p. 238, grifo do autor).

Já ao analisar rapidamente com Hegel a filosofia de Platão, Lênin destacaria, mais uma vez, a diferença entre a dialética subjetiva (sofística) e a objetiva (platônica). “Exaltando” e “ruminando” a mística das ideias, Hegel haveria ignorado e tratado com desprezo o materialismo na história da filosofia. Lênin ressaltara o “pouco caso” de Hegel conferido à polêmica entre Platão e Aristóteles sobre a doutrina das ideias, onde Hegel dissimularia “os traços materialistas” de Aristóteles. “Quando *um* idealista critica as bases do idealismo de *outro* idealista, com isso ganha sempre o *materialismo*. Cf. Aristóteles versus Platão, Hegel versus Kant, etc.” (LÉNINE, 1989, p. 244, grifo do autor). Lênin, de fato, elogiara o “quase materialismo” de Aristóteles algumas vezes, criticando Hegel por alargar “os conceitos verdadeiramente especulativos” do filósofo grego. No entanto, repetidas vezes destacara também a “aproximação materialista da dialética por Hegel, quando este se afasta do absoluto, da Ideia”, na apreciação de filósofos anteriores.

Aqui nos parece importante frisar que Lênin provavelmente se propunha a criticar Hegel e Platão mais de um ponto de vista histórico e concreto, fundado sobre a sua concepção da luta de classes e da sua manifestação na história da filosofia, do que de um ponto de vista puramente teórico ou conceitual. Seus estudos, desde pelo menos 1908, parecem-nos indicar uma grande preocupação “materialista” contra as “tendências conciliatórias em política e em religião” que predominavam, sobretudo, nas correntes “idealistas” da filosofia de sua época (desvios e deformações “filosóficas” haviam já atingido, inclusive, o seio do partido bolchevique; em geral, a sociedade russa era profundamente arraigada às tradições religiosas ortodoxas). Nos *Cadernos*, estas possíveis considerações podem ser atestadas pelos conspectos e citações sobre as obras de Feuerbach; adicionalmente, a apreciação de Hegel por Lênin é repetidamente destacada com a sua devida exclusão do “absoluto”, do “misticismo” e de “deus nosso senhor”, como vimos anteriormente.

Todavia, importa-nos também observar que Lênin não se dedicou a estudar detidamente as relações entre a dialética platônica e a dialética hegeliana e que, por este motivo, pudesse indicar que estas relações talvez obedecessem mais às necessidades “sistemáticas” da filosofia de Hegel do que a necessidades conceitualmente imanentes. Tal engano, na verdade, haveria sido cometido e consagrado por toda a longa tradição da filosofia ocidental, deformada pelo cristianismo e pelo neoplatonismo, e que mesmo Marx, por também não se debruçar diretamente sobre a questão, não houvera plenamente apreendido (aliás, nos parece sintomático apontar que em boa parte das polêmicas mais “filosóficas” aludidas nos *Cadernos*, Lênin se valesse mais de Engels do que de Marx).

Como nos ensina Benoit, na realidade Platão teria sido o primeiro pensador a atingir a racionalidade especulativa, “aquela que revela o poder criador do negativo e do contraditório”, racionalidade esta não bem compreendida sequer pela própria filosofia moderna e por todas as “filosofias do entendimento” (de Parmênides a Kant), ainda agarradas às estáticas e “positivas” separações não contraditórias da lógica formal, disseminadas, por sua vez, pelo aristotelismo. Por isso, dizia o próprio Hegel, “seria correto retornar a ele (Platão) (*zu ihr zurückzukehren*) para aprender novamente a ideia do que é a filosofia especulativa”. Platão teria assim, segundo Hegel, desenvolvido na antiguidade as formas essenciais de sua própria lógica especulativa, isto é, dialética. Formas estas “que permaneceram baldias (*brach*) por dois mil anos” (HEGEL apud BENOIT, 2015, p. 23; 25) e que Lênin parece ter conseguido absorver e apontar em seu aspecto real e objetivo.

Após terminar o seu conspecto sobre as *Lições Sobre a História da Filosofia*, Lênin redigira algumas páginas sobre as *Lições Sobre a Filosofia da História*, ainda no primeiro semestre de 1915. Tal escrito é consideravelmente mais curto que os dois anteriores sobre as obras de Hegel; foi feito mais em pormenor o conspecto da “Introdução”, na qual, segundo as palavras de Lênin, “há muito de excelente na colocação da questão”. Em sua *Filosofia da História*, Hegel assinalara a necessidade de pôr a claro que o processo histórico seria regido por leis, sendo a sua essência entendida, de modo idealista, como progresso “na consciência da liberdade”. Sem examinar detalhadamente essa concepção idealista do desenvolvimento histórico, pois é aqui que Hegel estaria “mais envelhecido e antiquado” (e onde “Marx e Engels deram o maior passo em frente”), Lênin anotara principalmente os “embriões do materialismo” no filósofo alemão, assim como a sua apreciação de alguns acontecimentos históricos. Curiosamente, talvez seja este o conspecto que mais se aproxime do “espírito” de Lênin, tal como habituou-se a enxergá-lo:

“Discursos... são ações entre homens”... (por conseguinte, estes discursos não são palavrório). [...] a história ensina “que os povos e governos nunca aprenderam coisa alguma com a história: cada tempo é *demasiado individual* para isso”: “O que, porém, a experiência e a história ensinam é que povos e governos nunca aprenderam coisa alguma com a história e nunca agiram segundo ensinamentos que dela seriam de tirar. Cada tempo tem circunstâncias tão peculiares, é um estado tão individual, que é nele a partir dele próprio que se tem que decidir e que somente se pode decidir”. [...] os franceses e os ingleses são mais cultos (têm “mais cultura... *nacional*”), - mas nós, alemães, perdemos-nos mais em sutilezas acerca de como *se deve* escrever a história do que a escrevemos. [...] Pela primeira vez (na revolução francesa) o homem chegou a isto: “o homem assenta sobre a cabeça, isto é, sobre o pensamento, e constrói a realidade efetiva segundo ele”... “Este foi... um magnífico nascer do Sol”... “São estes grandes homens na história, cujos fins particulares próprios contêm o substancial, o qual é a vontade do espírito universal”... (HEGEL apud LÊNINE, 1989, p. 267; 273; 268, grifo do autor).

Ao leitor que nos acompanha até aqui, permita-nos reforçar: “Cada tempo tem circunstâncias tão peculiares, é um estado tão individual, que é nele e a partir dele próprio que se tem que se decidir e que somente se pode decidir”. “Somente estes grandes homens na história, cujos fins particulares próprios contêm o substancial, o qual é a vontade do espírito universal”. Eis, nas palavras de Hegel copiadas por Lênin, o que seria a “alma do mundo”.

Em seguida, ao terminar as suas incursões às obras de Hegel, Lênin escreveria o fragmento *Plano da Dialética (Lógica) de Hegel*. O mesmo fora manuscrito já na fase final do trabalho de Lênin na Suíça, entre anos de 1914 a 1916, e contém teses breves, porém sugestivas, sobre a correlação entre a dialética, a lógica e a teoria do conhecimento. Ali, Lênin observaria que a dialética de Hegel é uma “generalização da história do pensamento” e que “parece uma tarefa extraordinariamente grata seguir isto mais concretamente” (LÊNINE, 1989, p. 283). Lênin observaria ainda que todos os momentos (passos, graus, processos) do conhecer hegeliano se orientariam do sujeito para o objeto, comprovando-se pela prática e chegando através dessa comprovação à verdade. Neste ponto, comentaria justamente o avanço de Marx em relação a Hegel em seu percurso (“do abstrato ao concreto”) sobre “a história do capitalismo e a análise dos conceitos que a resumem”:

Se Marx não deixou uma “*Lógica*” (com letra maiúscula), deixou a *lógica* de “O Capital”, e isso deveria utilizar-se profundamente nesta questão. Em “O Capital” é aplicada a uma ciência a lógica, a dialética e a teoria do conhecimento [não são precisas três palavras: é uma e a mesma coisa] do materialismo, que tomou tudo o que há de valioso em Hegel e fez avançar esse valioso. Mercadoria – dinheiro – capital [...]. O início - o “ser” mais simples, habitual, maciço, imediato: a mercadoria singular (“*Sein*” na economia política). Sua análise como a de uma relação social. Uma análise *dupla*, dedutiva e indutiva, - lógica e histórica (as formas do valor). (LÊNINE, 1989, p. 284, grifo do autor).

Observamos que Lênin intitulou esse resumo em três páginas de “plano” (sobre a dialética), ou seja, era algo que provavelmente imaginava como uma súmula de ideias para se desenvolver. Estas sucintas passagens, sequer explicadas em detalhes, na verdade nos servem para destacar aquilo que Lênin devia considerar um dos aspectos mais importantes em seus estudos sobre Hegel: a relação estabelecida com *O Capital* de Marx. Parece-nos que Lênin compreendia a dialética, em geral, como um modo de se pensar e, sobretudo, conhecer o mundo - a natureza, a matéria etc. - mas que, em *O Capital*, especificamente, esta serviria como forma de se conhecer a história do capitalismo e dos conceitos que a sintetizavam (como apontara com suas próprias palavras).

Antes, contudo, de passar ao seu compêndio final sobre a dialética e de demonstrar a sua importância para a leitura e aplicação de *O Capital* de Marx, Lênin também faria um apanhado da *Metafísica* de Aristóteles, na sala de leitura da biblioteca de Berna. Ao redigir este breve conspecto sobre o filósofo grego, Lênin assinalou “as exigências, a busca” de Aristóteles pelo “conhecimento objetivo” e a sua “aproximação do materialismo”, destacando que a história da filosofia (metafísica) ocidental “matou em Aristóteles o que era vivo e perpetuou o que era morto” (LÉNINE, 1989, p. 307):

a ciência trata apenas do universal [...], mas realmente (substancialmente) só o singular é. Portanto, um abismo entre a ciência e a realidade? Portanto, ser e pensar são incomensuráveis? “Não é possível nenhum conhecimento verdadeiro do real?” [...]. Aristóteles responde: potencialmente o saber está dirigido para o universal, atualmente para o particular. (LÉNINE, 1989, p. 312, grifo do autor).

Retomemos mais uma vez Benoit para inquietar-nos: ao contrário do que parecia supor Lênin, não seria o próprio Aristóteles um dos responsáveis por este saber dirigido ao particular?¹¹⁵

7.6. Os traços aperfeiçoados

Logo após as poucas páginas redigidas sobre Aristóteles, Lênin escreveria um pequeno texto intitulado *Sobre a Questão da Dialética*. Tal fragmento estaria destinado a

¹¹⁵ Neste sentido, nem mesmo Hegel estaria imune às leituras da longa tradição, “deformando” Aristóteles e sua “racionalidade não-contraditória” a partir do neoplatônico do século V d. C., Proclus. É provável, também, que Lênin tenha apreciado criticamente Aristóteles, de modo “materialista”, sob a influência do “misticismo” hegeliano, tal como o fizera com a “doutrina das ideias” do “idealista” Platão. Para as imprecisões e riscos destas interpretações, inclusive no âmbito do marxismo, cf. Ibid., p. 5 - 20.

tornar-se uma espécie de síntese de seu trabalho sobre a problemática filosófica entre 1914 e 1916. Ali, Lênin resumiria a lei dialética da unidade e da luta dos contraditórios, as concepções metafísica e dialética do desenvolvimento, as categorias do absoluto e do relativo, do abstrato e do concreto, do universal, do particular, do singular, do lógico e do histórico, entre outras, revelando o caráter dialético do processo de conhecimento humano e demonstrando as raízes de classe do idealismo.

A bipartição do uno e o conhecimento de suas partes contraditórias [...] é a *essência* (uma das “essencialidades”, uma das particularidades ou traços fundamentais, se não a fundamental) da dialética. É precisamente assim que também Hegel coloca a questão (Aristóteles na sua “Metafísica” *debate-se* constantemente em volta disto e *luta* contra Heráclito ou as ideias heraclitianas). (LÊNINE, 1989, p. 298, grifo do autor).

Para Lênin, tal aspecto da dialética, a unidade dos contraditórios, deveria ser tomada com especial atenção, algo que, habitualmente, não havia sido empreendido pelos marxistas (“por exemplo em Plekhanov”). Esta unidade seria o reconhecimento de tendências contraditórias, mutuamente exclusivas, opostas, em todos os fenômenos e processos da natureza (“incluindo também o espírito e a sociedade”), ao invés de uma mera “soma de exemplos” ou pura repetição; destas duas formas de abordagem decorreriam duas alternativas distintas para o conhecimento:

A condição do conhecimento de todos os processos do mundo no seu “*automovimento*”, no seu desenvolvimento espontâneo, na sua vida viva, é o conhecimento deles como unidade dos opostos. Desenvolvimento é a “luta” dos opostos. As duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? ou as duas observáveis na história?) do desenvolvimento (evolução) são: desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e desenvolvimento como unidade de opostos (bipartição do uno em opostos mutuamente exclusivos e relação recíproca entre eles). Na primeira concepção do movimento permanece na sombra o *automovimento*, a sua força *motora*, a sua fonte, o seu motivo (ou esta fonte é transportada *para fora* - deus, sujeito, etc.). Na segunda concepção a atenção principal dirige-se precisamente para o conhecimento da *fonte* do “*automovimento*”. A primeira concepção é morta, pálida, seca. A segunda é viva. *Só* a segunda dá a chave para o “*automovimento*” de todo o ente; só ela dá a chave para os “saltos”, para a “interrupção da gradualidade”, para a transformação no oposto, para a eliminação do velho e aparecimento do novo. (LÊNINE, 1989, p. 298 - 299, grifo do autor).

Lênin destacara que a unidade dos opostos seria condicional, temporária, transitória e relativa. A luta dos opostos mutuamente exclusivos, por sua vez, seria absoluta, como absoluto seria o “desenvolvimento e o movimento”. Para a dialética objetiva no relativo haveria absoluto, enquanto para “o subjetivismo e a sofística” o relativo seria apenas relativo, excluindo de si o absoluto.

Marx analisa em “O Capital” primeiro a *relação* mais simples, habitual, fundamental, mais maciça, mais cotidiana, que se encontra milhares de milhões de vezes, da sociedade burguesa (mercantil): a troca de mercadorias. A análise revela neste fenômeno simplicíssimo (nesta “célula” da sociedade burguesa) *todas* as contradições (ou os germes de *todas* as contradições) da sociedade contemporânea. A continuação da exposição mostra-nos o desenvolvimento (*tanto* o crescimento *como* o movimento) destas contradições e desta sociedade, no somatório de suas partes singulares, do seu começo até o seu fim. É deste tipo que deve ser o método da exposição (ou estudo) da dialética em geral (pois a dialética da sociedade burguesa em Marx é apenas um caso particular da dialética). [...] Deste modo, em *qualquer* proposição pode-se (e deve-se), como numa “célula”, revelar os germes de *todos* os elementos da dialética, mostrando desse modo que a todo o conhecimento do homem em geral é própria a dialética. (LÉNINE, 1989, p. 299 - 300, grifo do autor).

Lênin, portanto, parece “descobrir” que a dialética seria precisamente a “teoria do conhecimento (de Hegel) e do marxismo”: este seria o aspecto central, a “essência” da questão, a que Plekhanov (e outros marxistas) não haviam dado suficiente atenção. A dialética como conhecimento vivo, multilateral, como uma infinidade de matizes de qualquer abordagem, como aproximação da realidade, em oposição ao materialismo metafísico, “vulgar”, cujo mal fundamental seria a incapacidade de aplicar a dialética ao processo de desenvolvimento do conhecimento do homem e do mundo. Nesse sentido, o idealismo filosófico seria apenas um “disparate” do ponto de vista do materialismo metafísico. Por outro lado, do ponto de vista do “materialismo dialético”, o idealismo filosófico seria um desenvolvimento (um “avivamento”) unilateral, excessivo, de um dos traços ou aspectos do conhecimento, direcionado, por sua vez, ao “absoluto”, a uma “Ideia” separada da matéria, da natureza e, assim, “divinizada”. Caso não “materializado”, o idealismo filosófico poderia se tornar um caminho para a falsificação através de um dos traços do conhecimento infinitamente complexo (dialético) do homem (LÉNINE, 1989, p. 303 - 304).

O conhecimento do homem não é (ou não segue) uma linha reta, mas uma linha curva, que se aproxima infinitamente de uma série de círculos, de uma espiral. Qualquer fragmento, pedaço, bocadinho desta linha curva pode ser transformado (unilateralmente transformado) numa linha autônoma, completa, reta, que (se por trás das árvores não se vir a floresta) então conduz ao pântano, à parvalhice (onde o interesse de classe das classes dominantes a *fixa*). Retilidade, unilateralidade, imobilidade e ossificação, subjetivismo e cegueira subjetiva, voilà [eis] as raízes gnosiológicas do idealismo. E a parvalhice (= idealismo filosófico) tem, naturalmente, raízes *gnosiológicas*, ela não é desprovida de terreno, ela é indiscutivelmente uma *flor estéril*, mas uma flor estéril que cresce na árvore viva do vivo, verdadeiro, poderoso, onipotente, objetivo, absoluto conhecimento humano. (LÉNINE, 1989, p. 304, grifo do autor).

Eis como, emblematicamente, Lênin encerrara o seu escrito mais específico sobre a dialética. Mais uma vez, buscava-se, como em *O Que Fazer?*, não se “atolar no pântano”. Mais uma vez, definia-se a limitação do conhecimento humano e a constante necessidade de se desenvolvê-lo, avançando e se aproximando, cada vez mais, da verdade, sempre concreta, ou seja, que obedece a interesses de classes, assim como a própria filosofia, tal qual Lênin mesmo observou.

Para Lênin, Hegel havia “adivinhado genialmente” que as formas e leis lógicas não seriam uma “casca vazia”, mas, sim, reflexo do mundo objetivo. Esta demonstração, de fato, fora realizada por Marx em *O Capital*, como mais de uma vez Lênin observara ao longo de suas anotações sobre Hegel e a dialética nos *Cadernos sobre Filosofia*. Uma de suas preocupações filosóficas parecia também se relacionar com certa teoria do conhecimento (ou gnosiologia). Nos *Cadernos*, entretanto, Lênin parece unir esta teoria do conhecimento à lógica, sob o primado da dialética, como resume nos esboços sobre o assunto. Aprofundando seus primeiros escritos sobre o partido, em que afirmava ser a verdade sempre concreta, aqui completa por diversas vezes que a verdade é aproximativa, sempre incompleta, e que deve-se mover continuamente em direção a ela (o conhecimento “em espiral”). Com Hegel, parece descobrir, talvez tenha sido o primeiro marxista, inclusive, a importância da transição e das conexões lógicas para o desenvolvimento conceitual, e de como Marx houvera retirado “a casca mística do idealismo hegeliano” em *O Capital*.

Percebemos, enfim, que Lênin propunha estudar Hegel concretamente, ou seja, para melhor aprender e aplicar *O Capital* de Marx. Não seria uma preocupação exclusivamente atrelada à *Lógica* (“com L maiúsculo”), mas à lógica de *O Capital*, nas suas próprias palavras. Esta seria a sua preocupação “filosófica” fundamental nos “cadernos azuis”, preocupação, aliás, que havia procurado encarar e resolver desde seus primeiros textos sobre o partido (uma de suas contribuições “filosóficas” mais relevantes ao marxismo). Assim, procuramos ler e compreender os *Cadernos* não como uma obra de “filosofia analítica” ou “do entendimento”, mas como uma obra que nos ajuda a compreender melhor o desenvolvimento do *logos* contraditório exposto por Marx em *O Capital* (sob a influência do método de Hegel) e que nos ajuda a compreender também o próprio desenvolvimento teórico-prático de Lênin. Em suma: uma interpretação dialética (com auxílio de Marx e Hegel) sobre o próprio Lênin, tal como ele próprio nos houvera exigido.

É provável, assim, que Lênin tenha fortalecido teoricamente a sua conclusão da necessidade de uma revolução socialista para um momento histórico de enormes contradições do capitalismo (crises, a guerra, a traição dos partidos social-democratas). Um avanço, transição ou salto “lógico” se inter-relacionaria, portanto, com o desenvolvimento da própria história; em outras palavras, com o desenvolvimento contraditório do próprio capitalismo. Longe de afirmarmos que Lênin não alterou em absoluto suas concepções em função de seus estudos filosóficos, pretendemos apontar que esta transformação relativa, que este salto qualitativo, efetuou-se obedecendo a princípios teóricos esboçados previamente por nosso autor. Neste ponto, estaríamos finalmente em condições de discutir uma ruptura teórica (metodológica) em Lênin em função de seus estudos dialéticos e de afirmar que a sua “arte”, essencialmente depurativa, tenha se encontrado com a história e deste modo revelado um autêntico “retrato revolucionário” para a humanidade?

7.7. Um retrato revolucionário para a humanidade

Ao chegar à praça da estação finlandesa de São Petersburgo, em 3 de abril de 1917, vindo de trem desde a Suíça, Lênin expôs a uma multidão que se localizava a sua espera as famosas *Teses de Abril*, resumindo a sua nova fórmula política central na palavra de ordem “todo o poder aos soviets”. No dia seguinte, diante dos representantes locais do marxismo russo, delegados bolcheviques e mencheviques, fez novamente sua exposição (desta vez, um pouco mais pormenorizada). Entretanto, suas diretivas eram agora recebidas unanimemente como as teses “heréticas”, “delirantes”, “insensatas” e “anárquicas” de um Lênin que apresentava ali a proposta de uma transição imediata à revolução socialista na Rússia (contrariando, assim, a ideia que havia perdurado por décadas entre os sociais-democratas sobre a necessidade de uma fase democrático-burguesa).

O discurso inédito de Lênin, na realidade, houvera provocado uma reação igualmente inédita no seio de toda a social-democracia russa: ao invés de agravar as divergências entre bolcheviques e mencheviques mais uma vez, na verdade as tinha suprimido, pois só poderia haver um acordo entre ambas as frações face à nova posição “surpreendente” de Lênin. Um editorial do *Pravda*, em 8 de abril, confirmou essa impressão de unanimidade “antileninista” em defesa dos “princípios elementares do socialismo científico” (LOWY, 1978, p. 126).

Michael Löwy, em conhecido artigo intitulado *Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado*¹¹⁶, foi talvez um dos primeiros autores a apontar que esse “coro de reprovação geral” na realidade descrevia, de modo revelador, que Lênin havia precisamente rompido com o “socialismo científico de outrora”, com uma forma de compreender “os princípios elementares do marxismo”, forma esta que era, em certa medida, comum a todas as correntes da social-democracia marxista na Rússia. A perplexidade, a confusão, a indignação e o desprezo com os quais foram recebidas as *Teses de Abril* não seriam senão

o sintoma do **corte radical** com a tradição do “Marxismo ortodoxo” da II.^a Internacional (nos referimos à corrente hegemônica e não à esquerda radical: Rosa Luxemburgo etc.). Tradição cujo materialismo-mecânico-determinista-evolucionista se cristalizava num silogismo político rigoroso e paralisante: “A Rússia é um país atrasado, bárbaro, semifeudal. Ela não está madura para o socialismo. A revolução russa é uma revolução burguesa”. (LOWY, 1978, p. 126, grifo do autor).

Como sabemos tal modificação não se refere a uma mera preocupação ou elucubração acadêmica. Raramente uma “conversão teórica” fora mais rica de consequências históricas do que a inaugurada por Lênin em abril de 1917. Quais seriam as fontes metodológicas desta mudança? Àquela altura, qual seria a diferença específica entre o seu método e o dos “cânones da ortodoxia marxista de outrora”? Novamente, Löwy nos fornece uma resposta: a compreensão essencial da dialética revolucionária marxista.

Sua dialética revolucionária: eis, **in nuce** [em suma], o ponto geométrico da **ruptura** de Lenin com o marxismo da II.^a Internacional, e, em certa medida, **com sua própria consciência filosófica “de outrora”**. Ruptura que começa logo após à Primeira Grande Guerra, se nutre de uma volta às fontes hegelianas da dialética marxista e resulta no desafio monumental, “louco” e “delirante” da noite de 3 de abril de 1917. (LOWY, 1978, p. 127, grifo do autor).

Löwy destaca que uma das primeiras fontes filosóficas do pensamento de Lênin havia sido *A Sagrada Família*, escrita por Marx e Engels em 1844, e que ele havia resumido, como vimos, em um caderno de notas em 1895. Observa Löwy que Lênin se interessou particularmente pelo capítulo intitulado “Combate crítico contra o materialismo francês”, capítulo que constituiria precisamente o único escrito de Marx onde ele houvera aderido de uma maneira “não crítica” ao materialismo francês do século XVIII, permitindo identificar excepcionalmente um “materialismo metafísico” na corrente marxista. Por outro lado, prossegue Löwy, Lênin era nessa época, “do ponto de vista filosófico, amplamente tributário

¹¹⁶ Op. cit. p. 125 - 141.

de Plekhanov”, sendo “politicamente muito mais flexível e radical” do que seu colega de ofício. Naquele momento, “Lenin aceitava algumas premissas ideológicas fundamentais do marxismo ‘pré-dialético’ de Plekhanov e seu corolário estratégico, o caráter **burguês** da revolução russa” (LOWY, 1978, p. 127, grifo do autor).

Para Löwy, sem essa “base comum” dificilmente se poderia compreender como Lênin, apesar de sua crítica severa e intransigente ao menchevismo e ao liquidacionismo, pode aceitar, entre 1905 e 1910, as várias tentativas de reunificação das duas frações do partido social-democrata russo. Já aqui, portanto, Löwy nos sugere que tal “base comum” seria uma espécie de lógica “pré-dialética”, um materialismo “positivista”, que justificaria uma interpretação marxista sobre um processo revolucionário gradual que tornaria necessária uma “etapa” burguesa no curso de uma revolução na Rússia. Plekhanov seria o maior expoente russo destas premissas ideológicas que, por sua vez, seriam aceitas por Lênin antes de 1914. Contudo, é exatamente no início do capítulo de *A Sagrada Família* destacado por Löwy, que Lênin, em seu conspecto de 1895, anota:

A Ilustração francesa do século XVIII e o materialismo francês são não apenas uma luta contra as instituições políticas existentes mas de igual modo uma luta aberta contra a *metafísica* do século XVII, a saber, contra a metafísica de *Descartes, Malebranche, Spinoza e Leibniz*. [...] A metafísica do século XVII, golpeada pelo materialismo do século XVIII, sofreu uma restauração vitoriosa e plena de conteúdo (*gehaltvolle*) na filosofia alemã e particularmente na filosofia especulativa alemã do século XIX. [...] A isto seguiu-se novamente o “ataque à metafísica especulativa e a toda metafísica”. (LÉNINE, 1989, p. 44 - 45, grifo do autor).

Ora, com suas palavras Lênin não estaria a nos indicar precisamente a sua compreensão de que esta metafísica (analítica e não-contraditória) do século XVII, golpeada pelo materialismo (humanista) do século XVIII, havia sido superada pela dialética de Hegel no século XIX? E que a própria filosofia (especulativa) hegeliana, golpeada pelo materialismo (não-dialético) de Feuerbach, seria, por sua vez, superada pelo marxismo? Parece-nos que Lênin se propunha a justamente buscar os germes (materialistas) da transição de Marx e Engels do jovem hegelianismo (idealista) para o comunismo (ainda que de forma pouco desenvolvida) e não os de uma suposta guinada unilateral a um materialismo “positivista” ou “pré-dialético” por parte de seus autores.

Como notamos em capítulo anterior, Lênin fez seus estudos sobre *A Sagrada Família* quando esteve pela primeira vez no estrangeiro, onde fora entrar em contato com o grupo Emancipação do Trabalho. Nesse sentido, nos parece possível que Lênin tenha lido esta obra tendo em mente a luta fundamental daquela época (contra os populistas russos), como

atestam os seus primeiros escritos da segunda metade dos anos de 1890. Sob tal ponto de vista, é provável, inclusive, que Lênin tenha sido realmente tributário de Plekhanov, qual seja: o de se afirmar uma concepção de mundo marxista em oposição ao idealismo crítico e ao socialismo utópico dos *narodniki*, trabalho que de fato fora levado a cabo de forma pioneira na Rússia por Plekhanov e que, certamente, despertou a curiosidade e o respeito de Lênin. É plausível, portanto, que desde aquele momento suas preocupações teóricas se relacionassem diretamente com circunstâncias históricas e sociais determinadas.

Passando ao ano de 1905, Löwy aponta que uma análise rigorosa do principal texto político de Lênin no período, as *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, demonstrariam com uma “nitidez extraordinária” a “tensão no pensamento” de Lênin entre o seu realismo revolucionário geral e os limites que lhe impunham a construção estreita do marxismo supostamente “ortodoxo”. Por um lado, nesta obra, seriam encontradas análises brilhantes sobre a incapacidade de a burguesia russa levar a termo uma revolução democrática, a qual não poderia ser realizada senão por uma aliança operário-camponesa exercendo sua ditadura revolucionária; Lênin determinaria o papel dirigente do proletariado nessa aliança e, por momentos, pareceria estar prestes a atingir a ideia de uma transição ininterrupta em direção ao socialismo (LOWY, 1978, p. 128).

Por outro lado, nas numerosas fórmulas encontradas em *Duas Táticas*, Lênin voltaria a reafirmar categoricamente o caráter burguês da revolução russa. Seu argumento, segundo Löwy, se assentava no tema “clássico” do marxismo “pré-dialético”: a Rússia não estaria madura para uma revolução socialista. “O objetivo determina o subjetivo, a economia é a condição da consciência; eis, em duas palavras, Moisés e os Dez Mandamentos do evangelho materialista da IIª Internacional” (LOWY, 1978, p. 129). A esta altura, cabe-nos perguntar: estaria madura, de fato? A forte opressão e a fraca resistência dos levantes de 1905 não demonstraram que, em boa medida, o argumento de Lênin estava correto? Como observamos, Lênin reconhecia a rigorosa unidade entre o objetivo e o subjetivo na luta de classes, e talvez conferisse o primado da “economia” sobre a “consciência” naquele momento, como sugere Löwy, justamente porque as forças organizadas ainda não estavam completamente desenvolvidas para uma insurreição bem-sucedida. Aliás, em *O Que Fazer?*, no combate ao espontaneísmo dos “economistas”, insistia justamente no desenvolvimento da consciência em um momento em que o que importava era construir e organizar um partido que elevasse as massas ao nível revolucionário (nível que fora atingido pelas massas independentemente do partido, em 1905).

Sustentar que o “primeiro leninismo” carregou as ambiguidades do marxismo “pré-dialético” e do “velho bolchevismo” especificamente por uma compreensão incompleta (ou mesmo incompreensão) da dialética nos parece possível apenas como parte da resposta. Isto seria, sob a primazia da lógica, negligenciar as condições históricas, algo que Löwy logo adiante vai, inclusive, considerar, quando se referir ao “corte teórico” de 1914, corte proporcionado pelos posicionamentos oportunistas e traidores da ampla maioria dos socialistas-democratas da 2ª Internacional. Se Lênin defende o caráter burguês de uma revolução na Rússia em 1905 (algo que ele se abstém de fazer em *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*), e mesmo rejeita “explícita e formalmente” a Comuna de Paris como modelo para a insurreição russa (“outro tema das *Duas Tácticas* que testemunha o obstáculo metodológico que constituía o caráter analítico deste marxismo”), isto se deve na medida em que as condições e as forças históricas (o partido, a sua atuação e influência sobre as massas) naquele momento eram diferentes e, provavelmente, muito mais atrasadas do que em 1917¹¹⁷. Entretanto, estamos longe de negar que Lênin empreendeu um avanço teórico em face de seus estudos filosóficos. Esse avanço, por si só, todavia é incapaz de explicar a realidade viva e objetiva como um todo em constante movimento e em relação direta com o sujeito que o concebe também no movimento do pensar.

Tal concepção, como adiantamos, é evidenciada por Löwy quando se refere ao “corte” de 1914. A falência da 2ª Internacional teria sido a evidência, ou a circunstância, fulminante de que o marxismo “oficial ortodoxo” havia chegado a sua bancarrota política, conduzindo Lênin a “uma profunda revisão das premissas filosóficas de seu marxismo kautsko-plekhanovista”. Desde então, sua visão sobre a dialética marxista teria sido profundamente alterada, como atestariam os seus escritos nos *Cadernos Filosóficos*. Em seu marxismo “pré-dialético”, Kautsky e Plekhanov (supostas referências filosóficas leninistas principais, de acordo com Löwy) haviam lido cuidadosamente Hegel (o que Lênin observa criticamente em seus *Cadernos*); no entanto, eles o haviam lido e absorvido no âmago de seus sistemas teóricos, como precursor de um evolucionismo ou determinismo histórico (o que, de fato, parece-nos haver ocorrido). As notas de Lênin sobre Hegel constituiriam um desafio ou uma ruptura em relação ao marxismo “pré-dialético” desses autores na medida em que, segundo Löwy:

¹¹⁷ “A única (ou quase) exceção a essa regra era Trotsky que tinha sido o primeiro, em *Bilan et Perspectives* [Balanços e Perspectivas] (1906), a ultrapassar o dogma do caráter burguês-democrático da revolução russa futura; entretanto ele estava politicamente neutralizado pelo seu conciliacionismo-organizacional.” (LOWY, 1978, p. 130, grifo do autor). Não estaria Trótski, àquela altura, avançado logicamente em relação aos acontecimentos históricos?

1. Primeiramente Lenin insiste sobre o abismo filosófico que separa o materialismo “imbecil”, quer dizer, “metafísico, não desenvolvido, morto, grosseiro” do materialismo marxista, que está mais próximo, em compensação, do idealismo “inteligente”, quer dizer dialético. Por conseguinte ele critica Plekhanov por não ter escrito nada sobre a Grande **Lógica** de Hegel [...]. 2. [...] Ao mesmo tempo ele aprova a **démarche** [marcha] dialética pela qual Hegel dissolve a “oposição sólida e abstrata” do subjetivo e do objetivo e destrói sua unilateralidade. 3. Ele sublinha a diferença capital entre a concepção evolucionista vulgar e a concepção dialética do desenvolvimento [...]. 4. Ele critica, com Hegel, a “absolutização do conceito de lei, sua simplificação, sua fetichização” (e ele acrescenta: “N.B. para a física moderna!”). Ele escreve mesmo que “a lei, toda lei, é estreita, incompleta, aproximativa”. 5. Ele vê na categoria de **totalidade**, no “desenvolvimento de todo um conjunto de momentos da realidade”, a **essência mesma do conhecimento dialético**. (LOWY, 1978, p. 133-134, grifo do autor).

Neste ponto, importa-nos observar, de acordo com Benoit (1998, p. 58), que Rosa Luxemburgo (representante da esquerda social-democrata na 2ª Internacional), em artigo intitulado *Questões de organização da social-democracia russa*, de 1904, atacará Lênin acusando-o, como tantos outros, de “jacobino-blanquismo”. Afirmava Rosa, particularmente, que a social-democracia não estaria ligada à classe operária, como pensara Lênin, mas que a social-democracia seria o próprio movimento imanente da classe operária, situando-se inteiramente em seu interior. Rosa opunha-se, assim, à posição leninista de separação entre o partido e a classe, bem como à ideia, reconhecida como kautskyana, de que a consciência socialista deveria ser posta de fora, já que não se desenvolveria de maneira orgânica entre o proletariado. Na verdade, esclarece-nos Benoit, as posições de Lênin, já naquela época não se confundiam com as de Kautsky (ao contrário do que Löwy sugere). Em setembro de 1904, contestando os ataques de Rosa, Lênin escreveu um artigo denominado *Um passo em frente, dois passos atrás* (com o mesmo título de seu livro, portanto) enviando-o a Kautsky para ser publicado na revista social-democrata alemã *Die Neue Zeit* (O Novo Tempo). Kautsky recusou o escrito de Lênin, impedindo-o de manifestar a sua réplica contra Luxemburgo. Kautsky, inclusive, responsabilizara Lênin pela cisão do POSDR em seu segundo congresso, em 1903. Deste modo, portanto, Lênin caminhava com a sua teoria marxista do partido, há muito tempo, contra as diversas alas da 2ª Internacional.

Löwy, entretanto, aponta-nos que, somente em 1914, “com a leitura materialista de Hegel”, Lênin conseguira libertar-se da construção estreita do marxismo pseudo-ortodoxo da 2ª Internacional, do “limite teórico” que este marxismo impunha ao seu pensamento. O estudo da lógica hegeliana seria o principal instrumento pelo qual Lênin desimpedira o caminho que o acabou conduzindo à estação finlandesa de São Petersburgo. Uma vez

ultrapassado esse obstáculo teórico representado pelo marxismo “pré-dialético”, e sob impulso dos acontecimentos, ele começaria a estudar o problema sob um ângulo prático e concreto: quais as medidas, constituindo de fato uma transição para o socialismo, poderiam ser tomadas para serem aceitas pela maioria do povo russo, isto é, das massas operárias e camponesas. A partir daí, Lênin conferiria as respostas que causariam surpresa aos demais camaradas quando desferiu suas palavras à massa de operários, soldados e marinheiros, convocando-os a lutar pela revolução socialista (LOWY, 1978, p. 135).

Ao analisar estas medidas “práticas, concretas e realistas”, Löwy destaca que as *Teses de Abril* na verdade haviam nascido em março de 1917, mais precisamente entre 11 e 26 de março, estando contidas fundamentalmente na terceira e na quinta *Cartas de Longe* escritas por Lênin nesse período. Para Löwy, a análise rigorosa de tais documentos (que foram integralmente publicados apenas em 1949) nos permitiria “apreender o movimento mesmo do pensamento de Lenin”. À questão capital - a revolução russa poderia tomar medidas imediatas de transição para o socialismo? - Lênin responderia em dois momentos distintos: no primeiro (“Carta 3”) ele questionaria a resposta “tradicional”; no segundo (“Carta 5”) ele conferiria uma resposta “nova”. Na “Carta 3”, encontraríamos “dois momentos justapostos em uma contradição não resolvida”, nos quais Lênin inicialmente sublinharia que as medidas tomadas não seriam ainda socialistas, ou relativas à ditadura do proletariado, não ultrapassando assim os limites de uma “ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres”, acrescentado em seguida, contudo, que não importava proceder naquele momento a uma “classificação teórica fixa” de tarefas complexas “em vias de desenvolvimento rápido”. Quinze dias depois, na quinta carta, o “abismo seria ultrapassado” e o “corte político consumado”: as medidas mencionadas (controle da produção e da distribuição, a fusão de todos os bancos etc.) constituiriam “em vistas de seu conjunto e em sua evolução” já uma transição ao socialismo (LOWY, 1978, p. 136).

Sendo assim, de acordo com Löwy, poderíamos inferir que, em sua terceira carta de março de 1917, Lênin apontava justamente para a “fórmula pré-dialética” de 1905, a ditadura democrático-revolucionária sustentada em *Duas Tácticas*, e que, quinze dias depois (em sua “Carta 5”), consolidava o seu corte teórico (“dialético”) estigmatizado nas medidas transitórias ao socialismo, alcançadas, por sua vez, através dos estudos presentes nos *Cadernos Filosóficos*. Mas, ambas as cartas, em suas semelhanças e diferenças, não haviam sido escritas após a leitura materialista de Hegel, entre 1914 e 1916? O próprio Löwy parece se embaraçar ao verificar que mesmo as *Teses de Abril* “falam muito de transição entre a

primeira etapa da revolução e a segunda que deve dar o poder ao proletariado e as camadas pobres do campesinato”, reconhecendo que isto não estaria em contradição com a fórmula tradicional do “velho bolchevismo”, pois o conteúdo das tarefas deste poder (democráticas ou revolucionárias) nem mesmo estaria definido por Lênin.

Acompanhamos em nossa exposição até aqui, que Lênin, antes de 1905, em seus dois textos políticos principais, *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás* (e mesmo em outros textos “acessórios” do período), absteve-se de proceder a qualquer classificação das tarefas práticas da revolução sobre o “leito de uma teoria fixa”, congruentemente, portanto, com o que apontara em sua terceira carta de longe, redigida em março de 1917. Nos dois escritos anteriores, importava-lhe construir um partido marxista, depurando-lhe das sucessivas tendências oportunistas e elevando a organização (e também as massas) ao nível revolucionário. Parece-nos demonstrável que Lênin lidava com a hipótese de que o proletariado e o partido não haviam alcançado ainda tal nível e que, para tanto, era necessário atuar sobre os diferentes estágios de consciência por meio de um trabalho abnegado e minucioso, detalhado teoricamente por Lênin em 1902. A sublevação de 1905, “auxiliada” pela Guerra Russo-Japonesa, deve ter proporcionado as condições práticas e materiais que os momentos anteriores não haviam fornecido a Lênin.

O próprio Löwy frisa que Lênin, em 1917, havia destacado que a tarefa revolucionária imediata na Rússia de então não era a de se “introduzir” o socialismo, mas unicamente a de se passar o controle da produção social e da repartição dos produtos aos soviets de deputados operários, “fórmula maleável” onde a caracterização desse controle também não era definida. No entanto, haveria nesta sentença já uma revisão da antiga concepção bolchevique sobre o Estado-Comuna como modelo para a República dos Sovietes. Para Löwy, o texto crucial de Lênin a esse respeito seria uma pequena brochura intitulada *Cartas sobre a tática*, redigida entre 8 e 13 de abril (provavelmente sob o impulso “anti-Lênin” do *Pravda* de 8 de abril), onde encontraria-se a “frase-chave” que resumiria o “movimento histórico” efetuado por Lênin e sua “ruptura definitiva, explícita e radical” com o que havia de ultrapassado no bolchevismo “de outrora”:

“Quem, **atualmente**, não fala senão de ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato atrasa a sua vida; **passa** devido a esse fato, praticamente, à pequena burguesia, e merece ser relegado aos arquivos das curiosidades **bolcheviques** pré-revolucionárias - aos arquivos dos ‘velhos bolcheviques’ poder-se-ia dizer”. (LENIN apud LOWY, 1978, p. 138, grifo do autor).

Cabe perguntarmos: com esta citação, tal como em 1905, Lênin não estaria, “nova” e coerentemente, dizendo que “as palavras haviam sido superadas pelos fatos” e que o “movimento as havia deixado para trás”? Em função do rápido e complexo desenvolvimento da realidade, com o agravamento das contradições do capitalismo pela deflagração da Primeira Grande Guerra (agora mundial e agora apoiada pelos sociais-democratas traidores da 2ª Internacional), Lênin não estaria sustentando uma “antiga” fórmula, a de se estabelecer uma forma de poder popular (sob hegemonia operária) destinada a realizar uma transição socialista? A “novidade” histórica agora (ao invés de lógica) não seria a aparição dos sovietes de deputados operários e soldados como instrumento dessa transição (ao invés de um governo provisório entre operários e camadas proletarizadas da pequena-burguesia)? Pensamos que a concepção, reconhecida como trotskista, de que a “ditadura do proletariado apoiada pelo campesinato que efetua a passagem ininterrupta da revolução democrática à revolução socialista” já estaria, portanto, potencialmente contida em seus primeiros textos sobre a teoria do partido (e sobre o programa revolucionário imanentemente ligado a ela), ao contrário do que defendeu Löwy em seu artigo.

Devemos, mesmo assim, destacar que a contribuição de Löwy é notável. A leitura que faz de Lênin, sobre os seus estudos da *Lógica* de Hegel em Berna até as palavras de ordem pronunciadas na estação finlandesa de São Petersburgo, entre 1914 e 1917, está conservada também em nossa tese. No entanto, sustentar uma “ruptura radical” entre os escritos desse período e os dos anteriores, baseados numa suposta vinculação filosófica de matiz “kautsko-plekhanovista”, nos parece aqui insuficiente, uma vez que Löwy não aborda estes escritos com o detalhamento que fez sobre as *Duas Tácticas* e os *Cadernos*, e também porque tal vinculação nos mostra bastante questionável, de um ponto de vista “filosófico”. Ademais, por “pré-dialética” Löwy parece entender apenas a ideia circunscrita à necessidade de uma revolução burguesa na Rússia e por “dialética” a ideia de uma transição imediata ao socialismo, “esquecendo-se” dos elementos de transição (as “conexões”, as “interligações”, os “saltos”) que podem estar contidos na própria realidade.

Quando menciona a questão da Comuna de Paris, a de sua rejeição por Lênin em *Duas Tácticas*, por exemplo, Löwy não leva em conta que Lênin parecia querer se afastar de certa concepção fetichizada ou unilateralmente espontaneísta dos conselhos (relembramos aqui que Lênin fora acusado de “anarquista” por ocasião das *Teses*); ele os pensara em relação com o partido marxista, uma relação que, àquela altura, ainda não era verificada

historicamente na Rússia¹¹⁸. Inicialmente, os mencheviques eram muito mais “simpáticos” aos soviets (como meros instrumentos sindicais ou de simples expansão do partido) do que os bolcheviques. Quando aponta Kautsky e Plekhanov como “influências filosóficas” de Lênin, Löwy não ressalta também que estas se davam, muito provavelmente, mais por necessidades práticas, como autoridades da social-democracia internacional e russa, respectivamente, do que por um “tributo” aos seus desenvolvimentos teóricos específicos. Vale lembrar que Lênin os apoiava, desde cedo, com restrições¹¹⁹. Sua aproximação, sobretudo de Plekhanov, a nosso ver, pode ser encarada sob dois aspectos principais: o de afirmação de um ponto de vista teórico em geral (marxista) e o de efetivação política em particular (social-democrata). As diferenças táticas e estratégicas, sobre o caráter da revolução, a organização do partido e a mediação por um jornal, haviam sido expostas desde o período de fundação do *Iskra* e da redação do programa do POSDR, isto é, no início de 1900.

Em nossa Introdução mencionamos as várias problemáticas que podem ser pensadas dialeticamente em Lênin. E isto Löwy não deixa claro, apesar de suas valiosas observações sobre a importância dos estudos de Lênin frente às cruciais circunstâncias históricas determinadas entre 1914 e 1917. Emblematicamente, ao final, Löwy parece-nos deixar uma pista ambígua (expondo ele mesmo, talvez, certa “tensão” em seu próprio pensamento) sobre o que supomos ser justamente a limitação metodológica contida em seu artigo (e que procuramos defender em nossa exposição até aqui): frisando que Lênin não deduziu simplesmente as suas *Teses da Lógica* de Hegel (apesar de afirmar ser inegável que os *Cadernos* constituiriam uma ruptura filosófica em relação ao “primeiro leninismo”), Löwy aponta que seria “necessário reconhecer também que o método utilizado nos escritos políticos de Lenin antes de 1914 era muito mais ‘dialético’ que o de Plekhanov ou Kautsky” (LOWY, 1978, p. 40).

¹¹⁸ Conta-nos Oskar Anweiler que até agosto de 1917 apenas uma pequena minoria do povo russo apoiava os bolcheviques. Entretanto, a sua influência mais visível já se dava sobre as zonas industriais do campo e das capitais das províncias e, sobretudo, entre os operários industriais. A participação decidida dos bolcheviques frente à crise do governo czarista, diante das crescentes necessidades econômicas nas cidades, as medidas propostas para o problema agrário e, principalmente, a diretiva política de paz diante da guerra imperialista, predispueram amplos círculos do povo russo a favor das consignas bolcheviques que prometiam paz, terra e pão. As frequentes eleições dos soviets, sindicatos, comitês de fábricas, órgãos de autonomia urbanos e rurais, regimentos de soldados e entre os marinheiros refletiam esse vertiginoso crescimento da influência bolchevique. Em abril, o número de membros do partido era de 80 mil; em setembro 240 mil (para cada membro somavam-se em torno de 50 simpatizantes). Estes números se expandiriam até outubro, quando, nas palavras de Anweiler, o predomínio bolchevique nos soviets fora decisivo para a revolução. Para o detalhado processo de “bolchevização” dos soviets e os preparativos para a Insurreição de Outubro, cf. ANWEILER, O. **Los Soviets en Rusia, 1905 - 1921**. Madrid: Zero, 1975. p. 186 - 217.

¹¹⁹ Krupskaja relata que as “dificuldades de relacionamento” entre Lênin e Plekhanov datavam desde as primeiras discussões para a fundação do *Iskra* (KRUPSKAYA, 1937, p. 36).

Michael Löwy dá importantes passos e pistas ao marxismo para o estudo da obra teórico-prática de Lênin. Talvez tenha sido um dos primeiros autores a apontar a importância da leitura dos *Cadernos Filosóficos* para o leninismo (*Cadernos* que, por sua vez, tenham cumprido a tarefa pioneira de demonstrar a importância da dialética hegeliana para *O Capital* e o marxismo). Vimos que, de fato, Lênin superara a sua concepção sobre as tarefas revolucionárias imediatas na velha Rússia, que havia explicitado em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*. Todavia, sua noção sobre uma suposta revolução burguesa em 1905 já nos mostrara radicalmente distinta da concepção proposta por outros sociais-democratas: àquela altura propunha uma dualidade de poder baseada na ditadura democrático-revolucionária do proletariado (operários e camponeses) e na necessidade de expansão da revolução por toda a Europa (esta ideia, em teoria, comum às demais frações do partido). Um salto, a nosso ver, ocorrera fundamentalmente em função das modificações das condições históricas, mais do que em função de uma guinada “lógica” na sua concepção sobre o programa e sobre a atuação do partido, instrumento de mediação entre a consciência revolucionária organizada e a espontaneidade das massas, que Lênin já havia esboçado dialeticamente desde 1902 (importa aqui lembrarmos que Lênin aparentemente havia lido Hegel há muito tempo, desde seu exílio siberiano ao final dos anos de 1890). Tal conversão seria assim, dialética; dialeticamente particular, pois em si conteria o geral, a revolução socialista, que Lênin, em nenhum momento, ao contrário dos sociais-democratas traidores da 2ª Internacional, indicara ter “desprezado”. Parece-nos, aliás, que ele sempre buscou conectá-la à realidade e às circunstâncias de cada época específica, e que seus textos, sempre imbuídos de um caráter concreto, acabaram por registrar.

Sua teoria (dialética) do partido, expressão desta unidade, inclusive, baseou-se, desde o princípio, na necessidade constante de desenvolvimento em função das condições históricas, isto é, mesmo uma modificação na compreensão da possibilidade de um salto qualitativo (revolucionário) na Rússia parece já estar contida, potencialmente, no interior da obra teórica sobre a constituição do partido marxista, talvez a maior contribuição “filosófica” de Lênin em seus textos. Como o próprio Lênin observou abertamente nos *Cadernos*: “Em que se distingue a transição dialética da não dialética? No salto. Na contradição. Na interrupção da gradualidade. Na unidade do ser e do não ser” (LÉNINE, 1989, p. 245). Ou seja, ao invés de um “corte” metodológico, uma “ruptura definitiva, explícita e radical”, como proposto por Löwy, sustentamos, assim, haver unidade dialética em seu pensamento e escritos, interrompidos em sua gradualidade pelas contradições do real.

Diferentemente de Marx (e de Engels), Lênin fora, desde o seu início como escritor, um marxista¹²⁰ (mesmo que na juventude pudesse ter sido “simpático” aos atos heroicos dos *narodvoltsi*). Em seu percurso por nós observado, parece ter levado rigorosamente consigo a epígrafe contida em *O Que Fazer?*, extraída de uma carta de Lassalle a Marx, em 1852: “o Partido reforça-se depurando-se”. Assim fora com os populistas e com os terroristas (em defesa do marxismo e do programa social-democrata); com os “economistas” e com os “revolucionaristas” (em defesa da unidade tática entre a luta econômica espontânea e a atuação política consciente do partido revolucionário, em um momento em que se importava construir tal partido); com os mencheviques (ao defender as formas de uma organização centralizada, em que se fundissem todos os círculos, em um momento em que se importava fortalecer o partido); com os sociais-democratas aproximados dos liberais (ao insistir na necessidade de uma insurreição armada para se implementar uma ditadura democrática do proletariado e do campesinato e preparar já ali uma transição ao socialismo, ao invés de uma participação secundária em um governo provisório para consolidação do capitalismo na Rússia); e, por fim, com todos os socialistas (“socialis-chauvinistas”) que haviam apoiado seus governos burgueses e insistiam em medidas democráticas em um momento contraditório da história da humanidade em que a própria guerra mundial poderia “auxiliar” a transição direta, a interrupção da gradualidade, rumo ao comunismo internacional que, àquela altura, passava a conhecer uma “nova” forma de governo operário dialeticamente organizada (os soviets de deputados operários e soldados, em sintonia com o partido bolchevique).

Somente assim, parece-nos possível compreender como o jovem inclinado ao populismo-terrorismo, tornou-se marxista; como o “homem da maioria” tornou-se “minoria”; como o “autoritário” ou “centralista” tornou-se “espontaneísta” ou “anarquista”; como o socialista tornou-se comunista; como as teses “heréticas”, “delirantes” e “insensatas” tornaram-se insígnias reais e históricas. Somente assim, portanto, parece-nos possível compreender a ideia de que “cada tempo tem circunstâncias tão peculiares, é um estado tão individual, que é nele e a partir dele próprio que se tem que se decidir e que somente se pode decidir” e de como “somente estes grandes homens na história, cujos fins particulares próprios contêm o substancial” podem representar o “espírito do tempo”, esta necessária “alma do mundo”.

¹²⁰ Embora, ironicamente, Marx, em fins da década de 1870, já dissesse, referindo-se aos “marxistas” franceses, que “tudo o que eu sei é que não sou marxista”. Cf. MARX, K.; ENGELS, F. Cartas: Engels a Schmidt, 5 de agosto de 1890. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. v. 3. p. 283.

Presume-se que foi do alto de uma sacada que Hegel, impressionado, viu Napoleão e seu estado-maior desfilar pelas ruas de Iena em direção à batalha, vencida por ele no dia 14 de outubro de 1806. Na carta que o filósofo alemão enviou ao seu amigo Friedrich Niethammer, datada de 13 de outubro daquele ano, escrevera: “Vi o imperador - esta alma do mundo - cavalgando a cidade em reconhecimento. Certamente é uma sensação maravilhosa a de ver tal indivíduo que, montado a cavalo, concentrado num ponto, abarca o mundo e o domina” ¹²¹. É provável que os operários, camponeses, soldados e marinheiros que aguardavam Lênin na estação finlandesa de São Petersburgo, em 3 de abril de 1917, tenham experimentando a mesma sensação ao vê-lo desembarcar de um trem e proferir de cima de um carro blindado a palavra de ordem: “todo o poder aos soviets”. Para Hegel, a batalha de Iena representara “o fim da História”. Para Lênin, a estação finlandesa de São Petersburgo representara um necessário reinício.

¹²¹ HEGEL, G.W.F. Hegel to Niethammer - October 13, 1806. In: _____. **Letters**. Web, 2017. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/hegel/works/letters/1806-10-13.htm>>. Acesso em: 09 de outubro de 2017, tradução nossa.

CONCLUSÃO

Lênin e a obra-prima não ignorada

Ao final de sua biografia sobre *O Capital* de Marx, Francis Wheen observou que, embora o próprio Marx houvesse alegado, no posfácio à 2ª edição, que a compreensão que a sua obra-prima rapidamente encontrou em amplos círculos da classe operária alemã fosse a maior recompensa para o seu trabalho, parece pouco provável que o volume tenha chegado a tantos trabalhadores quanto ele gostaria (foram necessários quatro anos para que as mil cópias da primeira edição se esgotassem).

Curiosamente, enquanto na maioria dos países capitalistas europeus o livro de Marx era constantemente ignorado, jornais e periódicos na velha Rússia feudal publicavam resenhas bastante favoráveis. Na realidade, uma edição russa de *O Capital* apareceu pela primeira vez em São Petersburgo na primavera de 1872, ao passar pelos censores do czar com a justificativa de que não teria qualquer aplicação no país e que, portanto, não poderia ser perigosamente subversiva. Julgaram o texto tão impenetrável que poucos o leriam, e menos ainda o compreenderiam. Porém, grande parte dos três mil exemplares que haviam sido impressos se esgotou em menos de um ano. “Não é uma ironia do destino”, escrevera Marx a Engels, “que os russos, contra os quais lutei por 25 anos, sempre queiram ser meus patronos? Eles correm, por pura glotonaria, atrás das mais extremadas ideias que o Ocidente tem a oferecer” (MARX apud WHEEN, 2007, p. 92).

Como especialista em ironias (um antigo recurso dialético), Marx talvez se visse obrigado a sorrir diante de seu destino: um escritor alemão sem muita honra em sua terra natal, e ainda menos considerado em seu país de adoção, a Inglaterra, tornaria-se a inspiração para um célebre levante no local onde menos se esperava, a Rússia (nação raramente mencionada em seus escritos). No fim de sua vida, entretanto, Marx se recuperaria desta “omissão”; o sucesso da edição russa de *O Capital* levou-o a imaginar que lá, afinal, houvesse algum potencial revolucionário. Seus tradutores eram adeptos do populismo, movimento que acreditava que a Rússia poderia passar diretamente de seu feudalismo para um socialismo agrário, “fundamentado”, inclusive, nos estudos de Marx.

As análises da maturidade de Marx sobre os efeitos prejudiciais do capitalismo o haviam convencido de que, se possível, este estágio do modo e das relações de produção deveria ser evitado, e, uma vez que a Rússia já possuía no campo uma forma embrionária de propriedade coletiva de terra, que esta poderia ser o princípio para um desenvolvimento comunista superior, ao invés de depositá-la nas mãos de proprietários privados simplesmente para se obedecer a uma lei inelutável da história. Amparados pelo “esquema” original do *Manifesto Comunista* (de 1848), contudo, os primeiros marxistas russos, como Georgi Plekhanov, defendiam que as condições para o socialismo não amadureceriam na Rússia até que a sua industrialização fosse completa.

A esta altura, Marx já acompanhava atentamente o desenrolar dos acontecimentos na Rússia. O movimento insurrecional, embora restrito, impressionava por sua determinação e eficácia: entre 1879 e 1881, a Vontade do Povo, uma dissidência do movimento populista, realizou uma série de atentados à vida do czar Alexandre II. Seis anos depois, uma fração que se intitulava herdeira da Vontade do Povo planejava assassinar também o czar Alexandre III; um dos envolvidos fora enforcado por tomar parte na trama. Era Alexandre Ulianov, cujo irmão adolescente, Vladimir, tornar-se-ia conhecido como Lênin.

A subsequente enxurrada de detenções e execuções levaria muitos revolucionários russos ao exílio. Plekhanov mudou-se para a Suíça. Para lá, também se dirigiu Vera Zasulich, que, em 1876, havia disparado um tiro contra o governador-geral de São Petersburgo. A despeito de seu passado populista, ela agora desaprovava a tendência cada vez mais violenta e czaricida do socialismo russo, que parecia haver perdido de vista quaisquer imperativos científicos e objetivos formulados em *O Capital* (interpretando-os à sua maneira particularmente “eslava”). No entanto, às margens do lago de Genebra, a questão camponesa e a operária continuavam incomodando os marxistas russos. Em 1881, Zasulich apelou ao próprio Marx para buscar uma opinião abalizada sobre o possível futuro da comuna rural russa e de uma suposta teoria da inevitabilidade histórica, segundo a qual todos os países do mundo atravessariam uma fase de produção capitalista. Marx se debateu sobre o problema por algumas semanas e escreveu quatro esboços de resposta. Um mês depois, enviou uma breve carta dizendo que a sua “assim chamada teoria” fora mal interpretada: a “fatalidade histórica” da etapa burguesa era expressamente limitada aos países da Europa Ocidental, enquanto que, no caso dos camponeses russos, a propriedade comunal poderia se tornar o “ponto de apoio” (*point d'appui*) para uma “regeneração social” no país (MARX, 2013, p. 114 - 115).

Cinco dias após Marx ter enviado a versão final de sua resposta à Zasulich (que permaneceu “esquecida” pela destinatária e por Plekhanov, por vários anos), um pequeno grupo ligado à Vontade do Povo assassinou o czar Alexandre II, em São Petersburgo, ao arremessar uma bomba em sua carruagem. Com plena convicção de que a revolução só se realizaria pela ação coletiva da classe trabalhadora organizada em seu partido, ao invés de proezas individuais ou atos de anarquismo, seria de se esperar que Marx se aliasse à Zasulich e a Plekhanov mais que aos terroristas radicais. Porém, em seu prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista* (de 1882), demonstrou a sua simpatia pelos atos heroicos e destemidos dos *narodvoltsi*, alçando a Rússia à condição de destacamento de vanguarda do movimento revolucionário da Europa (frizando ali, novamente, que a sua propriedade comum de terra poderia servir como ponto de partida a um desenvolvimento comunista, se completasse e fosse completada por uma revolução proletária internacional).

O jovem Karl Marx havia passado muitos anos denunciando os socialistas que colocavam suas crenças a serviço de golpes, atentados e conspirações sectárias. Em 1882, entretanto, estava doente e fatigado. Depois de tanto aguardar o momento oportuno para a revolução proletária, ansiava, provavelmente, por qualquer tipo de deflagração. Naquela primavera, segundo Wheen (2007, p. 103), após o nascimento de um neto, comentaria que “o lado ruim neste momento é ser ‘velho’, de modo a apenas prever, e não testemunhar” o período revolucionário.

Anos após a morte de Marx, em 1883, quase todos os principais dirigentes da Revolução Russa de 1917 o citariam, e em especial *O Capital*, como a autoridade para a concretização de suas propostas. Trótski teria estudado o livro em 1900, quando se encontrava na Sibéria, exilado em uma vila infestada por insetos, de onde removia as baratas para fora das páginas de seu exemplar. Lênin, o havia lido em 1888, com precoces 18 anos, onde o encontrara em um círculo clandestino de estudos marxistas, na província de Cazã. Embora os seus primeiros textos tenham sido apresentados como uma espécie de “suplemento” às obras de Plekhanov (no combate ao socialismo utópico dos populistas russos) e de Marx (sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia), estes não apresentavam o primor e a erudição contidos nos trabalhos de seu maior mestre; é provável que estivessem imbuídos já ali do que seria o seu principal traço: a funcionalidade com o propósito de se atingir um objetivo imediato, sempre direcionado à transformação social. É possível, também, que carregassem desde então o essencial de uma “arte” que lhes era comum, a dialética.

Já em seu primeiro escrito social-democrata de grande repercussão, publicado no jornal que ele mesmo havia idealizado como o instrumento de mediação entre as classes proletarizadas e a direção revolucionária (*Por Onde Começar?*, de 1901), Lênin definia o caráter principal da luta política e de seus métodos de ação para se estruturar um combativo partido marxista para toda a Rússia, capaz de “não somente arrancar concessões isoladas, como também conquistar a própria fortaleza da autocracia”. O “velho” problema do terrorismo era ali enfrentado por Lênin com uma audácia dialética, ao recusar-se a negar unilateralmente o valor dos heroicos ataques solitários, tal como Marx em seus últimos anos, prevenindo energicamente, entretanto, que o terror jamais seria “uma ação militar de caráter ordinário” (LENIN, 1976, p. 14; p. 16, tradução nossa).

Em seu tratado posterior, no ano de 1902, *O Que Fazer?*, Lênin desenvolveria a tese de que a tarefa imediata do Partido Operário Social-Democrata Russo (que havia sido oficialmente fundado em 1898), para aquele momento, era a de combater entre os revolucionários o espontaneísmo de uma luta exclusivamente econômica, que visasse somente à melhoria nas relações de trabalho entre operários e patrões (para Lênin, este importante “primeiro passo” já havia sido dado pelos sociais-democratas russos, através da organização da chamada “literatura de denúncias” no interior das fábricas). Em seu movimento seguinte, o partido deveria avançar e trazer os trabalhadores efetivamente para “debaixo das asas” da social-democracia, organizando um trabalho político verdadeiramente revolucionário e não meramente sindical. No Ocidente, esta distinção entre o “*trade-unionismo*” e a social-democracia era já estabelecida; na velha Rússia autocrática e repressiva, tais garantias não haviam sido ainda adquiridas e não estavam, por este motivo, claramente demarcadas.

Assim, tratava-se para Lênin de superar dialeticamente (e não de maneira unilateral) o espontaneísmo “economista” que havia dominado os círculos social-democratas russos. Tratava-se, também, de construir uma organização que fosse capaz de sintetizar as experiências conspirativas anteriores (todo o período pré-social-democrata das organizações anarco-populistas e terroristas) e a ação de propaganda pública e legal do período organizativo social-democrata (iniciado com a fundação do POSDR). Tratava-se, enfim, em *O Que Fazer?*, da necessidade de se constituir uma vanguarda marxista de revolucionários profissionais que introduziria o marxismo no então movimento econômico espontâneo e politicamente inconsciente da classe operária (e das demais classes que “tendiam” para ela), transformando a este em movimento organizado e consciente, econômico (objetivo) e político (subjetivo), ao mesmo tempo (BENOIT, 1998, p. 52).

Todavia, para o pensamento não dialético de muitos sociais-democratas, parecia impossível realizar o entrecruzamento de gêneros tão contraditórios de organização e de táticas de luta tão distintas. Antes do II Congresso do POSDR, em 1903, uma grande divisão entre os marxistas russos havia dado origem a dois principais agrupamentos, o dos *iskristas* e o dos *anti-iskristas* (em alusão ao jornal defendido por Lênin, Plekhanov e demais camaradas, o *Iskra*). Ao longo das votações, um desacordo aparentemente formal, a adesão partidária restrita apenas a membros diretamente envolvidos no trabalho de organização, na verdade ocasionou uma nova cisão que haveria de repercutir por toda a 2ª Internacional. Em 1904, Lênin escreveria outra obra em que desenvolveria essencialmente a questão do partido: *Um passo em frente, dois passos atrás*. Ali, Lênin analisaria minuciosamente as atas do II Congresso, que havia dividido os *iskristas* em mencheviques (minoridade adversária dos posicionamentos de Lênin) e bolcheviques (maioria aliada a Lênin). Procurando mostrar quais eram os problemas de fundo que estavam contidos nesta “pequena” divergência, Lênin observaria que os oportunistas em matéria de organização, inclinando-se a considerar com hostilidade todo o rigor organizativo e ridicularizando-o como “formalismo” ou “burocratismo”, expressavam na realidade uma mentalidade empirista de intelectuais pequeno-burgueses, em que as relações de organização poderiam ser postuladas de maneira suave, confusa e indeterminada, de forma a completar os seus espíritos de círculo (em lugar do espírito de partido) com frases anarquistas e segregacionistas.

Supostamente, em 1904, esta divergência “mínima” se manifestava, sobretudo, em matéria de organização (admissão ou não ao partido, e submissão ou não à sua estrutura dirigente centralizada), uma vez que o programa e a tática do partido já haviam sido consolidados por Lênin e o então grupo aliado do *Iskra*, contra populistas, terroristas, “economistas”, marxistas “legais”, “revolucionaristas” (ou socialistas revolucionários) etc. No entanto, a cisão por questões organizativas entre bolcheviques e mencheviques se manifestaria mais tarde como decisiva, também, em termos estratégicos. Somente a incompreensão desta divergência original poderia ocultar os dois programas antagônicos que ali potencialmente já estavam presentes. Ali já estavam contidas duas concepções radicalmente distintas de se pensar a própria revolução socialista. Para Lênin, era preciso diferenciar claramente os níveis organizativos para justamente estabelecer a dialética entre eles. Formas organizativas vagas, sem determinação precisa, sem fronteiras rigorosas, dissolviam o rigor do trabalho revolucionário e impediam, sobretudo, que ele se realizasse enquanto desenvolvimento dialético crescente (BENOIT, 1998, p. 55).

Neste processo, a exemplo do que já vinha ocorrendo no âmbito da social-democracia internacional (sobretudo, alemã), os mencheviques dissolviam a consciência teórica marxista na legalidade burguesa, abrindo caminho para oportunistas e futuros traidores. Percebera Lênin, já em 1903 e 1904, que a falta de rigor organizativo, o evolucionismo-mecanicista, as acusações ao “jacobinismo” e ao “blanquismo” dos leninistas, eram inseparáveis da falta de rigor menchevique na teoria e na prática do próprio marxismo. Assim, as pequenas divergências organizativas se manifestariam também nos próprios princípios do programa da revolução russa e da revolução mundial. Os levantes russos de 1905 estariam destinados a conter todos os elementos dos embates sobre a futura insurreição; no entanto, esses elementos apareciam ainda como prólogo, de forma não completamente desenvolvida. Até aqui, Lênin parecia totalmente empenhado em edificar um partido capaz de eliminar todas as “influências deletérias que assaltavam à Rússia por todos os lados”, ou seja, um partido capaz de derrubar o absolutismo. Este partido, independente, clandestino e legal (tal qual o propagado por Marx e Engels em sua mensagem à Liga dos Comunistas, de 1850), o partido bolchevique, estaria destinado a ser a negação da negação na história dialética das organizações operárias. Antes dos acontecimentos de 1917, contudo, a realização histórica do partido ali projetado estava ainda distante de se confirmar.

Não obstante, Lênin seguia diferenciando claramente o seu método do de seus opositores para uma revolução na Rússia. Ao contrário do que sugerem alguns comentadores, tais como Michael Löwy, as suas concepções já não se confundiam com as das demais frações do partido social-democrata russo (principalmente, a menchevique “liquidacionista” - que pretendia um completo abandono das tarefas clandestinas para uma atuação exclusivamente legal e parlamentar do partido) e mesmo com as das diversas alas da 2ª Internacional (inclusive, a esquerda de Rosa Luxemburgo etc.). Em sua prescrição, Lênin unia dialeticamente a necessidade de uma ditadura democrática do proletariado (operários e camadas mais pobres do campesinato) para lutar por certas liberdades burguesas e, simultaneamente (e em armas) salvaguardar os interesses da classe operária por sua luta pela revolução socialista, que haveria de eclodir imediatamente após o estabelecimento de um governo provisório. Desta forma, uma suposta tradição “kautsko-plekhanovista”, sobre a necessidade de uma etapa burguesa como pressuposto histórico para o proletariado organizar a sua luta pelo socialismo, não parece possuir raízes teóricas em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, o seu texto mais emblemático do período (1905).

Lênin, portanto, com a sua teoria do partido e da revolução, caminhava dialeticamente, desde o início dos anos de 1900, contra as diversas alas da social-democracia russa e internacional. Somente a grande traição histórica de 1914 mostraria a todos os marxistas consequentes o conteúdo programático oportunista que realmente estava contido nas concepções organizativas dos mencheviques e dos diversos partidos social-democratas europeus. Se o essencial de sua teoria está potencialmente contido em *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*, no entanto, a relação dialética entre os diversos níveis de consciência e de atuação exposta nestas obras, possuiria desenvolvimentos diversos que somente seriam aprendidos na própria práxis do partido e da revolução¹²². Esta seria, assim, apenas a verdade imediata no interior de um processo. O fundamental, como nos explica Benoit, é justamente compreendê-la como processo, não tomando os momentos logicamente isolados, dissociados da história. Se em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, Lênin considerou a ditadura democrática do proletariado e dos camponeses como vínculo indissolúvel para uma revolução socialista, o que não ocorreu na realidade, este “equivoco” fora, por assim dizer, um equivoco de fato e não de metodologia (a exemplo de Marx, que também havia previsto “equivocadamente” a revolução burguesa de 1848 como prelúdio imediato para uma revolução proletária europeia).

A esse respeito, em um prefácio para uma coleção de seus artigos e ensaios publicada em setembro de 1907, o próprio Lênin afirmaria:

O erro fundamental dos que polemizam contra *Que Fazer?* provém da absoluta dissociação estabelecida entre este trabalho e um determinado contexto, superado há tempos, do desenvolvimento de nosso partido. *Que Fazer?* não é nada além de um resumo da tática e da política organizativa iskrista entre 1901 e 1902. Nada mais que um resumo; nem mais, nem menos. Somente a organização que promoveu o *Iskra* poderia ter criado um partido social-democrata como o existente na atualidade, nas condições históricas que atravessou a Rússia entre 1900 e 1905. (LENIN apud BROUÉ, 2014, p. 48, grifo do autor).

¹²² A ideia reconhecida como “kautskyana” de que a consciência política (a teoria e o programa socialistas) deveria ser posta “de fora” pela vanguarda revolucionária da classe operária, já que não se desenvolveria de forma orgânica em seu interior (em função de um regime de trabalho e de vida que a massacra e a aliena), é uma das mais controversas no âmbito do marxismo e permeou diversos debates ao longo da 2ª Internacional, sofrendo ataques, sobretudo, por parte de Rosa Luxemburgo. Por certo, Lênin não parece tê-la tomado para si como “fixa” (e nem, tampouco, para classe e para o partido): se em março de 1902, combatendo os “economistas”, defendia que a consciência política deveria ser levada aos operários pelos revolucionários social-democratas, em outubro de 1917, iria exigir dos próprios membros do Comitê Central do partido bolchevique que os problemas de então devessem ser resolvidos “exclusivamente com as pessoas, com as massas, com a luta do povo armado [...]; [pois] nos momentos críticos da revolução, o povo tem o direito e o dever de dar instruções a seus representantes, inclusive os seus melhores representantes, e não pode esperá-los” (LENIN, 1976, v. 27, p. 345 - 346, tradução nossa). Para um elucidativo debate sobre o papel da organização revolucionária em Lênin, cf. SAMPAIO JÚNIOR, P. A. Por que voltar a Lênin? Imperialismo, barbárie e revolução. In: LÊNIN, V. I. **O Imperialismo:** etapa superior do capitalismo. Campinas: FE/Unicamp, 2011. p. 17 - 30.

Tragicamente, duas décadas após este prefácio de Lênin, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a ideologia dominante adquiriria o nome de marxismo-leninismo. Como sabemos, o marxismo de Marx era menos uma ideologia do que um processo crítico, uma argumentação dialética contínua, ao invés de um dogma para se manter uma burocracia traidora e autoritária. Lênin sabia disto, mas após a sua morte (e embalsamamento)¹²³, evidentemente, não podia mais protestar.

Enquanto isso, no Ocidente, os filósofos “marxistas” passavam a colocar ênfase cada vez maior em trabalhos sobre aquilo que Marx algumas vezes denominou “superestrutura” (cultura, estética, instituições, linguagem, entre outros temas), de tal modo que a reflexão sobre o modo e as relações de produção e circulação capitalistas (e, conseqüentemente, sobre a sua luta de classes imanente) acabava por desaparecer ¹²⁴. Incapazes de transformar o mundo, como Marx mesmo havia exigido em sua famosa XI Tese sobre Feuerbach (talvez a que mais represente o “espírito” de Lênin), passaram a ser conhecidos como “marxianos”, “marxólogos”, etc. (certamente, roupagens burguesas mais adequadas aos seus propósitos) estabelecendo sua hegemonia individual em vários câmpus universitários ao redor do mundo, a partir das décadas iniciais do século XX¹²⁵. O marxismo ia se tornando, assim, uma teoria da prática divorciada da política. O marxismo ia se tornando, assim, não dialético. Não é de se espantar que Marx tenha antecipado, com severa resignação (e habitual ironia), que seu nome seria tomado em vão também por “marxistas”. Seu famoso gesto de indignação, diante de seus ilusórios discípulos, viria em uma carta a Engels censurando os socialistas franceses em fins dos anos de 1870: se eles fossem marxistas, lamentou, então “tudo o que sei é que não sou um marxista”.

¹²³ Narra Krupskaja (1937, p. 50 - 51) que, quando esteve em Londres, Lênin adorava passear pelo litoral e observar o mar, apreciando “o perpétuo movimento” de suas ondas. Devemos supor que a ideia de imobilizá-lo indefinidamente, através de um processo de “mumificação”, não lhe agradaria de forma alguma.

¹²⁴ Em nossa Introdução notamos o caso do filósofo húngaro Georg Lukács que, ao aderir à teoria stalinista do socialismo em um só país, abandonou sua prática política como dirigente partidário, refugiando-se nos estudos sobre estética e cultura, indubitavelmente, campos mais “neutros” e menos conflitantes do que a política (DILLENBURG, 2006, p. 101). Nesta linha, podemos também mencionar aqui, como exemplo final, uma famosa revisão “acadêmica” sobre Marx: *Para Ler O Capital*, uma coletânea de ensaios do filósofo francês Louis Althusser, e de alguns alunos seus, publicada em 1965. Neste trabalho, Althusser procurou resgatar Marx de um estreito determinismo econômico (prático-vulgar), mas acabou por confiná-lo em uma camisa de força igualmente restritiva (teoricista). Em *Para Ler O Capital* ele reduz a maior obra de Marx a um trabalho meramente “científico”, sem qualquer vestígio, inclusive, de influência hegeliana (ainda que o próprio Marx tenha reconhecido com prazer este débito, em particular no capítulo inicial de *O Capital* sobre a mercadoria). Althusser repetiria esta deformação em seu *Lênin e a Filosofia*, concluindo que Lênin não aprendera praticamente nada de Hegel (apesar de seus longos manuscritos nos *Cadernos Filosóficos*). Cf. ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E. **Para Leer El Capital**. 25. ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

¹²⁵ Após a conclusão de seu doutorado, Marx considerou a possibilidade de ensinar filosofia, mas logo decidiu que a proximidade diária com professores seria intolerável: “Quem desejaria para si a eterna obrigação de conversar com detestáveis intelectuais, indivíduos que estudam com o único propósito de encontrar novos ‘becos sem saída’ em cada recanto do mundo?” (MARX apud WHEEN, 2007, p. 17).

Como vimos, Lênin leu com grande admiração a *Ciência da Lógica* de Hegel, entre 1914 e 1916, e sem dúvida esta obra o permitiu enriquecer a leitura que fez de *O Capital* de Marx. Sem dúvida, também, graças a Hegel, Lênin foi um dos primeiros a compreender *O Capital* como uma obra que não poderia ser lida em trechos ou capítulos estanques, mas sim como possuindo um desenvolvimento dialético, um método cujo modo de exposição impedia a ruptura do devir imanente de suas partes, uma obra que pressupõe permanentemente a totalidade dialética do modo de produção exposto.

Defendemos que, de forma similar, Lênin também não pode ser lido “estaticamente”. Lênin não era, e nem pretendia ser, um teórico “puro”. Cada texto seu deve ser logicamente lido em conexão com a história, sob pena de se negar unilateralmente algo que Lênin e a própria história já haviam superado dialeticamente. A teoria leninista de partido e a prática organizativa para a revolução não são igualmente nenhum dos seus momentos tomados isoladamente, mas muito mais, são o próprio processo dialético ou o movimento lógico que se move em contradição com o histórico. Longe assim de uma “ruptura definitiva, explícita e radical”, de um primeiro leninismo “pré-dialético” (antes de 1914) e de um segundo leninismo “dialético” (após 1914), ou mesmo longe de uma multiplicidade de concepções, existe unidade permanente (lógico-histórica) na teoria de partido e na estratégia do programa revolucionário em Lênin, desde as palavras aparentemente burocráticas de *O Que Fazer?* até as palavras libertárias pronunciadas às vésperas da insurreição de 1917; desde a ditadura democrática do proletariado e dos camponeses até o poder aos soviets, como pensamos, a primeira e mais plena conquista revolucionária do marxismo até hoje.

Para concluirmos, é impossível não vir à mente, mais uma vez, a penetrante ironia do relato *A obra-prima ignorada* de Balzac, perspicazmente retratada por Wheen: a única falha de Frenhofer, o revolucionário pintor, não eram as manchas amorfas e aparentemente desastrosas de seu quadro, mas o fato deste ter sido executado com um século de antecedência. Marx também havia trazido para o mundo um ponto de vista “cujo valor na época era diretamente proporcional à sua estranheza”. A queda da burguesia e a vitória do proletariado, das classes verdadeiramente trabalhadoras, não se concretizou. Mas, na obra-prima de Marx, os erros ou “profecias” não cumpridas sobre o capitalismo são ofuscados e transcendidos pela acurada precisão com que revelou a natureza deste “vampiro”. Assim, enquanto o capital sobreviver, o vívido retrato dialético das forças que produzem e reproduzem as nossas vidas, exposto em *O Capital*, também sobreviverá.

Como Lênin observou em seus *Cadernos Filosóficos*: diferentemente de Hegel, Marx não nos deixou uma lógica com “L” maiúsculo; Marx nos deixou a lógica de *O Capital*. E como Benoit nos ensina: na lógica de *O Capital* de Marx, na lógica das contradições do modo de produção capitalista ali descrito, Lênin descobriu também a “lógica da luta de classes”, ou melhor, a teoria geral do programa revolucionário¹²⁶. Ao não ignorar a obra-prima de Marx, Lênin, portanto, não nos deixou uma lógica dos *Cadernos*. Lênin, os bolcheviques, os sovietes de operários, soldados e camponeses, nos deixaram a lógica de uma obra-prima coletiva: a lógica da Revolução Russa de 1917.

Um século depois, diante da miséria, da violência, da opressão e da exploração da força de trabalho, do retrocesso das condições de vida e das perdas de básicas garantias, em poucas palavras, da crise humana que vivemos (não apenas no Brasil, mas no mundo), seremos aqueles que continuarão a ignorá-la?

¹²⁶ Nos *Cadernos Filosóficos* de Lênin, nos quatro primeiros congressos da 3ª Internacional (com o começo do desenvolvimento da noção de “reivindicações transitórias”), e em Trótski (no processo que desembocou no chamado *Programa de Transição*), chegou-se à compreensão do desenvolvimento dialético de *O Capital* enquanto próprio método (que também é conteúdo) da teoria programática marxista (BENOIT, 2005, p. 114).

REFERÊNCIAS

Obras de Lênin:

LENIN, V. I. A few words about N. Y. Fedoseyev. In: _____. **Collected Works**. Moscow: Progress Publishers, 1973. v. 33. p. 452 - 453.

_____. Carta a los miembros del CC. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1976. v. 27. p. 345 - 346.

_____. Carta a un camarada sobre nuestras tareas de organización. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1976. v. 6. p. 251 - 279.

_____. Cartas desde lejos. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1977. v. 24. p. 333 - 382.

_____. Cartas sobre táctica. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1977. v. 24. p. 457 - 470.

_____. Chto delat'? Nabolevshiye voprosy nashego dvizheniya. In: _____. **Polnoye Sobraniye**. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1963. v. 6. p. 1 - 192.

_____. Filosofskiye Tetradi. In: _____. **Polnoye Sobraniye**. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1973. v. 29.

_____. Informe sobre la revolución de 1905. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1977. v. 24. p. 257 - 275.

_____. New Economic Developments In Peasant Life (On V. Y. Postnikov's *Peasant Farming In South Russia*). In: _____. **Collected Works**. Moscow: Progress Publishers, 1977. v. 1. p. 13 - 73.

_____. ¿Por Donde Empezar? In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Akal, 1976. v. 5. p. 9 - 21.

LENINE, V. I. À memória de Herzen. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 486 - 491.

_____. As lições da Insurreição de Moscovo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v.1. p. 471 - 478.

_____. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 35 - 39.

_____. Duas táticas da social-democracia na revolução democrática . In:_____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 381 - 472.

_____. O Estado e a Revolução. In:_____. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1988, v. 2. p. 219 - 305.

_____. Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 79 - 214.

_____. Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução (Teses de Abril). In: _____. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1988, v. 2. p. 11 - 16.

_____. Um passo em frente, dois passos atrás (A crise no nosso partido). In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 215 - 376.

LÉNINE, V. I. Conspecto do livro de Aristóteles “Metafísica”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 305 - 313.

_____. Conspecto do livro de Feuerbach “Exposição, Crítica e Desenvolvimento da Filosofia de Leibniz”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 77 - 87.

_____. Conspecto do livro de Feuerbach “Lições sobre a Essência da Religião”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 55 - 75.

_____. Conspecto do livro de Hegel “Ciência da Lógica”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 89 - 212.

_____. Conspecto do livro de Hegel “Lições sobre a Filosofia da História”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 265 - 274.

_____. Conspecto do livro de Hegel “Lições sobre a História da Filosofia”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 213 - 264.

_____. Conspecto do livro de Lassalle “A Filosofia de Heráclito, *O Obscuro*, de Éfeso”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 285 - 297.

_____. Conspecto do livro de Marx e Engels “A Sagrada Família”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 23 - 53.

_____. **Materialismo e Empiriocriticismo (Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reaccionária)**. Lisboa: Avante!, 1982.

_____. Notas no livro de Plekhanov “N. G. Tchernichévski”. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 518 - 556.

_____. Plano da Dialética (Lógica) de Hegel. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 280 - 284.

_____. Sobre a Questão da Dialética. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 298 - 304.

Obras de consulta geral:

ALTHUSSER, L. **Lênin e a filosofia**. São Paulo: Mandacaru, 1989.

ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E. **Para Leer El Capital**. 25. ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

ANDERSON, K. **Lenin, Hegel and Western Marxism**. Chicago: Illinois University, 1995.

ANTUNES, J. A Fenomenologia de *O Capital*. In: AQUINO, J. M.; NUNES, M. A.; MELO, R. P. (Orgs.). **Filosofia Contemporânea em Debate**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013. p. 11 - 24.

ANWEILER, O. **Los Soviets en Rusia, 1905 - 1921**. Madrid: Zero, 1975.

BALZAC, H. **A Obra-Prima Ignorada**. Tradução de Dorothée de Bruchard e Rejane Janowitzer. Porto Alegre: LP & M, 2012.

BARON, S. H. **Plejanov, el padre del marxismo ruso**. Madrid: Siglo XXI, 1976.

BENOIT, A. H. R. **Marxismo e a tradição dialética**. Relatório Sabático de 1 de janeiro a 31 de agosto – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BENOIT, H. A luta de classes como fundamento da história. In: TOLEDO, C. N. (Org.). **Ensaio sobre o Manifesto Comunista**. São Paulo: Xamã, 1998. p. 45 - 69.

_____. Da Lógica com um grande “L” à lógica de O Capital. In: NAVARRO, C. et al. **Marxismo e Ciências Humanas**. São Paulo: Xamã, 2003.

_____. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 3, p. 14 - 44, 1996.

_____. Sobre o desenvolvimento (dialético) do Programa. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 4, p. 9 - 44, 1997.

_____. **Sócrates: o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. **Outubro**, São Paulo, n. 2, p. 47 - 61, 1998.

BROHM, J-M. **O que é a dialética?** Lisboa: Antídoto, 1979.

BROUÉ, P. **O partido bolchevique**. São Paulo: Sundermann, 2014.

CARR, E. H. **A Revolução Bolchevique**. Porto: Afrontamento, 1977. v. 1.

DEUTSCHER, I. **A Revolução Inacabada: Rússia 1917 - 1967**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DILLENBURG, F. F. **Método dialético e política em Lukács**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ENGELS, F. Literatura de refugiados [*Der Volksstat*, n. 44, 18 abr. 1875]. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 43 - 47.

_____. Posfácio [a “Questões Sociais na Rússia”], 1894. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 127 - 142.

FIGES, O. **A tragédia de um povo - a Revolução Russa 1891 - 1924**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FRANK, J. **Dostoiévski: sob o manto do profeta, 1871 - 1881**. São Paulo: Edusp, 2007.

GARAUDY, R. **Lénine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

GÓGOL, N. **Almas Mortas**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GRUPPI, L. **O pensamento de Lênin**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 2 v.

_____. *Wissenschaft Der Logik I*. In: _____. **Werke**. Frankfurt: Suhrkamp, 1979. v. 5.

KOUTCHIN, A. Marx, Lênin e a tradição dialética. In: MIRANDA, D. E. R.; SILVA, J. C. (Orgs.). **Trabalho, trabalhadores e capitalismo no século XXI**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 51 - 69.

KRUPSKAYA, N. **Mi vida con Lenin (1893 - 1917)**. Santiago de Chile: Ercilla, 1937.

LEFEBVRE, H. **O pensamento de Lenin**. Lisboa: Moares, 1969.

LOWY, M. Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado. In: _____. **Método dialético e teoria política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 125 - 141.

LÖWY, M. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do *Progresso*. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 9 - 16.

LUKÁCS, G. **Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MALISHEV, M.; EMILIANOV, B.; GARZA, M. S. **Ensayos sobre filosofía de la historia russa**. Madrid: Plaza y Valdés, 2002.

MARX, K. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 93 - 198.

_____. Carta à redação da *Otechestvenye Zapiski*, 1877. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 57 - 69.

_____. *Das Kapital*. In: MARX, K.; F. ENGELS. **Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1962. v. 23.

_____. Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels: November 1864 - Dezember 1867. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1965. v. 31.

_____. Thesen über Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1978. v. 3.

MARX, K.; ENGELS, F. Cartas: Engels a Schmidt, 5 de agosto de 1890. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. v. 3. p. 282 - 284.

_____. Manifesto do Partido Comunista. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 21 - 47.

_____. Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 83 - 92.

_____. Prefácio à edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*, de 1882. In: _____. **Obras escolhidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 1. p. 15 - 16.

PLATÃO. **As Leis**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999.

PLEKHANOV, G. Our differences. In: _____. **Selected Philosophical Works**. 2. ed. Moscow: Progress Publishers, 1974. v. 1. p. 107 - 352.

_____. Socialism and the political struggle. In: _____. **Selected Philosophical Works**. 2. ed. Moscow: Progress Publishers, 1974. v. 1. p. 49 - 106.

QUARTIM DE MORAES, J. A grande virada de Lenin. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 34, p. 9 - 32, 2012.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de O Capital de Marx**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SAMPAIO JÚNIOR, P. A. Por que voltar a Lênin? Imperialismo, barbárie e revolução. In: LÊNIN, V. I. **O Imperialismo: etapa superior do capitalismo**. Campinas: FE/Unicamp, 2011.

TCHERNICHEVSKI, N. **O Que Fazer?** Curitiba: Prismas, 2015.

TOLSTÓI, L. **Os últimos dias de Tolstói**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TRAGTENBERG, M. **A Revolução Russa**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

TROTSKY, L. **A Revolução Permanente**. 2. ed. São Paulo: Kairós, 1985.

_____. **A vida de Lenin (Sua juventude)**. Rio de Janeiro: Global, 1981.

TURGUENIEV, I. **Pais e Filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

WHEEN, F. **“O Capital” de Marx: uma biografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.